

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

LUCIANO FISCHBORN

**EMOÇÕES, PUNITIVISMO E POLARIZAÇÃO NA REPERCUSSÃO DE CASOS DE
VIOLÊNCIA NO TWITTER**

PORTO ALEGRE

2020

Luciano Fischborn

Emoções, punitivismo e polarização na repercussão de casos de violência no Twitter

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Dr. Alex Niche Teixeira

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Fischborn, Luciano
Emoções, punitivismo e polarização na repercussão
de casos de violência no Twitter / Luciano Fischborn.
-- 2020.
194 f.
Orientador: Alex Niche Teixeira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. violência. 2. emoções. 3. twitter. 4. mídia. 5.
redes sociais. I. Niche Teixeira, Alex, orient. II.
Título.

Luciano Fischborn

EMOÇÕES, PUNITIVISMO E POLARIZAÇÃO NA REPERCUSSÃO DE CASOS DE
VIOLÊNCIA NO TWITTER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Porto Alegre, 17 de dezembro de 2020.

Resultado: **Aprovada.**

BANCA EXAMINADORA

Dr. Alex Niche Teixeira (Orientador)
Departamento de Sociologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dra. Melissa de Mattos Pimenta
Departamento de Sociologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dr. Francis Moraes de Almeida
Departamento de Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Dr. Renato Sérgio de Lima
Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, deixo um agradecimento para meus pais, Clóvis e Fátima, por todo o apoio e incentivo. Também, aos meus irmãos Bruno e Marcelo pela convivência e conselhos. Ao meu querido sobrinho Davi e Joaquim (a caminho), e à cunhada Natália. À Vó Ivone, um amor de pessoa, às tias Ana e Rita, e aos primos Cristina, Arthur e Mateus, pelo incentivo e pelos sempre calorosos almoços em família.

À Verônica, pelo companheirismo e amor durante quase todo mestrado, por ter me abrigado na sua casa e em sua vida, pelas conversas e por tudo vivido. Ainda que tenhamos cada um seguido seu caminho, tu foste parte importante desta etapa e sou muito grato por isso.

Ao Carlos por me receber em Poa no segundo ano do mestrado sempre de portas abertas. Gente boa e generoso, agradeço à todas conversas, rolês e à nossa amizade.

Aos demais do pessoal de Vera-Cruz, agradeço também à amizade, rolês e à vida. Não enumerarei todos pelo simples medo de pecar esquecendo alguém.

Aos amigos que as ciências sociais me deram e que apesar de cada um trilhar seu caminho, nos reencontramos sempre que possível. À Ana Luíza pela amizade e tudo vivido. À Bruna pela amizade e por sempre me receber de portas abertas em sua casa Floripa, mesmo que mais a trabalho do que a passeio. Agradeço também ao Bonez, ao Bruno, ao Rodrigo, ao William e a Carol pela amizade e por tudo vivido. Ao Thalles pela parceria desde Santa Maria até o mestrado na capital.

Agradeço ao Eduardo e João por me receberem na Salj no primeiro ano do mestrado e pela parceria, mesmo que breve.

Um agradecimento aos colegas da turma de mestrado pelo companheirismo, trocas e cafés nos intervalos. Também, aos colegas e amigos do GPVC/UFRGS e NEERD/UFSM pelas reuniões, eventos e contribuições para este trabalho.

Um agradecimento especial à Iara Passos pela generosidade por me sugerir e me ajudar na coleta dos dados do caso que acabou sendo o objeto desta dissertação. Muito obrigado.

Agradeço ao meu orientador Alex pela parceria nestes dois anos por auxiliar na elaboração desta dissertação. Agradeço aos membros da banca, Melissa, Francis e Renato, por aceitarem o convite e contribuírem com este trabalho.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado busca compreender a repercussão de casos de violência no Twitter, mais especificamente quais discursos são expressados pelos atores e o que os mobiliza a comentarem um desses casos. A hipótese é que os indivíduos manifestam suas visões de mundo ao publicar sobre um evento de violência e que as emoções os mobilizam e revelam regramentos morais. Parte-se de uma síntese teórica da sociologia e antropologia das emoções, que colocam a categoria como central de análise, revelando moralidades e relações de poder. Outro eixo teórico considerado são as contribuições da sociologia digital para pesquisar redes sociais, as novidades e continuidades do mundo conectado, bem como uma contextualização do ambiente pesquisado no qual ocorrem as interações. O objeto empírico são os *tweets* sobre o “sequestro na ponte Rio-Niterói”, evento amplamente midiático ocorrido em agosto de 2019, e os dados foram coletados por meio da linguagem R. Com um desenho de pesquisa longitudinal, a primeira parte englobou o início da repercussão, ao passo que a segunda se inicia com a primeira menção ao tiro do policial que matou o sequestrador que liberou todas as vítimas, totalizando 8340 *tweets*. Com uma abordagem de natureza mista, a análise de conteúdo foi feita com auxílio do NVivo 12 Pro, codificando o material em Nós de modo manual e por meio das palavras mais frequentes, levando em conta as opiniões e emoções. Na primeira parte se destacaram comentários de trabalhadores reclamando do trânsito, críticas à mídia e punitivismo pedindo a morte do sequestrador, e as principais emoções foram tristeza, indignação e compaixão em relação às vítimas. Na segunda, se sobressaiu comemoração, pela morte do sequestrador ou o resgate das vítimas, em medida menor críticas a esta postura, postagens de humor, críticas à mídia e críticas punitivas ao previdenciarismo penal, reivindicando o uso da força para resolver a situação. As emoções nesse momento, por outro lado, foram alegria, próximo de comemoração, nojo em relação ao sequestrador e admiração em relação à polícia. As emoções morais - como a compaixão e o nojo - delimitam quem tem valor, no caso as vítimas, e quem não tem e merece punição. Os resultados revelam conflitos contemporâneos nas redes sociais como as dinâmicas de polarização, politização, bem como adesão a ideais punitivos, anti-jornalismo, além de destaque de políticos de direita dentre as postagens mais populares.

Palavras-chave: Violência. Emoções. Twitter.

ABSTRACT

This master's thesis seeks to understand the repercussions of cases of violence on Twitter, more specifically which speeches are expressed by the actors and what mobilizes them to comment on one of these cases. The hypothesis is that individuals manifest their worldviews when publishing about an event of violence and that emotions mobilize them and reveal moral rules. It starts with a theoretical synthesis of the sociology and anthropology of emotions, which place the category at the center of analysis, revealing moralities and power relations. Another theoretical axis considered is the contributions of digital sociology to research social networks, the news and continuities of the connected world, as well as a contextualization of the researched environment in which interactions occur. The empirical object is the tweets about the “kidnapping on the Rio-Niterói bridge”, a widely mediatized event that took place in August 2019, and the data were collected using the R language. With a longitudinal research design, the first part encompassed the beginning of the repercussion, while the second begins with the first mention of the shooting of the policeman who killed the kidnapper who released all the victims, totaling 8340 tweets. With a mixed nature approach, content analysis was done with the aid of NVivo 12 Pro, coding the material in Nos manually and using the most frequent words, taking into account opinions and emotions. In the first part, comments from workers complaining about the traffic, criticisms of the media and punitivism calling for the death of the kidnapper were highlighted, and the main emotions were sadness, indignation and compassion towards the victims. In the second, celebration stood out, for the death of the kidnapper or the rescue of the victims, to a lesser extent criticism of this stance, humorous postings, criticism of the media and punitive criticism of penal social security, claiming the use of force to resolve the situation. The emotions at that moment, on the other hand, were joy, close to celebration, disgust towards the kidnapper and admiration towards the police. Moral emotions — such as compassion and disgust — define who has value, in this case the victims, and who does not and deserves punishment. The results reveal contemporary conflicts on social networks such as the dynamics of polarization, politicization, as well as adherence to punitive ideals, anti-journalism, as well as the right-wing politicians' highlight among the most popular posts.

Keywords: Violence. Emotions. Twitter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Acesso à internet por renda e idade no Brasil	51
Figura 2 - Tempo médio gasto em mídias sociais por país	52
Figura 3 - Gênero e idade dos usuários do Twitter no mundo	53
Figura 4 - Capturas de tela do Twitter em um smartphone em 2019 – página inicial (esq.) e <i>trending topics</i> (dir.).....	65
Figura 5 - Volume de publicações por hora	79
Figura 6 - Soma do número de curtidas e <i>retweets</i> das publicações por hora.....	81
Figura 7 – Mapa de codificação: disposição dos Nós no NVivo	86
Figura 8 – Captura de tela da primeira imagem do sequestro	90
Figura 9 - Infográfico da linha do tempo dos <i>tweets</i> do sequestro na ponte Rio-Niterói.....	92
Figura 10 - Perfis autores das dez publicações com maior número de curtidas na parte I.....	95
Figura 11 - Perfis autores das dez publicações com maior número de curtidas na parte II	96
Figura 12 - Captura de tela do <i>tweet</i> mais curtido da parte I.....	109
Figura 13 – Momento em que o governador desce de helicóptero na ponte Rio-Niterói	120
Figura 14 – Captura de tela de uma das postagens mais curtidas (Humor)	135
Figura 15 – Captura de tela do <i>tweet</i> mais curtido da parte II e de todo banco de dados	136
Figura 16 - Postagem com vídeo do momento em que o sequestrador é atingido	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Emoções e seus tipos segundo cada corrente.....	47
Quadro 2 - Casos de violência que repercutiram no Twitter (2018-2019).....	75
Quadro 3 - Termos coletados e quantidade de <i>tweets</i>	78
Quadro 4 - Palavras mais frequentes em cada parte do banco de dados	82
Quadro 5 - Tipos de publicações em cada parte.....	83
Quadro 6 - Dimensões de análise e categorias empíricas	84
Quadro 7 - <i>Tweets</i> de Informação	88
Quadro 8 - Primeiro ocorrência de cada categoria	91
Quadro 9 - Quantidade de <i>tweets</i> por faixa de curtidas recebidas.....	94
Quadro 10 - Frequência das categorias dos <i>tweets</i> de Opinião na parte I.....	99
Quadro 11 - Termos associados a cada categoria da parte I	100
Quadro 12 - <i>Tweets</i> de Trabalho	102
Quadro 13 - <i>Tweets</i> de Pedido de morte.....	104
Quadro 14 - <i>Tweets</i> de Crítica à mídia	106
Quadro 15 - <i>Tweets</i> de Humor	110
Quadro 16 - <i>Tweets</i> mais curtidos da parte I.....	114
Quadro 17 - Frequência das categorias de Opinião na parte II	116
Quadro 18 - Termos associados a cada categoria na parte II	117
Quadro 19 - <i>Tweets</i> de Comemoração	119
Quadro 20 - <i>Tweets</i> de Crítica à comemoração.....	121
Quadro 21 - <i>Tweets</i> de Crítica à crítica da comemoração.....	123
Quadro 22 - <i>Tweets</i> de Crítica à mídia	124
Quadro 23 - <i>Tweets</i> de Especialistas	126
Quadro 24 - <i>Tweets</i> de Crítica ao previdenciarismo	128
Quadro 25 - <i>Tweets</i> de Repetições	131
Quadro 26 - <i>Tweets</i> de Humor	134
Quadro 27 - <i>Tweets</i> mais curtidos da parte II.....	137
Quadro 28 - Frequência das emoções em cada parte	144
Quadro 29 - Dicionário de emoções.....	145
Quadro 30 - <i>Tweets</i> de Tristeza na parte I.....	147
Quadro 31 - <i>Tweets</i> de Tristeza na parte II	149
Quadro 32 - <i>Tweets</i> de Alegria na parte I.....	150

Quadro 33 - <i>Tweets</i> de Alegria na parte II	151
Quadro 34 - <i>Tweets</i> de Admiração na parte II.....	152
Quadro 35 - <i>Tweets</i> de Medo na parte I	154
Quadro 36 - <i>Tweets</i> de Medo na parte II	155
Quadro 37 - <i>Tweets</i> de Raiva na parte I	157
Quadro 38 - <i>Tweets</i> de Raiva na parte II	157
Quadro 39 - <i>Tweets</i> de Desconfiança na parte I.....	158
Quadro 40 - <i>Tweets</i> de Indignação na parte I.....	161
Quadro 41 - <i>Tweets</i> de Indignação na parte II.....	162
Quadro 42 - <i>Tweets</i> de Compaixão na parte I	164
Quadro 43 - <i>Tweets</i> de Compaixão na parte II.....	166
Quadro 44 - <i>Tweets</i> de Nojo na parte I.....	168
Quadro 45 - <i>Tweets</i> de Nojo na parte II	169
Quadro 46 - Cruzamento das emoções reflexo e afetivas com as emoções morais na parte I	171
Quadro 47 - Cruzamento das emoções reflexo e afetivas com as emoções morais na parte II	172
Quadro 48 - Emoções das principais categorias da parte I.....	175
Quadro 49 - Emoções das categorias da parte II.....	176
Quadro 50 - Emoções das categorias da parte II (continuação)	177

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	VIOLÊNCIA E MÍDIAS A PARTIR DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES	22
2.1	ESTUDOS NA INTERFACE VIOLÊNCIA, MÍDIAS E EMOÇÕES	23
2.1.1	A violência nos meios de comunicação: a emocionalidade das representações.....	23
2.1.2	Violência e redes sociais: punitivismo e emoções.....	28
2.2	VIOLÊNCIA E EMOÇÕES: O MEDO	32
2.2.1	Violência e medo: uma breve síntese	33
2.2.2	Estudos sobre Cultura do Medo e Medo do Crime no Brasil	34
2.3	SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES: UM MODELO TEÓRICO PARA ABORDAR OS DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA NAS REDES SOCIAIS	37
2.3.1	O surgimento da sociologia e antropologia das emoções e seus pressupostos teóricos	37
2.3.2	Definindo emoções e os seus tipos: um modelo teórico geral para pesquisa empírica	42
2.3.3	As emoções morais e a síntese teórica.....	44
3	COMUNICAÇÃO E PLATAFORMAS A PARTIR DA SOCIOLOGIA DIGITAL.....	49
3.1	A COMUNICAÇÃO NO SÉCULO XXI POR REDES SOCIAIS	50
3.1.1	Sociedade conectada: acesso à redes sociais no Brasil e o perfil dos usuários	50
3.1.2	A comunicação por redes sociais: novas possibilidades.....	53
3.1.3	Plataformas em contexto: desinformação, polarização e extrema-direita	56
3.2	O TWITTER E PESQUISA EM AMBIENTES ON-LINE	63
3.2.1	Twitter: o conceito e a arquitetura da plataforma	63
3.2.2	Sociologia digital: pesquisando ambientes digitais	68
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	74
4.1	A COLETA DOS DADOS E OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	74
4.1.1	Mapeamento de casos de violência que repercutiram no Twitter (2018-2019).....	74
4.1.2	A extração dos <i>tweets</i> do sequestro na Ponte Rio-Niterói e o banco de dados	77
4.1.3	Estratégia metodológica: abordagem mista e análise de conteúdo.....	80
4.1.4	Procedimentos, dimensões de análise e as categorias empíricas	80
4.2	DISPOSIÇÕES GERAIS SOBRE OS <i>TWEETS</i> DO SEQUESTRO	86
4.2.1	Momentos importantes da repercussão e os <i>tweets</i> de Informação	86
4.2.2	Distribuição de curtidas e as publicações mais populares	93

5	AS CATEGORIAS DOS TWEETS DO SEQUESTRO NA PONTE RIO-NITERÓI.....	98
5.1	PARTE I: TRABALHO, CRÍTICA À MÍDIA E PEDIDO DE MORTE	99
5.1.1	Frequência e dicionário das categorias	99
5.1.2	Trabalho e Pedido de morte: indignação e punitivismo	100
5.1.3	Crítica à mídia, Especialistas e Repetições: espetáculo e defesa de bandido	105
5.1.4	Humor e as publicações mais populares: distanciamento e politização	108
5.2	PARTE II: POLARIZAÇÃO, PUNITIVISMO E POLITIZAÇÃO.....	116
5.2.1	Frequência e dicionário das categorias	116
5.2.2	Comemoração e Crítica à comemoração: polarização e punitivismo.....	118
5.2.3	Crítica à mídia e Especialistas: os defensores de bandido.....	124
5.2.4	Crítica ao previdenciarismo e Repetições: punitivismo e extremismo.....	127
5.2.5	Humor e as publicações mais populares: politização e polarização	133
5.2.6	Síntese das opiniões: punitivismo, polarização, politização e humor.....	139
6	AS EMOÇÕES DOS TWEETS DO SEQUESTRO NA PONTE RIO-NITERÓI	141
6.1	DISPOSIÇÕES INICIAS QUANTO ÀS EMOÇÕES	141
6.1.1	Frequência e dicionário das emoções em cada parte da repercussão	141
6.2	AS EMOÇÕES REFLEXO E AFETIVAS: MUDANÇA EMOCIONAL.....	146
6.2.1	Mudança emocional: da Tristeza à Alegria e Admiração.....	146
6.2.2	Medo, Raiva e Desconfiança	153
6.3	AS EMOÇÕES MORAIS: INDIGNAÇÃO, COMPAIXÃO E NOJO	159
6.3.1	A Indignação e o senso de mundo injusto	160
6.3.2	A Compaixão: infortuno, responsabilidade e solidariedade aos reféns	163
6.3.3	O Nojo: gramática do punitivismo	167
6.3.4	Cruzamento entre as emoções e síntese: mudança emocional e moralidades	171
6.4	AS EMOÇÕES E AS CATEGORIAS	175
6.4.1	Cruzando as categorias com as emoções	175
6.4.2	Síntese dos resultados e discussão	178
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
	REFERÊNCIAS.....	190

1 INTRODUÇÃO

A violência criminal é um problema social que afeta o cotidiano de milhões de brasileiros, contribuindo para um cenário de medo e adesão a ideais punitivos e autoritários, recebendo grande espaço nas mídias tradicionais e nas redes sociais on-line pois geram audiência e engajamento (LIMA *et al.*, 2020; BARREIRA, 2016; ADORNO, 1996; ZALUAR, 2006; FONSÊCA, 2011; PAIVA, 2012; TEIXEIRA, 2009; RAMOS; NOVO, 2003; FISCHBORN; ALMEIDA, 2020; SILVA BORGES, 2019; SPYER, 2017; MARTINS, 2009). As redes sociais, usadas ativamente por 140 milhões de brasileiros em 2020¹, consistem em espaços de sociabilidade que mediam relações sociais, nas quais os usuários expressam visões de mundo e se mobilizam, produzindo dados que abrem novas possibilidades para os cientistas sociais para a compreensão do mundo social (JUNGBLUT, 2015; LUPTON, 2014; MILLER; HORST, 2015; MILLER *et al.*, 2016; VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018; ORTON-JOHNSON; PRIOR, 2013; RUPPERT; LAW; SAVAGE, 2013). Nestes ambientes é possível ter acesso às concepções dos próprios atores sobre os mais variados eventos e temas, como crime e violência, para além das produções institucionais de meios de comunicação já analisadas e apontando em geral para a dramatização ou tratamento emocional dado à criminalidade (GARLAND, 2008; TEIXEIRA, 2009; PAIVA, 2012; TAVARES DOS SANTOS; TEIXEIRA, 2016; MELO, 2010; FONSÊCA, 2011; FERREIRA-JÚNIOR, 2015; PASSIANI; TEIXEIRA, 2019; RIBEIRO, 2012). Nas redes sociais este tema já tem sido abordado, reafirmando o interesse público em torno do crime, o destaque dos discursos punitivos no senso comum ou as dimensões emocionais do fenômeno (MARTINS, 2009; ZIRES, 2014; PETRY; NASCIMENTO, 2016; FERREIRA-JÚNIOR, 2016; SPYER, 2016; SILVA BORGES, 2019; HARB, 2019; FISCHBORN; ALMEIDA, 2020; CARVALHO; ALMEIDA, 2019).

Estudos no campo da sociologia da violência ou da conflitualidade tem dado grande atenção a uma emoção em particular, o medo (ADORNO, 1996; ZALUAR, 2006; LIMA *et al.*, 2020; LÓPEZ, 2019; GAVIRIA, 2008), em destaque na área medo do crime (BORGES, 2011; BORGES, 2013; TRINDADE; DURANTE, 2019; COSTA; DURANTE, 2019; SILVA; BEATO FILHO, 2013; FARRAL; LEE, 2008; FRATTARI, 2013; SANTOS, 2018) e cultura do medo ou medo social (PASTANA, 2004; BAIERL, 2003), recorrentemente debatendo o impacto dos meios de comunicação nesse temor (MOLINA-JÁCOME, 2014). O medo e a

¹ Segundo dados do *Digital Report 2020*. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020>.

insegurança ganharam destaque frente ao aumento da criminalidade e de sua visibilidade nas últimas décadas, impactando na sociabilidade dos indivíduos e na cobrança pelo endurecimento das políticas criminais. Para além do medo, porém, as emoções em geral cumprem um papel importante na sociedade, sobretudo as emoções que articulam dimensões morais e relações de poder, bem como as que estão associadas à mobilização, como alguns teóricos da sociologia e antropologia das emoções tem pontuado, posicionando a categoria emoção como central para pensar as relações entre indivíduo, sociedade e cultura, indo além do modelo das emoções básicas e universais do psicólogo Paul Ekman, tido frequentemente como paradigma de todas as emoções (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990; GOODWIN; JASPER; POLLETTA, 2004; JASPER, 2011, 2018; HARKNESS; HITLIN, 2014; KOURY, 2020; COELHO; REZENDO, 2011; MILLER, 1997; CLARK, 1997; EKMAN; CORDARO, 2011).

A violência é entendida de modo amplo como ação perpetrada contra alguém a fim de lhe causar danos (PIMENTA, 2020, p. 463), não necessariamente tipificado como crime, ao passo que o crime consiste na ação que viola a moral coletiva (DURKHEIM, 2007). Este momento de transgressão suscita emoções morais em quem observa, como insulto, configurando este instante como ocasião privilegiada de acesso aos regramentos morais (HARKNESS; HITLIN, 2014). Uma figura conhecida do criminoso é o bandido, que é produzido pela moralidade pública, mas também pela polícia e leis, ao qual “são atribuídos os sentimentos morais mais repulsivos” e a punição mais dura, recorrentemente sua própria morte (MISSE, 2010, p. 17). O nojo, enquanto emoção moral, consiste em uma forte reação de repulsa a atos que violam a moralidade (MILLER, 1997), opera justamente na produção do bandido que Misse (2010) reporta, canalizando no próprio indivíduo as normas sociais. Outras emoções morais são relevantes, como a indignação, que está associada ao senso de mundo justo à mobilização, e a compaixão, oposta ao nojo, que confere valor para quem a recebe (JASPER, 2018; CLARK, 1997). Por conta da ruptura com a normalidade, a violência desperta grande interesse no público, que se traduz na audiência de programas televisivos sobre o tema, mas também na circulação desses conteúdos nas redes sociais, despertando indignação pela impunidade e reafirmando valores morais (SPYER, 2018; PINHEIRO-MACHADO, 2019).

As redes sociais têm tido grande relevância no debate público e são utilizadas para mobilizações coletivas on-line, mas também organizam idas às ruas, possibilitando novos tipos de ação coletiva de organização descentralizada (JUNGBLUT, 2015; LEITÃO; GOMES, 2017; CASTELLS, 2013; ALEGRIA; BULGARELLI; PINHEIRO-MACHADO, 2020). Os dados que são produzidos nestas plataformas, e sobretudo no Twitter, são utilizados

como um barômetro social ou meio de acesso a sentimentos, opiniões e emoções do público quanto aos mais variados assuntos e eventos (RUPPERT; LAW; SAVAGE, 2013; LUPTON, 2014; DIJCK; POELL; WAAL, 2018; CONNEL, 2012). Por conta do grande volume de informação produzidas, gerando os *big data*, metodologias automatizadas, como análise de sentimento e mineração de opinião, tem sido empregadas para tornar inteligíveis esse volume de dados, e operam por meio de dicionários que classificam cada palavra em positivo e negativo, empregadas também para inferir opiniões (IGLESIAS; MORENO, 2019). Este tipo de pesquisa, feita principalmente por áreas como computação, comunicação e psicologia, tem sido alvo de crítica por conta da equivalência ou o uso de sentimento para inferir opinião (ALDAYEL; MAGDY, 2019).

Frente ao mundo conectado, a emergência de campos como a sociologia e antropologia digital tem dado contribuições a respeito de questões teóricas e metodológicas para dar conta desse novo contexto, tendo novas fontes de dados para pesquisa social, sem entretanto, romper com a disciplina, uma vez que continua tendo interesse em questões características na área, além dos novos fenômenos empíricos (LUPTON, 2014; ORTON-JOHNSON; PRIOR, 2013; MILLER; HORST, 2015; GREGORY; COTTOM; DANIELS, 2017). Ao pesquisar ambientes on-line deve se atentar ao contexto em que se dão as interações, uma vez que a arquitetura das plataformas e como elas são utilizadas pelos usuários irá condicionar as interações e o que é nelas produzido. Estes espaços não são ambientes neutros, mas são mediados por algoritmos, pelo modelo de negócios adotado, cuja receita é gerada pela permanência dos usuários nas plataformas e pelos anúncios, do mesmo modo que visibilidade e influência não são distribuídas igualmente, muitas refletindo desigualdades do mundo off-line (LEITÃO; GOMES, 2017; LUPTON, 2014; VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018; MILLER *et al.*, 2016; JENKINS; FORD; GREEN, 2014).

Se no desenvolvimento inicial houve quem apostou que a internet traria um mundo mais democrático, horizontal e a emergência de uma cultura participativa, o contexto atual indica uma situação bastante distinta (JENKINS; FORD; GREEN, 2014; VAN DIJCK, 2013; GREEN; SINGLETON, 2013). Eventos como as eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos e 2018 no Brasil levantaram discussões a respeito do impacto das redes sociais na guinada eleitoral à extrema direita em nível mundial, por conta de notícias falsas e uso de robôs, que devido a arquitetura das plataformas conseguem se propagar com facilidade e interferir no debate público (HOWARD; WOOLEY; CALO, 2018; RUEDIGER *et al.*, 2017; CALDARELLI *et al.*, 2019; VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018; JENKINS; FORD; GREEN, 2014). Embora não se possa afirmar que as redes sociais causaram ou foram o

principal fator explicativo para a ascensão da extrema direita, cujos ideais muitas vezes tensionam com os valores da democracia liberal, elas desempenharam um papel fundamental para o estabelecimento desses grupos nos Estados Unidos e no Brasil (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2017; ALVES DOS SANTOS, 2019). O aumento da polarização ou radicalização levaram a politização de questões antes relegadas aos especialistas, impactando no descrédito de instituições como a mídia e a ciência, alvos de ataques sobretudo por parte de grupos conservadores (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2017; ALVES DOS SANTOS, 2019; GARIMELLA; WEBER, 2017; MORETTO; ORTELLADO, 2018; PINHEIRO-MACHADO, 2019; NICHOLS, 2017; LUPTON, 2013; FISCHBORN; ALMEIDA, 2020). Em meio a isto, os ideais punitivos têm tido bastante adesão na sociedade brasileira, sendo pautados pela extrema e “nova” direita que ascendeu ao poder em 2018, as quais encontram nas redes sociais o canal por excelência de sua divulgação (SILVA BORGES, 2019; SALLES, 2017).

Ainda que a sociologia da violência venha se consolidando há alguns anos sobretudo pela produção de estatísticas de homicídios e outros crimes, ou seja, em sua manifestação mais concreta, sua dimensão simbólica e de seus significados também sido objeto de estudo, uma vez que compõem o fenômeno junto com seu aspecto objetivo (PIMENTA, 2020; PORTO, 2006, 2009). Um dos principais eixos desses estudos são sobre os meios de comunicação, especialmente a televisão, conforme já mencionado, que contribuem para a visibilidade e relevância da violência no debate público, sem esquecer que o país possui uma das maiores taxas de homicídio do mundo (BARREIRA, 2016; PIMENTA, 2020). No Brasil alguns estudos em redes sociais focam nas concepções dos próprios atores sobre a violência (MARTINS, 2009; ZIRES, 2014; FERREIRA-JÚNIOR, 2016), também atentando para algumas emoções em particular (CARVALHO; ALMEIDA, 2019; FISCHBORN; ALMEIDA, 2020), predominando o perfil qualitativo. Em outros países há produções quantitativas empregando análise de sentimento, tendo como objeto as respostas a eventos violentos como tiroteios em massa ou ataques terroristas. Alguns deles empregam desenhos pesquisa longitudinais avaliando mudança emocional de *tweets* anteriores ao caso para depois (HARB 2019), ou comparando dias e semanas após o evento (JONES *et al.*, 2016; GARCIA; RIMÉ, 2019). Estes trabalhos, feitos na psicologia e computação, analisam volume grande de dados automaticamente por meio de dicionários e com base no modelo de Ekman ou classificam em positivo e negativo, além de focarem apenas em emoções negativas, com exceção de Garcia e Rimé (2019).

Nesse sentido, faltam estudos sobre violência considerando emoções além do medo, das emoções negativas e do modelo das emoções básicas de Ekman, posicionando as emoções

como categoria central de análise se valendo da sociologia das emoções e considerando maior variedade dessas manifestações. Carecem pesquisas de caráter misto, que consigam lidar com volume maior de informação, mas não a ponto de perder de vista seus significados e contexto, e também que levem em consideração o momento inicial de gênese do acontecimento e o momento de pico de publicações. É necessário compreender como surgem esses acontecimentos que de uma hora para a outra tomam os *trending topics* do Twitter, gerando debates, comoção e postagem de opiniões, nos quais as emoções, como estados de excitação (TURNER, 2007), mais do que canalizar moralidades, rememoram aos estados de efervescência coletiva que participam das ideias sagradas, isto é, da própria sociedade ou a moral coletiva (DURKHEIM, 1996; FISHER; CHON, 1989).

Assim, esta dissertação propõe-se a responder a seguinte questão: Que discursos são expressados pelos sujeitos frente a casos de violência de grande repercussão nas redes sociais? que valores são manifestados e o que mobiliza os internautas a comentarem um caso de violência? Em relação ao objetivo geral, busca-se compreender a repercussão de casos de violência de grande mobilização nas redes sociais on-line. Os objetivos específicos são: (a) mapear os discursos dos usuários do Twitter em relação à violência; (b) identificar os fatores que mobilizam e engajam os usuários do Twitter a comentar um caso de violência; (c) compreender como os atores interagem com os meios de comunicação convencionais e outros especialistas nas redes sociais.

A hipótese é que os indivíduos expressam suas visões de mundo ao comentarem casos de violência nas redes sociais, são mobilizados por emoções e manifestam conflitos da sociedade contemporânea, como a dinâmica de polarização. As hipóteses específicas são: (a) prevalece adesão a ideais punitivos; (b) há conflitos com veículos de comunicação e outros especialistas; (c) as redes sociais são um ambiente polarizado politicamente; (d) as emoções mobilizam e revelam moralidades dos indivíduos, destacando-se nojo, indignação e raiva direcionados ao criminoso e compaixão e tristeza para as vítimas.

Tem-se como objeto as publicações dos indivíduos sobre casos de violência de grande repercussão na rede social Twitter, por conta de sua arquitetura de *trending topics* e as *hashtags*, e os seus usos para mobilizações, configurando-a com grande relevância no debate público atual. O acompanhamento e mapeamento da plataforma permitiu identificar casos de violência que repercutiram entre 2018 e 2019, e o caso selecionado para esta dissertação foi o sequestro de um ônibus na ponte Rio-Niterói, ocorrido na manhã do dia 20 de agosto de 2019. O evento foi bastante midiático, tendo cobertura ao vivo de algumas emissoras de televisão, além de repercutir no Twitter. A coletada de termos e *hashtags* relacionados ao evento foi

feita com um *script* na linguagem R com as autorizações da *Application Programming Interface* (API) do Twitter para extração, e o banco de dados de 8340 *tweets* foi tratado para importação no NVivo 12 Pro para análise. Com abordagem mista e um desenho de pesquisa longitudinal, o banco de dados foi dividido em duas partes, uma a partir da primeira postagem e enquanto acontecia o evento, com 3907 publicações, e segunda a partir do momento em que o sequestrador foi morto pela polícia, com todas as vítimas liberadas, com 4433 *tweets*, envolvendo as duas horas de pico de postagens e quando as mais curtidas foram feitas.

O banco de dados foi analisado com auxílio do *software* NVivo, no qual os *tweets* das duas partes foram codificados independentemente em Nós, que agrupam as unidades empíricas relativos a cada categoria de análise. A classificação, por meio de análise de conteúdo, foi feita manualmente e por meio das palavras mais frequentes, buscando opiniões, mais ou menos homogêneas entre si e diferente das outras, correspondentes às dimensões de análise punitivismo, contra-punitivismo, especialistas, humor, informação, outras opiniões e *bots*, e outra dimensão foram as emoções. Todas estas informações e as categorias empíricas e emoções mapeadas encontram-se no quadro 6 no capítulo metodológico.

Ao longo da repercussão houve mudança nas postagens, que aumentam em volume e se tornam mais polarizadas e radicalizadas. Nos dois momentos as emoções de modo geral destacaram-se mais do que quaisquer categorias empíricas. Na primeira parte da repercussão, até antes do tiro do *sniper*, prevaleceram comentários sobre o trânsito, em sentido de atrapalhar as atividades laborais, críticas à mídia e punitivismo pedindo a morte do sequestrador, e em relação às emoções se destacaram tristeza, indignação e compaixão. Na segunda parte, se sobressaíram comemoração, seja da morte do sequestrador ou da liberação das vítimas, postagens de humor e críticas à mídia, e as emoções em destaque foram alegria, nojo e admiração. Na segunda etapa se evidenciou uma politização e polarização do debate, pela maior presença de políticos do campo da direita dentre os *tweets* mais curtidos, bem como pelas categorias, como comemoração e críticas à esta postura.

Esta dissertação está estruturada em sete capítulos, incluídas a introdução e as considerações finais. No segundo capítulo, dividido em três subcapítulos, é apresentada uma revisão das produções na interface dos temas violência e mídias, inicialmente na televisão e em seguida nas redes sociais. O segundo subcapítulo dispõe sobre estudos na interseção violência e emoções, em estudos sobre o medo, cultura do medo e medo do crime no Brasil. O último subcapítulo inicia com um breve balanço da presença da categoria emoção na obra de autores clássicos das ciências sociais, até a constituição das subdisciplinas sobre o tema a partir dos anos 1970 nos Estados Unidos. A seção seguinte discorre sobre um ponto de

controvérsia no tema, em torno da própria definição da categoria emoção, que é contornada pela sua tipificação, desde manifestações mais irrefletidas até as emoções morais, que são dispostas no final, junto com uma síntese teórica. Essa síntese é feita a partir das três áreas de estudos nas ciências sociais com foco nas emoções, e um quadro enumerando essas manifestações e sua classificação segundo cada perspectiva está no final desse capítulo.

O capítulo três discute novidades e continuidades da sociedade conectada a partir da sociologia digital e outros estudos sobre o tema. O primeiro subcapítulo inicia apresentando dados sobre acesso à internet e redes sociais no Brasil, elencando o perfil desses usuários. Na próxima seção são abordadas as novidades na comunicação que as redes sociais inauguram, e na última seção discorre-se sobre dimensões de poder das plataformas e sua relação com o contexto atual no que diz respeito a ativismos, notícias falsas e extrema-direita. O segundo subcapítulo começa dissecando o Twitter, sua arquitetura e características do ambiente pesquisado. A última seção sintetiza discussões da sociologia digital e algumas considerações sobre pesquisa com dados da internet.

No capítulo quatro apresenta-se o percurso metodológico e se divide em dois subcapítulos. A primeira seção apresenta um mapeamento dos eventos de violência que repercutiram no Twitter entre 2018 e 2019 e a seção seguinte descreve os procedimentos de coleta e características do banco de dados. Em seguida, são dispostas a estratégia e perspectiva metodológica, e por fim os procedimentos, dimensões de análise e as categorias empíricas encontradas. O segundo subcapítulo faz inicialmente uma apresentação geral da repercussão, os momentos importantes e as postagens do tipo informação, e se encerra com a distribuição de curtidas e as publicações mais populares.

Após essas disposições gerais sobre o banco de dados, os próximos dois capítulos são destinados a análise dos *tweets* do sequestro na ponte Rio-Niterói. No capítulo cinco são abordadas as categorias empíricas, ficando o primeiro subcapítulo focado na primeira parte da repercussão, inicialmente dispondo as frequências e termos associados às categorias, e depois a análise de cada uma delas, mostrando algumas publicações que a sintetizam. No segundo subcapítulo é feito o mesmo com a segunda parte da repercussão do evento do sequestro. No capítulo seis, são analisadas as emoções dos *tweets*, elencando no primeiro capítulo as frequências das emoções em cada parte, bem como o dicionário dos termos associados a cada uma delas. O segundo subcapítulo foca nas emoções reflexo e afetivas nos dois momentos da repercussão, e o subcapítulo seguinte aborda as emoções morais, foco desta pesquisa. O terceiro subcapítulo cruza as categorias empíricas com as emoções, buscando associações e

padrões, e conclui com a síntese dos resultados desta dissertação, assim como a discussão com outros estudos. O capítulo 7 encaminha as considerações finais.

2 VIOLÊNCIA E MÍDIAS A PARTIR DA SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Este capítulo apresenta um breve balanço da literatura acadêmica na interseção violência, mídias e emoções, bem como o marco teórico que fundamenta esta dissertação a partir de uma síntese de três áreas nas ciências sociais que tomam as emoções como objeto de análise. O primeiro subcapítulo retoma estudos sobre violência nos meios de comunicação de massa, que de modo geral caracterizam como dramatização ou emocionalidade a veiculação midiática, e assim dispõe uma revisão de pesquisas sobre violência nas redes sociais, alguns dos quais com foco em emoções.

O segundo subcapítulo inicia atentando para estudos na interface violência e emoções que têm dado atenção a uma emoção em particular, o medo. Em seguida é debatida uma área temática chamada de cultura do medo e também medo do crime no Brasil. De modo geral, esses estudos sobre violência e medo têm demonstrado a relevância contemporânea dessa emoção e seu impacto nas relações sociais. Como se pode notar, portanto, estudos sobre violência têm destacado dimensões emocionais do fenômeno e dado atenção apenas ao medo. Argumenta-se, então, uma aproximação entre a sociologia e antropologia das emoções com o campo da violência, bem como a necessidade de considerar um amplo leque destas manifestações.

O terceiro subcapítulo apresenta um dos marcos teóricos que fundamentam esta dissertação. A primeira seção realiza um breve resgate da presença das emoções em autores clássicos das ciências sociais até a constituição de três campos de estudos dedicados ao tema a partir do fim dos anos 1970 nos Estados Unidos, inspirados pela virada culturalista, frisando seus pressupostos teóricos. Na sequência discute-se por um ponto de controvérsia nesta área, em torno da própria definição da categoria emoção, que pode ser resolvida distinguindo tipos de emoções, elencando as emoções reflexo, os impulsos e os humores. Por fim, é feita uma discussão teórica a respeito do tipo de emoções foco desta dissertação, as emoções morais, isto é, o nojo, a compaixão e a indignação, sintetizando um modelo teórico a partir das três áreas em questão.

2.1 ESTUDOS NA INTERFACE VIOLÊNCIA, MÍDIAS E EMOÇÕES

2.1.1 A violência nos meios de comunicação: a emocionalidade das representações

Esta seção realiza um breve balanço das produções acadêmicas na interface violência e meios de comunicação, especialmente no jornalismo e na televisão, mas também na literatura, no cinema e em seriados, as quais fornecem um ponto de partida para o estudo do tema nas mídias digitais. Maria Stela Grossi Porto (2009, p. 216-7), em seus estudos sobre violência, avalia a importância dos meios de comunicação na contemporaneidade, sobretudo da televisão, que cumprem a função de explicar o mundo e dar significado aos acontecimentos. Porto (2002, p. 160) vai além ao defender uma relação causal entre os meios de comunicação e o próprio fenômeno da violência: “Os meios de comunicação de massa, se não são diretamente responsáveis pelo aumento da violência e da criminalidade, seriam, quando menos, um canal de estruturação de sociabilidades violentas, já que aí a violência é, não raro, apresentada como um comportamento valorizado”. Tal posição é endossada por Julio Navarrete (2016), que elenca a influência dos meios de comunicação nos jovens *pandilleros*, participantes de gangues em Lima, no Peru, que se transformaram em eixo fundamental de socialização. A posição que toma os meios de comunicação como propriedade causal da violência ou mesmo do medo desmedido da população não é muito endossada por outros estudiosos do tema, mas ainda assim a mídia possui relevância na sociedade atual, principalmente na definição da agenda pública (RAMOS; PAIVA, 2009).

David Garland (2008) observa a emergência e consolidação de políticas criminais de cunho mais punitivo nos Estados Unidos e Grã-Bretanha a partir dos anos 1970, argumentando que a massificação televisão e o aumento das taxas de crimes impactaram na decadência dos ideais correcionistas do Estado de Bem-Estar Social, tornando os políticos mais populistas, emotivos e explicitamente ligados ao sentimento público. A posição de Garland (2008, p. 338) é a de que “os meios de comunicação de massa tiveram acesso a, e depois dramatizaram e reforçaram, uma nova experiência pública, com profunda ressonância psicológica; e, ao fazê-lo, a mídia *institucionalizou* aquela experiência”. Não é por nada que nessa época houve uma crescente importância dos programas sobre crimes, os quais dramatizavam histórias de vingança, moralidade e castigo, disparando indignação na população, que encontraram espaço no Brasil apenas no período da redemocratização (TEIXEIRA, 2009). Estas representações da mídia, então, conferem inflexão emocional a experiência do crime e impactam nos discursos mais punitivos e emocionais, na politização de

temas antes relegados aos técnicos, em meio a uma guinada eleitoral conservadora à direita (GARLAND, 2008).

Alex Teixeira (2009) aborda o programa televisivo da Rede Globo Linha Direta, o qual seguia na linha de outros programas na Europa e nos Estados Unidos sobre crime a partir dos anos 1960, rotulados de *real crime TV shows*, que coincide com o aumento do interesse da televisão sobre violência do qual Garland (2008) fala. O Linha Direta utilizava como recurso a dramatização crimes reais sob investigação e permitia a participação dos telespectadores na solução dos mesmos, via telefone, no início dos anos 2000, época do auge dos *reality shows*. O autor observa

duas grandes tendências contemporâneas do campo da comunicação, identificadas particularmente a partir da consolidação da televisão como meio de massa. A primeira diz respeito à mistura de informação com entretenimento, o que evidencia-se na *dramatização* das histórias criminais reais. A segunda tendência consiste em propiciar à audiência uma forma de participação ou *interação* com a programação (TEIXEIRA, 2009, p. 11, grifos nossos).

A discussão que Teixeira (2009) faz acerca da dramatização enquanto recurso emocional para mobilização da audiência traz *insights* para a compreender como os usuários do Twitter se mobilizam em torno de um evento de violência. Nas palavras do autor, “a dramatização, enquanto trabalho de incremento emocional da narrativa acerca dos casos reais, tem a capacidade de mobilizar a audiência para que esta utilize o canal oferecido [...] e colabore com denúncias” (TEIXEIRA, 2009, p. 11). Sobre esse aspecto específico, alguns teóricos dos movimentos sociais têm dado atenção às emoções para pensar em mobilização e engajamento nas lutas sociais, que será apresentado mais adiante neste mesmo capítulo. São recorrentes o emprego da dramatização em coberturas midiáticas da violência, observados em trabalhos como Melo (2010), Fonsêca (2011), Ferreira Júnior (2015), Passiani e Teixeira (2019) e Ribeiro (2012).

Luiz Fábio Paiva (2012) em sua tese de doutorado tem como objeto quatro crimes de ampla midiaticização que “chocaram” o país e tiveram repercussões e efeitos bastante distintos. O autor tem como objetivo “compreender como determinadas mortes de pessoas retratadas em meios de comunicação de massa possibilitaram a criação de narrativas, discursos e argumentações a respeito de problemas sociais relacionados ao crime e à justiça no Brasil” (PAIVA, 2012, p. 14). Paiva também demonstra o impacto dos meios de comunicação na legislação penal a partir do caso da Daniella Perez, atriz da Rede Globo morta pelo seu par romântico da novela, com o veículo de comunicação pautando a inserção de homicídio qualificado da Lei de Crimes Hediondos, em um movimento de aumento do poder punitivo

após a rápida e tardia adoção de medidas previdenciaristas no Brasil a partir do final dos anos 1980, como notou Alessandra Teixeira (2006).

Além dos casos analisados por Paiva, outros acontecimentos de violência amplamente mediatizados no país também foram objeto de análise. O caso do sequestro selecionado para esta dissertação ecoou nas postagens no Twitter sequestros passados ocorridos no país, sobretudo o caso do ônibus 174, mas também o caso Eloá. O caso do ônibus de 174 foi um sequestro a um ônibus ocorrido no ano de 2000 no Rio de Janeiro, terminando após mais de quatro horas com uma refém morta pelo tiro de um policial e o sequestrador morto asfixiado pelos policiais dentro do camburão, tudo sendo transmitido ao vivo. Segundo Fabiana Ramos e Helerina Novo (2003) e Denise Ribeiro (2012), o sequestro foi o de maior repercussão midiática até então, sendo transmitido ao vivo pela Rede Record e Globo News, a primeira atingindo pico de audiência. A presença da mídia gerou críticas por interferir na operação policial e revelou sua falta de preparo e de equipamento, gerando uma crise nesse setor, além de que no dia seguinte ser anunciado um pacote de medidas nacionais de segurança pública e ser iniciado um movimento contra a violência, liderado por uma das vítimas, que se estendeu por outras cidades (RAMOS; NOVO, 2003).

Outro sequestro amplamente mediatizado foi o caso Eloá, ocorrido em 2008, também ecoado nas postagens do sequestro na ponte Rio-Niterói, sobretudo para criticar a atuação da mídia, que na época chegou a entrevistar ao vivo o sequestrador no programa da jornalista Sonia Abrahão pelo canal que deveria ser exclusivo para as negociações da polícia, conforme analisado por Cynthia Vianna (2010). Novamente atribuíram culpa à mídia pela tragédia, que assim como no caso do ônibus 174 terminou com a morte de vítimas. Se no caso 174 o sequestrador se tornou bode expiatório e lhe foi direcionado ódio, em uma visão recorrente entre bandido x vítima, no caso da jovem Eloá, sequestrada por seu ex-namorado mais velho que não aceitou o término do relacionamento, ele ganhou voz e empatia no programa televisivo mencionado (RAMOS; NOVO, 2003; VIANNA, 2010). De qualquer modo, as narrativas jornalísticas sobre a violência recorrentemente reproduzem uma visão maniqueísta entre bandido e vítima, bem e mal, presente também na cobertura do caso João Hélio, de apenas seis anos, preso ao cinto de segurança e arrastado em um assalto ao carro da família até a morte, segundo a tese de Patrícia Melo (2010).

Fora dos principais meios de comunicação de projeção nacional do país, em vários contextos locais jornais ou veículos independentes, muitas vezes não profissionais, tem diversos modos de noticiar a violência. No contexto da Amazônia paraense, Sérgio Ferreira Júnior (2015) observa na mídia impressa um estilo narrativo de expor os acusados, emprego

de adjetivos depreciativos, além de fotografias explícitas de cadáveres diariamente, como recursos de dramatização. No Espírito Santo, no contexto da crise de segurança pública quando a polícia militar entrou em greve no estado em 2017, Ana Justo, Amanda Pinto e Savana Pires (2019) notaram a cobertura midiática baseada na dicotomia bandido e vítima, além de identificarem as últimas com detalhes e fotografias, não havendo informações a respeito dos criminosos. Mariana Fonsêca (2011) aborda o programa televisivo Broca Pesada em Pernambuco, pertencente ao gênero de programa policial, cujas características são o caráter popular, linguagem coloquial, dramatização e sensacionalismo, algumas vezes misturando aspectos jornalísticos e ficcionais. Fonsêca (2011) elenca o uso recorrente de recursos humorísticos, sobretudo em casos de violência doméstica, com deboches sobre brigas de casal, estratégia presente também no extinto jornal paulistano Notícias Populares, que segundo Enio Passiani e Alex Teixeira (2019) tinha função de familiarizar o público com a violência, tornando legível e digerível o acontecimento.

Ao analisarem a cobertura do jornal Zero Hora do RS sobre o assassinato do menino Bernardo pela sua madrasta, Passiani e Teixeira (2019) observam que crimes excepcionais ganham relevância maior do que crimes comuns na mídia, além dos principais personagens envolvidos da trama serem a vítima, em seu tipo ideal, ingênua e pura, e o criminoso, como incorporação do mal. Luciano Fischborn e Francis Almeida (2020, p. 184), por outro lado, apesar do grande volume destinado a ocorrências criminais nas publicações on-line no Diário de Santa Maria, interior do RS, observam uma postura “sistemática e descritiva, não se referindo aos suspeitos dos crimes de modo alarmista e adjetivado”, mas tal estilo era muito criticado na seção de comentários pelos leitores, cobrando que não fossem chamados de “suspeito”, mas sim de “bandido”, sugerindo que coberturas sensacionalistas são demandas da audiência. Ainda assim, a tendência nas redações em contextos locais tem sido coberturas da violência dramatizadas e posicionadas moralmente. Como Passiani e Teixeira (2019, p. 260) elencam, “o jornalismo sensacionalista trata de explorar, talvez até exagerar, as sensações: de medo, repugnância, indignação etc., tudo sempre moldado sob a forma da notícia, da informação”, que no Brasil desde o século XIX tem como principal tema crimes violentos, em diálogo com gêneros literários como novela policial e folhetim. Os recursos estilísticos dos meios de comunicação ao retratar a violência são, portanto, recorrentemente a dramatização e o profundo apelo emocional.

Silvia Ramos e Anabela Paiva (2009) são citadas frequentemente em produções sobre mídia e violência devido a seu trabalho abrangente a respeito do tema, argumentando que houveram melhorias na cobertura midiática nas últimas décadas, como a extinção de cadernos

de notícia em muitos estados. Tal mudança se manifesta também na diminuição de recursos sensacionalistas, imagens explícitas e incentivo a violações aos direitos humanos para combater criminosos:

A primeira mudança que chama a atenção dos que analisam a cobertura da violência e criminalidade é a diminuição do uso, pela maioria dos jornais e mesmo das emissoras de TV, de recursos sensacionalistas e noções apelativas. Os principais jornais deixaram de utilizar fotos explícitas, e mesmo os mais populares evitam recomendar que a polícia elimine criminosos ou desrespeite direitos para combater o crime (RAMOS; PAIVA, 2009, p. 33).

As autoras indicam como tendência no jornalismo o fim de coberturas sensacionalistas em relação à violência, ilustrado na extinção de programas televisivos como Linha Direta e Cidade Alerta no período, devido à falta de interesse de anunciantes para estas produções. De modo semelhante, Carlos Etchichury (2010) observa na imprensa do RS uma mudança, uma vez que nos anos 1980 era recorrente repórteres que trabalhavam armados e em alguns casos dividiam a profissão de jornalista e de policial. Segundo o autor, a partir dos anos 1990 houve uma maior qualificação dos profissionais e diversificação de fontes para falar da violência, não só mais de agentes da segurança pública, mas também sociólogos e psicólogos, por exemplo. Ramos e Paiva (2009) corroboram isso com dados de pesquisas nacionais, porém, na década seguinte se observou um retorno de discursos sensacionalistas no jornalismo, concretizado na retomada do programa Cidade Alerta em 2011. Frisa-se, portanto, que tal percurso dos meios de comunicação e o gosto popular por esse tipo de conteúdo não é linear ou progressista.

Além da cobertura midiática impressa, televisiva ou que mescla informação e dramaturgia, a violência tem sido objeto de análise no cinema, seriados e literatura. O cinema *noir*, gênero popular entre os anos 1930 e 40 e que tem como equivalente os filmes policiais atuais, apresenta o criminoso como herói e o seu ponto de vista, segundo Michel Misse (2013), enquanto nas representações da máfia do serviço de *streaming* Netflix, Francisco Amorim e Marjolie Angonese (2019) argumentam que o crime e o criminoso aparecem romantizados, os homicídios são representados como instrumento de resolução de conflitos e normalmente os protagonistas são galãs homens e as mulheres quando o são, estão no papel de vítima. Na literatura, Elisabeth Machado (2019) analisa a violência contra crianças em algumas obras nacionais, notando uma naturalização e atuando como recurso educativo, conclusões semelhantes às de Tavares dos Santos (2019) ao abordar o gênero novela da violência da América Latina, que em alguma medida espelha a realidade social, ao representar a violência como reguladora e norma na sociedade atual.

Esta breve revisão da literatura na interface das produções sobre violência e meios de comunicação revela que o interesse no tema pela mídia tem longa dada. Os estudos sobre o assunto de modo geral têm observado a dramatização e tratamento emocional dado a violência nas mídias, coberturas sensacionalistas e simplificadas que despertam grande interesse no público.

2.1.2 Violência e redes sociais: punitivismo e emoções

Se a violência tem recebido bastante atenção nas mídias tradicionais, na internet e redes sociais o tema também tem sido alvo de interesse. Segundo Ramos e Novo (2003) o caso do ônibus 174 além de repercutir nos meios de comunicação e bater recordes de audiência, como já discutido acima, pela primeira vez um acontecimento desse tipo repercutiu na internet, ainda no ano de 2000. Oito anos depois, o caso Eloá, também comentado acima, além da grande repercussão na mídia, foi muito comentado em uma das redes sociais mais populares do país na época. Durante o sequestro, que se estendeu por vários dias, o caso foi acompanhado e recebeu quase 26 mil comentários em um tópico de uma comunidade no Orkut (MARTINS, 2009). Mesmo a mais de 10 anos atrás esses casos já repercutiam on-line, em uma rede social que tinha arquitetura semelhante à de fóruns, possibilitando um outro tipo de interação e conteúdo produzido. André Martins (2009) pôde observar que a comunidade era sobre perfis de pessoas mortas, que eram postados em tópicos, tendo em vista que as pessoas frequentemente não utilizarem seus nomes reais, mas com apelidos, abreviações e outras grafias, se tornando um desafio encontrar tais perfis. Menções a estes dois casos foram recorrentes nas postagens sobre o sequestro na ponte Rio-Niterói, sobretudo em tom de crítica à cobertura midiática, que desde cedo cobria ao vivo pela televisão e chegou a divulgar fotos enviadas por passageiros de dentro do ônibus e mostrar posições estratégicas da equipe tática, mesmo sabendo que o sequestrador acompanhava a repercussão de dentro do ônibus.

Mais recentemente, Samuel Silva Borges (2019) em sua dissertação analisou os discursos punitivos no Youtube e Facebook do Movimento Brasil Livre (MBL), que ganhou espaço no Brasil após o ciclo de manifestações de junho de 2013, sendo, posteriormente, um dos responsáveis por convocar manifestações pelo impeachment de Dilma Rousseff, apresentando-se como uma “nova direita” neoliberal. Nas publicações do MBL, um dos maiores movimentos sociais do país em de número de seguidores no Facebook, sobressaem seus discursos punitivos, caracterizados pela individualização penal extrema, tomando a impunidade como raiz da criminalidade (SILVA BORGES, 2019). De acordo ainda com Silva

Borges (2019, p. 140), a forma discursiva empregada pelo movimento é populista e marcada pela “emocionalização, negatividade e simplicidade”, utilizando linguagem coloquial e evitando jargão intelectual ou tecnicista, valendo-se também de humor como recurso didático, antagonizando o “outro” na figura da esquerda, tida como quem justifica socialmente crimes, assim como consideram que minorias sociais são privilegiadas pelo sistema.

Discursos punitivos são recorrentes nas redes sociais e algumas páginas no Facebook favoráveis à redução da maioria penal foram objeto de análise por Heloísa Petry e Deise Nascimento (2016), especificamente no que diz respeito aos sujeitos alvos dessas propostas, notadamente adolescentes negros moradores de favelas. Assim como Silva Borges (2019), o plano de fundo é a lógica liberal de individualização da culpa e a meritocracia, e o que propiciaria a criminalidade seriam as instituições de controle insuficientemente severas e permissividade de instituições como a família, escola e meios de comunicação. A lógica binária entre “bandido” e “cidadão de bem” está presente nesses discursos, caracterizando os primeiros como menos ou “não humanos”, direcionando adjetivos que apresentam nojo, como “monstro” e “vagabundo”, por isso mesmo tidos como vidas matáveis (PETRY; NASCIMENTO, 2016, p. 431), em direção semelhante a Barreira (2013) ao observar que a veiculação midiática de crimes tipificados como cruéis emprega termos acusatórios semelhantes, almejando punição ou morte.

Movimentos de direita e extrema-direita se sobressaíram no plano político do país após 2013, cujos discursos relacionados às questões criminais são um aspecto fundamental, caracterizados pelo desejo de maior recrudescimento penal. Em meio a esse movimento as redes sociais cumpriram um importante papel, no qual esses setores souberam canalizar anseios populares melhor do que setores progressistas, uma vez que dispõem de grandes recursos financeiros, refletido em uso profissional das mídias digitais (SILVA BORGES, 2019; PINHEIRO-MACHADO, 2019). Esses espaços se constituem como espaços de disputas pela narrativa dos acontecimentos e visões de mundo em um contexto de polarização política, em suma, disputas por regimes de verdade, e não são raras às tentativas de manipular o debate público por meio robôs e notícias falsas² (MORETTO; ORTELLADO, 2018; PINHEIRO-MACHADO, 2019; RUEDIGER *et al.*, 2017).

Em uma etnografia feita em uma comunidade popular no interior da Bahia em um momento de prosperidade econômica do Brasil no início desta década interessada em como essas pessoas utilizam as mídias digitais, Juliano Spyer (2017, p. 109) nota que no domínio

² Uma discussão mais detalhada sobre as redes sociais e essas dimensões é apresentada no próximo capítulo.

dos canais de troca de mensagens privadas, conteúdos relacionados a violência e humor são recorrentes, os quais lembram os antigos *freak shows*: “o domínio on-line das ‘luzes apagadas’ é uma arena para fofoca, assim como para a circulação de conteúdo politicamente incorreto, ainda que altamente popular, relacionado principalmente a sexo, violência e humor”. Rosana Pinheiro-Machado (2019, p. 107) argumenta que se programas televisivos alarmistas como Brasil Urgente incitam um tipo de indignação popular contra a figura do vagabundo ou bandido e a impunidade, “nada se compara ao novo gênero de espetáculo da violência que são os vídeos caseiros que circulam no WhatsApp entre as camadas populares”. Esse gênero atua como demarcador de classe e se caracteriza pela espetacularização da violência, sangue, facadas e tiros, atuando como forma de indignação pela impunidade, bem como um poder disciplinador e moralizador (PINHEIRO-MACHADO, 2019; SPYER, 2017).

Já no Twitter, Sérgio Ferreira Júnior (2016) analisou a *hashtag* #ChacinaEmBelém que foi aos *trending topics* do Brasil em novembro de 2014. Após a morte de um policial militar, 10 pessoas foram assassinadas na periferia da cidade e a partir daí o assunto passou a repercutir nas mídias digitais. O autor classificou os *tweets* em oito categorias: opinião, humor, indignação, informação, ironia, meios institucionais, medo e outros. Ferreira Júnior (2016, p. 169) constatou que essa mobilização foi emocional, desencadeada pela indignação, mas também se configurou como um espaço sem preocupações com as informações relevantes sobre a chacina e a violência. Esses resultados reiteram o papel do contexto das redes sociais no conteúdo que nelas é produzido, uma vez que o Twitter tem como característica seu uso para informação e humor.

Margarita Zires (2014) elenca que em meio ao aumento da violência e censura dos meios de comunicação do México o Twitter foi utilizado para contornar a falta de informações oficiais e midiáticas sobre a violência, formando uma comunidade virtual para prevenção. A autora analisou a *hashtag* #verfollow, pela qual surgiram novas formas de participação cidadã, levando a “constituição em uma comunidade virtual com práticas comunicativas particulares, normas, crenças, valores mais ou menos comuns³” (ZIRES, 2014, p. 120, tradução nossa). Nesse contexto social, o uso da rede social se torna distinto, formando uma comunidade com um fim definido de prevenção, não apenas um espaço no qual os indivíduos apenas expressam opiniões. O estudo revela uma relação entre as

³ “constitución en una comunidad virtual con prácticas comunicativas particulares, normas, creencias, valores más o menos comunes.”

dimensões on e off-line e como as redes sociais podem ser base para outros tipos de mobilizações políticas.

Os resultados do estudo de Zires (2014) aproximam-se dos de Ferreira Júnior (2017) no que diz respeito a uma mobilização no Twitter frente à ausência de informações oficiais na mídia sobre acontecimentos violentos próximos geograficamente. No clima de indefinição e insegurança, os usuários utilizam um canal alternativo aos meios de comunicação convencionais para lidar com a falta de informações. No caso brasileiro, entretanto, se destacaram também informações que não se sabia se eram reais ou rumores, misturando ficção e realidade (FERREIRA JÚNIOR, 2017, p. 156).

Além dos trabalhos sobre violência e redes sociais acima discutidos, outras duas pesquisas inseriram também as emoções em suas análises. No Facebook, a postura descritiva do jornal Diário de Santa Maria ao noticiar crimes observada por Fischborn e Almeida (2020), já mencionada, foi acompanhada de comentários em sua página na rede social demandando apelo ao poder punitivo, respostas diferentes e até mesmo oposta a um mesmo tipo penal. Além de críticas ora ao suspeito do crime ora à vítima, críticas à forma como o jornal nomeava os envolvidos eram constantes, especificamente quanto ao emprego do termo “suspeito”, cobrando que fosse chamado de “bandido”, questão recorrente também nas publicações do Twitter observadas nesta dissertação. O destaque é que o trabalho de Fischborn e Almeida (2020) utiliza a perspectiva das emoções, observando respostas de compaixão direcionadas sobretudo às vítimas e nojo aos autores dos crimes, e uma surpresa foi a ausência significativa de manifestações de medo, sugerindo que esta emoção esteja mais ligada a paralização do que ao engajamento, pois a mobilização se deu a partir da compaixão e do nojo.

Outro trabalho que se aproxima dessa dissertação aborda mudanças emocionais frente a tiroteios em massa e ataques terroristas nos Estados Unidos e Reino Unido, no qual Jonathas Harb (2019), utiliza análise de sentimento automatizada e cruza os resultados com características demográficas como gênero, idade e proximidade com o evento. O estudo encontra um predomínio de emoções como raiva, medo e tristeza, sendo esta última mais associada às mulheres, enquanto raiva esteve relacionada aos homens. Além disso:

Emoções como medo e tristeza evocam o uso de palavras que demonstram solidariedade, e emoções como raiva evocam o uso de palavras de ódio, intolerância e apelo à justiça. Menções aos políticos foram comuns, como também referências à lei de controle de armas em incidentes de tiroteios em massa e religião em eventos de terrorismo, mostrando como é provável que as comunidades

vinculem assuntos discutíveis a tais tragédias⁴ (HARB, 2019, p.66, tradução e grifos nossos).

A pesquisa de Harb (2019) é um exemplo das pesquisas em redes sociais que tem sido realizadas sobretudo em áreas como comunicação e computação, utilizando análises automatizadas empregadas por meio de sofisticadas técnicas que requerem domínio de programas e linguagens de programação que cientistas sociais ainda se encontram alheios, sobretudo no Brasil. A não inserção desses profissionais nesses estudos, por outro lado, tem reverberado em alguns problemas nas produções de outras disciplinas. Harb (2019, p. 18) argumenta que deixou de fora e não procurou emoções como alegria, presumindo que ela não seria encontrada nesse tipo de evento. Como será visto, manifestações de alegria foram encontradas nas postagens do caso desta dissertação, se destacando dentre as emoções mais frequentes na segunda parte da repercussão. Obviamente, algo não procurado dificilmente será encontrado. Outro ponto de crítica é que análises de sentimento tem sido tomadas como sinônimo ou para inferir opinião ou posição (MALINI; CLARELLI; MEDEIROS, 2017) e Aldayel e Magdy (2015) puderam constatar a disparidade entre posição e sentimento sobre um assunto⁵.

2.2 VIOLÊNCIA E EMOÇÕES: O MEDO

A discussão acima demonstrou que um volume significativo de estudos sobre violência tem notado as características emocionais nas produções midiáticas sobre o tema, no entanto, a maior parte sem um diálogo com perspectivas teóricas como a sociologia das emoções. Ainda assim, apesar da aparente incongruência teórica, mas não temática, produções sobre violência têm dado atenção a uma emoção particular, o medo, sobretudo devido ao aumento da violência criminal e sua visibilidade em países da América Latina nas últimas três décadas (BARREIRA, 2016). Neste subcapítulo é apresentado uma breve síntese de produções na interface violência e emoções, além de duas áreas temáticas mais ou menos definidas em diálogo com a sociologia da violência com atenção especial a uma emoção particular: cultura do medo e medo do crime.

⁴ “Emotions such as fear and sadness evoke the use of words that demonstrate solidarity, and emotions such as anger evoke the use of words of hate, intolerance and call for justice. Mentions to politicians were common as also references to gun control law in mass shooting incidents and religion in terrorism events, showing how the communities are likely to link debatable subjects to such tragedies.”

⁵ No capítulo 4 é realizada uma discussão mais detalhada sobre esse assunto.

2.2.1 Violência e medo: uma breve síntese

Sérgio Adorno (1996) já observava em meados dos anos 1990 que o crime já se situava dentre as principais preocupações do cidadão comum brasileiro, acompanhado de uma percepção de que ele aumentou e se tornou mais violento, com os meios de comunicação exercendo um impacto ao expor crimes cruéis em noticiais e imagens. Por sua vez, Alba Zaluar (2006, p. 213) endossa que tal temor é uma das principais preocupações das populações metropolitanas, mas ameniza a culpa dos meios de comunicação no sentimento generalizado de insegurança, devido à escalada própria da violência manifesta nas taxas de homicídio: “No caso brasileiro não se pode dizer, por isso, que o medo seja apenas uma criação do imaginário ou até mesmo da recepção passiva de mensagens da mídia”.

Seja ancorado na realidade ou culpa dos meios de comunicação, a questão é que o sentimento generalizado de medo da violência é um fator relevante na sociedade atual, gerando impactos relevantes na economia, na política e na sociabilidade. O principal deles é que um cidadão com medo fica acuado e desconfiado, reduzindo a interação e coesão social, especialmente com pessoas desconhecidas, refletido na arquitetura das grades e muros e privatização espacial, como os *shopping centers*. Como forma de lidar com o medo, são comuns a adoção de estratégias de prevenção como evitar de frequentar determinados espaços e evitar de sair à noite (GAVIRIA, 2008). Ainda, segundo Carolina Carvalho e Francis Almeida (2019) o medo impacta também na busca por relacionamentos em aplicativos, em que as mulheres que buscam homens desenvolvem estratégias de proteção como pesquisar sobre a vida do possível parceiro em outras redes sociais, optar pelo primeiro encontro em local público e avisar alguém com quem vai sair e onde. Apesar de nenhuma de suas interlocutoras terem sido vítima de violência por meio do aplicativo, o medo é um elemento central dessas mulheres, sugerindo o papel da mídia em seus temores:

essas mulheres apontam o *medo como um elemento central de suas sociabilidades*. Além disso, a maior parte das mulheres entrevistadas afirmou que *notícias* e relatos de casos de abuso *exercem influência sobre essa percepção* que elas têm de que o sujeito do outro lado da tela pode ser perigoso (CARVALHO; ALMEIDA, 2019, grifos nossos).

No plano políticos, os impactos do medo estão relacionados ao autoritarismo e menor liberdade. A discussão sobre o medo vem em uma linha de Thomas Hobbes, segundo a qual o principal temor dos indivíduos na modernidade é o medo da morte violenta, que justifica a subordinação a um Estado autoritário, que nasce justamente para impedir a realização desse temor. Essa relação do medo com o autoritarismo é feita na medida em que a presença dessa emoção pode impactar na adesão e justificção de medidas repressivas por parte do Estado,

reduzindo a cidadania (BAIERL, 2003; PASTANA, 2004). É nesse sentido que o medo é tido como político, uma vez que faz parte das relações governante-governado e é frequentemente utilizado pelo poder político (PAYRE, 2016). Isto pode ser ilustrado pelas políticas adotadas após o evento de 11 de setembro, no qual o medo do terrorismo justificou um controle desmedido do governo dos Estados Unidos, alterando noções de liberdade (ROBIN, 2004). O uso político do medo, segundo Alexandra López (2019), é politicamente eficiente, sendo capaz de reorganizar a vida pública contemporaneamente.

Uma consequência ideológica é que em meio a uma percepção de medo aliada à sensação de caos, de ineficiência das instituições formais de controle e impunidade, a população tenha maior adesão e gosto pela demanda por leis mais duras e encarceramento, ou até mesmo justiça com as próprias mãos (SILVA BORGES, 2019). Cabe ainda uma mera menção a outra área de estudo na interface violência-medo, que segundo Jody Clay-Warner (2014) são as teorias sociológicas ou criminológicas que concebem as emoções como propriedades causais da conduta criminosa, ora tomando as emoções como causadoras, ou, ao contrário, causada por sua falta de emoções, como a empatia, por exemplo.

2.2.2 Estudos sobre Cultura do Medo e Medo do Crime no Brasil

A cultura do medo é um fenômeno contemporâneo marcado pela disseminação desse sentimento na população, sobretudo da violência criminal no caso brasileiro, que impacto no aumento da segregação social e desconfiança entre as pessoas, cuja marca mais visível é na arquitetura de muros e enclaves fortificados, que já notava Teresa Caldeira (2000) no final dos anos 1980, e condomínios fechados e *shopping centers* que crescem a partir do fim da década seguinte, como observou Débora Pastana (2004). Estudos sobre cultura do medo, uma das áreas na interseção violência e emoções, notam os impactos desse sentimento generalizado contemporaneamente, gerando uma sociedade que se caracteriza pela privatização da segurança e segregação dos espaços e entre as pessoas, discriminando os indesejados associados à marginalidade, reforçando estereótipos e preconceitos de classe e cor (PASTANA, 2004; BAIERL, 2003). Luiza Baiarl (2003) em um estudo sobre medo social analisou o modo pelo qual essa emoção atinge os diferentes estratos sociais, nos condomínios se destacando medo da favela, vista como classe perigosa, ao passo que na favela são os estranhos, os policiais e os traficantes que são vistos como ameaça.

Os estudos sobre cultura do medo (GLASSNER, 2003; PASTANA, 2003), ou mesmo medo social (BAIERL, 2003), têm comparado dados estatísticos de ocorrências criminais com

a percepção sobre violência, frequentemente constatando uma sobre-dimensão do medo em relação às estatísticas. Em meio a isso, a imprensa é uma das principais instituições que promove a cultura do medo, e qualquer estudo sem levar em conta o seu papel seria incompleto, de acordo com Barry Glassner (2003, p. 33). No México e na Colômbia, Alexandra López (2016) nota que os meios de comunicação são chaves nas condições de insegurança e medo da população, que também atuam como eixo central na socialização de jovens *pandilleros* no Peru (NAVARRETE, 2016). A relação da mídia com o medo e insegurança opera pela seleção dos casos que resolve veicular, não englobando a totalidade dos delitos registrados (SCHABBACH, 2001; GLASSNER, 2003), privilegiando crimes tidos como “cruéis”, que fogem da lógica da vida cotidiana, impactando na percepção de um mundo desordenado por parte da população, ou que crime é sinônimo de crime violento (BARREIRA, 2016).

O medo é definido pelos estudos sobre a cultura do medo ou em diálogo com eles, como uma ideia de perigo real ou aparente, presença de algo estranho, estado de alerta ou sensação de perigo. Como o medo é um sentimento, ele é estudado por intermédio de seus efeitos ou pelas formas de reação a ele, cujos impactos são objetivos nas relações sociais. Por isso mesmo, a maior parte da literatura sobre o medo frisa seu aspecto político, no sentido de instrumento de dominação e controle, sendo suscitado e manipulado por governos (PASTANA, 2004; BAIERL, 2003).

Outra área de pesquisas na linha de violência e emoções é conhecida por medo do crime, cujas primeiras publicações datam da década de 1970, e que embora no Brasil seja um campo de estudos incipiente e não consolidado, mesmo assim dispõe de algumas produções concentradas nas últimas duas décadas (TRINDADE; DURANTE, 2019; COSTA; DURANTE, 2019; FRATTARI, 2013; SILVA; BEATO FILHO, 2013). Diferente da maior parte das pesquisas aqui analisadas, como os estudos de cultura do medo que avaliam os impactos do medo nas relações sociais, as produções sobre medo do crime de caracterizam pelo perfil quantitativo, empregando *surveys* para mensurar que fatores ou contextos interferem nesta emoção. Devido às críticas que são feitas a tal campo de estudos, como a falta de clareza na conceptualização e medição do medo do crime (FARRAL; LEE, 2008; CLAY-WARNER, 2014), então algumas pesquisas distinguem três conceitos: vitimização, medo do crime e percepção de risco do crime. Segundo Arthur Trindade e Marcelo Durante (2019), as pesquisas de vitimização buscam avaliar a cifra oculta de crimes que não são contabilizadas pelas instituições responsáveis, estimando o percentual de vítimas de alguns

crimes como roubo, assalto e agressão, ao passo que o medo do crime é uma emoção e a percepção de risco se refere a um cálculo racional sobre as chances de ser vítima de crimes.

A maior parte desses estudos, entretanto, tem como escopo estadual, municipal ou mesmo comunitário, concentrados no Distrito Federal (TRINDADE; DURANTE, 2019; COSTA; DURANTE, 2019), na cidade do Rio de Janeiro (BORGES, 2011), em bairros de Belo Horizonte (SILVA; BEATO FILHO, 2013) e em municípios ou bairros no estado de Goiás (FRATTARI, 2013; SANTOS, 2018), estas últimas as únicas qualitativas. O único estudo de projeção nacional encontrado é o trabalho de Doriam Borges (2013), com entrevistas pessoais e domiciliares com amostra de 3.612 e realizada em 2010 a partir de *surveys* no Brasil. Esta pesquisa buscou medir dimensões como o “sentimento de insegurança no bairro ou na cidade, durante o dia ou à noite” (BORGES, 2013, p. 150). O que essas pesquisas de modo geral apontam é que mulheres e pessoas mais velhas tendem a ter mais medo, atribuindo à vulnerabilidade desses segmentos, que a qualidade e presença de policiamento diminui o medo, uma associação moderada entre vitimização por roubo e medo e ainda que a maior parte da população tem mudado suas rotinas em função do medo do crime (TRINDADE; DURANTE, 2019; COSTA; DURANTE, 2019; BORGES, 2013; SILVA; BEATO FILHO, 2013; FRATTARI, 2013; SANTOS, 2018). Além dos preditores individuais ao medo do crime, como idade e gênero, segundo Bráulio Silva e Claudio Beato Filho (2013, p. 166) a coesão social, expresso na interação social entre indivíduos em uma vizinhança “pode gerar um sentimento de maior segurança, a despeito da ocorrência real de crimes na localidade”.

Os estudos desta área não costumam detalhar ou definir muito bem o medo, mas focam em que fatores o aumenta ou diminui, além dos seus impactos na vida cotidiana e nas relações sociais. Borges (2011, p. 58) concebe o medo como um sentimento, que “nada mais é do que um sinal de alerta diante do perigo, que pode ser real, imaginário ou potencial, e que serve para proteger os indivíduos de situações potencialmente perigosas”. Silva e Beato Filho (2013, p. 157), concebem o medo do crime como “uma reação emocional e negativa ocasionada pelo crime ou violência”. A presença significativa desta emoção pode impactar, como os estudos sobre cultura do medo endossam, em desconfiança na comunidade e redução na interação social. A respeito do impacto dos meios de comunicação no medo do crime, nas produções sobre o tema, Isaías Molina-Jácome (2014) argumenta que há quem defenda que uma relação causal direta é uma conclusão simplista, enquanto outros dizem que exercem um impacto forte. De qualquer modo, em estudos de língua espanhola e inglesa sobre medo do crime indicam que ele é visto como um dos efeitos negativos dos meios de comunicação:

Uma revisão da literatura dos estudos sobre o medo do crime permite três conclusões: a primeira é que o medo do crime é considerado como um dos múltiplos efeitos midiáticos negativos, dentre os quais podemos citar: aumento dos níveis de medo de pessoas, restrição de interação social⁶ (MOLINA-JÁCOME, 2014, p. 20, tradução nossa).

Apesar das propriedades emocionais contidas nos discursos midiáticos e dos estudos sobre medo da violência, ainda há pouco diálogo entre pesquisas sobre violência e a sociologia das emoções. Por sua vez, pesquisas na interface emoções-violência vem sendo desenvolvidas no Brasil recentemente, destacando papel das emoções em decisões judiciais (MELO, 2016), em relatos de vítimas de violência (COELHO, 2010, 2012), em relatos policiais (SIMARCO, 2017), em investigações (LOWENKRON, 2017) e na atuação policial (NOGUEIRA, 2017), estes três últimos em um dossiê sobre emoções com uma parte dedicada a “emoções e policiamento”. Mesmo assim, o papel das emoções vem sendo pouco explorado por estudos sobre violência, com exceção do medo, sobretudo nas mídias.

2.3 SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES: UM MODELO TEÓRICO PARA ABORDAR OS DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA NAS REDES SOCIAIS

Neste subcapítulo é apresentado o marco teórico que fundamenta esta dissertação, elaborado a partir de três áreas de estudos nas ciências sociais mais ou menos distintas. A sociologia das emoções, a antropologia das emoções e uma linha da sociologia dos movimentos sociais com atenção às emoções contribuem para a formulação de um quadro teórico com potencial de ampliar a compreensão acerca dos discursos sobre violência nas redes sociais on-line. Essas três áreas são constituídas a partir de fim dos anos 1970 e início dos anos 1990 nos Estados Unidos inspiradas por correntes teóricas distintas, em um contexto de novos problemas que a virada culturalista inspira nesse período.

2.3.1 O surgimento da sociologia e antropologia das emoções e seus pressupostos teóricos

Os autores clássicos da sociologia e antropologia apesar de em alguns momentos falarem sobre emoções em suas obras, não as conferem papel central em seus modelos explicativos. Émile Durkheim (2007, p. 3, grifos nossos), em sua definição de fato social, o

⁶ “La revisión de la literatura de los estudios sobre el miedo al crimen permite tres conclusiones: la primera es la que el miedo al crimen se considera como uno de los efectos mediáticos negativos múltiples, entre los que se podrían mencionar: el aumento de los niveles de miedo que experimentan las personas, restricción de la interacción social”

objeto da sociologia, o concebe como “maneiras de agir, de pensar e de *sentir*, exteriores ao indivíduo, e que são dotados de um poder de coerção”, tomando os sentimentos como uma imposição da sociedade. Em sua visão as emoções desempenham um papel fundamental no processo de gênese da própria sociedade, a qual ocorre nos momentos de efervescência coletiva, quando os indivíduos se reúnem em momentos especiais e atingem um nível de exaltação e superexcitação: “é nesses meios sociais efervescentes e dessa efervescência mesma que parece ter nascido a ideia religiosa”, ou seja, a própria sociedade e suas ideias sagradas⁷” (DURKHEIM, 1996, p. 225). De acordo com Fischer e Chon (1989, p. 8, tradução nossa), para Durkheim, então, “a experiência emocional da efervescência coletiva é uma condição necessária para gerar e manter a sociedade⁸”. Nas formulações de Durkheim sobre moralidade, ações que ferem a moral coletiva, ou seja, o próprio *crime*, suscitam emoções morais em quem agiu e observou a ação, como vergonha e insulto, respectivamente (HARKNESS; HITLIN, 2014). Apesar dessas relevantes considerações da teoria durkheimiana sobre as emoções, é apenas décadas depois que o tema volta a ter mais interesse nas ciências sociais. Segundo Marcel Mauss (1979, p. 147), que deu atenção ao caráter social da manifestação dos sentimentos, “toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais”. O autor também concebe o fenômeno como social, ainda que focando na sua manifestação por gestos corporais, enquanto que Durkheim incorporava o próprio sentir. No caso da antropologia, Radcliffe-Brown, expoente do estrutural-funcionalismo, por sua vez elenca que os sentimentos se originam de situações estruturais, ao passo que na escola culturalista norte-americana as emoções são alvo de estudo como elementos padronizados pela cultura (COELHO; REZENDO, 2011, p. 11-12).

Como pode-se notar, as emoções aparecem e já são tomadas por autores clássicos das ciências sociais como manifestações não reduzidas ao âmbito individual, psicológico ou fisiológico. Ao contrário, são entendidas por esses autores e autoras como manifestações importantes e de origem em processos sociais, ao mesmo tempo em que as emoções não são tomadas como objeto de investigação ou são elaboradas teorias sobre seu funcionamento. É apenas em meados dos anos 1970 que algumas publicações passam a dar mais atenção as emoções, sendo um marco significativo a publicação do artigo *Emotion work, feeling rules*,

⁷ Para uma discussão mais detalhada sobre efervescência e origem das ideias sagradas, as quais estão na base de todos fenômenos religiosos e morais, ver Weiss (2013).

⁸ “*the emotional experience of collective effervescence is a necessary condition for generating and maintaining society*”

and social structure pela socióloga estadunidense Arlie Hochschild (1979), no qual propõe a perspectiva de gerenciamento de emoções, relacionando-as com o *self*, a interação e a estrutura social. A autora identificou duas visões sobre as emoções, uma organicista e outra interacionista. A primeira é seguida por Darwin, está presente em trabalhos iniciais de Freud e em alguns de William James, e concebe as emoções como biológicas, como impulso ou como instinto. A visão interacionista, por outro lado, da qual Goffman compartilha, elabora uma conceituação intermediária entre a estrutura e a personalidade, leva em conta como os atores gerem *expressões externas*, mas não sentimentos, no qual poderia se incluir também o Mauss (HOCHSCHILD, 1979, p. 553-6). A perspectiva da autora tem foco em como as pessoas tentam conscientemente se sentir, de acordo com a situação e o que é esperado de cada um dos envolvidos:

Em suma, a perspectiva de gerenciamento de emoções estimula a atenção sobre como as pessoas tentam se sentir, e não, como Goffman, sobre como as pessoas tentam apelar para sentir. Isso nos leva a observar como as pessoas conscientemente se sentem e não, como para Freud, como as pessoas se sentem inconscientemente⁹ (HOCHSCHILD, 1979, p. 560, tradução nossa).

Uma distinta sociologia das emoções, entretanto, maturou apenas na década de 1980, a partir de publicações como *The Managed Heart*, de Hochschild (1983), que aprofunda alguns pontos já apresentados no artigo citado anteriormente, ainda que caiba uma menção ao trabalho de Theodore Kemper (1978), que elabora um modelo estrutural em que liga as reações emocionais à posição hierárquica de poder e status que o indivíduo ocupa (JASPER, 2011, p. 3). No caso da antropologia, a delimitação de um campo de estudos específico sobre as emoções ocorre nos mesmo período da sociologia, também nos Estados Unidos, a partir das publicações de Catherine Lutz e Geoffrey White (1986) e Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz, com a coletânea *Language and the politics of emotion* (1990), em que realizam um balanço das produções e propõe uma nova perspectiva teórica (COELHO; REZENDE, 2011, p. 13). Abu-Lughod e Lutz (1990) identificam três estratégias usadas para tratar as emoções até então: a perspectiva essencialista, predominante em estudos psicológicos, e as abordagens relativista e historicista, opondo-se ao essencialismo da primeira corrente. As autoras propõem a abordagem contextualista, fortemente influenciada pela noção de discurso foucaultiana, com enfoque na dimensão micropolítica das emoções, concebida como meio de acesso às relações de poder (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990).

⁹ “*In sum, the emotion-management perspective fosters attention to how people try to feel, not, as Goffman, how people try to appeal to feel. It leads us to attend to how people consciously feel and not, as for Freud, how people feel unconsciously.*”

Outra área de estudos que coloca as emoções no centro de suas formulações é uma linha da sociologia dos movimentos sociais que se constitui mais ou menos a partir da metade da década de 1990. São publicações importantes as obras *The art of moral protest*, de James Jasper (1997) e da coletânea *Passionate politics: emotions and social movements*, editado por Jeff Goodwin, James Jasper e Francesca Poletta (2001). Esse campo de estudos, assim como os outros, é influenciado pelo culturalismo, que toma as emoções como parte da cultura, assim como a cognição e moralidade (JASPER, 2011). Leva-se em conta que as produções sobre ação coletiva desde os anos 1960 haviam sido dominadas por abordagens da ação racional, como é sintetizado por Daniel Cefaï:

As teorias da ação racional e da mobilização dos recursos colonizaram profundamente o modo de pensar dos sociólogos da ação coletiva. Isso se deu, aliás, em uma versão bem pobre dessas abordagens, que tendia a reduzir todas as iniciativas de mobilização coletiva a cálculos de interesse, material ou simbólico (CEFAÏ, 2009, p. 12).

Por sua vez, os sociólogos dos movimentos sociais que incorporaram as emoções em seus modelos teóricos compreenderam seu papel central na constituição da identidade coletiva, uma das dimensões dos novos movimentos sociais, mas também, e sobretudo, por sua atuação no engajamento e na mobilização das pessoas em ações coletivas, processos que não podem ser reduzidos a meros cálculos racionais.

Além desses trabalhos realizados em direção a delimitação de subáreas dedicadas as emoções nas ciências sociais, ninguém buscou elaborar uma teoria geral sobre as emoções, exceto Jonathan Turner (2007), mas cuja proposta apresenta contribuições, mas ainda é insuficiente. Jack Barbalet (1998, p. 14) argumenta ainda que a sociologia não precisa de uma teoria geral das emoções e é mais pertinente compreender de modo mais profundo algumas emoções que são essenciais a processos sociais. Apesar disso, abordar um amplo leque de emoções a partir de teorias das ciências sociais e não apenas algumas manifestações específicas, como boa parte dos estudos, faz-se possível por meio de uma síntese de vários autores, cujo modelo mais próximo é o fornecido por Jasper (2018).

Em relação ao Brasil, estudos sobre emoções na sociologia são menos presentes, ao contrário da antropologia que dispõe de um volume significativo de produções e uma agenda de pesquisas forte no país, assumindo sobretudo a perspectiva micropolítica de Abu-Lughod e Lutz. Mauro Koury (2020) nota que apesar da atenção às emoções pelos precursores das ciências sociais no Brasil, como Sérgio Hollanda e Gilberto Freyre, assim como por Roberto DaMatta e Gilberto Velho, que versam sobre culturas emocionais, é apenas a partir dos anos 1990 que surge uma antropologia e sociologia das emoções no Brasil, as quais ainda buscam

se consolidar. O interesse nas emoções tem crescido nas últimas décadas no país, mas elas frequentemente são postas como categoria auxiliar de análise, associando-se a outras mais estabelecidas (KOURY, 2020).

Essas três áreas de estudo fornecem grandes contribuições para abordar o objeto em questão desta dissertação. A perspectiva contextualista, inaugurada por Abu-Lughod e Lutz (1990), é relevante justamente por centrar-se na dimensão micropolítica das emoções, isto é, sintetizado por Claudia Rezende e Maria Coelho (2010, p. 75) como o “seu potencial para dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrosocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas”. Deste modo, as emoções estão perpassadas pelas relações de poder, estruturas hierárquicas e concepções de moralidade. Abu-Lughod e Lutz elencam que dois aspectos das relações sociais estão amarrados ao discurso emocional, a sociabilidade e as relações de poder, e resumem o segundo da seguinte forma:

Olhamos particularmente para as maneiras pelas quais *as relações de poder determinam o que pode, não pode ou deve ser dito sobre si e emoção*, o que é considerado verdadeiro ou falso sobre eles e o que apenas alguns indivíduos podem dizer sobre eles. A verdadeira inovação é mostrar como os discursos emocionais estabelecem, afirmam, desafiam ou reforçam diferenças de poder ou status¹⁰ (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 14, tradução e grifos nossos).

Esse aspecto das relações de poder é particularmente relevante, no que diz respeito ao estabelecimento de quais discursos emocionais podem ser ditos, por quem e sobre quem, estabelecendo, reforçando ou alterando as hierarquias sociais. No objeto aqui em questão, estas observações são fundamentais para entender as diferentes respostas que se dirigem aos diferentes personagens envolvidos no sequestro: o sequestrador, as vítimas, a polícia e os meios de comunicação. As respostas possíveis e permitidas são dadas, mas também podem ser modificadas por relações de poder, que estabelecem quem pode ou não receber compaixão ou nojo, por exemplo. A forte inspiração foucaultiana é evidente na perspectiva de Abu-Lughod e Lutz (1990, p. 9), sobretudo em sua noção de discurso, no sentido de práticas que formam objetos dos quais falamos. Claudia Rezende e Maria Coelho (2010, p. 75) observam que a perspectiva de Abu-Lughod e Lutz concebem o “discurso como uma fala que mantém com a realidade uma relação não de referência, mas sim de formação”, isto é, “nela o real não preexiste ao que é dito sobre ele, mas, ao contrário, é formado por aquilo que se diz sobre ele”.

¹⁰ “We look particularly for the ways power relations determine what can, cannot, or must be said about self and emotion, what is taken to be true or false about them, and what only some individuals can say about them. The real innovation is in showing how emotion discourses establish, assert, challenge, or reinforce power or status differences.”

Conforme elenca Ahmed (2004, p. 11), a própria palavra emoção tem origem no latim e significa “se mover”, ligando-se, portanto, à ideia de movimento e ação. Esse aspecto das emoções é destacado por quem teoriza sobre as emoções, como Jasper (2018), elencando que elas fazem parte de toda ação, assim como Barbalet (2000, p. 2, tradução nossa), que argumenta que as “emoções são absolutamente essenciais para a sociologia porque nenhuma ação pode ocorrer na sociedade sem envolvimento emocional¹¹” e que elas ligam a estrutura e ação, levando em conta que a principal influência do autor é o modelo estrutural de Kemper.

A terceira perspectiva diz respeito à sociologia dos movimentos sociais, cuja incorporação das emoções é feita por conta de sua atuação nos processos mobilização e engajamento, fundamentais para a ação coletiva ocorrer. Esta perspectiva é incorporada por permitir abordar a hipótese de que as emoções mobilizam e engajam os atores a comentar casos de violência de repercussão nas redes sociais. Como será visto adiante, o modelo teórico dessa perspectiva é de extrema relevância para a operacionalização de pesquisas empíricas sobre o tema, ao apresentar diversos tipos de emoções, desde respostas automáticas até manifestações que envolvem processos cognitivos e morais complexos, além de pontuar quais emoções se associam a ação e a desmobilização.

2.3.2 Definindo emoções e os seus tipos: um modelo teórico geral para pesquisa empírica

Dada essa discussão preliminar sobre os campos de estudos nas ciências sociais que incorporam as emoções enquanto categoria fundamental em seus modelos teóricos, a questão em torno da própria definição de emoção é um aspecto de pouco consenso. Há autores inclusive que contornam a elaboração de uma definição, alegando foco não no que é uma emoção, mas no que elas *fazem* (AHMED, 2004). Por conta de a discussão sobre emoções iniciar em disciplinas como a filosofia e biologia, que as tomam como manifestação física no organismo, dificulta ainda mais a questão. Sara Ahmed (2004, p. 6, tradução nossa), nesse sentido, argumenta que: “Usarei a ideia de ‘impressão’, pois isso me permite evitar distinções analíticas entre sensação corporal, emoção e pensamento como se pudessem ser ‘experimentadas’ como domínios distintos da ‘experiência’ humana”¹². Abu-Lughoooh e Luz (1990, p. 18), por sua vez, contornam a elaboração de uma definição alegando o foco não nas emoções em si, mas os discursos sobre emoções.

¹¹ “*emotions is absolutely essential for sociology because no action can occur in a society without emotional involvement*”

¹² “*I will use the idea of ‘impression’ as it allows me to avoid making analytical distinctions between bodily sensation, emotion and thought as if they could be ‘experienced’ as distinct realms of human ‘experience’.*”

A elaboração de uma definição da categoria emoção envolve tomadas de posição que podem facilmente fazer com que se caia nas tradicionais dicotomias entre natureza/cultura, razão/emoção e estrutura/ação. O que já diziam Abu-Lughood e Lutz (1990), que as emoções são aqueles objetos tomados como dado tanto pelo senso comum como pela academia, frequentemente localizando-as no corpo, também contribui no sentido de uma não definição, e Turner (2007, p. 1-2, tradução nossa), por outro lado, é enfático ao dizer que "uma definição do nosso tópico é elusiva¹³", mas que de uma perspectiva cultural as "emoções são as palavras e os rótulos que os humanos dão a estados fisiológicos específicos de excitação¹⁴". Uma elaboração mais geral e que não difere muito de muitos estudos é a formulação de Barbalet (2000, p. 1), segundo a qual uma emoção é uma experiência de envolvimento, profunda ou rasa, positiva ou negativa em relação a um evento, pessoa ou condição que necessariamente importa para a pessoa, proporcionalmente.

A despeito da não elaboração de uma definição fechada de categoria emoção, alguns autores resolvem o dilema distinguindo tipos de emoções, desde manifestações mais irrefletidas e universais, mais próximos de correntes biológicas e psicológicas, até emoções elaboradas socialmente. O influente modelo das emoções básicas do psicólogo Paul Ekman postula que para ser considerada uma emoção básica é necessário seguir uma série de critérios, dentre eles possuir sinais distintivos universais, como as expressões corporais referentes a cada emoção, iguais em culturas diferentes, avaliação automática e ser presente em outros primatas (EKMAN; CORDARO, 2011). Ekman e Cordaro (2011, p. 369, tradução nossa) tomam essas manifestações como psicológicas e não aprendidas culturalmente, sendo respostas pré-instaladas a estímulos que afetam a espécie humana a milhares de anos, e ainda que "língua e emoções são independentes uma da outra¹⁵", pois a "língua é socialmente construída; emoções básicas não¹⁶". As seis emoções consideradas básicas eram inicialmente a raiva, o medo, a tristeza, a felicidade, o nojo e a surpresa, sendo acrescentada em sua versão mais atualizada o desprezo, e apesar da perspectiva universalista e naturalista, a teoria de Ekman é subsidiada em vastos estudos empíricos nas mais diversas culturas e além disso oferece definições estritas de cada emoção, diferente dos outros autores aqui mobilizados.

¹³ "a definition of our topic is elusive."

¹⁴ "emotions are the words and labels that humans give to particular physiological states of arousal."

¹⁵ "Language and emotion are independent of each other"

¹⁶ "Language is socially constructed; basic emotions are not"

O modelo de Ekman serve de base a muitos autores e recorrentemente é tomado como paradigma de todas as emoções, como elencam criticamente alguns autores das ciências sociais (COELHO; REZENDO, 2011; JASPER, 2011). A elaboração de Turner (2007) considera as mesmas seis primeiras emoções de Ekman, mas as chama de *primárias*, ao passo que Goodwin, Jasper e Polletta (2004) chamam esse tipo de estados mentais mais automáticos e de curta duração de emoções *reflexo*, considerando as mesmas seis emoções que Turner (2007), exceto felicidade que é substituída pela equivalente alegria. Turner e Jasper vão além do modelo das emoções básicas, elaborando outros tipos de emoções, mais próximas do interesse sociológico. Segundo Turner (2007), os seres humanos têm a capacidade de sentir as emoções em uma escala de intensidade – baixa, média e alta – e em seu esquema a elaboração ou mistura das emoções primárias gera novas manifestações, remetendo à ideia das cores primárias, gerando novos estados mentais que variam conforme a combinação e a intensidade de cada emoção, dando origem a elaborações de primeira e segunda ordem. É o modelo elaborado por Jasper, por sua vez, que fornece uma tipificação de emoções, classificando os seus tipos em uma escala até manifestações mais elaboradas culturalmente.

Ainda próximo das manifestações biológicas, Jasper (2018, p. 3) elenca os impulsos ou desejos (*urges*), que são nada mais do que necessidades corporais urgentes que afastam outros sentimentos até que sejam saciadas, tais como luxúria, fome, necessidades de urinar e defecar, exaustão e dor. Já os *humores*, por outro lado, são mais duradouros e podem ser carregadas de um cenário para outro, não possuem um objeto direto e podem condicionar e ser impactados pelas emoções reflexo (JASPER, 2011, p. 3), como o otimismo e pessimismo. Porém, são outros dois tipos de emoções, mais duradouras e que envolvem elaborações culturais que são relevantes para a sociologia.

2.3.3 As emoções morais e a síntese teórica

O estudo das emoções pelas diferentes áreas foi e ainda é permeado por dualismos e oposições como individual/social, natureza/cultura e razão/emoção, e muitos estudos, como foi dito acima, ainda utilizam o modelo das emoções básicas do psicólogo Paul Ekman, que, segundo ele, são encontradas em todas as culturas, estão associadas a mudanças no organismo e são acompanhadas por expressões faciais. Alguns autores mais recentemente, como Sarah Harkness e Steven Hitlin (2014) e Jasper (2018), tem refletido sobre moral, cognição e emoções, defendendo perspectivas que articulam essas dimensões ou tomando sentimentos como forma de pensamento, tentando fugir da dicotomia entre pensamento racional ou

emoção. Jasper (2014, p. 25, tradução) toma as emoções como forma de pensamento e não como opostos: “Ao invés do que o oposto do pensamento, as emoções são formas de pensamento e, como tal, fazem parte da cultura misturada junto com proposições cognitivas, princípios e intuições morais¹⁷”. Ainda, Harkness e Hitlin (2014) encontram evidência em estudos empíricos da neurociência de que a razão não é suficiente para causar comportamento moral, que requer emoções. Barbalet (2000) nesse sentido argumenta que toda ação, e até a razão em si, requer certas emoções facilitadoras.

Outros dois tipos de emoções do modelo de Jasper (2011, 2018) são relativamente mais estáveis e de longa duração, envolvendo elaborações cognitivas, culturais e morais mais complexas. A primeira delas são as emoções *afetivas*, que são apegos ou aversões, como os pares amar-odiar, respeito-desrespeito, confiança-desconfiança e admiração-desapreço. O segundo tipo, ainda mais pertinente para a sociologia e o foco desta dissertação, são as emoções *morais*, as quais

envolvem sentimentos de aprovação e desaprovação baseados em intuições e princípios morais, bem como nas satisfações que sentimos quando fazemos a coisa certa (ou errada), mas também quando sentimos a coisa certa (ou errada), como compaixão pelo lamentável ou indignação por injustiça¹⁸ (JASPER, 2011, p. 3, tradução e grifos nossos).

No que diz respeito a esse tipo particular de emoções, cabe uma aproximação com a sociologia da moral, que tem na obra de Durkheim um marco importante. Segundo Weiss (2015), os princípios morais são indissociáveis da vida coletiva e orientam a vida dos indivíduos. A noção de emoção moral de Jasper tem a ver com noções de certo e errado, bem como senso de justiça, em sentido próximo de formulações da sociologia da moral, a qual entende que “‘moral’ refere-se, em sentido bastante abrangente, à dimensão prática da vida humana, à esfera da ação, conquanto esta se oriente por princípios que dividem as coisas entre bem e mal, bom e ruim, certo e errado, justo e injusto” (WEISS, 2015, p. 1). De acordo com Harkness e Hitlin (2014, p. 466, tradução nossa), as emoções morais “simultaneamente implicam o núcleo mais profundo do indivíduo e os padrões comunitários mais fortes e importantes; eles definem eus, grupos sociais e sociedades¹⁹”, e a moralidade extrai seu poder por meio do nojo, empatia, vergonha e outras relacionadas.

¹⁷ “*Rather than the opposite of thought, emotions are forms of thinking, and as such are a part of culture mixed together with cognitive propositions and moral principles and intuitions.*”

¹⁸ “*involve feelings of approval and disapproval based on moral intuitions and principles, as well as the satisfactions we feel when we do the right (or wrong) thing, but also when we feel the right (or wrong) thing, such as compassion for the unfortunate or indignation over injustice.*”

¹⁹ “*simultaneously implicate the deepest core of the individual and the strongest and most important community standards; they define selves, social groups, and societies.*”

James Jasper (2018) considera como emoções morais a vergonha, a culpa o orgulho, a indignação, o desprezo e a compaixão, as quais, portanto, atendem aos requisitos deste tipo de manifestação. Em seu modelo de emoções, elaborado para estudar os movimentos sociais focando na sua atuação nos processos de mobilização, a indignação ocupa posição central, por encorajar a ação, que tem destaque também em outros estudos sobre movimentos sociais, como Castells (2013), atentando para a indignação e a esperança. Em relação ao objeto em questão desta dissertação, acredita-se que a vergonha, culpa e orgulho, por envolverem sentimentos de aprovação ou desaprovação sobre si, serão menos preponderantes do que as outras. Jasper (2018, p. 129) elenca que as emoções morais, e especialmente a indignação, “se desenvolvem a partir de nossas reações e crenças sobre os sistemas sociais em que vivemos²⁰,” e está associada ao senso de justiça.

Além da indignação, o nojo e a compaixão são manifestações relevantes em respostas dos sujeitos nas redes sociais frente a casos de violência, como já foram observadas em contexto semelhante por Fischborn e Almeida (2020). Apesar do nojo ser tomado por Ekman e Cordaro (2011) e Jasper (2018) como emoção básica e reflexo, respectivamente, William Miller (1997), por outro lado, defende que, embora seja vista como mais visceral que as demais emoções, ela é tida como moral, sendo fundamental na estruturação do mundo e da postura dos sujeitos quanto a ele. Miller (1997) argumenta, então, que o nojo é essencialmente moral, pois ranqueia as coisas e as pessoas em um tipo de ordenamento. Além disso, tal emoção está intrinsecamente ligada à ideia de perigo, contágio e poluição por proximidade, indicando “expressões que declaram coisas ou ações repulsivas, revoltantes ou que dão origem a reações descritas como repulsa e aversão²¹” (MILLER, 1997, p. 2, tradução nossa).

Apesar de Jasper (2018, p. 143) englobar o nojo como emoção reflexo, ele incorpora o desprezo dentre as emoções afetivas e morais, mas em um sentido menos de reação biológica, em direção similar a Miller (1997), no que diz respeito a expressar desaprovação por quem viola normas morais, e por conta disso, toma-se o nojo e desprezo enquanto moral, destacando sua dimensão moral. Mesmo Ekman e Cordaro (2011, p. 365, tradução nossa), em sua versão mais atualizada do modelo das emoções básicas, que são universais, incorporam o desprezo, o definindo como “sentir-se moralmente superior a outra pessoa²²”. Miller afirma que a cultura é inconcebível sem o nojo e sentir isso é humano e humanizador, demonstrando o “importante

²⁰ “develop out of our reactions to and beliefs about the social systems in which we live”

²¹ “expressions declaring things or actions to be repulsive, revolting, or giving rise to reactions described as revulsion and abhorrence”

²² “feeling morally superior to another person”

papel que desempenha na organização e internalização de muitas das nossas atitudes em relação aos domínios moral, social e político²³” (MILLER, 1997, p. 18, tradução nossa).

Outra emoção moral, que pode ser tomada como oposto do nojo ou desprezo, é a compaixão (JASPER, 2019, p. 144), cujas regras envolvidas Cadence Clark (1997) buscou compreender no processo de dar e receber essa emoção, o qual, quando funciona, estabelece uma ponte entre quem dá e quem recebe. Segundo Clark (1997, p. 82) a compaixão, para ser recebida, indica que alguém passa por problemas que devem ser compreendidos como má sorte, e não sua responsabilidade. Portanto, se a situação ruim for causada pelo ator, terá menos chances de suscitar compaixão:

Não importa o quão ruim as pessoas considerem uma situação difícil, no entanto, se o sofredor, o ator social, a causou, outras pessoas podem não simpatizar [sentir compaixão]. Uma situação difícil é má sorte quando não é o resultado da vontade, conduta imprópria, negligência, risco corrido ou, de alguma forma, ‘provocando em si mesmo’²⁴ (CLARK, 1997, p. 88, tradução e grifos nossos).

Neste sentido a compaixão é uma emoção moral, pois não é qualquer evento problemático que pode suscitá-la, do mesmo modo que quem a recebe é tido como alguém que tem valor. Quem sofreu um infortúnio, mas que foi culpado ao menos parcialmente por isso, não é digno de suscitar compaixão, pela crença difundida de mundo justo, em que as pessoas têm o que merecem ou fazem por merecer. A compaixão pode atuar demarcando fronteiras entre os grupos, hierarquizando indivíduos e evidenciando regramentos morais (COELHO, 2010).

Quadro 1 - Emoções e seus tipos segundo cada corrente

Emoção	Tipo	Fonte
Indignação	Moral	Jasper (2018)
Compaixão	Moral	Clark (1997)/Jasper (2018)
Nojo	Moral/Reflexo/Básica	Miller (1997)/Jasper(2018)/Ekman e Cordaro (2011)
Desprezo	Moral e Afetiva/Básica	Jasper (2018)/Ekman e Cordaro (2011)
Vergonha	Moral	Jasper (2018)
Culpa	Moral	Jasper (2018)
Orgulho	Moral	Jasper (2018)
Tristeza	Reflexo/Básica	Goodwin, Jasper e Polletta (2004)/Ekman e Cordaro (2011)
Surpresa	Reflexo/Básica	Jasper (2018)/Ekman e Cordaro (2011)

²³ “important role it plays in organizing and internalizing many of our attitudes toward the moral, social, and political domains.”

²⁴ “No matter how bad people consider a plight to be, however, if the sufferer, the social actor, has caused it, others may not sympathize. A plight is unlucky when it is not the result of a person’s willfulness, malfeasance, negligence, risk taking, or in some way ‘bringing it on him or herself’.”

Emoção	Tipo	Fonte
Raiva	Reflexo/Básica	Jasper (2018)/Ekman e Cordaro (2011)
Medo	Reflexo/Básica/Política/ Social	Jasper(2018)/Ekman e Cordaro (2011)/Robin(2004)/ Barbalet (1998)
Alegria/Felicidade	Reflexo/Básica	Jasper (2018)/Ekman e Cordaro (2011)
Choque	Reflexo	Jasper (2018)
Decepção	Reflexo	Jasper (2018)
Admiração	Afetiva	Jasper (2011)
Desapreço	Afetiva	Jasper (2011)
Confiança	Afetiva	Jasper (2018)
Desconfiança	Afetiva	Jasper (2018)
Amor	Afetiva	Jasper (2018)
Ódio	Afetiva	Jasper (2018)
Respeito	Afetiva	Jasper (2018)
Desrespeito	Afetiva	Jasper (2011)
Otimismo	Humor	Goodwin, Jasper e Polletta (2004)
Pessimismo	Humor	Goodwin, Jasper e Polletta (2004)

Fonte: Elaboração própria.

Além do foco nas emoções afetivas e sobretudo nas emoções morais, dado o objeto desta dissertação, o medo também se faz relevante. Autores como Robin (2004, 2016), Boucheron (2016) e Barbalet (1998) compreendem que há um medo no sentido de uma emoção básica e individual, mas o seu foco é em um medo em sentido coletivo, social ou político, elencando seu papel em processos sociais, sobretudo na dominação. Basicamente a única emoção abordada nos estudos sobre violência, essa literatura em geral associa o medo a submissão à ideias autoritárias, sobretudo em sua dimensão punitivista, e diminuindo as interações sociais (SILVA; BEATO FILHO, 2013; LIMA *et al.*, 2020; ADORNO, 1996; ZALUAR, 2006; TRINDADE; DURANTE, 2019; CARVALHO; ALMEIDA, 2019; BAIERL, 2003).

A discussão acima, sobretudo o modelo proposto por Goodwin, Jasper e Polletta (2004) e Jasper (2011, 2018), classificando as emoções em tipos, em uma escala desde respostas automáticas, inspirada nas emoções básicas de Ekman, até manifestações mais elaboradas moralmente, está sintetizada no Quadro 1, dispondo cada emoção e a respectiva tipificação segundo cada corrente. O quadro é complementado pelos outros autores discutidos, reforçando cada emoção específica trabalhada, formulando em conjunto, sobretudo a partir de três linhas de estudo das Ciências Sociais, um modelo teórico relativo as emoções para abordar o tema proposto por esta dissertação: os discursos sobre a violência nas redes sociais.

3 COMUNICAÇÃO E PLATAFORMAS A PARTIR DA SOCIOLOGIA DIGITAL

Em 2020 a presença de dispositivos digitais conectados mediando relações sociais já não é uma novidade. Ao longo desta década foi possível observar no Brasil a massificação de telefones inteligentes, os *smartphones*, e o estabelecimento de um tipo de relações cada vez mais conectadas através de redes sociais. Uma divisão entre mundo real e digital, on-line e off-line, característica no início do desenvolvimento da internet ainda nos anos 1990, tem sido deixada de lado, dada a interconexão entre ambas dimensões, em meio as quais é difícil estabelecer uma clara fronteira. Houve quem apostou que o desenvolvimento da internet, com estrutura horizontal, permitiria novo tipo de conexões entre os indivíduos, com potenciais de subversão das normas, especialmente de expressão de gênero, bem como a uma cultura participativa e novos tipos de ativismos de organização horizontal. Por outro lado, o desenvolvimento das plataformas em negócios lucrativos a partir de dados dos usuários, sobretudo com anúncios direcionados a cada indivíduo, aliada a arquiteturas que favorecem a propagação de notícias falsas e a presença de robôs em debates públicos relevantes demonstram o lado negativo de seus desdobramentos. Em meio a isso, o Twitter tem grande relevância atual, enquanto plataforma de informação, pela organização de movimentos sociais, discussões e mobilizações sobre os mais variados temas.

Este capítulo busca contemplar esses tópicos, iniciando com informações sobre o acesso à internet, o uso de redes sociais no Brasil e o perfil desses usuários. Em seguida discute-se questões relativas a comunicação no século XXI, que inaugura novas possibilidades em relação aos meios de comunicação convencionais. A seção seguinte faz uma breve incursão sobre o contexto atual no qual as plataformas estão inseridas, destacando seus elementos constitutivos, modelo de negócios e algoritmos, que têm sido terreno fértil para a propagação de desinformação. No segundo subcapítulo, delinea-se uma discussão mais atenta sobre o Twitter, seu conceito inicial, aspectos gerais da plataforma, caracterizando o contexto em que as interações objeto desta pesquisa ocorrem, uma vez que esta condiciona seus usos e o conteúdo que nela é produzido. Por fim, são debatidos aspectos metodológicos e teóricos do campo da sociologia digital, sobretudo a respeito de que questões devem ser levadas em conta ao pesquisar ambientes digitais, que junto com o referencial das emoções apresentados no capítulo anterior integram o quadro teórico dessa dissertação.

3.1 A COMUNICAÇÃO NO SÉCULO XXI POR REDES SOCIAIS

3.1.1 Sociedade conectada: acesso à redes sociais no Brasil e o perfil dos usuários

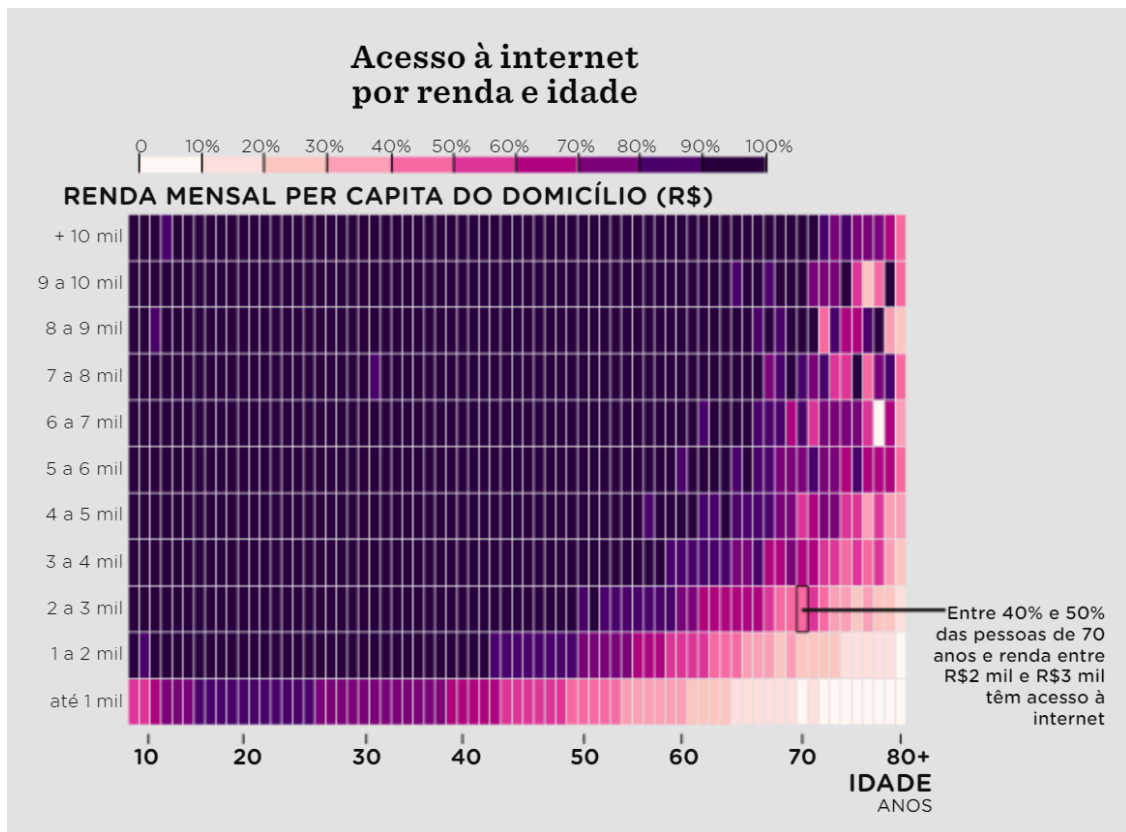
O relatório *Digital 2020: Global Digital Overview*, feito anualmente pelos sites de serviços *Hootsuite* e *We Are Social*, revela que atualmente 4,54 bilhões de pessoas têm acesso à internet no mundo, o que corresponde a 59% da população de 7,75 bilhões, dos quais 3,8 bilhões usuários ativos de redes sociais (49%). No Brasil, que conta com população de 211,8 milhões, 150,4 milhões (72%) são usuários de internet e 140 milhões usuários ativos de redes sociais (66%). Em 2020 a grande presença desses dispositivos é um dado, mas este cenário mudou rapidamente nos últimos anos. Em 2012, ano do primeiro Relatório Digital, usuários de internet eram apenas 30% da população mundial, correspondendo a pouco mais de 2 bilhões de pessoas, e 22% utilizava redes sociais, mas a presença de telefones celulares já chegava a 86% da população. Nota-se, então, que em um espaço curto de tempo, de 2012 a 2020, o acesso à internet mundial foi de 30% para 59% da população, chegando a mais de 4,5 bilhões de pessoas.

Esses dados fornecem um bom panorama quanto ao acesso à internet e usos de redes sociais em nível mundial e nacional. Porém, são dados da mais recente Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2017, na seção Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), que revelam o perfil socioeconômico de quem tem acesso a essas tecnologias no Brasil. Com metodologia de entrevistas a domicílio com pessoas com 10 anos ou mais, os resultados revelam que 52,7 milhões de residências contavam com utilização de internet, 74,9% do total, se predominando em áreas urbana, atingindo 80%, contra 41% das residências rurais. A PNAD revela ainda desigualdades no acesso à internet em relação as regiões do país, predominando maior acesso nas regiões centro-oeste (76,6%), sudeste (76,5%) e sul (73,2%), e menos no norte (60,1%) e nordeste (58,4%). Em relação a faixa etária, o predomínio está entre 14 e 39 anos, cobrindo cerca de 82%, atingindo pico de 88,4% na faixa dos 20 a 24 anos, que só cai abaixo da metade a partir dos 60 anos ou mais (31%).

Seguindo com dados da PNAD, em relação ao nível de instrução, quase a todas as pessoas com ensino superior incompleto (97,7%) e completo (96,4%) tem acesso à internet, seguido por ensino médio completo (88%) e incompleto (85%). A menor cobertura é nos que tem ensino fundamental completo (73,5%), fundamental incompleto (60,6%), que atinge o mínimo em que em pessoas sem instrução (11%). Observa-se, portanto, que são indivíduos

com pelo menos ensino médio que concentram o acesso à internet, atingindo mais de 96% deles, seguido por jovens e adultos entre 14 e 39 anos, domicílios urbanos, e as regiões centro-oeste, sudeste e sul. Em contraponto, quem se vê sem acesso são das regiões nordeste e norte e de modo mais intenso pessoas acima dos 60 anos, sem ensino fundamental completo e 89% dos que não tem instrução.

Figura 1 - Acesso à internet por renda e idade no Brasil

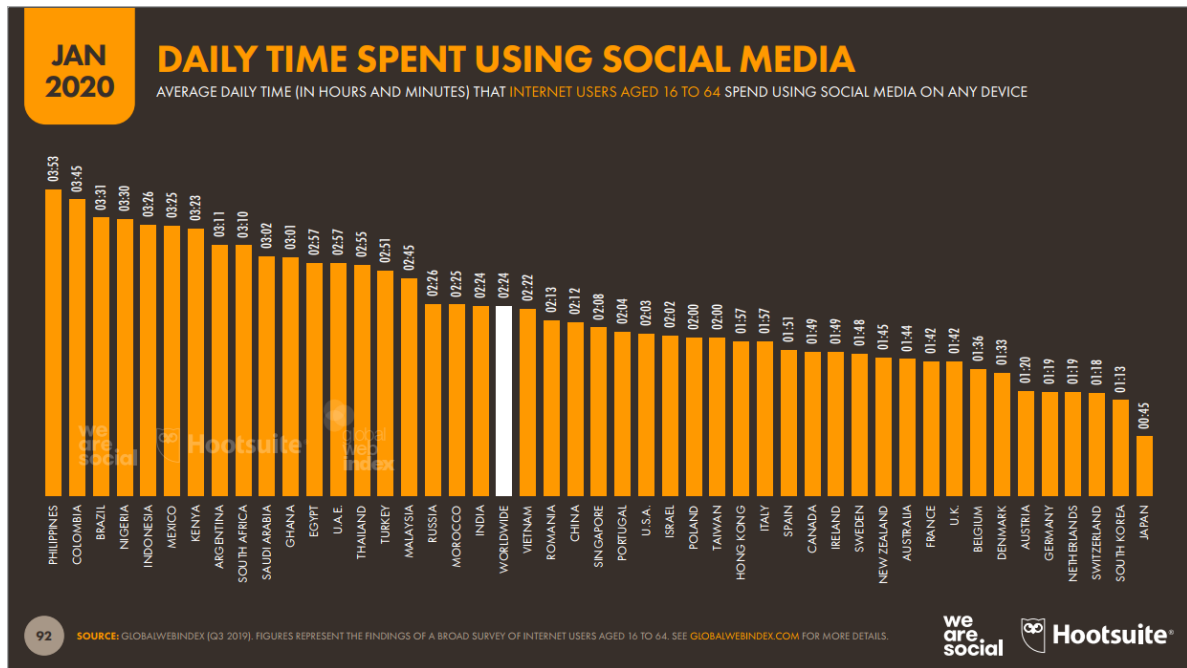


Fonte: Nexo Jornal (SOUZA; ZANLOURENSSI, 2019).

Em uma matéria do Nexo Jornal sobre os dados dessa pesquisa PNAD, o jornal cruza alguns dados explicitando mais desigualdades juntando as variáveis de renda e idade, conforme a Figura 1. O predomínio de acesso à internet se dá principalmente em domicílios com maior renda per capita e também por pessoas com menor idade. A partir da faixa de 1 a 2 salários mínimos, basicamente todos grupos tem mais de 90% de acesso até a faixa dos 40 anos. Conforme a renda aumenta, a idade máxima em que há mais de 90% também aumenta, sendo que os indivíduos de domicílios com maior renda têm quase 100% de acesso até os 70 anos. Outra pesquisa com metodologia semelhante feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação em 2019 dispõe informações sobre o acesso

à internet por classe social, atingindo 99% na classe A, 95% na classe B, passando a 80 % na classe C e apenas 50% das classes D e E. De modo geral, então, quase todos indivíduos das classes A e B, de maior renda e mais jovens tem acesso à internet, e apenas metade das classes D/E.

Figura 2 - Tempo médio gasto em mídias sociais por país

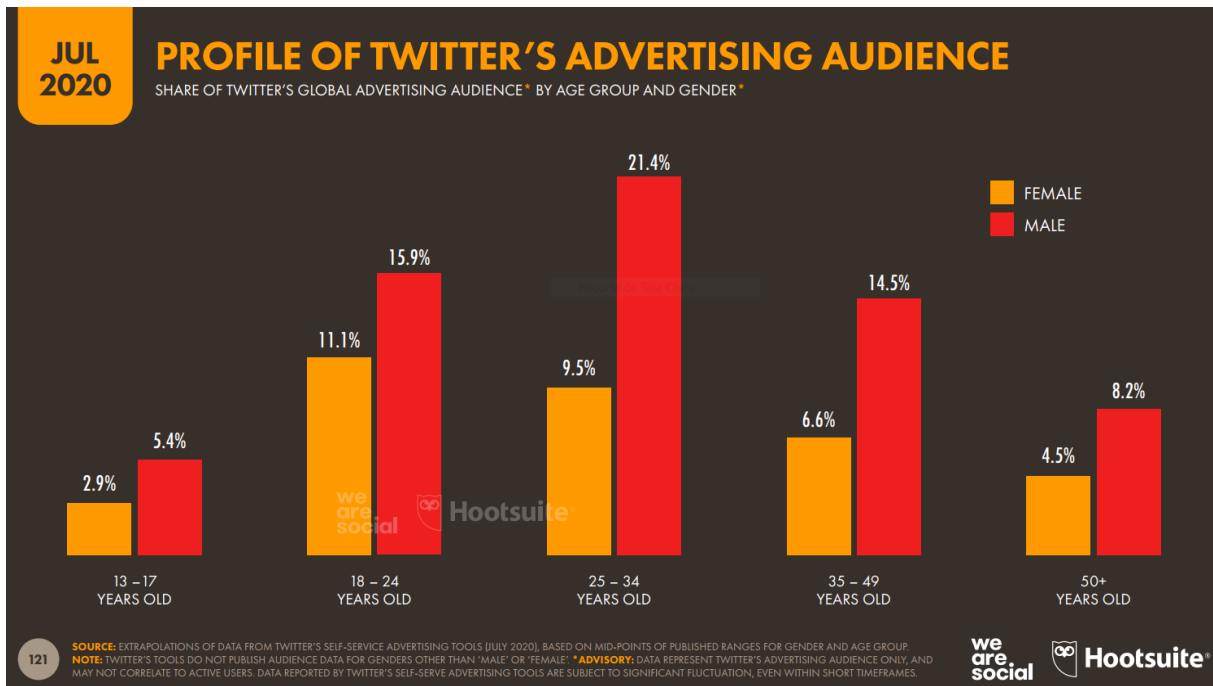


Fonte: Digital 2020: Global Digital Overview.

Voltando ao Relatório Digital 2020, há informações quanto ao tempo diário utilizando internet e redes sociais, assim como as mais utilizadas pelos brasileiros, a partir de dados de *survey*. O Brasil é o terceiro país do mundo que passa mais tempo diário na internet, com média de 9 horas e 17 minutos, atrás apenas das Filipinas e África do Sul, e ocupa a mesma posição quanto ao tempo diário em redes sociais, com média de 3 horas e 31 minutos, atrás das Filipinas e Colômbia (Figura 2). A versão específica do relatório sobre o Brasil, o *Digital 2020: Brazil*, indica que os telefones móveis figuram como principal meio de acesso (98,7%) à internet, seguido por microcomputador (52%), que está em declínio. O relatório ainda indicou as plataformas mais ativas no país, se destacando o Youtube, utilizado por 96% dos respondentes no último mês, o Facebook (90%) e o WhatsApp (88%). O Twitter, por sua vez, ocupa a sexta posição em preferência, usada por 48%, atrás do Instagram (79%) e Messenger do Facebook (66%).

O Brasil é o quinto país mais presente no Twitter, com mais de 12 milhões de usuários em 2020, segundo o relatório digital. Há pouca informação demográfica sobre os usuários da plataforma, pois ela não divulga esses dados, mas uma estimativa sobre o perfil da audiência no Twitter para anúncios oferece uma aproximação, disposta na Figura 3. De modo geral, há predomínio masculino em 62%, ao passo que apenas 38% do público é feminino, concentrados na faixa de idade entre 25 e 34, que correspondem a 30,1%, seguido pela faixa etária de 18 a 24 anos (27%) e de 35 a 29 anos (21,1%). Se esses dados forem uma boa estimativa dos usuários do Twitter e se no Brasil essa tendência for seguida, os homens são a maior parte do público, e a mais da metade tem entre 18 e 34, um público adulto e não tão jovem.

Figura 3 - Gênero e idade da audiência de anúncios do Twitter no mundo



Fonte: Digital 2020: July Global Statshot (2020).

3.1.2 A comunicação por redes sociais: novas possibilidades

Os dados acima em conjunto revelam que a internet e as redes sociais já fazem parte da vida da maior parte das pessoas no Brasil e no mundo, implicando que a vida é digital, ou pelo menos mediada por dispositivos conectados. O que passa a definir nossa era em termos sociológicos é a conexão em rede por meios tecnológicos, passando de uma sociabilidade baseada nas relações face a face para uma sociedade em que as relações são mediadas pela

conectividade, que integram a vida cotidiana e não são uma esfera à parte (MISKOLCI, 2016; MILLER *et al.*, 2016).

É justamente a comunicação que se torna um elemento chave que possibilita estabelecer características do período atual, elencando o que há de propriamente novo. Antes do advento da internet, as mídias disponíveis eram sobretudo os meios de comunicação de massa como a televisão e o rádio, cuja transmissão é pública e unidirecional, isto é, a mensagem era igual para toda a audiência, com um único emissor. Além do *broadcast*, outro recurso bastante distinto eram os telefones fixos, possibilitando diálogos privados entre dois aparelhos que podem emitir e receber mensagens de voz. Com a internet, difundida comercialmente a partir de 1995, são possibilitados novos tipos de comunicação, mas que são apenas mais bem desenvolvidos a partir a Web 2.0, com interfaces mais interativas e acessíveis ao usuário comum. As redes sociais on-line, características desse novo desenvolvimento, abrem novas possibilidades, em níveis intermediários as transmissões públicas e a comunicação privada entre duas pessoas. Segundo Miller (2016), a internet rompe a polarização entre *broadcast* e comunicação diádica, uma vez que os sites de redes sociais diminuem a escala das transmissões públicas e aumentam a interação entre duas pessoas para conversas em grupo. Algumas plataformas, então, aumentaram a escala das transmissões privadas enquanto outras diminuíram a escala de comunicações públicas.

Inicialmente houve quem pensou que a internet poderia acabar com os tipos de comunicação existentes até então, porém, assim como o rádio não acabou com o jornal e a televisão não acabou com o rádio, a internet não acabou com as outras mídias. Manuel Castells (2015) argumenta que o período atual se caracteriza pela cultura da convergência, isto é, interação e complementaridade entre os três tipos de comunicação, diluindo suas fronteiras. A auto comunicação de massa, modalidade mais interativa que surge com a internet, não substitui e acaba com a comunicação interpessoal e de massa, ou nos termos de Miller (2016), comunicação diádica e pública, e o que há de novo nesse contexto é justamente esta convergência comunicativa. A produção e compartilhamento de conteúdo nas redes sociais se caracterizam pela multidirecionalidade, não centralidade e instantaneidade. Essas modalidades estão tão imbricadas contemporaneamente que não é possível compreender uma sem entender as outras. A produção, a transmissão e o consumo da informação também muda com as novas tecnologias e o jornal continua sendo um meio importante de comunicação de massa, mas sua plataforma muda e usuários de internet com menos de 30 anos leem jornais principalmente on-line (CASTELLS, 2015).

O desenvolvimento das redes sociais inaugura novas possibilidades de comunicação, que por sua vez permitem novos canais de expressão e subjetivação, somente possíveis em uma sociedade de lógica neoliberal. Antes do advento dos *smartphones*, ainda em meados dos anos 2000, as famílias contavam com um computador para toda a família, que era fixo e deveria ser dividido o tempo de uso com todos os membros. Esses dispositivos popularizaram o acesso a tecnologias comunicacionais em rede nos anos 2010 no Brasil, devido a seu preço reduzido e interface acessível, em um período de crescimento econômico e inserção das classes populares no consumo (MISKOLCI, 2016, p. 280-1). Segundo Jair Ramos (2015, p. 64), dessa individualização dos dispositivos conectados “resulta que a atual organização dessas redes sociotécnicas funciona como um elemento de produção de indivíduos”. A internet possibilita formas de construção de si, característica de uma subjetividade neoliberal individual, sobretudo a partir dos *smartphones*, que individualizam o uso e permitem postagem de opiniões e formas de vida instantaneamente por meio de recursos de texto e audiovisuais.

A forma como os recursos comunicacionais serão utilizados e incorporados na sociabilidade dependerá do plano de fundo cultural no qual os indivíduos estarão inseridos. Esta é a perspectiva de Miller (2016), que reflete sobre como o mundo mudou as mídias sociais, comparando etnografias a respeito de como essas tecnologias são utilizadas em vários países, incluído o Brasil. No caso brasileiro, por exemplo, as redes sociais são usadas sobretudo para interagir com amigos, amigos de amigos ou de parentes, enquanto na China os usuários buscam novas amizades. Na Turquia, as mídias realçam conservadorismo e ultraconservadorismo, mas conversas privadas tem efeito liberalizante em mulheres jovens, ao passo que no Brasil há evidências em direção ao aumento da igualdade de gênero e de visibilidade de sexualidades não normativas (MILLER *et al.*, 2016, p. iv). Tais constatações demonstram como a cultura vai condicionar os usos desses dispositivos, fugindo de um tecnocentrismo, e também permite notar que o que é produzido nesses ambientes podem ser utilizados para compreender as relações sociais de modo mais amplo, não se restringindo ao âmbito on-line.

Juliano Spyer (2018, p. 20) realizou uma etnografia em uma comunidade no interior da Bahia, localizada em entre o meio urbano e rural, no um contexto de emergência econômica do país, e concluiu que “as mídias sociais são frequentemente usadas para reforçar formas de conservadorismo”. Quanto às diferenças de usos por classe social, o autor argumenta que os mais escolarizados frequentemente utilizam diferentes plataformas para alcançar pessoas diferentes, por exemplo LinkedIn para contatos profissionais e Twitter para

se relacionarem com outros públicos específicos, diferente do que observa em sua pesquisa. Nesse tipo de comunidade no Brasil, mas também na China e Índia, esse tipo de comunicação é priorizado frente a limitações materiais e de escolarização, sendo uma forma de manter relações densas com a família frente as migrações e novas modalidades de trabalho que estão as diluindo. Spyer (2018) elenca que as linhas do tempo do Facebook se parecem com os locais mais públicos da comunidade, em contraposição ao espaço do chats on-line, menos vigiados em que podem agir com mais liberdade.

3.1.3 Plataformas em contexto: desinformação, polarização e extrema-direita

Esta seção reflete sobre a dimensão política das redes sociais, desde a possibilidade de novos tipos de ativismos, perpassando por questões de poder e controle das plataformas, que facilita que conteúdos que geram engajamento sejam amplamente propagados, verdadeiros ou não, até a discussão sobre seus impactos no contexto atual da eleição de governos de extrema-direita ao redor do globo. Até os anos 1970 o desenvolvimento tecnológico era visto por intelectuais basicamente como forma de controle por governos e corporações, que passa a ser lido como instrumentos potenciais de liberação a partir da década seguinte. Esta visão se manifesta nos estudos da cibercultura, por meio dos trabalhos iniciais de intelectuais como Sherry Turkle e Donna Haraway, otimistas quanto a um futuro sem desigualdades, principalmente no que tange expressões de gênero não normativas (VAN DIJCK, 2013; GREEN; SINGLETON, 2013). Com a comercialização da internet em 1995 e o surgimento Web 2.0, até meados da década seguinte, há um triunfo dos usuários por meio do Facebook, Wikipédia e Youtube, que possibilitam empoderamento e autocomunicação, mas fora das expectativas de vitória dos idealistas da internet (VAN DIJCK, 2013, p. 11). As insurgências no mundo Árabe em vários países a partir de 2009, o movimento *Occupy*, o ciclo de manifestações de 2013, organizadas por meio das redes sociais sem lideranças, ilustram o auge do momento otimista, no sentido de levar a um mundo mais participativo e horizontal (CASTELLS, 2013).

Segundo José Van Dijck (2013), muitas redes sociais começaram como iniciativas comunitárias, mas posteriormente foram absorvidas por grandes corporações quando a explosão do número de usuários após 2005 tornou o investimento muito alto, diluindo o espírito não comercial de produção por pares. As plataformas são entendidas como fornecedoras de *softwares* que codificam relações sociais em uma arquitetura computacional, por meio de protocolos e algoritmos, em forma de uma interface amigável padrão que reflete

as escolhas estratégicas de seu proprietário, deste modo, não apenas mediam as relações dos usuários, mas sobretudo as moldam (VAN DIJCK, 2013, p. 29). O modelo de negócios se refere a como valor econômico é criado, cuja forma de monetização é medida em moedas como “dinheiro e atenção, dado e avaliação dos usuários²⁵”, uma vez que, mesmo sem taxas ou mensalidades para utilizar o serviço, as plataformas “são monetizadas através de conexões automáticas entre usuários, conteúdo, dado e anúncios²⁶”, de acordo com Van Dijck, Poell e Wall (2018, p. 10, tradução nossa). Esses aspectos não podem ser perdidos de vista, dado que essas empresas, cujo objetivo é faturar, o fazem por meio da atenção, dados e conexões dos usuários, criando um ambiente justamente para prender os indivíduos e para que interajam o máximo possível.

Os algoritmos, dimensão fundamental das plataformas, mediam os conteúdos e anúncios que o usuário receberá, não correspondendo simplesmente ao conteúdo postado por perfis que em ordem temporal. Dada a quantidade grande e crescente de informações que é produzida nas redes sociais, torna-se impossível, além de não ser desejável ao usuário, receber tudo, e o papel dos algoritmos é justamente filtrar e direcionar o que é mais provável que o indivíduo vai interagir. Lupton define um algoritmo como

uma sequência de comandos de código de computador que informa a um computador como proceder através de uma série de instruções para chegar a um ponto final especificado. Em suma, algoritmos são usados para resolver problemas em software. Algoritmos de computador estão se tornando cada vez mais importantes para facilitar as maneiras pelas quais as tecnologias digitais coletam dados sobre os usuários, classificam e dão sentido a esses dados e geram previsões sobre o comportamento futuro do usuário ou fazem sugestões sobre como o usuário deve se comportar²⁷ (LUPTON, 2014, p. 11, tradução nossa).

Para a autora, portanto, algoritmos são sequências de comandos que servem para resolver problemas de *softwares* e eles desempenham um papel muito importante por prever o comportamento dos usuários produzindo sugestões de conteúdos com maior probabilidade de gerar interação, a partir de dados coletados de seu comportamento. Estes códigos, que filtram a partir de dados do próprio usuário e informações globais, não são neutros, mas antes expressam desejos dos donos e investidores da plataforma, além de ser praticamente impossível saber como operam, pois o processamento é feito em tempo real com cálculos

²⁵ “*money and attention, data and user valuation*”

²⁶ “*are monetized through automating connections between users, content, data, and advertising*”

²⁷ “*a sequence of computer code commands that tells a computer how to proceed through a series of instructions to arrive at a specified endpoint. In short, algorithms are used to solve problems in software. Computer algorithms are becoming increasingly important in facilitating the ways in which digital technologies collect data about users, sort and make sense of these data and generate predictions about the user’s future behaviour or make suggestions about how the user should behave.*”

cada vez mais complexos e difíceis de serem reconstituídos a partir de seus *outputs* (LUPTON, 2014).

O que aparece nas páginas iniciais dos usuários, então, é a uma seleção a partir de conteúdos postados e compartilhados por perfis que o usuário segue e mensagens patrocinadas. Um impacto dessas recomendações é a criação de bolhas ideológicas, em que os usuários passam a receber cada vez mais conteúdo que concorda, ainda mais em um ambiente político polarizado. Outro ponto importante é que, apesar de qualquer pessoa poder fazer uma conta gratuitamente e produzir conteúdo, a visibilidade nas plataformas não é distribuída igualmente, sendo que quem tem mais recursos tem mais chances de ter grande propagação, por meio da redistribuição de outras pessoas (JENKINS; GREEN; FORD, 2014). Portanto, a partir do interesse das plataformas em manter os usuários nelas, os algoritmos direcionam conteúdos que tem mais chances de interação, gerando como consequência que publicações que geram engajamento, medido por curtidas, comentários, compartilhamento, ganham visibilidade e podem ser propagados em larga escala.

Por conta desses elementos, conteúdos com forte apelo emocional, extremistas e notícias falsas têm se disseminado com facilidade nas redes sociais, ainda mais com auxílio de contas automatizadas que se passam por humanos para engajar publicações, manipulando os algoritmos para ganhar mais visibilidade. A presença da *fake news* e de *bots* em campanhas eleitorais ao redor do mundo têm levantado discussões sobre o impacto das plataformas, notícias falsas e contas automatizadas no processo democrático, em uma guinada da extrema-direita em nível mundial. Os robôs, ou *bots*, consistem em contas automatizadas que se passam por humanos que buscam ampliar opiniões, manipular os consensos e os algoritmos para ganhar visibilidade. Um relatório do Diretório de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (DAPP/FGV), identificou a atuação dessas contas em discussões no Twitter a respeito de eventos importantes como os debates presidenciais de 2014, na manifestação *pró-impeachment* de Dilma Rousseff, na greve geral de 2017 e na votação da reforma trabalhista no senado. Robôs foram responsáveis por mais de 20% das interações no Twitter a favor de Dilma nas manifestações do *impeachment*, e o mesmo percentual das interações favoráveis a Aécio no segundo turno (RUEDIGER *et al.*, 2017).

Conforme Philip Howard, Samuel Wooley e Ryan Calo (2018), nas eleições estadunidenses de 2016 este tipo de conta automatizada também foi encontrada em grande número, atuando nas redes sociais para espalhar rumores e notícias fora de tópico que visavam poluir ou desviar o foco da discussão. Guido Carderelli *et al.* (2019) elenca que alguns estudos têm demonstrado que *bots* são eficientes em espalhar conteúdo de baixa

credibilidade, amplificando sua visibilidade, miram pessoas influentes e as bombardeiam com mensagens de ódio e interação com usuários de acordo com suas posições políticas. De acordo com Howard, Wooley e Calo (2018, p. 84, tradução nossa), tem sido demonstrado que “robôs podem ter um impacto político, não tanto na mudança de opinião dos eleitores, mas no ataque a jornalistas e no descrédito de líderes políticos²⁸”, assim como o conteúdo postado por esse tipo de conta estar associado às posições políticas mais extremas ou radicais (HOWARD; WOOLEY; CALO, 2018; RUEDIGER *et al.*, 2017). Os ataques a jornalistas e a imprensa tem sido observados em diversos estudos, assim como nos *tweets* objeto desta dissertação, e fazem parte de um movimento mais amplo de descrédito que as instituições tradicionais vêm sofrendo, como a mídia convencional, *experts* e a própria ciência (GARLAND, 2008; LUPTON, 2013; SCHWACZ, 2019; PINHEIRO-MACHADO, 2019; FELTRAN, 2020; FISCHBORN; ALMEIDA, 2020), visível também pela emergência de grupos terraplanistas e negacionistas nos últimos anos.

As notícias falsas e o uso de *bots* vêm sendo uma estratégia de campanhas políticas nas redes sociais, atuando para atacar opositores, disseminar rumores contra eles, como também amplificar alguma posição ou candidato, como se mais pessoas estivessem o apoiando do que realmente são. Essas contas automatizadas, que tentam se passar por pessoas, engajam publicações ampliando sua visibilidade nas plataformas. Os *bots* e notícias falsas atendem a um ambiente político polarizado e são utilizados por partidos e políticos dos lados mais extremistas do espectro político, radicalizando os embates. Sua atuação na política ocorre da seguinte forma:

Nas discussões políticas, os robôs têm sido usados por todo o espectro partidário não apenas para conquistar seguidores, mas também para conduzir ataques a opositores e forjar discussões artificiais. Eles manipulam debates, criam e disseminam notícias falsas e influenciam a opinião pública postando e replicando mensagens em larga escala. Comumente, por exemplo, eles promovem hashtags que ganham destaque com a massificação de postagens automatizadas de forma a sufocar algum debate espontâneo sobre algum tema (RUEDIGER *et al.*, 2017, p. 6).

Em relação às *fake news*, há discussões em torno de sua definição, se deve ou não incluir apenas conteúdos intencionalmente produzidos ou também erros de apuração e notícias comprovadamente falsas ou também exageros ou omissões. Ante a estes dilemas, Marcio Moretto e Pablo Ortellado (2018), argumentam que:

Mais adequado, talvez, seja olhar para o contexto no qual a ‘informação de combate’ tem sido produzida, tanto na imprensa alternativa, como na grande imprensa e

²⁸ “bots can have a political impact, not so much in changing voter opinion but in attacking journalists and discrediting political leaders”

pensar que a fabricação de fatos e outros procedimentos de distorção na produção de notícias são o resultado de um processo mais geral de rebaixamento dos padrões editoriais para atender um ambiente político polarizado (MORETTO; ORTELLADO, 2018, p. 73).

Analisando matérias compartilhadas pelas maiores páginas políticas no Facebook, os autores identificam dois grupos antagônicos e mutuamente excludentes, que se referem a bolhas de opinião. Uma delas é caracterizada por uma narrativa antipetista, englobando páginas de partidos e políticos de direita alinhados com liberalismo econômico e conservadorismo moral, enquanto a outra é composta por partidos e políticos de esquerda, amalgamadas com feminismo, movimento negro e LGBT e ONGs de direitos humanos. A proliferação de notícias falsas, para Moretto e Ortellado (2018), então, está ligada a um ambiente de polarização da esfera pública, no qual as pessoas estão em busca de narrativas que endossem suas visões de mundo, gerando um ambiente fértil para os sites de notícia hiperpartidarizados. Nas eleições presidenciais de 2018 foram recorrentes a presença de notícias falsas nas redes sociais, como a “mamadeira de piroca” e o “kit gay”, que se sedimentam em pânicos morais de uma sociedade conservadora. Em meio ao segundo turno, o jornal Folha de São Paulo noticiou que empresários bancaram pacotes de disparos em massa mensagens contra o Partido dos Trabalhadores (PT), que disputava contra Jair Bolsonaro, até então do Partido Social Liberal (PSL), apurando que cada contrato chegou a 12 milhões de reais (MELLO, 2018).

Esse fenômeno novo esbarra ainda na ausência de uma legislação e regulamentação que de conta das novas formas de campanha e tentativas de influenciar artificialmente o debate público. Ainda assim, mais recentemente a agenda política tem sido pressionada para a criação de legislações que deem conta do novo contexto e preservar a democracia, assim como as plataformas têm sido cobradas para adotar regulações mais eficazes contra este tipo de conteúdo e de contas inautênticas. Como a prática de financiamento de campanhas por empresas é ilegal, o caso divulgado pela Folha de São Paulo acabou gerando uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) que dentre os objetivos estava investigar ataques cibernéticos contra o debate público, *ciberbullying* e uso de perfis falsos para influenciar o pleito, segundo reportagem do G1 (REDAÇÃO G1, 2019). Mas o ponto dramático é o Inquérito das *fake news*, que apura ameaças ao Supremo Tribunal Federal (STF) e a disseminação de conteúdos falsos na internet, suspendendo judicialmente em julho de 2020 dezesseis contas de investigados ligados ao presidente Jair Bolsonaro, atingindo dentre outros o empresário como Luciano Hang, e o blogueiro Allan dos Santos, ligado ao site Terça Livre (FALCÃO; VIVAS; TAVARES, 2020).

Em relação as plataformas, uma dessas iniciativas foi a retirada de anúncios de grandes marcas como Coca-Cola, Unilever, Honda, dentre outras, do Facebook, pressionando e reivindicando maior controle contra a propagação de conspiradores e discursos de ódio após anos de convivência (SANDOVAL, 2020). Outra delas diz respeito a desinformações relativas a pandemia mundial do coronavírus, cujas principais plataformas tem alertado postagens com este tipo de conteúdo, retirado do ar e até suspenso contas, mesmo de autoridades políticas de grande visibilidade (REDAÇÃO O GLOBO, 2020). Estas iniciativas sugerem um novo momento de maior regulação das plataformas, com menos contas inautênticas e desinformação.

Apesar do impacto da desinformação no debate público, atribuir apenas as redes sociais a guinada à direita, cujos discursos de recorrentemente entram em choque com os valores da democracia liberal, é uma hipótese reducionista. Marcelo Alves dos Santos (2019) busca entender o que possibilitou de um candidato *outsider* de extrema-direita no Brasil, considerando o contexto político de deterioração de instituições democráticas, desde os excessos jurídicos da operação Lava Jato, a não aceitação dos resultados da eleição de 2014 até o processo de *impeachment*, que proporcionaram acúmulo de capital midiático pela extrema direita. Além disso, o autor também considera a reconfiguração do sistema midiático brasileiro a partir das plataformas para acesso de notícias, aceleraram a fragmentação dos fluxos informacionais, em meio ao qual atores de direita criaram redes próprias, alterando regimes de distribuição de visibilidade de atores políticos e pautas (ALVES DOS SANTOS, 2019, p. 23). Nas redes sociais, e em especial no Facebook, a imprensa tradicional perdeu espaço para sites de notícias alternativas, muitas vezes de desinformação, nos quais a direita e a esquerda criam nichos e narrativas próprias, com posicionamentos críticos à mídia hegemônica, atendendo, então, a um ambiente político polarizado (ALVES DOS SANTOS, 2019; MORETTO; ORTELLADO, 2018).

As redes sociais se tornaram canal de divulgação de ideias de vários grupos, dentre eles a “nova direita”, que surgem nesses espaços, fora dos meios tradicionais, e que gradualmente se inserem em debates mais amplos do país (SALLES, 2017). O Movimento Brasil Livre (MBL) ilustra esses grupos, entrando na arena pública a partir do ciclo de protestos de 2013 e ganhando destaque convocando manifestações a favor do *impeachment*, sendo uma delas a maior manifestação na Avenida Paulista desde as Diretas Já, segundo o Datafolha (SILVA BORGES, 2019). O MBL é o maior movimento social no Facebook, fazendo uso estratégico e profissional das mídias digitais para difundir seus ideais, inicialmente anti-petistas, privatistas e liberais, incorporando pautas conservadoras a partir de

2017, engajando-se em uma “guerra cultural”, aos moldes da *alt right*, a direita alternativa estadunidense (SILVA BORGES, 2019; PINHEIRO-MACHADO, 2019). Leonardo Salles (2017) argumenta que a nova direita, mesclando liberalismo e conservadorismo, não se distingue tanto da direita ideologicamente, mas sobretudo por seus novos atores, cuja trajetória difere da direita tradicional ligada ao empresariado, partidos políticos, militares ou grupos religiosos, e que dificilmente teriam êxito sem as novas mídias.

Último ponto a ser levado em consideração é a polarização nas redes sociais, que alguns estudos longitudinais com maior escopo temporal e volume de dados têm notado seu aumento nesta década, no mundo e no Brasil. A polarização, entendida como tendência a restringir o recebimento ou engajamento com informações políticas de um dos lados do espectro político da esquerda ou direita, aumentou entre 10 e 20% no Twitter entre 2009 e 2016 (GARIMELLA; WEBER, 2017, p.1). No caso brasileiro, já havia um princípio de polarização no Facebook em 2013, mas que após a eleição presidencial de 2014 a esquerda e direita se polarizam rapidamente (ALVES DOS SANTOS, 2019).

O otimismo com as subversões de gênero, a cultura participativa do início das redes sociais, os movimentos horizontais derrubando ditadores, até a emergência de governos conservadores, sustenta que as possibilidades da internet são ambivalentes. Ao invés de um desenvolvimento revolucionário da internet, as plataformas on-line são incorporadas pelas instituições que organizam a sociedade. Van Dijck, Poell e Wall (2018) caracterizam o período atual como “sociedade de plataforma”, discutindo sobre as redes sociais, os aplicativos de serviços e os seus impactos econômicos e sociais, frisando sua relação com as estruturas sociais:

Plataformas, em nossa visão, não causam uma revolução; em vez disso, estão gradualmente se infiltrando e convergindo com as instituições e práticas (off-line, legadas) por meio das quais as sociedades democráticas são organizadas. É por isso que preferimos o termo “sociedade de plataforma” - um termo que enfatiza a relação inextricável entre plataformas on-line e estruturas sociais. Plataformas não refletem o social: elas produzem as estruturas sociais em que vivemos²⁹ (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018, p. 2, tradução nossa)

Van Dijck, Poell e Wall (2018), então, apesar de reconhecerem a relação entre as plataformas e as estruturas sociais, dão maior ênfase ao impacto das plataformas em novas estruturas sociais. Tal perspectiva vai contra a posição de Miller (2016), o qual destaca que o

²⁹ “*Platforms, in our view, do not cause a revolution; instead, they are gradually infiltrating in, and converging with, the (offline, legacy) institutions and practices through which democratic societies are organized. That is why we prefer the term “platform society”—a term that emphasizes the inextricable relation between online platforms and societal structures. Platforms do not reflect the social: they produce the social structures we live in*”

modo como as novas mídias são incorporadas e utilizadas pelos indivíduos dependerá de questões culturais dadas. A perspectiva aqui adotada toma como possível ambos movimentos, em sentido de as plataformas serem arquitetadas para um tipo padrão de interação, que é feito para atender certo público que possui certo repertório cultural, que também vai ser impactar o tipo de uso. Do mesmo que plataformas e serviços, como Uber e Airbnb, por exemplo, impactam nas estruturas sociais, econômicas e práticas culturais.

3.2 O TWITTER E PESQUISA EM AMBIENTES ON-LINE

3.2.1 Twitter: o conceito e a arquitetura da plataforma

No subcapítulo acima foi exposto o perfil dos usuários de redes sociais no Brasil, as novas modalidades comunicativas que elas inauguram, bem com as dimensões importantes das plataformas, como seu modelo de negócio e seus algoritmos, além do contexto em que elas estão inseridas, de desinformação e polarização. Então, são apresentadas nesta seção informações relativas ao Twitter, um breve histórico, suas características, arquitetura, seu conceito e quando ferramentas importantes foram incorporadas. Apesar de não ser a rede social preferida dos brasileiros, como já foi dito, o Twitter foi escolhido por se aproximar dos objetivos desta dissertação, cujo foco são os discursos dos próprios atores sociais em relação a casos de violência de grande repercussão e de projeção nacional. No Facebook pode-se acompanhar os portais de notícia e coletar os comentários nestas publicações, mas desta forma se partiria dos meios de comunicação, e os comentários, reativos por natureza (REAGLE, 2015), seriam, então, uma reação à notícia. No Youtube teria que se analisar vídeos e seus respectivos comentários, tendo também um ponto de partida institucional, ao passo que no Instagram, cujo foco são imagens, as interações são mais restritas e é pouco utilizado para informação e opiniões; já no WhatstApp esbarra-se em dificuldades de coleta e de acesso a grupos não públicos, pois é um espaço mais privado. Portanto, o Twitter se faz mais adequado para acompanhar os fluxos de *hashtags*, no qual há mobilizações a todo instante, colocando termos dentre os mais comentados da plataforma, partindo dos próprios atores.

O Twitter, fundado em 2006 nos Estados Unidos, inicialmente se caracterizava pelas mensagens de texto de até 140 caracteres que poderiam ser postadas, pois a ideia dos fundadores era uma espécie de “SMS da internet”, com o mesmo limite de caracteres de uma mensagem de celular, dispositivo pelo qual era possível tuitar antes mesmo do advento dos

smartphones. De acordo com José van Dijck (2013, p. 70, tradução nossa), quando a plataforma surgiu, ninguém sabia como defini-la, se caracterizando como algo entre serviços de mensagem de texto, de e-mail, de ligação ou blog: “menos complicado do que manter um blog, menos exclusivo do que conversar com uma pessoa por telefone, menos formal do que a troca de e-mail e menos elaborado do que a maioria dos sites de redes sociais³⁰”. Posteriormente foi incorporada a possibilidade de postar também fotos e vídeos e em novembro de 2017 dobrou-se o limite de caracteres de 140 para 280.

Débora Leitão e Graziela Gomes (2017) fazem um paralelo do Twitter com a antropologia das cidades, interessada nos fluxos intensos e efêmeros, uma vez que as próprias características da plataforma convidam a seguir os tráfegos. Sobre a rede social, as autoras resumem:

Jack Dorsey, criador da plataforma, relata ter tomado como inspiração para o Twitter sua paixão pelos movimentos da pulsante vida cidadina, e em especial pelo uso que é feito do rádio por taxistas nas grandes cidades: veículo para mensagens muito curtas, informações sobre tráfego, comentários pontuais sobre engarrafamentos, notificações sobre crimes e atividades policiais. Os 140 caracteres, que acompanham o Twitter desde sua criação, têm como motivo a possibilidade de uso deste desde telefones celulares, por meio de SMS, uma vez que os hoje difundidos smartphones com acesso à internet móvel só se tornaram populares anos depois do surgimento da plataforma (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 46).

Uma ferramenta fundamental da plataforma foi incorporada no fim de 2008, filtrando e indexando instantaneamente as tendências, palavras ou frases precedidas por *hashtag* (#) que eram mais postadas naquele momento, apresentada em uma barra lateral, ao passo que a função de *retweet* foi incorporada no ano seguinte (VAN DIJCK, 2013). A empresa cuja pretensão em ser uma plataforma útil e independente, teve como desafio justamente se manter economicamente. Quem usou o Twitter em 2009 lembra quando o site caía por não aguentar o tráfego, aparecendo a trágica imagem de uma baleia sendo levantada por pássaros, o símbolo da rede social. Porém, é a partir de 2010 que se direciona a adoção de um modelo de negócios lucrativo, cujo marco foi a introdução de tuites e tendências promovidas, pagos por anunciantes. Enquanto serviço “gratuito”, sem cobranças ou taxas de quem utiliza, estratégia dominante nas redes sociais, opera por meio de anúncios publicitários direcionada a cada usuário, bem como pela venda de dados seus dados para outras empresas. A adoção de uma interface parecida com a de hoje ocorreu em 2011 em meio a essa guinada comercial, adicionando botões de início, as tendências, interações e mensagens privadas.

³⁰ “*less cumbersome than keeping a blog, less exclusive than talking to one person on a phone, less formal than e-mail exchange, and less elaborate than most social network sites.*”

Figura 4 - Capturas de tela do Twitter em um smartphone em 2019 – página inicial (esq.) e *trending topics* (dir.)



Fonte: Twitter.com.

A Figura 4 apresenta uma captura de tela dessa rede em um *smartphone*, dispositivo móvel pelo qual ela é mais acessada, que já configura um tipo de uso mais dinâmico e constantemente conectado. A imagem à esquerda é a página inicial, ou linha do tempo, que vai se alimentando em tempo real com o conteúdo de perfis que o usuário segue, que pode ser tanto de perfis pessoais quanto de instituições, personagens fictícios e etc. O usuário tem acesso rapidamente para tuitar (botão azul), pesquisar (na lupa abaixo), indo para os *trending topics*, chamado de tendências, que o usuário pode escolher a localização que deseja acompanhar, nesse caso as tendências do Brasil, que vai para a imagem à direita da figura. Abaixo estão posicionados também o ícone para ir a página inicial, o botão para as notificações e o ícone para as mensagens privadas.

Destacam-se as ferramentas de tendências e *hashtags* da plataforma, que aliadas as mensagens curtas de texto conferem interações instantâneas e permitem fluxos não restritos a perfis que o usuário segue, mas sobretudo pelo incentivo a ingressar nas discussões que estão em alta, incentivando essas mobilizações. As funcionalidades e características da plataforma são bem descritas por Leitão e Gomes (2017):

Uma das propriedades da plataforma é o fato de possibilitar contatos assimétricos entre usuários e contas. Ao contrário do que acontece em outras redes sociais, é

possível ‘seguir’ a conta de alguém sem que a recíproca seja verdadeira. Para além dessa particularidade, a utilização de hashtags (ou tags) que, cerca de um ano após o surgimento do Twitter, em 2007, passam a ser incorporadas na plataforma, é uma característica fundamental para o entendimento desse ambiente. Hashtags são marcadores e indexadores das publicações, adicionadas pelos próprios usuários. Trata-se de uma palavra-chave ou expressão precedida do símbolo cerquilha (#), etiquetas que se transformam, na plataforma, em conectores, links dentro da rede. Assim, clicando numa tag presente numa determinada postagem, é possível acessar as demais postagens que fizeram uso do mesmo marcador, o que, no caso do Twitter, significa de algum modo envolver-se na mesma discussão, participar de uma mesma conversa.

[...] Esse instrumento [hashtags] permite aglutinar e identificar informação pelo seu conteúdo, e não apenas pela data de postagem ou pelo perfil/conta do emissor da mensagem. Desde 2009 existe no Twitter o menu Trending Topics, no qual as tags mais utilizadas ficam agrupadas e visíveis a quem quiser consultá-las. É interessante ressaltar que o uso de hashtags surgiu no Twitter, sendo posteriormente incorporado a diversas outras plataformas, como Instagram e, desde 2013, a própria rede social Facebook (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 46-47).

Uma forma boa de caracterizá-lo é em comparação com outras redes sociais, destacando suas singularidades, seguindo a estratégia de Miller (2016), segundo a qual só se pode compreender uma plataforma em relação às outras, atentando para a escala de sociabilidade entre público-privado e o tamanho dos grupos. O destaque do Twitter, por sua vez, é justamente as mobilizações que os usuários em conjunto constroem, permitindo um tipo de pesquisa que acompanhe esses eventos que de uma hora para outra tomam conta das linhas do tempo e das tendências, possibilitando compreender visões de mundo, as interações entre os atores, além de como esses debates se constituem, tomam corpo e tomam determinada direção. As tendências, ou *trending topics*, que na própria página inicial apresentam os assuntos mais comentados naquele momento estimulam os usuários a ingressarem em discussões e expressarem opiniões, seguindo os fluxos de *hashtags*, cujas interações são menos restritas aos contatos adicionados como no Facebook. Por conta disso, portanto, o Twitter tem grande relevância no debate público e nas discussões políticas atuais.

Enquanto no Facebook convergem as identidades on e off-line e deve-se usar o nome verdadeiro (RAMOS, 2015), no Twitter os perfis podem ser institucionais, fictícios ou pessoais, e grande parte dos usuários não utilizam o nome completo ou real para terem maior liberdade e privacidade, e alguns frequentemente alteram fazendo referências a acontecimentos ou *memes* do momento. O Facebook se estrutura a partir das relações mutuas de amizade e geralmente é utilizado para manter as relações off-line, interagindo com familiares e amigos, se caracteriza por maior formalidade e expressão de valores mais tradicionais e de prosperidade (SPYER, 2018). O Twitter nesse sentido é o oposto, se caracterizando como um espaço em que os usuários acompanham pessoas com gostos afins, não necessariamente conhecidos na vida off-line, e por isso mesmo se expõem mais e de

modo mais coloquial. Algumas publicações que circularam no Twitter também comparam que se no Instagram todos têm a vida perfeita, nela justamente postam coisas mais autodepreciativas e reclamações, que não poderiam ser postadas no Facebook por conta de sua formalidade e presença de familiares.

Van Dijck (2013, p. 73, tradução nossa) cita uma lista do Wikipédia de 2010 que elencou usos notáveis do Twitter, como “ferramenta central: em campanha, procedimentos legais, educação, emergências, protestos e política, relações públicas, dissidência de denúncias, exploração espacial e pesquisas de opinião³¹”. No Twitter há constantes tentativas para emplacar *hashtags* nos assuntos mais debatidos da plataforma para dar visibilidade algum assunto, gerando ciberacontecimentos, que consistem em “episódios em que há ‘propagação explosiva de informação’ no ciberespaço causada pela divulgação de fatos com grande capacidade de mobilização de atenção através, quase sempre, de material visual, sonoro ou audiovisual” (ARIAS apud JUNGBLUT, 2015, p. 21). Sua relevância não se restringe a mobilizações on-line, pois às vezes começam nas redes sociais e posteriormente tomam as ruas, como o caso Marielle Franco, que foi teve a maior repercussão no Twitter até então e desencadeou protestos em várias cidades do país. As plataformas também foram fundamentais para a emergência de novos tipos de ativismos sem lideranças, como os novíssimos movimentos sociais, permitindo a convocação de idas às ruas.

Na linha do tempo dos usuários o que aparece não é simplesmente o conteúdo publicado por perfis seguidos, mas antes é mediado por algoritmos, conforme já discutido. Quanto ao modelo de negócios, o Twitter é menos comercial que outras redes como o Facebook, e há pressão de acionistas para incorporarem um modelo mais lucrativo, pois suas receitas são bastante inferiores do que a concorrência. Justamente por isso, o algoritmo do Twitter é muito menos agressivo do que o Facebook e Instagram, que inserem muita propaganda e interferem muito no que aparece nas páginas iniciais, privilegiando conteúdos que o usuário tem mais probabilidade de interagir. No Facebook, por exemplo, são poucas pessoas que aparecem na linha do tempo e que vão mudando recorrentemente, enquanto na rede de Jack Dorsey, além da menor presença de conteúdo patrocinado, parece ser mais fidedigna em relação as publicações dos perfis que o usuário segue.

Merece atenção também como opera a seleção do que se torna um *trending topics*, que a partir daí ganha destaque na plataforma. O próprio Twitter não revela com clareza como ele

³¹ “central tool: in campaigning, legal proceedings, education, emergencies, protest and politics, public relations, reporting dissent, space exploration, and opinion polling.”

funciona, para contornar iniciativas não autênticas que tentam manipular as tendências e inflar a popularidade de *hashtag*. Os *bots* tem maior facilidade de propagação no Twitter do que no Facebook, assim como os grandes portais jornalísticos tem maior destaque que no microblog, enquanto na rede social do Zuckerberg há maior visibilidade de conteúdos radicalizados que visam poluir os debates (RUEDIGER *et al.*, 2017; ALVES DOS SANTOS, 2019; BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018). Mas sabe-se que quando um termo subitamente passa a ser muito postado por diversas contas ele chega aos *trending topics*, que antes eram dez, mas agora apresentam os trinta assuntos mais comentados, ainda que os primeiros tenham maior destaque. Emplacar um termo dentre as tendências tem sido uma importante ferramenta de visibilidade que vários movimentos e campanhas tentam fazer, assim como já houve casos em que acusaram a plataforma de sabotá-los. Conforme Dijck, Poell e Waal (2018), as tendências não refletem a frequência de um termo, pois é somente um aumento dramático põe o assunto nos destaques do Twitter.

3.2.2 Sociologia digital: pesquisando ambientes digitais

O desenvolvimento de novos universos sociais que capturam e quantificam interações em larga escala é um fenômeno inédito na história, indo muito além de informações demográficas de institutos governamentais, únicas disponíveis até um tempo atrás, abrindo consequentemente novas possibilidades, mas também trazendo desafios para a sociologia. Qual o impacto desse fenômeno para as teorias das ciências sociais, cuja maior parte foi elaborada para pensar sociedades sem esse tipo de sociabilidade? Esse questionamento é levantado por alguns pesquisadores contemporâneos que buscam repensar teorias e metodologias existentes, tensionando em que medida elas ainda são úteis e que aspectos precisam ser atualizados.

Alguns acadêmicos têm defendido a fundação de uma subdisciplina, a sociologia digital, que vem se consolidando desde a década de 2010. O estabelecimento desse campo de estudos tem como marco publicações como a coletânea *Digital sociology: critical perspectives*, organizada por Kate Orton-Johnson e Nick Prior (2013) e a obra *Digital sociology*, de autoria de Débora Lupton (2014). No caso da antropologia, destaca-se *Digital anthropology*, organizado por Heather Horst e Daniel Miller (2012). Essas publicações de modo geral apresentam balanços das produções da área, teorizações e/ou discussões teórico-metodológicas a respeito do novo mundo conectado. No Brasil, Leonardo Nascimento (2016), Felipe Padilha e Lara Facioli (2018) e Richard Miskolci (2016), Miskolci e Fernando Balieiro

(2018) possuem publicações sobre tal rubrica, sendo que os dois últimos têm coordenado um grupo de trabalho de sociologia digital nos congressos da Sociedade Brasileira de Sociologia desde 2017. Tais produções realizam sobretudo balanços bibliográficos e possuem ênfases teórico-metodológicas. No Brasil e no mundo, produções crescentes têm abordado o que poderia ser considerado como escopo da área, nas mais diversas áreas do conhecimento, das quais apenas uma pequena parte se concebe enquanto sociologia digital.

Um ponto em comum de produções da sociologia e antropologia digital, que tomam como dado que dispositivos digitais conectados permearam basicamente todas esferas da vida, mediando as relações, é a crítica à perspectivas conservadoras a respeito das novas tecnologias, que retirariam a autenticidade das relações, bem como binarismos como as visões otimistas ou pessimistas, oposições entre mundo virtual e real e etc. (MILLER; HORST, 2015; LUPTON, 2014; ORTON-JOHNSON; PRIOR, 2013). Um ponto fundamental de formulações teóricas dessa subdisciplina está na defesa de que o seu desenvolvimento passa por rever e reformular teorias e métodos já existentes para dar conta do novo contexto social conectado (LUPTON, 2014; RUPPER; LAW; SAVAGE, 2013), enquanto Miller e Horst (2015)³² vão além, argumentando que disso decorrerá o aperfeiçoamento de modelos explicativos a ponto de melhorar a compreensão do mundo social de modo geral e de conceitos como cultura, mesmo a respeito do mundo pré-digital.

A perspectiva de Miller e Horst (2015) é relevante em direção à contrapor posições rasas quanto as novas mídias, que ainda persistem no senso comum e no senso comum douto. A primeira delas é uma visão saudosista segundo a qual o mundo pré-digital era mais autêntico, real e humano. Ao contrário, o “digital, assim como toda a cultura material, é mais do que um substrato; está constituindo-se como parte do que nos faz humanos” (MILLER; HORST, 2015, p. 92). Os autores ainda defendem a materialidade dos mundos digitais, que não são mais ou menos do que aqueles que o precederam, e a sua ambiguidade, cujos impactos podem ser tanto positivos quanto negativos, podendo permitir novos agenciamentos ou aumentar o controle. Isso vai depender da arquitetura das plataformas, de como empresas e governos regulam essas relações, mas também do panorama cultural de fundo em que o digital estiver inserido, ilustrado em outro estudo de Miller (2016), em que compara os usos de tecnologias em vários contextos. Em alguns locais, por exemplo, as redes sociais eram utilizadas para estabelecer novas relações, enquanto em outros o uso era mais tradicional e

³² Este artigo é a tradução de um dos capítulos que originalmente integrou a coletânea *Digital anthropology* (2012).

conservador (MILLER *et al.*, 2016). Gregory, Cottom e Daniels (2017, p. p.xviii, tradução nossa) resumem o aspecto ambíguo e as possibilidades das tecnologias, que podem tanto oferecer possibilidades de libertação como reforçar hierarquias existentes: “Tecnologias digitais oferecem simultaneamente possibilidades libertadoras para desestabilizar velhas hierarquias e, ao mesmo tempo, criam mecanismos para refazer padrões bem estabelecidos de desigualdade, estratificação e dominação³³”. A oposição entre mundo virtual e real já tem sido superada, uma vez que o cotidiano passa a ser mediado pelas mídias digitais, fazendo mais sentido pensar em um contínuo on/off-line, dada a interconexão e interdependência entre ambas dimensões (MISKOLCI, 2011).

Lupton (2014, p. 16) delimita quatro escopos da sociologia digital: o uso de ferramentas digitais pela sociologia; a análise dos usos de tecnologias; a análise de dados digitais; e a sociologia digital crítica. O primeiro tipo tem longa data e diz respeito a utilização de ferramentas tecnológicas na prática sociológica, como *softwares* para pesquisa social, que no Brasil recebeu um dossiê temático “Metodologias informacionais” em 2001 (TAVARES DOS SANTOS, 2001), com destaque para programas para análise qualitativa (TEIXEIRA; BECKER, 2001). Esta dissertação enquadra-se, por outro lado, na terceira opção, que utiliza dados nativos digitais para pesquisa social. Digital, vale lembrar, em sentido amplo é tudo o que pode ser reduzido a dígitos binários, o tipo de informação que pode ser trocada na internet, computadores ou *smartphones*. Mesmo materiais analógicos podem ser transformados em dados digitais, por exemplo, escaneando documentos. Vale, então, distinguir os dados nativamente digitais, gerados por dispositivos on-line e dados tradicionais digitalizados, não perdendo de vista que cada tipo envolve dispositivos, relações e arranjos muito distintos (RUPPERT; LAW; SAVAGE, 2013).

A sociologia digital não significa uma ruptura com a disciplina, pois ainda foca em temas estabelecidos na sociologia, como classes sociais, relações de gênero, relações étnico-raciais, subjetividades, e por aí vai, mas levando em conta como esses fenômenos passaram a ser mediados por tecnologias. Nesse sentido, cada vez mais estudos, não tendo como objeto questões relacionadas as tecnologias, acabam tendo que passar por elas, por exemplo, pelo papel que as redes sociais desempenham para determinados grupos, para sua comunicação, constituição, expressão e subjetivação. Em casos como esse, é inevitável uma discussão sobre

³³ “*Digital technologies simultaneously offer liberatory possibilities for destabilizing old hierarchies while at the same time they create mechanisms for retrenching well-established patterns of inequality, stratification, and domination.*”

o funcionamento desses dispositivos, das características da plataforma, algoritmos, em suma, tudo que impacta no que é produzido nesses ambientes.

Por outro lado, a mediação por dispositivos conectado produz e registra informações de modo quantificado inéditas na história, muito além de informações demográficas em larga escala de órgãos governamentais. Um novo leque de informações passam a ser coletados, dados a respeito de interações, curtidas, classificações, amizades, afinidades, bem como locais visitados, que aluga, que trafega, tudo acompanhado por plataformas de serviços, resumidos do seguinte modo:

Com o surgimento das plataformas on-line, surge uma intensificação das práticas de coleta de dados e, como discutiremos a seguir, uma mercantilização de atividades, trocas, relações e objetos que antes não eram quantificados ou que eram atividades informais e efêmeras. Agora, as interações pessoais e as trocas econômicas cotidianas são capturadas através das práticas padrão fornecidas por dados de amizade, curtidas, compartilhamento, classificação e recomendação. E em virtude da integração com plataformas setoriais, toda uma nova gama de práticas, como brincar, alugar, dirigir e aprender, também é acompanhada por plataformas infra-estruturais³⁴ (DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 33, tradução nossa).

As redes sociais são centrais na captura de informações extremamente relevantes para os sociólogos, que tem sua expertise desafiada por instituições privadas e analistas de dados que dispõem de um conjunto dados invejáveis, que integram os *big data*. Ao invés de consistir em uma crise para sociologia, Lupton (2014) argumenta que são novas oportunidades para os cientistas sociais demonstrarem sua expertise quanto a análise e interpretação do mundo social, dando novas direções para a disciplina. E são esses dados coletados pelas plataformas que constituem uma fonte privilegiada de informações para pesquisa social, cujo desafio se torna desenvolver ferramentas de análise para interpretar o vasto leque de informações relativas as interações nas redes sociais:

As plataformas de mídia social registram e monitoram um número crescente de aspectos sobre esses atos comunicativos: não apenas o que é dito, mas os perfis de quem fala e da audiência, como os outros reagiram ao conteúdo: quantas 'curtidas', comentários, visualizações, tempo gastos em uma página ou 'retweets' foram gerados, a hora do dia em que ocorreu a interação, a localização geográfica dos usuários, os termos de pesquisa usados para encontrar o conteúdo, como o conteúdo é compartilhado nas plataformas e assim por diante³⁵ (LUPTON, 2014, p. 3).

³⁴ *With the rise of online platforms comes both an intensification of data collection practices and, as we will discuss next, a commodification of activities, exchanges, relations, and objects that previously were not quantified or were informal, ephemeral activities. Personal interactions and everyday economic exchanges are now captured through the standard datafied practices of friending, liking, sharing, rating, and recommending. And by virtue of integration with sectoral platforms, a whole new range of practices, such as playing, renting, driving, and learning, are tracked by infrastructural platforms as well.*

³⁵ *“Social media platforms record and monitor an increasing number of features about these communicative acts: not only what is said, but the profiles of the speaker and the audience, how others reacted to the content: how many ‘likes’, comments, views, time spent on a page or ‘retweets’ were generated, the time of day*

Deve-se notar que esse desenvolvimento é desencadeado por grandes companhias de tecnologia para fins comerciais, para compreender consumidores, direcionar anúncios publicitários e desenvolver produtos ou serviços. Raewyn Connel (2012, p. 16) observa que o maior volume de pesquisa social atualmente é feito pelo mercado, as quais são preservadas do público e dos competidores. Mesmo que não sejam produzidas para fins sociológicos, essa miríade de informações abre novos precedentes para pesquisa social. Evelyn Ruppert, John Law e Mike Savage (2013), refletem sobre as implicações que emergem do uso de dados digitais, que os leva a repensarem assunções metodológicas e teóricas sobre os métodos das ciências sociais como um todo. Como questão central, discutem as consequências dos dispositivos digitais para os modos de produzir conhecimento científicos. Os autores defendem que os

dispositivos digitais e os dados que eles geram são tanto o material das vidas sociais quanto fazem parte de muitos aparatos para conhecer essas vidas. Assim, por exemplo, dispositivos como o Twitter materializam novas formas de socialidade e maneiras de as pessoas interagirem e saberem sobre si mesmas e sobre os outros³⁶ (RUPPERT; LAW; SAVAGE, 2013, p. 4, tradução nossa).

Informações produzidas nas redes sociais, sobretudo no Twitter, tem sido utilizadas para compreender opiniões, sentimentos e emoções do público. Dados de redes sociais são fontes de estudos feitos por empresas privadas assim como por pesquisas acadêmicas, tomando os como barômetro de opiniões da população, como notam Dijck, Poell e Waal:

Particularmente durante grandes eventos públicos, como eleições, protestos ou desastres naturais, as muitas postagens, atualizações de status, fotos e vídeos nas plataformas on-line compreendem um fluxo constante de atualizações de notícias, fornecendo ostensivamente informações sobre como os usuários se sentem em relação a um evento. Nessas situações, os dados da plataforma aparecem como uma espécie de fonte primária de notícias e barômetro de sentimentos públicos, com os usuários agindo simultaneamente como consumidores de notícias, testemunhas oculares, repórteres, formadores de opinião e editores³⁷ (DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 36, tradução nossa).

interaction occurred, the geographical location of users, the search terms used to find the content, how content is shared across platforms and so on”.

³⁶ “digital devices and the data they generate are both the material of social lives and form part of many of the apparatuses for knowing those lives. So, for instance, devices such as Twitter materialise new forms of sociality and ways for people to interact and know about themselves and others.”

³⁷ “Particularly during large public events, such as elections, protests, or natural disasters, the many posts, status updates, pictures, and videos on online platforms comprise a constant flow of news updates, ostensibly providing insight in how users “feel” about an event. In those situations, platform data appear as a sort of primary news source and barometer of public sentiments, with users simultaneously acting as news consumers, eyewitnesses, reporters, opinion makers, and editors.”

As reflexões da sociologia digital ajudam a abordar o objeto em questão, não perdendo de vista as possibilidades ambíguas das redes sociais, além de que elas são parte constitutiva das relações sociais, e não uma dimensão separada. Os dados produzidos nesses ambientes geram novas possibilidades para os cientistas sociais conhecerem o mundo social, mas alguns pontos devem ser levados em conta no uso dessas informações. Assim, este capítulo versou sobre aspectos das plataformas que condicionam um tipo de interação, o papel dos algoritmos, modelo de negócios e o plano de fundo cultural em que isto tudo está inserido, configurando o contexto pesquisado. Após estas considerações, então, o conteúdo produzido pelos usuários no Twitter pode ser tomado como fonte para conhecer suas visões de mundo, posições e emoções, e, no caso desta pesquisa, as opiniões em relação à violência e punitivismo, que revelam regramentos morais mais amplos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, dividido em dois subcapítulos, é delineada a discussão a respeito do percurso metodológico desta dissertação, desde a seleção e coleta dos dados, passando pelos procedimentos e dimensões de análise, até disposições gerais sobre a repercussão do sequestro na ponte Rio-Niterói. O primeiro subcapítulo se inicia com uma seção sobre o mapeamento acerca dos casos de violência que repercutiram entre 2018 e 2019 no Twitter no país e a seleção do caso objeto desta dissertação. Na seção seguinte são apresentados os procedimentos de coleta dos dados, por meio da linguagem de programação R e as características do bando de dados. Na seção seguinte é exposta a natureza mista desta pesquisa, cuja principal técnica é análise de conteúdo. O subcapítulo se encerra pensando na estratégia de análise, discutindo com os trabalhos com objetos e metodologias semelhantes, a importação dos arquivos no programa NVivo 12 Pro, os procedimentos e dimensões de análise, já apresentando os três tipos de publicações, as categorias as empíricas e as emoções encontradas.

O segundo subcapítulo é destinado a uma análise preliminar do banco de dados, para que as categorias empíricas sejam analisadas no capítulo seguinte e que o capítulo 6 se destine às emoções. Dividido em duas seções, o subcapítulo inicia apresentando informações gerais sobre o sequestro na Ponte Rio-Niterói no Twitter, uma linha do tempo e momentos importantes da repercussão, uma análise geral sobre as postagens do tipo Informação, além da primeira menção de cada uma das categorias de Opinião. Por fim, discute-se características gerais dos *tweets*, como distribuição de curtidas, bem como os perfis autores das postagens mais populares.

4.1 A COLETA DOS DADOS E OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

4.1.1 Mapeamento de casos de violência que repercutiram no Twitter (2018-2019)

A partir de uma busca e do monitoramento do Twitter sobre casos de violência que repercutiram nos *trending topics* entre os anos de 2018 e 2019 foram encontrados quinze eventos, dispostos no Quadro 2. O primeiro deles foi a repercussão do assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e seu motorista Anderson Gomes. O crime político teve ampla repercussão nas redes sociais, chegando a mais de 3,5 milhões de menções no Twitter, considerado na época a maior

mobilização em número de menções no Twitter no Brasil, superando a votação do impeachment de Dilma Rousseff, segundo uma reportagem da Revista Piauí (TOLEDO; MORAES, 2018) e levou a realização de protestos em várias cidades do país e do mundo. O segundo evento envolve crimes sexuais e homicídios ocorridos em Linhares-ES levando o nome da cidade aos *trending topics*. Outros dois casos foram crimes diretamente relacionados com a eleição presidencial de 2018, começando pelo atentado com uma faca ao então candidato Jair Bolsonaro, na época filiado ao PSL, em um evento de campanha, indo às tendências logo após o incidente. Alguns casos, como Marielle e Bolsonaro repercutiram outras vezes no Twitter, cobrando investigação, mas foram contabilizados apenas uma vez. Outro caso durante as eleições foi o assassinato do capoeirista Mestre Moa após o primeiro turno, também por motivações políticas. Ainda em 2018, dois assaltos repercutiram nas tendências, o primeiro a uma transportadora de valores em Ribeirão Preto e o segundo a agências bancárias em Bacabal-MA, ambos terminando com vítimas fatais.

Quadro 2 - Casos de violência que repercutiram no Twitter (2018-2019)

Data	Principais termos nos <i>trending topics</i>	Crime
15/03/2018	#MariellePresente #NãoFoiAssalto Marielle Franco	Homicídio
23/05/2018	Linhares	Sexual e homicídio
06/09/2018	#ForçaBolsonaro	Agressão
29/10/2018	Mestre Moa	Homicídio
29/10/2018	Ribeirão Preto	Assalto, homicídio
26/11/2018	Bacabal	Assalto, homicídio
13/03/2019	Massacre Suzano	Homicídio
01/04/2019	UEBP	Tiroteio
20/08/2019	Ponte Rio Niterói	Sequestro, homicídio
18/09/2019	#WitzelAssassino	Homicídio
21/09/2019	#ACulpaÉDoWitzel	Homicídio
17/10/2019	Viracopos	Assalto, homicídio
07/11/2019	#AugustoNunesCovarde	Agressão
29/11/2019	Lapa Sequestro	Sequestro
02/12/2019	Paraisópolis	Homicídios

Fonte: Elaboração própria.

Já em 2019, o primeiro caso de violência que repercutiu no Twitter foi o tiroteio em uma escola de Suzano-SP, cometido por dois adolescentes, causando 10 mortes, incluídos os dois atiradores. Depois, ocorreu uma tentativa de assalto a um carro-forte na Universidade Estadual da Paraíba (UEBP) que repercutiu no Twitter e em agosto ocorreu o caso selecionado como objeto desta dissertação, o sequestro na ponte Rio-Niterói. O governador do

estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, do Partido Social Cristão (PSC) foi mencionado em duas *hashtags* em outubro, a primeira foi *#WitzelAssassino*, em referência a operações policiais com helicópteros alvejando o Complexos da Maré e do Alemão, dois dias após uma operação com quatro mortes no Jacarezinho. A outra, apenas três dias depois, *#ACulpaÉDoWitzel*, foi aos *trending topics* após a morte da menina Ágatha de oito anos por uma bala perdida no Complexo do Alemão durante uma operação policial, e levou a manifestações na comunidade (REDAÇÃO EXAME, 2019). Destaca-se que Witzel frequentemente é mencionado em casos de violência no Rio de Janeiro, sobretudo em tom de crítica, como nesses dois casos. No sequestro na Ponte Rio-Niterói seu nome também esteve nos *trending topics* ao lado de outros termos, cuja promessa de campanha fora “dar carta branca aos policiais, segundo o jornal El País Brasil (BETIM, 2019), por isso mesmo sendo recorrentemente requisitados nas redes sociais.

Em outubro, um assalto com reféns e mortes no aeroporto de Viracopos repercute e em novembro ocorre a repercussão de uma agressão de Augusto Nunes a Glenn Greenwald no programa Pânico da rádio Joven Pan, refletindo o clima político do país de polarização. No final de novembro ocorre outro sequestro no Rio de Janeiro, desta vez em um bar na Lapa, no qual se destacou a imagem de um refém sendo liberado com uma garrafa de cerveja na mão. No início de dezembro ocorreu uma ação policial controversa em um baile funk no bairro de Paraisópolis, vitimando nove jovens, gerando mobilizações coletivas na comunidade e debates sobre a violência policial e criminalização das favelas.

Quanto a localização destes crimes que repercutiram nas redes sociais, dozes dos quinze ocorreram na região sudeste, em especial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, com cinco casos cada. Já é um dado, ao mesmo tempo que não surpreende que esses eventos violentos de grande repercussão a nível nacional ocorreram nas áreas mais desenvolvidas economicamente e populosas do país. Outro destaque são os crimes diretamente ligados a política, refletindo o clima de tensão e polarização que o país vive. Isto se inicia com o caso Marielle no início de 2018, que teve grande repercussão e comoção nacional e internacional, que ainda não elucidaram quem foram seus mandantes. Mas este clima atinge o auge no período próximo das eleições presidenciais de outubro, com o atentado ao então candidato Jair Bolsonaro e a morte de um capoeirista no dia do segundo turno em uma discussão por ter votado no candidato Fernando Haddad (PT). Outro caso a refletir a animosidade foi a agressão ao Glenn Greenwald do jornal The Intercept Brasil, por conta de discussões políticas no Programa Pânico, repercutindo nas redes sociais. Além da tensão e polarização, as menções a Wilson Witzel indicam uma politização das operações policiais.

Este clima tenso e violento politicamente refletiu no aumento de crimes de intolerância, que mais que triplicaram durante o período eleitoral em outubro de 2018, se sobressaindo aumento de intolerância religiosa, racial, homofobia e transfobia, conforme matéria do jornal Folha de São Paulo (ESTARQUE; FARIA, 2019). Nesta direção, Lilia Schwarcz (2019) argumenta que a ampliação desse tipo de violência, também nas redes sociais, revela que se antes os brasileiros vendiam a imagem de cordialidade e se sentiam tolhidos a demonstrar intolerância, atualmente elas passaram a se sentir autorizados e não ter vergonha em assumi-la, cometendo violências simbólicas que no limite tomam forma de agressão física.

4.1.2 A extração dos *tweets* do sequestro na Ponte Rio-Niterói e o banco de dados

A pesquisa que tem como fonte dados provenientes de redes sociais esbarra sempre na coleta dos dados, que demanda dos cientistas sociais um conhecimento técnico e familiaridade com programas e linguagens de programação. Em relação ao Twitter, é permitida a extração de dados publicados até sete dias antes e um dos modos é via *script* no RStudio, que necessita das API's da plataforma, que consiste em alguns códigos de permissão para a coleta dos *tweets* que são inseridos no *script*, que é concedida mediante sua solicitação e autorização para fins de pesquisa. Dada esta arquitetura, a coleta dos dados exige do pesquisador o monitoramento constante dos acontecimentos na rede social, a fim de poder extrair os dados. O que acaba ocorrendo na prática não é escolha de um referente empírico mais pertinente para a pesquisa, mas o que é possível e viável coletar.

Assim, o caso selecionado para esta dissertação foi a repercussão no Twitter do sequestro de um ônibus na ponte Rio-Niterói ocorrido no dia 20 de agosto de 2019. A coleta dos dados foi feita no dia 27 de agosto, uma semana após o sequestro, com o pacote *rtweet* no RStudio. O Quadro 3 apresenta os termos coletados: *ponte rio niteroi*, *rio-niteroi*, *#ponterioniteroi*, *rio niteroi*, *bope*, *parabens governador*, *cpf cancelado*, *tragedia*, *sniper*, *sequestro*, *sequestrador* e *witzel*. O quadro também mostra a quantidade de publicações, a data e a hora do primeiro *tweet* de cada termo. O *script* principal buscou os *tweets* mais recentes, sem *retweets*, limitado a 18 mil postagens, e alguns termos, devido ao grande volume não chegaram no dia do ocorrido, então foi feita uma nova coleta com outro *script* buscando as publicações mais populares, capturando postagens mais antigas, mas em quantidade bastante inferior. Postagens anteriores ao dia 20 que eventualmente apareceram nos arquivos foram excluídos, deixando a partir da hora do incidente e/ou primeiro menção ao

sobre o caso. Os termos *sniper*, *tragedia* e *tragédia* (popular) capturaram apenas postagens a partir do dia 26 e grande parte delas não se referiam ao sequestro, sendo os dois últimos em referência a onda de queimadas na Amazônia que estava em pauta, e por conta disto, não foram incorporados.

Quadro 3 - Termos coletados e quantidade de *tweets*

Termo	Número de <i>tweets</i>	Data do primeiro <i>tweet</i>
ponte rio niteroi	9720	20/08/2019 05:47
rio niteroi	12119	20/08/2019 05:47
bope	9683	20/08/2019 05:55
rio-niteroi	7675	20/08/2019 06:00
#ponterioniteroi	563	20/08/2019 06:11
parabens governador	13714	20/08/2019 06:19
cpf cancelado	9775	20/08/2019 06:23
sequestro (popular)	25	20/08/2019 06:40
sequestrador (popular)	33	20/08/2019 07:15
sniper (popular)	36	20/08/2019 08:45
tragedia (popular)	24	20/08/2019 10:26
sequestro	18000	20/08/2019 13:44
sequestrador	18000	20/08/2019 17:45
witzel	10098	20/08/2019 21:31
tragedia	5478	26/08/2019 12:30
sniper	7199	26/08/2019 13:04
Total	122142	

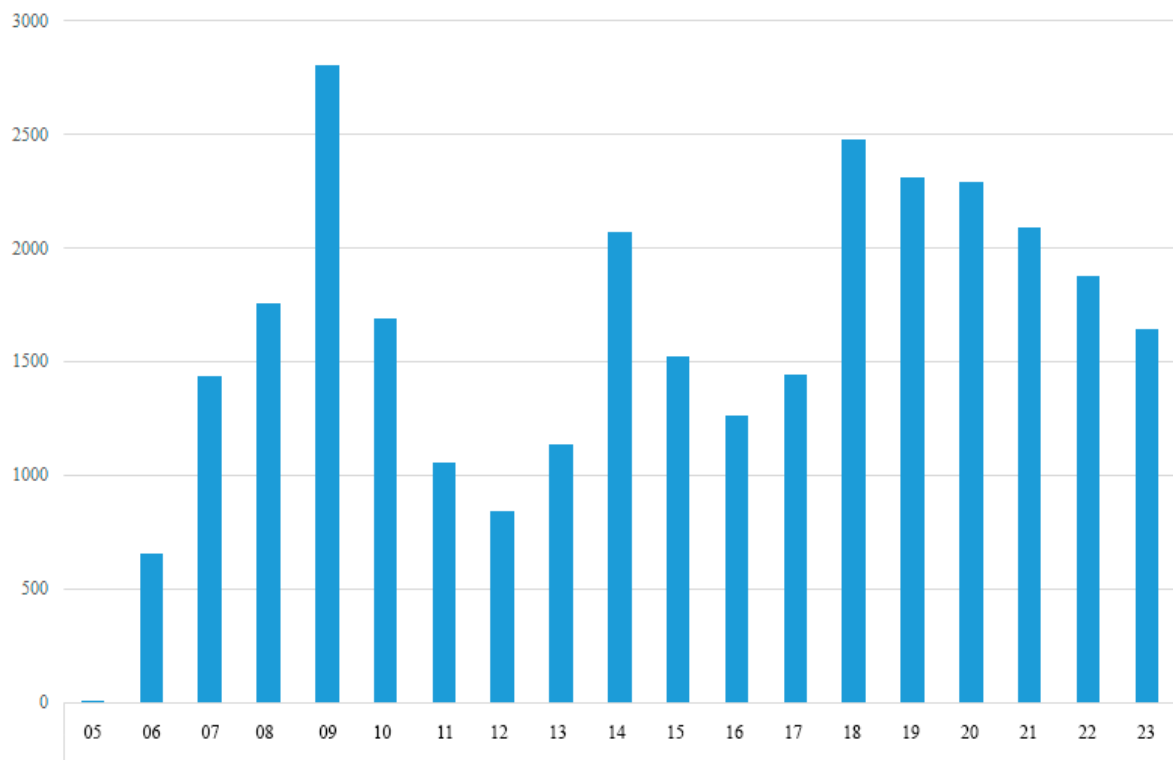
Fonte: Elaboração própria.

Cada coleta gerava um banco de dados com noventa colunas de informações sobre os *tweets* e com várias delas em branco. Devido a algumas limitações para importar estes arquivos no NVivo, foram deixadas apenas as colunas principais para os objetivos desse trabalho, no caso dezoito. As planilhas foram limpadadas também no programa Excel preenchendo os valores em branco com zeros para permitir a importação no *software* de análise. Após fazer isso em todos arquivos, todos os dados foram colocados em um único arquivo, exceto os já descartados, para remover duplicatas e limpar demais dados problemáticos. Sobre esse aspecto, alguns dados quando clicados no *link* do status iam para publicações de outros usuários, com outro conteúdo, não se referindo ao caso. Como havia uma coluna com o *link* para a publicação (*status url*), da qual o @ do usuário (*screen name*)

faz parte, quando não havia correspondências os casos eram deletados, pois estavam corrompidos.

No final, após esse tratamento, das 122142 publicações iniciais, restaram 57753, das quais 30360 (57,7%) foram no dia do sequestro, 16221 (28%) no dia seguinte e o restante dispersos até o dia da coleta, 27 de agosto. Os termos *sequestro* e *sequestrador*, cuja extração chegou ao limite dos 18 mil permitidos pela plataforma indica que não foram coletados em sua totalidade e também que foram os mais populares. No caso do primeiro, a primeira postagem é das 13h e 44 min e o segundo das 17h e 45 min, inflando o número de publicações a partir das 14 e 18 horas, como pode-se notar na Figura 5, que dispõe a distribuição das postagens por hora no dia do acontecimento. Por isso, a coleta foi refeita buscando as postagens mais populares com os termos, embora limitada, chegando ao início da repercussão. Mesmo que estes termos tenham ficado fora do recorte de horário, eles figuraram entre os termos mais frequentes no banco de dados, pois estavam presentes em postagens coletadas a partir de outros termos.

Figura 5 - Volume de publicações por hora



Fonte: Elaboração própria.

4.1.3 Estratégia metodológica: abordagem mista e análise de conteúdo

Uma indagação que emergiu foi como analisar as publicações atentando para os significados um volume grande de informação? A saída encontrada foi a adoção uma abordagem de natureza mista, qualitativa e quantitativa, incorporando métodos e técnicas compatíveis com estas perspectivas. A abordagem quantitativa pode ser empregada para descrever características de grupos, realidades ou contextos sociais, sem necessariamente precisar fazer inferências ou estabelecer relações causais (RAMOS, 2013; TOMÁS; MAAS, 2020). Por sua vez, a abordagem qualitativa visa interpretar os significados de um fenômeno social, normalmente com um número menor de casos (GOMES, 2020; BISPO, 2020). Ainda, esta dissertação conta com um desenho de pesquisa longitudinal, que tem como foco a mudança social (RUSPINI, 2002), e a temporalidade no Twitter é muito rápida, necessitando de um aumento dramático para um assunto entrar nas tendências, do mesmo modo que muda em fração de minutos.

A técnica de pesquisa empregada é análise de conteúdo (AC), dado seu caráter híbrido e por permitir lidar com grande volume de textos, visando reduzir sua complexidade. Segundo Martin Bauer (2003, p. 192), os textos registram “eventos, valores, regras e normas, entretenimento e traços do conflito e do argumento”. A análise de conteúdo foi realizada com auxílio do *software* de pesquisa NVivo 12 Pro, a partir de ferramentas como frequências de palavras para codificação das publicações a partir de palavras-chave em Nós, assim como o cruzamento de categorias e emoções. O NVivo originalmente era destinado a materiais não estruturados de pesquisas qualitativas, a partir da versão 9 passou a permitir a importação de planilhas de materiais mistos, e uma de suas principais ferramentas, os Nós, possibilitam agrupar os textos (empírico) em categorias relativas a conceitos teóricos (TEIXEIRA, 2020).

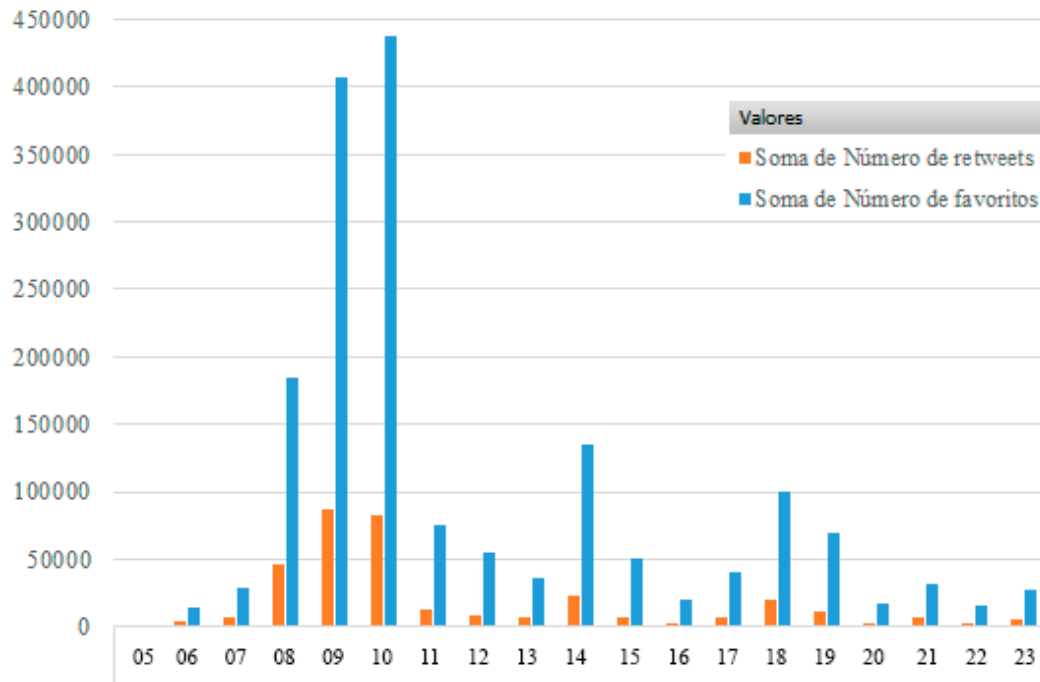
4.1.4 Procedimentos, dimensões de análise e as categorias empíricas

Parte considerável das pesquisas em redes sociais tem empregado análise de sentimento, que consiste em classificações automatizadas em positivo e negativo (IGLESIAS; MORENO, 2019) e é tida como sinônimo de mineração de opinião (MALINI; CLARELLI; MEDEIROS, 2017), equivalência que tem sido alvo de crítica por usarem sentimento para inferir a opinião ou posição quanto a algum tópico (ALDAYEL; MADGY, 2019). Para possibilitar o entendimento que atenta aos significados, bem como não empreender este tipo de metodologia, foi feito um recorte temporal no banco de dados de 30360 publicações no dia do sequestro. Na Figuras 5 pode-se notar que o pico de postagens se deu na faixa das 9 horas,

e a Figura 6 indica que as publicações com maior número de curtidas (ou favoritos) foram feitas às 10 horas, muito acima de outros momentos. Dado o foco na repercussão inicial, no momento de pico e das postagens mais curtidas, foram analisadas os *tweets* até a faixa das 10 horas, restando, então, 8340 publicações, que em função do desenho de pesquisa longitudinal, foram divididas em duas partes, importadas e codificadas separadamente.

A primeira parte é composta pelo início, enquanto acontecia o sequestro, incluindo 3907 *tweets*, ao passo que a segunda se inicia com a primeira menção ao tiro que mata o sequestrador, às 9:02, liberando todas vítimas ilesas, até o último *tweet* na faixa das 10 horas, com total de 4433 postagens. Como pode-se notar, o pico de publicações ocorre a partir do disparo do atirador de elite que matou o sequestrador, mobilizando as pessoas a comentar o acontecimento. Com este recorte, os termos coletados incorporados na análise foram *ponte rio niteroi*, *rio niteroi*, *bope*, *rio-niteroi*, *#ponterioniteroi*, *parabens governador*, *cpf cancelado*, *sequestro* (popular) e *sequestrador* (popular), pois a coleta de outros termos não chegou nesse período e outros não se referiam ao sequestro, como as duas versões de *tragédia* e *sniper*.

Figura 6 - Soma do número de curtidas e *retweets* das publicações por hora



Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 4 apresenta as palavras mais frequentes em cada uma das partes da repercussão, se destacando termos mais descritivos como *rio*, *ponte*, *niteroi*, *ônibus*, *sequestro* e *reféns*, que não indicam posições quanto ao evento. Na segunda parte, figura *parabéns*

dentre os termos mais frequentes, associada a comemoração e admiração quanto a ação da polícia que matou o sequestrador, *governador*, em uma discussão quanto a comemoração de Witzel à ação, além de *bandido*, expressando nojo quanto ao sequestrador. Na primeira parte, então, estão termos mais descritivos e falando sobre as vítimas, enquanto após o tiro se fala mais sobre a polícia em tom de admiração, e do sequestrador, em tom de nojo. Esta divisão permitiu mais facilmente observar diferenças nos discursos em cada uma das partes, além da filtragem das categorias a partir das palavras ficar mais homogênea em cada etapa, pois, apesar de algumas palavras-chave comuns nos dois momentos indicando uma mesma categoria ou emoção, em vários casos determinados termos se associaram a uma categoria ou emoção em apenas um momento. Por exemplo, em um caso limite, o termo *parabéns* no início manifestava indignação, em sentido irônico quanto a cobertura midiática, ao passo que na segunda parte foi um dos termos mais frequentes, indicando alegria e admiração quanto a atuação da polícia.

Quadro 4 - Palavras mais frequentes em cada parte do banco de dados³⁸

Posição	Parte I		Parte II	
	Palavra	Frequência	Palavra	Frequência
1	rio	4190	rio	4424
2	ponte	3661	ponte	3873
3	niterói	3246	niterói	3632
4	ônibus	2165	https	2299
5	https	1672	ônibus	1681
6	sequestro	971	sequestrador	1311
7	reféns	909	sequestro	1261
8	homem	760	reféns	682
9	niteroi	504	sniper	606
10	faz	493	niteroi	492
11	armado	476	atirador	436
12	esse	467	morto	433
13	está	439	polícia	382
14	passageiros	416	elite	378
15	tá	355	parabéns	367
16	deus	333	arma	341
17	tem	325	janeiro	324
18	sequestrado	323	esse	318
19	cara	273	mais	313
20	peessoas	271	brinquedo	301

³⁸ Um *tweet* pode conter uma mesma palavra mais de uma vez que também é contabilizada.

	Parte I	Parte II		Parte I
Posição	Palavra	Frequência	Posição	Palavra
21	dia	259	governador	295
22	já	252	bandido	290
23	janeiro	247	cara	289
24	dentro	236	bope	283
25	sequestrador	230	homem	271

Fonte: Elaboração própria.

Esta dissertação considera duas grandes dimensões de análise, as opiniões e as emoções que os/as pessoas expressam ao comentar casos de violência nas redes sociais. Procedendo desta forma é possível contornar confusões que alguns estudos em redes sociais têm feito, de tomar como sinônimo emoções, sentimento e a opinião quanto a um assunto. Assim, de acordo com os objetivos deste trabalho, tem-se atenção aos discursos punitivos e contra-punitivos, a interação com os especialistas e meios de comunicação tradicionais, a posição quanto a ação da polícia que matou o sequestrador e a comemoração do governador Wilson Witzel, bem como publicações de humor. Cabe atenção também às postagens de informação e a presença de *bots*, cujos mais simples podem ser reconhecidos por postarem mensagens iguais. No tocante as emoções, são levadas em conta todas as manifestações dispostas no quadro de síntese, apresentada no fim do capítulo 2, mas especialmente as emoções morais, que são a indignação, o nojo e a compaixão.

Quadro 5 - Tipos de publicações em cada parte

Tipo de postagem	Parte I	Parte II
Informação	1262 (32,3%)	1179 (26,6%)
Opinião	2621 (67%)	3217 (72,5%)
Spam	24 (0,6%)	37 (0,8%)
Total	3907	4433

Fonte: Elaboração própria.

A codificação do material, já divididos em dois arquivos importados no NVivo, iniciou com a leitura de todos *tweets* da primeira parte, primeiramente destacando três tipos principais mutuamente exclusivos: Informação, Opinião e Spam. Posteriormente foram classificadas as postagens do segundo momento. De acordo com o Quadro 5, o primeiro tipo, Informação, engloba postagens de perfis de notícias e pessoais divulgando informação em primeira mão, compartilhando de outros perfis ou solicitando informações, totalizando 1262 (32,3%) e 1179 (26,6%), na primeira e na segunda parte, respectivamente. O segundo tipo,

Opinião, elenca postagens com juízos de valor, comentários e opiniões sobre o acontecimento em questão, englobando 2621 (67%) e 3217 (72,5%) em cada etapa, respectivamente. Além destas duas principais, em medida inferior estavam postagens de Spam, com mensagens repetidas, utilizando termos sobre o sequestro, mas com *links* que levavam a divulgação de outros conteúdos sem qualquer relação com o caso, com 24 e 37 publicações em cada uma das partes, respectivamente, e foram desconsideradas na análise. Esses três tipos de publicações são os três Nós primários de codificação no NVivo e a classificação inicial da primeira parte atuou também como uma sondagem inicial, tornando possível distinguir diferentes tipos de posições, dentro de Opinião, bem como quais termos estavam associadas a cada uma delas. As categorias foram desenvolvidas a partir da leitura de todos os *tweets* com base nos objetivos e dimensões de análise desta dissertação.

A próxima etapa foi categorizar os *tweets* do Nó Opinião, gerando Nós secundários respectivos a cada categoria. A sondagem inicial possibilitou descobrir grupos de posições mais ou menos homogêneas entre si, diferente das outras e em volume significativo, assim como identificar que palavras estavam associadas a cada uma delas. Então, esses termos foram filtrados e classificados em determinada categoria, sendo em alguns casos todos indicando uma categoria, mas na maior parte era apenas uma parte significativa. Além disso, as postagens também foram classificadas quando o pesquisador notou que elas expressavam o sentido de alguma posição ou emoção, mesmo que sem a presença das palavras-chave. As dimensões de análise e as relativas categorias empíricas encontradas estão dispostas no Quadro 6. As categorias encontradas em ambas as partes, codificadas nos Nós secundários em Opinião foram: Emoções, Crítica à mídia, Humor, Repetições e Especialistas. Presentes apenas na primeira parte foram Trabalho e Pedido de morte, enquanto na segunda foram Comemoração, Crítica a comemoração, Crítica a crítica da comemoração e Crítica ao previdenciarismo.

Quadro 6 - Dimensões de análise e categorias empíricas

Dimensão de análise	Categoria empírica	Indicador
Emoções	Indignação	Palavras-chave
	Nojo	
	Compaixão	
	Tristeza	
	Medo	
	Raiva	
	Alegria	
	Admiração	
	Desconfiança	

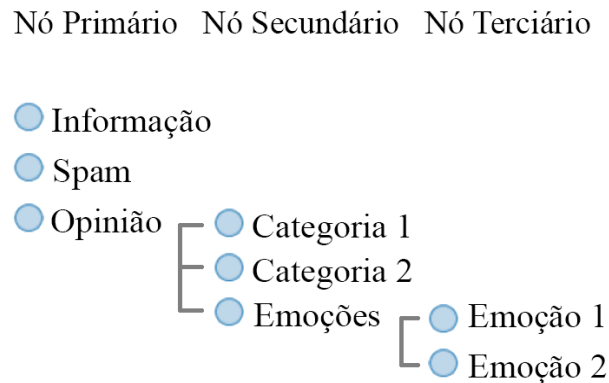
Dimensão de análise	Categoria empírica	Indicador
Punitivismo	Pedido de morte	Palavras- <u>chave</u>
	Comemoração	
	Crítica ao previdenciarismo	
	Crítica à crítica da comemoração	
Contra-punitivismo	Crítica a comemoração	
Especialistas	Crítica à mídia	
	Especialistas	
Outras opiniões	Trabalho	
Humor	Humor	
Informação	Informação (Tipo de publicação)	
Bots	Repetições	Postagens repetidas

Fonte: Elaboração própria.

A dimensão de análise punitivismo foi encontrada em categorias empíricas como Pedido de morte, Comemoração, Crítica à crítica da comemoração e Crítica ao previdenciarismo. Em contraposição, a dimensão de análise contra-punitivismo se manifestou na categoria Crítica à comemoração. A dimensão relativa a interação com os especialistas e os meios de comunicação foi presente na categoria Crítica à mídia e Especialistas. Outras questões, fora dessas dimensões politizadas e polarizadas, foram as categorias foram Trabalho e Humor. Há ainda a presença de *bots* no debate, identificados por meio de postagens repetidas, classificados como Repetições. Informação teve equivalente as postagens do tipo homônimo, diferente das categorias de Opinião. Os termos utilizados para identificar e associados a cada categoria serão apresentados à frente, na análise de cada uma delas.

Outro Nó secundário em ambas as partes foi Emoções, classificados em cada emoção específica, gerando Nós terciários. Na parte inicial, os *tweets* foram classificados em Emoções e posteriormente enquadradas em cada emoção específica, identificando que termos indicavam cada uma das delas, possibilitando a elaboração de um dicionário, do mesmo modo que nas categorias. Na segunda parte, as emoções já foram filtradas diretamente por palavras-chave em cada emoção, permanecendo alguns termos comuns em ambas etapas, mas também identificando novos termos, incorporados depois na primeira parte, assim como termos referentes a apenas um dos momentos. Na segunda parte, a maior incidência de termos indicando posições adiantou a classificação por palavras-chave, e posteriormente foi lido e classificado o que não havia sido. Foram buscadas as emoções presentes no quadro teórico, exposto no capítulo 2, com especial atenção as emoções morais. As emoções encontradas, em ambas partes, foram admiração, alegria, compaixão, desconfiança, indignação, medo, nojo, raiva e tristeza.

Figura 7 – Mapa de codificação: disposição dos Nós no NVivo



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 7 ilustra como ficou o mapa de codificação no NVivo e a disposição dos Nós. Nos Nós primários estão Informação, Spam e Opinião, mutuamente exclusivas. Esta última foi dividida nas categorias dispostas em Nós secundários, assim como Emoções, que gerou um Nó terciário para cada uma das emoções. Cada uma das partes foi codificada deste modo separadamente.

4.2 DISPOSIÇÕES GERAIS SOBRE OS *TWEETS* DO SEQUESTRO

4.2.1 Momentos importantes da repercussão e os *tweets* de Informação

O caso selecionado para esta dissertação, a repercussão no Twitter do sequestro de um ônibus na ponte Rio-Niterói, ocorreu no dia 20 de agosto de 2019. O ônibus da viação Galo Branco rumava de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, ao Estácio, no centro da capital. O sequestro foi anunciado por volta das 5:25 horas e meia hora depois o ônibus foi atravessado na ponte no sentido Rio, interrompendo o trânsito nesse lado da pista, e às 7:20 o outro sentido também foi fechado. Não se sabia ao certo as motivações do sequestrador, que inicialmente se identificou como policial militar, jogou coquetéis molotov para fora e ameaçava incendiar o veículo. Foram feitas trinta pessoas de refém e seis pessoas foram liberadas, quatro mulheres – uma desmaiada – e dois homens, e nenhuma ficou ferida. O evento amplamente mediatizado acabou com um atirador de elite matando o sequestrador e o governador do estado do Rio de Janeiro Wilson Witzel (PSC) descendo de helicóptero na ponte comemorando de modo eufórico o ocorrido. Desde às 6 horas da manhã já havia cobertura ao vivo de emissoras de televisão e o caso era bastante comentado no Twitter, com

alguns termos nos *trending topics*, e a partir da morte do sequestrador as publicações atingiram pico.

Após o fim da operação se soube que o jovem negro se tratava de Willian Augusto da Silva, que trabalhava como vigilante e tinha 20 anos, ou seja, possuía as características alvo da sujeição criminal que Misse (2010). Tal perfil de origem, gênero, idade e raça é justamente o de quem é mais atingido pela violência e que mais cai na malha do sistema prisional por cometer crimes. Além disso, tomou-se conhecimento a arma que portava se tratava de um simulacro, e segundo reportagem do G1 os relatos de testemunhas revelaram que ele não pretendia agredir ninguém e ter afirmado que iriam “entrar para a história” (REDAÇÃO G1, 2019). A ação realizada em um local sem possibilidade de fuga gerou algumas postagens de desconfiança e também levantaram a hipótese de que o caso pudesse ser uma tentativa de suicídio pela polícia, quando alguém cria uma situação para ser morto por policiais. Posteriormente jornais endossaram essa possibilidade, com a mãe do sequestrador afirmando que o jovem queria morrer pela mão de outra pessoa, conforme reportagem do Estadão (JANSEN, 2019). O local escolhido para o sequestro é de grande importância na região metropolitana, ligando as cidades do Rio de Janeiro e Niterói, paralisando o trânsito e gerando 81 km de engarrafamento.

Dentre os tipos de *tweets*, apesar de Opinião liderar em ambos os momentos da repercussão, Informação teve frequência significativa, na primeira parte chegando a 1262, o que corresponde a 32,3% das publicações. Nesta etapa, Informação incluiu *tweets* de perfis jornalísticos, de perfis de informação independentes, ou de usuários compartilhando essas notícias ou postando informações inéditas, na maior parte sem juízos de valor. Na segunda parte, Informação teve incidência similar, 1179 (26,6%), e foi filtrada sobretudo a partir do termo *https*, quinto mais frequente (Quadro 3), que indica um *link* que fazia parte das postagens jornalísticas e de quem as compartilhava. Nesse momento as informações passaram a ser dadas sobretudo pela mídia e os usuários passaram a expressar juízos de valor sobre o acontecimento. Durante toda a repercussão, as duas partes somadas chegam a 2441 de publicações do tipo Informação, que corresponde a 29% do total de 8430 *tweets*. Esse dado vai ao encontro dos estudos sobre o Twitter, que recorrentemente o caracterizam informacional ou destacam seu uso para este tipo de conteúdo, que faz parte do próprio conceito e arquitetura da plataforma (VAN DIJCK, 2013; LUPTON, 2014; LEITÃO; GOMES, 2017).

Quadro 7 - *Tweets* de Informação

Tweet 1: “Onibus que meu pai ta, foi sequestrado. Estão feitos de refem na ponte Rio Niterói!!! @PRF191RJ” @leoterra_, 1047 curtidas.

Tweet 2: “Ponte Rio-Niterói parcialmente interditada sentido Rio, na altura do Vão Central, por ocorrência policial. A ocorrência ocupa no momento 3 faixas da via. PRF e PM atuam no local.” @OperacoesRio, 15 curtidas.

Tweet 3: “Há um ônibus da empresa Galo branco com passageiros sendo feitos de refém na Ponte Rio Niterói sentido Centro.” @NoticiasdoRJ1, 14 curtidas.

Tweet 4: “Homem armado ameaça passageiros em ônibus na Ponte Rio-Niterói; sentido Rio está fechado” @g1rio, 511 curtidas.

Tweet 5: “Um ônibus é sequestrado na Ponte Rio-Niterói na manhã desta terça-feira (20). Um homem estaria ameaçando os passageiros com uma arma. Ainda não há informações sobre a quantidade de pessoas no coletivo.” @radiobandnewsfm, 156 curtidas.

Tweet 6: “Vcs que vem de Niterói pro Rio não peguem a ponte. Tem um ônibus sequestrado atravessado lá e tá interditado.” @patypromo, 1 curtida.

Fonte: Elaboração própria.

A primeira publicação do banco de dados foi feita às 5:47, disposta no *tweet* 1 do Quadro 7, que apresenta alguns *tweets* de Informação, antes da mídia ou de qualquer anúncio oficial, na qual um usuário informa que o ônibus em que seu pai está foi sequestrado e que são feitos reféns na ponte Rio-Niterói, recebendo 1047 curtidas. Outros usuários comuns informam sobre a ocorrência e o trânsito nesse momento inicial, como o *tweet* 6. Como pode-se notar, o primeiro perfil a informar sobre sequestro foi um usuário comum, antes da imprensa, endossando porque o Twitter tem sido empregado por jornalistas como fontes de suas histórias (LUPTON, 2014, p. 4) ou organizações de notícia que aceitam a rede social como uma das principais fontes de notícias de última hora (VAN DIJK, 2013, p. 23).

O perfil @OperacoesRio faz várias postagens sobre o evento desde o início e faz segunda publicação (*tweet* 2) às 6 horas, informando que a ponte está parcialmente trancada, em três faixas, devido a uma ocorrência policial e que a PRF e PM atuam no local, e quatro minutos depois, o perfil @NoticiasdoRJ1 posta que há um ônibus com passageiros sendo reféns na ponte (*tweet* 3). O primeiro perfil da imprensa oficial a noticiar o caso foi o @g1rio, do grupo Globo, às 06:06, postando uma reportagem informando que um homem estava armado e ameaçava os passageiros (*tweet* 4), que recebeu 511 curtidas, seguido por postagens de dois perfis da Rede Bandeirantes no minuto seguinte, dentre eles o perfil @radiobandnewsfm (*tweet* 5), acompanhado por outro perfil da Rede Bandeirantes. O perfil

do @g1rio dispões de 754 mil seguidores, enquanto @radiobandnewsfm e @bandnewsfmrio, contam com 1.396 milhões e 658 mil seguidores, respectivamente.

Esses perfis independentes de notícia, o primeiro deles com conta verificada, que consiste em um selo de autenticidade, normalmente concedido a perfis com muitos seguidores ou pessoas famosas, possui 658 mil seguidores e o segundo, conta não verificada, possui 3 mil, foram os primeiros a noticiar o caso e se fizeram presente durante toda a repercussão, se inserindo em um espaço que a mídia tradicional tem perdido por conta dos ataques que tem sofrido, manifesto na categoria Crítica à mídia, conforme será visto no próximo capítulo. Um dos conjuntos de ataques da audiência à mídia se direcionou ao emprego de termos como “suposto” e “suspeito”, atribuindo uma ideologia de esquerda que defenderia o sequestrador, ante a dicotomia criminoso *versus* vítima. É nesse lugar que esses perfis de notícia se inserem, atendendo a demandas dos internautas que cobram uma postura punitiva que, dentre outras coisas, chame criminoso de “bandido” e que deixe de se referir como “suspeito”, já notadas por outros estudos, como Fischborn e Almeida (2020). Esse movimento destaca um conflito contemporâneo no sentido de descrença nas instituições como imprensa e ciência, que tem a *expertise* colocada em questão por alguns setores da sociedade (LUPTON, 2013; GARLAND, 2008; NICHOLS, 2017), notadamente associados a pautas da direita, como os anseios por penas mais duras para criminosos.

Às 6:11 há duas postagens com imagens que mostram a cobertura ao vivo da situação pela Rede Globo, revelando as dimensões que o evento estava tomando. Um desses *tweets* é apresentado na Figura 8, se configurando como a primeira imagem do sequestro, dando a cara do acontecimento que já era acompanhado por um helicóptero da principal emissora de televisão do país, ainda que pouco antes tenha sido publicada uma foto do trânsito por um motorista. A primeira categoria a aparecer é Crítica à mídia, quase instantaneamente a cobertura ao vivo do evento na televisão, postada às 6:12, disposta no *tweet* 1 do Quadro 8, que apresenta a primeira aparição de cada uma das categorias, já falando sobre a exposição da posição de policiais, e dois minutos depois outro usuário faz a mesma crítica, mas mencionando o caso do sequestro no ônibus 174, que ocorreu no ano de 2000. Esse evento e o caso Eloá recebem 123 menções na primeira parte e 83 na segunda, sobretudo criticando a superexposição midiática.

Figura 8 – Captura de tela da primeira imagem do sequestro



Fonte: Twitter.com.

O primeiro *tweet* de Trabalho, categoria mais frequente no início, é feito às 6:16, por um usuário que alega que não poderá ir à aula por conta da ponte fechada (*tweet 2*), enquanto o punitivismo se manifesta às 6:36, por meio de Pedido de morte, utilizando a expressão “cpf cancelado” (*tweet 3*), mesmo instante em que outro usuário sugere a atuação de *snipers* no sequestro, e a primeira postagem de Humor data das 6:49, em referência ao filme Velocidade Máxima (*tweet 4*). Um minuto após o disparo do *sniper* que matou o sequestrador, por volta das 9:02, já é feita uma publicação classificada como Comemoração e Crítica ao previdenciarismo, utilizando a sarcasticamente a expressão “vítima da sociedade” e “RIP”, acrônimo de *rest in peace* (*tweet 5*). Neste mesmo minuto já é feita a primeira Crítica à comemoração, manifestando nojo quanto as pessoas que comemoravam os tiros que vitimaram o sequestrador na ponte (*tweet 6*). Já o primeiro *tweet* de Crítica à crítica da comemoração foi feito as 9:16, apostando que a “esquerda” iria criticar a policial que atirou no sequestrador (*tweet 7*).

Quadro 8 - Primeiro ocorrência de cada categoria

<p>Tweet 1: “Operação na ponte R1o X Niter1oi. Da1 um "serto" helic1ptero mostrando as posi11es dos policiais. Pqprillllllllllllllll”, 6:12, Cr1tica 1 m1dia.</p> <p>Tweet 2: “Ponte rio Niter1oi fechada, n1o vou pra aula hj man1 qq”, 6:16, Trabalho.</p> <p>Tweet 3: “Tomara q tenhamos um CPF do dem1nio cancelado na ponte rio-niter1oi.”, 6:26, Pedido de morte.</p> <p>Tweet 4: “ta rolando as grava11es do velocidade m1xima 3 na ponte rio niteroi pelo visto”, 6:49, Humor.</p> <p>Tweet 5: “RIP vitima da sociedade na ponte rio-niteroi”, 9:03, Comemora11o e Cr1tica ao previdenciarismo.</p> <p>Tweet 6: “nojo do dia: ver o pessoal q t1 na ponte Rio-Niter1oi comemorando os tiros q deram, q, provavelmente, atingiram o sequestrador” 9:03, Cr1tica 1 comemora11o.</p> <p>Tweet 7: “Tenho certeza que a esquerda ir1 criticar o policial que comemorou ao abater o sequestrador que fazia ref1ns dentro de um 1nibus na ponte Rio-Niter1oi. Podem esperar.”, 9:16, Cr1tica 1 cr1tica da comemora11o.</p>

Fonte: Elabora11o pr1pria.

A Figura 9 apresenta um infogr1fico dispendo a linha do tempo da repercuss1o no Twitter do sequestro, elencando momentos chave, assim como as primeiras men11es a cada categoria de an1lise. 1s 6:25 1 informado que est1o em negocia11o com o sequestrador e quatro minutos depois 1 feito o anuncio oficial de que o Batalh1o de Opera11es Especiais (BOPE) fora acionado, mesmo momento em que outro usu1rio lembra dos erros da a11o da pol1cia no caso do 1nibus 174. 1 informado que talvez a outra pista, no sentido Rio-Niter1oi, tamb1m ser1 bloqueada 1s 6:36 e tr1s minutos depois que cerca de 50 policiais atuam na ocorr1ncia. 1s 6:45 postam que dois ref1ns foram liberados. 1s 7:23 houve a primeira men11o ao caso na imprensa internacional e cerca de uma hora depois o governador Wilson Witzel faz a primeira postagem dizendo que est1 acompanhando o caso, sendo que j1 estava sendo cobrado na rede social para tomar alguma provid1ncia.

Figura 9 - Infográfico da linha do tempo dos *tweets* do sequestro na ponte Rio-Niterói

Fonte: Elaboração própria.

Dentre as cem primeiras postagens iniciais do banco de dados, que vão até as 6:24, a maior parte dos *tweets* são informativos, tanto de perfis jornalísticos como de usuários, descrevendo a situação sem juízos de valor, comentários sobre a situação e sobre o trânsito,

indagando porque sequestrar um ônibus ali naquele horário, gerando engarrafamentos, prejudicando quem tem compromissos ou solicitando informações. Ainda, já aparece a cobertura ao vivo no local da televisão e a primeira crítica à atuação da mídia, lembrando o caso do ônibus 174. Já se tem uma dimensão da situação devido ao número de policiais atuando na ponte e a cobertura ao vivo na televisão, que já é alvo de críticas, e já há pedidos para que a polícia mate o sequestrador e solicitação de *snipers* para resolver, antes disso se tornar pauta ou de qualquer anúncio oficial. Pouco antes das nove horas o termo *sniper* estava nos *trending topics*, em postagens pedindo a morte do sequestrador ou comentando a presença do atirador de elite, cuja posição já havia sido divulgada pela mídia, mesmo sabendo que o sequestrador acompanhava a repercussão de dentro do ônibus. Após o tiro a repercussão atinge pico de postagens, que tomam um rumo mais politizado e polarizado, sobretudo debatendo a comemoração do governador do Rio de Janeiro.

4.2.2 Distribuição de curtidas e as publicações mais populares

Perspectivas entusiastas com a internet nos primórdios de seu desenvolvimento destacavam sua horizontalidade, que inaugurava novas possibilidades de comunicação além da comunicação de massa unidirecional ou entre duas fontes mediadas por tecnologias da informação até então disponíveis (CASTELLS, 2015; MILLER *et al.*, 2016). Se com as redes sociais todos usuários podem produzir conteúdo com possibilidade de se dissipar indiscriminadamente, atingindo às vezes audiências comparáveis com as da televisão, por outro lado, o que ocorre normalmente reflete o que sempre ocorreu na comunicação off-line, a desigualdade na distribuição de recursos, nesse caso de ocupar uma posição de influência no meio digital. Como foi discutido no capítulo 3, as plataformas não são espaços neutros, mas aspectos como seus modelos de negócios e arquitetura condicionam um determinado tipo de interação e conteúdo a ser produzido (VAN DIJCK, 2013). As plataformas lucram com os usuários permanecendo nelas, seja por oferecer anúncios ou vender seus dados de suas interações, favorecendo a disseminação de conteúdos que geram engajamento, medido em métricas como curtidas, compartilhamentos, comentários e tempo de permanência (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018). Já foi dito que isso favorece que conteúdos emocionais e notícias falsas alarmistas se dissipem com facilidade, ainda mais com auxílio de *bots* para inflar opiniões, que se associam às posições mais extremas e interferem no debate público (HOWARD; WOOLEY; CALO, 2018; RUEDIGER *et al.*, 2017; CALDARELLI *et al.*, 2019). Em meio a isso, usuários comuns, pelo menos quando não em mobilizações em

conjunto, têm pouca probabilidade de influenciar significativamente esses acontecimentos. Como mostram análises de redes sociais, são alguns poucos atores influentes que estão no centro que dominam e pautam os debates públicos nas redes sociais³⁹.

Quadro 9 - Quantidade de *tweets* por faixa de curtidas recebidas

Número de curtidas	Quantidade de <i>tweets</i> (%)
0	3244 (38,9%)
1	1399 (16,7%)
2	780 (9,3%)
3-5	1055 (12,6%)
6-20	1013 (12,1%)
21-99	474 (5,7%)
100-999	278 (3,3%)
1000-9999	76 (0,9%)
10000+	21 (0,2%)
Total	8340

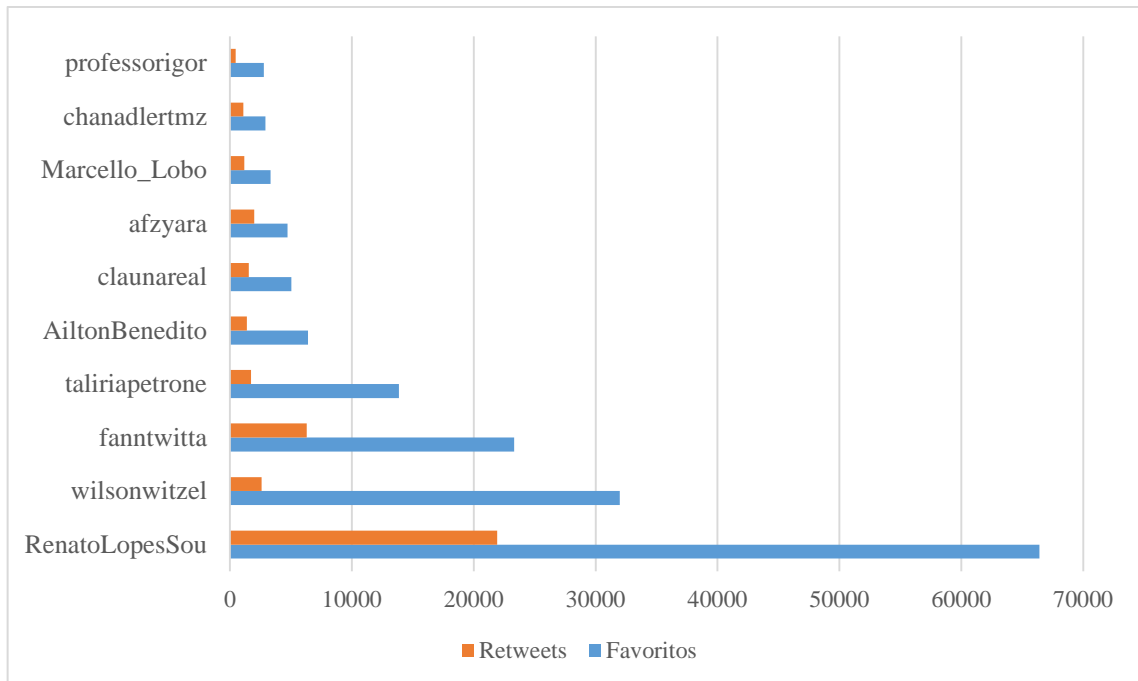
Fonte: Elaboração própria.

Nos *tweets* sobre sequestro na ponte Rio-Niterói não é diferente, sendo possível ver a desigualdade com que se distribui a influência, que pode ser medida com número de curtidas e *retweets* das publicações. A ferramenta de favoritar ou curtir uma publicação foi incorporada posteriormente no Twitter, se assemelhando com o sentido que a função tem no Facebook, mas também permitindo salvar o conteúdo, que pode ser consultado no perfil do usuário tudo que ele curtiu. Quando um indivíduo retuita uma publicação, ela aparece para os seus seguidores, e quando curte às vezes ocorre o mesmo, fazendo que cada vez mais se amplifique seu alcance sucessivamente. De qualquer modo, a curtida indica um tipo de adesão ao conteúdo da publicação, e com base nesse indicador, pode-se observar que, do total de 8340 publicações, 3255 não tiveram nenhuma curtida, correspondendo a 38,9%, enquanto apenas uma foram 1399 (16,7%) e apenas duas foram 780 (9,3%). Já as postagens que receberam entre 3 e 5 curtidas somaram 1055 (12,6%), ao passo que entre 6 e 20 curtidas foram 1013 (12,1%) publicações. A maior parte dos *tweets*, 7491 (89,8%), portando, recebeu até vinte curtidas, demonstrando a importância e presença de usuários comuns comentando o

³⁹ Por exemplo, grafos feitos pelo Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic/UFES) mostram que poucos influenciadores ficam ao centro de debates no Twitter, em torno dos quais orbitam usuários comuns que compactuam com aquela posição. Disponível em: <http://www.labic.net/blog/quem-esta-de-carona-na-boleia/> Acesso em: 25/06/2020.

evento, sem os quais o evento não teria tomado a devida proporção. A medida que sobe a faixa de curtidas, diminui a quantidade de postagens, sendo apenas 21 *tweets* com mais de 10 mil.

Figura 10 - Perfis autores das dez publicações com maior número de curtidas na parte I



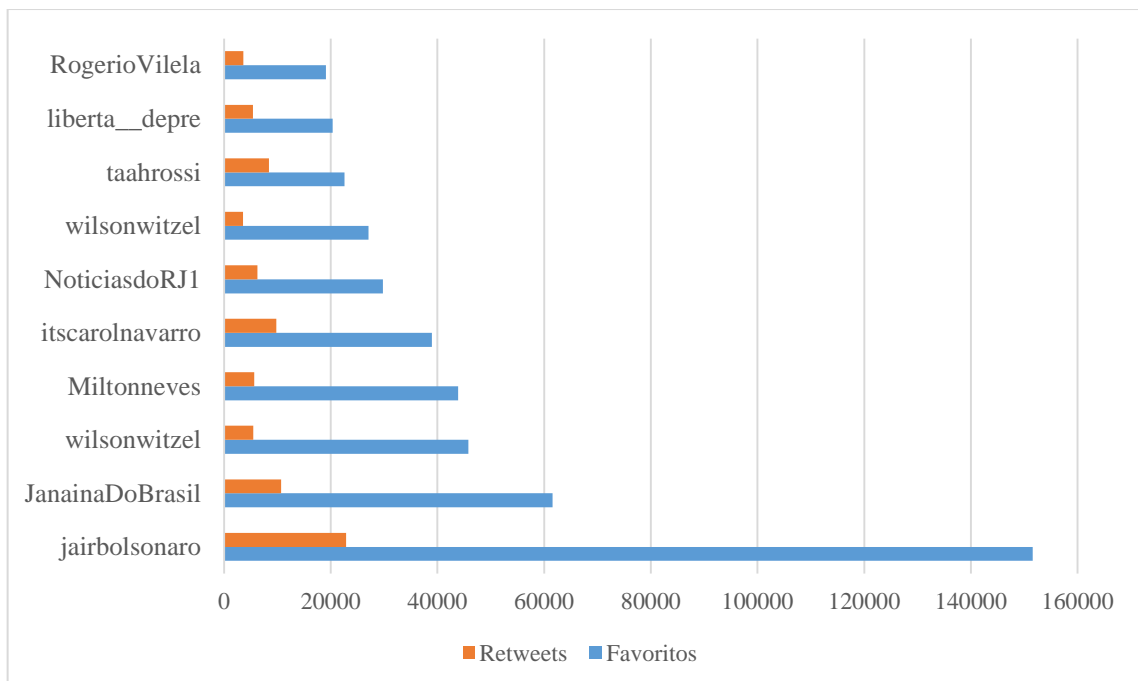
Fonte: Elaboração própria.

Já os perfis autores das dez publicações com maior número de curtidas na parte inicial da repercussão são apresentados na Figura 10, podendo-se observar a presença três figuras públicas, dentre os quais o político Wilson Witzel (PSC), governador do Rio de Janeiro, e a Talíria Petrone (PSOL), deputada federal, além do membro do judiciário Ailton Benedito, chefe da Procuradoria da República de Goiás. O restante foi feita por usuários comuns, que foram bastante propagadas, dentre elas a publicação em destaque e segunda maior durante toda a repercussão.

No segundo momento, o padrão de figuras públicas com muitos seguidores, em especial de políticos, se acentua dentre as publicações mais populares. A Figura 11 apresenta os perfis autores das postagens com mais curtidas na segunda parte, se destacando novamente a presença de três autoridades políticas, como o próprio presidente da república Jair Bolsonaro, liderando em toda a repercussão, chegando a 151 mil curtidas, mais do que o dobro do segundo colocado e líder na primeira parte, com 65 mil, bem como a deputada federal Janaína Paschoal (PSL), em segundo lugar, com 61 mil curtidas, seguida pelo

governador do estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), com um *tweet* com 45 mil e outro com 27 mil. Ainda, integram a lista o jornalista Milton Neves em quarto lugar, a página de notícias independente @NoticiasdoRJ1, que noticiou o evento desde o início, e o humorista Rogério Vilela, em décima colocação. As três postagens restantes foram feitas por usuários comuns. Na primeira parte, as postagens em destaque partem de 2782 curtidas, enquanto as dez publicações em destaque no segundo momento, por outro lado, partem de 19 mil curtidas, justamente por envolver as faixas de horário em que as postagens mais populares foram feitas.

Figura 11 - Perfis autores das dez publicações com maior número de curtidas na parte II



Fonte: Elaboração própria.

Esses dados revelam a desigualdade de distribuição de influência no Twitter, o qual não se configura como uma arena de comunicação horizontal, mas antes mantém desigualdades do mundo off-line, que só é superada por casos de exceção, quando usuários com poucos seguidores conseguem fazer com que uma publicação se propague, como a segunda mais curtida de todo banco de dados. Se a presença de indivíduos influentes dentre as postagens mais populares não surpreende, quem são esses usuários ditam um padrão de politização do evento, em duas publicações no início, mas que se acentua posteriormente, em quatro delas, além de um membro do judiciário na primeira parte. Outra característica é a presença de um jornalista, ainda que não seja uma postagem do tipo Informação, e de uma

página de informação, acentuando o Twitter como uma plataforma de informação, além de um humorista, mas em uma postagem que não foi de humor. Ao observar os autores dos *tweets* mais populares, então, já pode-se notar um padrão de politização do evento no Twitter.

Passa-se a análise relativa aos *tweets* de cada categoria empírica no próximo capítulo, junto com suas frequências e termos associados a cada uma delas. O capítulo subsequente se destina a análise das emoções contidas nas publicações do sequestro, apresentando também o dicionário e suas frequências.

5 AS CATEGORIAS DOS TWEETS DO SEQUESTRO NA PONTE RIO-NITERÓI

Após as considerações gerais sobre a repercussão do sequestro na ponte Rio-Niterói feitas no capítulo anterior, pontuando seus momentos importantes, apresenta-se agora a análise relativa as categorias empíricas encontradas nas publicações. Estruturado em duas partes, um para cada uma das partes da repercussão, o primeiro subcapítulo inicia dispondo a frequência de cada uma das categorias encontradas, assim como o dicionário e termos associados a cada uma delas. A segunda seção desenvolve a categoria mais frequente, Trabalho, cujo principal personagem é o trabalhador, bem como de Pedido de morte, categoria que explicita o punitivismo em torno do bandido. Na terceira seção, discute-se as categorias Crítica à mídia, que envolve críticas a superexposição midiática, mas também a cobrança de uma postura mais punitiva, bem como Especialistas, sobretudo sobre jornalistas, e Repetições, sugerindo a presença de *bots*. O subcapítulo se encerra abordando as publicações de Humor e as mais populares, com presença de políticos, e se destacando as categorias Humor e Crítica à mídia.

O segundo subcapítulo, destinado à segunda parte da repercussão, que começa a partir da morte do sequestrador, também inicia com a frequência das categorias desta etapa e o dicionário dos termos associados a elas. A segunda seção aborda um conjunto de categorias inéditas que expressam polarização em torno do punitivismo, manifesto em Comemoração, Crítica à comemoração e Crítica à crítica da comemoração. A terceira seção discorre sobre as categorias Crítica à mídia e Especialistas, que expressam punitivismo e anti-jornalismo. A quarta seção aborda as categorias Crítica ao previdenciarismo e Repetições, associadas ao punitivismo e às postagens mais extremas. Por fim, analisa-se as publicações de Humor, que falam sobre a identidade nacional ou carioca de zoeira, além dos *tweets* mais populares em que se destacam políticos de direita. Na última seção são feitas algumas considerações sintetizando as categorias dos *tweets* sobre o sequestro na ponte Rio-Niterói, frisando mudanças de um momento para o outro.

5.1 PARTE I: TRABALHO, CRÍTICA À MÍDIA E PEDIDO DE MORTE

5.1.1 Frequência e dicionário das categorias

Como já foi adiantado no capítulo metodológico, do total das 3907 postagens da parte I, 1262 (32,3%) foram de Informação, que inclui *tweets* de notícias de portais jornalísticos, independentes ou dos próprios usuários, sem juízos de valor, exceto poucos casos em que adicionavam informações inéditas, além de compartilhamentos de notícia sem opiniões. Em contraposição, as postagens de Opinião, que englobam publicações de usuários expressando opiniões, comentários, juízos de valor e emoções, contabilizaram 2621 (67%). Além destas, foram 24 publicações de Spam, divulgando coisas sem relação ao sequestro, e deixadas de fora da análise. As categorias foram desenvolvidas a partir das dimensões de análise consideradas, neste momento procedendo principalmente de modo manual, mas também a partir das palavras mais frequentes.

Quadro 10 - Frequência das categorias dos *tweets* de Opinião na parte I

Categoria	Frequência (%)
Emoções	1858 (70,8%)
Trabalho	226 (8,8%)
Crítica à mídia	192 (7,3%)
Pedido de morte	125 (4,7%)
Humor	37 (1,4%)
Especialistas	22 (0,8%)
Repetições	9 (0,3%)
Total	2621

Fonte: Elaboração própria.

As 2621 postagens de Opinião foram classificados gerando Nós secundários relativos a cada categoria no NVivo e o Quadro 10 dispõe suas frequências. O destaque foi Emoções, com 1856 publicações, posteriormente enquadradas em emoções específicas em Nós terciários, analisadas no capítulo seguinte. Postagens reclamando de não poder ir trabalhar ou estudar por conta do trânsito foram 226 (8,8%), gerando o sub Nó Trabalho. Crítica à mídia correspondeu à 192 (7,3%) publicações, principalmente criticando a superexposição midiática e o emprego do termo “suspeito” e “suposto”. Pedido de morte foram 125 (4,7%) *tweets*, envolvendo de pedidos pela morte do sequestrador explícitos, insinuações ou pedidos de uso de *sniper*. Humor gerou 37 (1,4%) postagens, surgindo na parte final fazendo referência as

peças que estavam na ponte vendendo coxinha, jogando bola ou empinando pipa, que apesar da baixa frequência, figuraram dentre as postagens mais curtidas na primeira parte e ganham destaque na segunda, como será visto adiante. Especialistas foram 22 (0,8%) postagens, fazendo referência a técnicos ou empregando conceitos como espetáculo, por exemplo, e por fim, Repetições incidu 9 vezes, repetindo duas mensagens, sugerindo a presença de *bots*. O Quadro 11 dispõe os termos utilizados para filtrar cada categoria e associados a elas.

Quadro 11 - Termos associados a cada categoria da parte I

Categoria	Termos associados
Crítica à mídia	mídia, imprensa, cobertura, mostrando, mostra, suposto
Especialistas	especialista, filósofo, sociólogo, cientista, advogado, jornalista, jornalismo, espetacularização, espetáculo
Humor	vendendo, salgado, gta, coxinha, representa, empreendedor, empreendedorismo
Pedido de morte	sniper, matar, morto, cpf
Trabalho	trabalhar, trabalho, trabalhador, chegar, aula, trabalhadores, estudar, faculdade

Fonte: Elaboração própria.

5.1.2 Trabalho e Pedido de morte: indignação e punitivismo

A categoria em destaque na primeira parte da repercussão foi Trabalho, em 226 *tweets*, correspondendo a 8,8% das publicações de Opinião, filtradas e assoados aos termos *trabalhar, trabalho, trabalhador, chegar, aula, trabalhadores, estudar e faculdade*, indicando sobretudo reclamações de pessoas que tiveram seus compromissos, como trabalho e estudo, atrapalhados por conta do trânsito parado pelo sequestro. O Quadro 12 dispõe algumas dessas publicações, em que se pode notar que a característica comum é serem marcados por indignação e um tom negativo. Há comentários sobre a própria situação, de que não poderá ir a aula (*tweet 1*) ou de quem conseguiu ir, mas o professor ficou preso no trânsito (*tweet 7*). Mas o principal eixo são comentários de trabalhadores indignados, a respeito de si ou de outros trabalhadores que não poderão ir trabalhar por conta do trânsito (*tweets 2, 3, 4, 5 e 6*). Alguns se dirigem ao sequestrador expressando indignação e nojo, como os *tweets 3 e 4*, e outros fazendo críticas sociais mais profundas, como o *tweet 5* que diz que o trabalhador acorda cedo para ganhar uma miséria e ainda tem o ônibus sequestrado, alegando que no Brasil se sobrevive. O *tweet 6* vai em direção similar, que deveriam liberar uma pista para quem precisa ir trabalhar, concluindo com “a taxa de desemprego tá baixinha né”. Em

contraposição à Trabalho, de modo bastante tímido a ponto de não constituir uma categoria, algumas publicações alegaram falta de empatia de quem só estava pensando no trânsito e não a vida dos reféns.

São manifestações de pessoas comuns alegando a necessidade do trabalho e de garantirem o sustento de sua família, em alguns casos fazendo referência a situação de alta taxa de desemprego em meio à crise econômica no país, que não conseguiram trabalhar ou estudar por conta da violência. A principal categoria da primeira parte, portanto, foge da polarização e politização que se manifesta com mais força no segundo momento da repercussão, revelando que as pessoas comuns ao falar da violência falam também sobre outros problemas sociais, de modo semelhante as considerações de Paiva (2012) sobre os meios de comunicação ao retratarem crimes, que possibilitam a criação de narrativas sobre outras questões, mas de algum modo relacionados a criminalidade ou ao sistema de justiça. Outro ponto é a forma como é acionado a posição de pessoas autorizadas a reclamar do trânsito por conta de sua posição digna por ser trabalhador ou estudante em contraposição ao bandido e vagabundo que atrapalha a vida das pessoas de bem. Justamente por isso também em alguns casos é cobrada uma postura rígida das autoridades para resolverem o problema de forma rápida. Esta construção do trabalhador em relação ao bandido lembra das análises de Feltran (2007) quando elenca que os primeiros falam muito sobre si em contraste com o bandido, reforçando as dificuldades em se manter no caminho honesto, do mesmo modo que a repressão de um significa a proteção do outro.

Quadro 12 - *Tweets* de Trabalho⁴⁰

Tweet 1: “Ponte rio Niterói fechada, não vou pra aula hj mané pqp”

Tweet 2: “sequestro na ponte rio-niterói uma hr dessas é p fuder a vida de trabalhador msm plmd”

Tweet 3: “Putá que me pariu, 6hrs da manhã nego fazendo sequestro na ponte Rio Niterói, Crlh vai dormir seu bandido de merda!!

Não pode nem mais trabalhar mais em paz!”

Tweet 4: “Agora tu vê esse bandido da ponte Rio-Niterói... que filho da puta, fudendo com a vida dos outros na hora de ir pro trabalho.”

Tweet 5: “No Brasil o cidadão acorda cedo pra trabalhar pra ganhar uma miséria e o ônibus ainda é sequestrado.

Se você sobrevive no Brasil, sobrevive a tudo.”

Tweet 6: “po mas aí os cara fecha a ponte rio niteroi e como fica as pessoas que querem vir pro rio trabalhar? devia liberar um lado da pista mesmo que ficasse engarrafado, a taxa de desemprego tá baixinha né”

Tweet 7: “chocada com essa parada da ponte rio niterói, ainda vim pra faculdade e minha professora tá presa lá pqp”

Fonte: Elaboração própria.

Se as postagens que cobram uma resolução da situação referem-se aos trabalhadores, ao sequestrador se dirigem pedidos por punição pela categoria Pedido de morte, manifestando punitivismo de modo mais puro. Foram 125 (4,7%) *tweets*, sendo a terceira mais incidente, e se associou aos termos *sniper*, *matar*, *morto* e *cpf*, indicando desde pedidos explícitos pela morte do sequestrador do ônibus ou do uso de atiradores de elite, até insinuação de sua morte. O Quadro 13 apresenta algumas dessas postagens, em que se pode notar manifestações calorosas sobretudo de nojo referindo-se ao sequestrador por adjetivos como “demônio”, “bandido”, “vagabundo”, “estrume”, “desgraçado” e “marginal” (*tweets* 1, 3, 4, 6, 7 e 8). Tais termos são manifestações claras de nojo e explicitamente discursos morais, indicando superioridade do locutor em relação ao sequestrador, que por conta da ação má, se torna menos humano. Em alguns casos, mesmo manifestando nojo em relação ao sequestrador, expressaram ao mesmo tempo compaixão para com as vítimas (*tweets* 6 e 7). A análise sobre as emoções será apresentada no próximo capítulo, mas já pode-se adiantar como a compaixão e o nojo mutuamente se repelem, a primeira cabendo as vítimas, e a segunda para quem fez algo que ofendeu a moral coletiva. Esses dois atores principais, em posições antagônicas,

⁴⁰ Os *tweets* escolhidos para os quadros buscou inserir as recorrências e pluralidade das manifestações. Em alguns casos foram removidas quebra de linha ou espaços excessivos por questões de diagramação.

repete a dicotomia entre a vítima santificada, nesse caso trabalhadores que acordam cedo para fazer sua vida honestamente, impedidos por um sequestrador, representante do mal, característica de representações midiáticas observadas também em outros estudos (RAMOS; NOVO, 2003; MELO, 2010; JUSTO; PINTO; PIRES, 2019; PASSIANI; TEIXEIRA, 2019). Mesmo que muitos pedidos de morte sejam feitos com nojo do sequestrador, houve também pedidos “frios” ou indiferentes, não categorizados em emoções, como os *tweets* 2 e 9, que apenas cobram que a situação seja resolvida pelos atiradores.

Mas o traço mais marcante dos *tweets* de Pedido de morte é o caráter punitivo, apesar da associação como o nojo. Há manifestações explicitamente desejando a morte do sequestrador, como os *tweets* 1, 2, 3, 6, 7 e 8, mas também um pedido marcando o governador para que “arregace a bandidagem em São Gonçalo”, se referindo ao local que o ônibus partiu, como o *tweet* 5. O *tweet* 9 cobra que os atiradores já poderiam ter resolvido, lê-se, ter matado o sequestrador, nas duas vezes em que ele saiu do ônibus, alegando que “no Brasil se conversa demais, até com sequestrador”, cobrando o uso da força, e o *tweet* 4 vai em sentido similar, cobrando que se a polícia matar o sequestrador serão acusados de truculência, mas se ele matar os reféns não vai dar em nada. Na maior parte dessas manifestações o punitivismo é mais moral do que instrumental, pois o desejo de punição é feito em referência apenas ao sequestrador, em poucas vezes mencionando que seria para a defesa das vítimas. Recorrentemente o desejo de punição é feito em referência ao sequestrador, manifestando nojo, mas também houve em menor medida punitivismo sem manifestar emoções, sem apresentar qualquer envolvimento com o criminoso, cobrando apenas que a situação fosse resolvida, em sentido instrumental, independentemente do que isso implicaria (*tweet* 2).

Quadro 13 - *Tweets* de Pedido de morte

Tweet 1: “Tomara q tenhamos um CPF do demônio cancelado na ponte rio-niterói.”

Tweet 2: “Chama o sniper e resolve logo isso...”

Tweet 3: “Um bandido armado ilegalmente rende ônibus na Ponte Rio Niterói. Não tem ninguém armado legalmente dentro do ônibus para matar este bandido?”

Tweet 4: “Vagabundo sequestra um ônibus na Ponte Rio x Niteroi. Aí se a Polícia age e abate esse ser, vão falar em truculência. Mas se ele agir antes, e matar o motorista que está como refém, nada acontece.”

Tweet 5: “@wilsonwitzel após esse sequestro de ônibus em meio a ponte Rio Niterói, o senhor arregace a bandidagem em São Gonçalo! Já não é de hoje que a coisa está feia por lá! Aguardamos!”

Tweet 6: “Esse sequestro no ônibus na ponte Rio Niterói só tem um fim: matar o bandido e pronto. PELO AMOR DE DEUS NÃO DEIXEM ESSE ESTRUME MACHUCAR NINGUÉM”

Tweet 7: “Já acordo com essa notícia de um sequestro na Ponte Rio Niterói, que o vagabundo seja preso ou morto. Que nenhum refém seja ferido por esse meliante.”

Tweet 8: “Acordar, ligar a TV e vê um filho da puta parando o a cidade Rio de janeiro na Ponte Rio Niterói é revoltante e ainda tem gente lixo que defende marginal. Tenho nojo dessa raça imunda, tomara que esse desgraçado morra. Direitos Humanos é o caralho , marginal tem que morrer.”

Tweet 9: “Duas vezes esses atiradores já poderiam ter resolvido o assunto... mas no Brasil se conversa demais, até com sequestrador”

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de outras categorias também manifestarem punitivismo no segundo momento da repercussão, Pedido de morte o manifesta de modo mais puro. Michel Misse (2010) argumenta que há um punitivismo habitual no Brasil que justifica a eliminação física de criminosos, mesmo comuns e sem apresentar periculosidade. Segundo César Barreira (2015, p. 64) o desejo de punição configura um tipo de linchamento virtual e adjetivos depreciativos como “monstro, bandido, vagabundo, lixo humano, desgraçado, safado evidenciam a retirada do autor do crime da condição de membro de um coletivo social”. Não é à toa que esses termos são mobilizados e estão associados ao desejo de punição nos *tweets* de Pedido de morte, que se canalizam através do nojo, da repulsa quanto ao criminoso, como será visto com mais detalhes no próximo capítulo. Apesar da principal gramática emocional do punitivismo ser o nojo, indicando um envolvimento intenso com o criminoso, por conta da moral coletiva que ele viola, em menor medida houve *tweets* desejando punição sem manifestar qualquer emoção, portanto, nenhum envolvimento, mas completamente indiferente a vida do sequestrador.

5.1.3 Crítica à mídia, Especialistas e Repetições: espetáculo e defesa de bandido

A segunda categoria mais frequente foi Crítica à mídia, em 192 (7,3%) postagens, dentre elas três das mais curtidas, associadas aos termos *mídia*, *imprensa*, *cobertura*, *mostrando*, *mostra* e *suposto*, em dois grupos principais de publicações críticas à cobertura midiática: por um lado pela super exposição, revelando posições dos policiais que atuavam na ocorrência, e por outro, cobrando uma posição punitiva, alegando que ela estava defendendo o sequestrador. Desde o início do sequestro já haviam críticas a exposição midiática que revelava posições estratégicas dos policiais que poderiam comprometer a operação, como os *tweets* 1 e 6 do Quadro 14, que dispõem algumas dessas postagens, o segundo já mencionando o *sniper* que estava posicionado. Mais para o final da primeira parte soube-se que o sequestrador acompanhava de dentro do ônibus a repercussão e mesmo assim a mídia divulgou fotos enviadas por vítimas, que poderia colocá-las em risco, chamando de “falta de responsabilidade”. Nessa direção, são recorrentes a lembrança da cobertura midiática do caso do ônibus 174 e do caso Eloá quanto à cobertura sensacionalista da mídia, em alguns casos colocando explicitamente a culpa pelas mortes nos meios de comunicação. O *tweet* 2 projeta que a imprensa viria a atuar dessa forma, em referência ao caso 174, nomeando sua atuação como “circo”. Esse primeiro conjunto das publicações de Crítica à mídia revelam cidadãos críticos à imprensa, cobrando responsabilidade e uma melhor postura, que não atrapalhasse a operação policial e colocasse em risco a vida das vítimas.

É um outro conjunto dessas publicações, entretanto, que tomam uma dimensão punitiva e politizada, ao insinuar ou atribuir diretamente a adesão a uma ideologia que defende criminosos. Muitas delas se direcionam ao emprego dos termos “suposto”, como o *tweet* 3, e “suspeito”, como o *tweet* 4, o qual cobra que se refiram ao sequestrador como “bandido”, em sentido de pegar leve ou até mesmo estar do lado do sequestrador. A respeito das críticas dos usuários quanto ao uso desses dois termos pela imprensa, isso já foi observado por Fischborn e Almeida (2020) em comentários de ocorrências criminais no Facebook, demonstrando a demanda por uma postura moral e punitiva das pessoas vem justamente da audiência, que cobram esse posicionamento dos meios de comunicação. Esses *tweets* expressam conflitos contemporâneos presentes na sociedade brasileira, no que diz respeito aos embates com os meios de comunicação, frequentemente atacados e acusados pela extrema direita de defender pautas “esquerdistas”. É o movimento de perda de autoridade e legitimidade de instituições tradicionais, nesse caso a mídia, que vem sendo questionada sobretudo por grupos de extrema direita. Outro ponto é que o *tweet* 4 atribui essa postura da

mídia ao “politicamente correto”, tidas pela direita como censura do campo progressista, que impede que criminosos sejam chamados de bandidos, que seriam os protegidos pelo sistema.

Quadro 14 - *Tweets* de Crítica à mídia

Tweet 1: “Operação na ponte Ríó X Niterói. Daí um "serto" helicóptero mostrando as posições dos policiais.
Pqprilllllllllllllllllll”

Tweet 2: “Daqui a pouco a imprensa chega em peso e vira aquele circo desnecessário igual o do 174...”

Tweet 3: “Para a #AImprensaMente, "suposto" homem armado faz "supostos" reféns na "suposta" ponte Rio-Niterói. "Supostos" policiais estão no "suposto" local "supostamente" negociando. VSF”

Tweet 4: “A imprensa noticia que neste exato momento um homem armado faz reféns dentro de um ônibus na ponte Rio-Niterói. Esse digníssimo senhor não seria um bandido sequestrador? Basta de politicamente correto.”

Tweet 5: “Notícia correta: "Homem faz reféns em ônibus na Ponte Rio-Niterói”

Globo noticiando:

- Já se sabe que é militar
- Existem indícios de que é motivação política
- Sequestrador votou no Bolsonaro
- A arma é legalizada

Nojo dessa mídia nojenta e que passa longe do jornalismo real”

Tweet 6: “EU NÃO ACREDITO QUE TÃO MOSTRANDO A POSIÇÃO DO ATIRADOR DE ELITE nesse caso da ponte Rio Niterói”

Tweet 7: “Não satisfeito em municiar de informações o sequestrador da Ponte Rio Niterói, o @gl ainda entrega um refém tirando foto. Não tenho nem nome para essa falta de responsabilidade.”

Fonte: Elaboração própria.

Houve um princípio de polarização, mas incipiente, de bolsonaristas dizendo que a mídia iria colocar a culpa do sequestro em Jair Bolsonaro (*tweet* 5) e por outro lado, postagens alegando que Globo iria dizer que o sequestrador era do PT e também que o ex presidente Lula estaria completando 500 dias “sequestrado” na prisão. O *tweet* 5 se aproxima do que foi discutido a cima, no que diz respeito a atribuição de uma ideologia de esquerda à mídia que estaria do lado dos criminosos e do politicamente correto, e que manipularia a população contra a direita, no caso na figura do presidente. Apesar da maior parte dos *tweets* de Crítica à mídia não nomear explicitamente para que veículos ou emissoras eram destinadas, foram 37 menções ao termo “globo”, demonstrando o principal alvo desses ataques. Esse conjunto explicita um posicionamento político de seus autores, bem como torna claro o tom punitivista.

Crítica à mídia já manifesta politização e adesão ao punitivismo, mas não se resume a isso, pois este foi um dos conjuntos de manifestações que tanto atribuem uma ideologia de esquerda que defende bandidos aos meios de comunicação, criticam o politicamente correto e cobram que não sejam chamando de “suspeito” ou “suposto”, mas de “bandido”, ou seja, a própria audiência demandando uma postura punitiva da imprensa. O outro conjunto, por outro lado, revela atores críticos a cobertura sensacionalista, de espetacularização e superexposição da mesma imprensa, reivindicando maior responsabilidade, por atrapalhar este tipo de operação, como em situações passadas semelhantes, como o sequestro no ônibus 174 e o caso Eloá, que foram rememorados.

Já a categoria Especialistas, que buscou termos fazendo referências aos *experts* como *especialista, filósofo, sociólogo, cientista, advogado, jornalista e jornalismo*, além de termos técnicos como *espetacularização* e *espetáculo*, teve incidência em apenas 22 publicações nesse momento, a maior parte se dirigindo a jornalistas, no sentido de crítica das postagens da categoria acima. Destaca-se o trecho de um *tweet* que critica a “pergunta capciosa do ‘especialista’ de segurança da Globo” a um tenente-coronel da polícia militar, em defesa deste último, em um tom irônico nas aspas com que se dirige ao especialista. Fora isso, uma postagem crítica a “espetacularização desse tipo de situação”, se dirigindo a Globo News, que estaria tratando o caso como um “*reality show*”, e outro em que alega que a mídia estaria fazendo um “espetáculo”, fazendo referência a um episódio da série televisiva que se passa em um futuro distópico *Black Mirror*. As menções ao termo espetacularização para se referir a cobertura como se fosse um *reality show*, que faz alusão as teorizações de Guy Debord, sugerindo um movimento cíclico de incorporação da ciência no senso comum. Nesta etapa da repercussão, enquanto ainda ocorria o sequestro, as menções aos especialistas foram tímidas.

Repetições foram apenas duas postagens repetidas nove vezes, indicando a presença de *bots* na repercussão, ditando também uma politização. A postagem mais repetida incidiu seis vezes com variações de: “@ Bom dia Julia! Tudo bem? Logo cedo esta notícia horrível sobre o sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói. Desejo que todos sejam libertados o mais rápido possível. Ninguém merece passar por isto. Beijo e abraço”. O nome de usuário foi apagado por questões de privacidade, mas o curioso é que cada vez marcavam uma arroba diferente e o nome do usuário fora inserido na mensagem, e o restante permaneceu igual. Em todos os casos foram perfis femininos e sugere *bots* interagindo com usuários, mas sem uma posição ideológica muito definida. Essas contas automatizadas tentam se passar por humanos e interagem com perfis de acordo com suas posições políticas, assim como o conteúdo

postado por elas costumam ser mais extremas no espectro ideológico, mas que não foi o que ocorreu neste momento (HOWARD; WOOLEY; CALO, 2018; RUEDIGER *et al.*, 2017).

A segunda postagem foi repetida apenas três vezes foi a seguinte: “Temos um sequestro de ônibus em pleno andamento na Ponte Rio Niterói. Segundo a lei de abuso de autoridade, aprovada pelo Congresso, se o sequestrador se render, ele não poderá ser algemado, para não ser constrangido. Já os reféns estão sendo humilhados a horas pelo bandido”. No total, foram treze publicações mencionando a suposta Lei de abuso de autoridade, que já teria sido aprovada e impediria o sequestrador de ser algemado para não ser constrangido, enquanto os reféns continuavam sendo humilhados pelo sequestrador. Essas postagens se configuram como ataques ao Congresso e elencam que as leis estão do lado dos bandidos e na segunda parte da repercussão, quando toma um caráter mais politizado e polarizado, Repetições recebem volume muito maior, além de que uma das publicações mais replicadas é uma versão parecida com esta última mensagem, mas mais extremista.

5.1.4 Humor e as publicações mais populares: distanciamento e politização

Humor foi a última categoria desta etapa a aparecer, incidindo em apenas 37 publicações, associados aos termos *vendendo*, *salgado*, *gta*, *coxinha*, *representa*, *empreendedor* e *empreendedorismo*. O principal eixo destas postagens foi em alusão às imagens de pessoas vendendo lanches na ponte, com legendas ironizando o brasileiro ou o carioca empreendendo na ponte em meio a situação trágica. A Figura 12 apresenta a captura de tela de um *tweet* desse tipo, que foi a mais curtida desta parte da repercussão, atingindo 66 mil, e segunda maior de todo o banco de dados. Acompanhada de duas imagens de um vendedor e pessoas comprando coxinha e refrigerante na ponte Rio-Niterói, está escrito “Sequestraram um ônibus na ponte rio niteroi e tem um maluco que apareceu lá vendendo refri e coxinha”, concluindo com “Isso representa mais o Brasil que samba e churrasco na laje”. A postagem segue um formato de *memes* que circularam algum tempo antes, falando sobre peculiaridades em sentido cômico da cultura brasileira acompanhada pela legenda “*this represents Brazil more than soccer and samba*”, mas na versão traduzida para o português. Essa publicação é representativa de Humor, cuja maior parte delas, sobretudo na primeira parte, são em sentido similar, muitas vezes replicando as mesmas imagens, como o *tweet* 5 do Quadro 15, que dispõe algumas destas postagens. O *tweet* 6 possui sentido similar, acompanhado por um vídeo de pessoas jogando bola na ponte, que aumentam na segunda parte.

Figura 12 - Captura de tela do *tweet* mais curtido da parte I⁴¹



Fonte: Captura de tela do Twitter.com.

Outras publicações de Humor fizeram referência a outras coisas, mantendo em comum o caráter cômico. As primeiras postagens dessa categoria foram em alusão ao jogo de console e computador GTA (*Grand Theft Auto*), em sentido de o sequestrador ter conseguido mobilizar polícia, BOPE, marinha e helicópteros, atingindo as cinco estrelas de perseguição do jogo (*tweet 3*). Houve também referência ao filme *Velocidade Máxima* (*tweet 1*) e o *tweet 2* ironiza o sequestrador que simplesmente parou a ponte Rio-Niterói. O *tweet 4* comenta uma entrevista da Rede Globo com pessoas presas na ponte, ironizando que o entrevistado estava atrasado, enquanto o *tweet 7* ironiza uma questão que foi mencionado algumas vezes na repercussão, que fariam um filme colocando o sequestrador como vítima, em alusão ao filme

⁴¹ Entre a coleta dos dados e a posterior captura de tela, o autor trocou seu *nick name* e variou o número de curtidas.

Última parada 174, contando a vida do sequestrador, falando que “A mão do cineasta chega a tremer”. Essa questão se aproxima de um tópico recorrente na segunda parte da repercussão, no que diz respeito à atribuição de uma ideologia que defende bandidos, os colocando como vítimas, por parte da mídia, das instituições de justiça, dos partidos de esquerda, e nesse caso, a classe artística. Esta posição, foi uma das exceções dentro os *tweets* de Humor a ter um caráter mais político e indicar um tipo de posição ideológica, que justamente por isso seu lado cômico parece estar em segundo plano.

Quadro 15 - *Tweets* de Humor

<p>Tweet 1: “ta rolando as gravações do velocidade máxima 3 na ponte rio niteroi pelo visto”</p> <p>Tweet 2: “gente..o cara simplesmente sequestrou o onibus e parou na ponte RIO NITERÓI kkkkkkkkkk”</p> <p>Tweet 3: “O cara conseguiu mobilizar a polícia rodoviária federal, a PM comum, o BOPE, os bombeiros e a MARINHA na Ponte Rio Niterói. 7 estrelas do GTA.”</p> <p>Tweet 4: “Repórter da Globo na ponte Rio Niterói falando com os motoristas presos no trânsito: - que horas você tinha que chegar no trabalho? - 8h... - iiiiiiiiiii tá atrasado então HAHUAUHAUHUHA CARALHO MAS QUE FILHO DA PUTA”</p> <p>Tweet 5: “ponte Rio Niterói parada por conta do sequestro e o cara começa a vender salgado kkkkkkk eu amo o brasileiro pqp”⁴²</p> <p>Tweet 6: “Homem mantém reféns dentro de ônibus na ponte Rio-Niterói Carioca: vamo jogar bola”</p> <p>Tweet 7: “Sequestro na ponte Rio Niterói. A mão do cineasta chega a tremer.”</p>

Fonte: Elaboração própria.

O humor geralmente se refere a temas considerados ambíguos, contingentes ou tabus, sendo uma forma de abordá-los (RADCLIFFE-BROWN, 1973; FONSECA, 2004; WERNECK, 2015; RECUERO; SOARES, 2013). Radcliffe-Brown (1973) argumentava que as relações de brincadeira consistem em uma situação de desrespeito permitido, cuja única obrigação é não ser tomada como desrespeito, sendo uma das formas de lidar com a disjunção social, isto é, situações em que os indivíduos ocupam posições estruturais de divergência de interesses. Para Alexandre Werneck (2015), por sua vez, “zoar” remete a falar a verdade

⁴² Esta publicação era acompanhada por uma mídia, provavelmente as duas imagens que acompanham a postagem da Figura 9, que foi recorrente.

como se fosse mentira, criticando algo que o alvo faz de errado, torto ou “zoável”, atuando também no sentido de Radcliffe-Brown, de lidar com algo conflitivo, enquanto Raquel Recuero e Pricilla Soares (2013) entendem que o humor permite dizer o que não poderia ser dito de modo sério, impedindo também que possa ser criticado por se tratar de uma brincadeira. Ainda, Werneck (2015) observa várias situações de relações jocosas e disputas na marra, quando se questiona essa crítica, com os participantes respondendo de modo mais jocoso, em situações cotidianas no Rio de Janeiro a partir de etnografia, já destacando o humor como característico dos cariocas. Essas postagens de humor “zoam” o caráter cômico das pessoas que estavam na ponte vendendo lanches, apresentando uma crítica a este caráter errado em forma de brincadeira. Mais do que isso, seu sentido em alguns casos passa a ser de admiração a essas ações peculiares, mas que por conta de se tratar de humor, brincadeira ou zoeira, não deve ser levado a sério ou pode ser criticado.

Suely Fragoso (2015) observa a presença de brasileiros em jogos on-line, seguidamente associados a *trollagens* em servidores estrangeiro, que por meio de *memes* constroem uma comunidade e demarcam a identidade da nacionalidade brasileira da “zoeira”. De modo geral, é justamente em referência a identidade do brasileiro ou do carioca que as postagens de Humor falam, que frente a situação tensa e adversa, não perdem o bom humor. Pelo caráter de brincadeira, podem dizer o que não seria possível de outro modo, relativizando a gravidade e seriedade da situação, que indica um distanciamento afetivo com o acontecimento ou as pessoas envolvidas nele. Em meio a esses eventos de grande repercussão nas redes sociais, que lembram a superexcitação dos momentos de efervescência que Durkheim toma como fundador da moral e da própria sociedade, mais do que manifestar, são reforçadas e construídas essas noções de identidade nacional ou carioca, de “zoeira” e que ri do perigo. Além disso configuram o próprio uso do Twitter pelos brasileiros, que além da importância de suas dimensões de informação e política, que já são reconhecidas, adicionam seu uso para humor e circulação de *memes*, mesmo em eventos que envolvem violência.

No que diz respeito às publicações mais populares desse momento da repercussão, duas foram feitas por políticos e uma por um membro do judiciário, conforme já mencionado, indicando uma politização do acontecimento. Em relação às categorias dessas postagens, elas não seguem o padrão das categorias mais postadas. O Quadro 16 dispõe as publicações mais populares da parte 1, exceto a primeira, já apresentada na Figura 12.

A segunda colocação um número de curtidas, com 31 mil, é a postagem do governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel (PSC), na sua primeira manifestação sobre o caso, na única postagem de Informação, comunicando que estava acompanhando desde cedo a situação e a

prioridade era a proteção dos reféns (*tweet* 1). Witzel foi mencionando e marcado por usuários desde o início da repercussão, tanto cobrando alguma solução, quanto em tons de crítica a sua política de segurança de grande visibilidade. O governador prometia em sua campanha dar carta branca aos policiais e após sua eleição em 2018 disse que “A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo”, segundo reportagem da Revista Veja (REDAÇÃO VEJA, 2018). Outra polêmica foi em um vídeo em que aparece em um helicóptero com policiais atirando em uma tenda de oração em uma comunidade, de acordo com o jornal O Globo (MACIEL, 2019). Recorrente seu nome aparece em destaque no Twitter em casos de violência, notadamente após operações policiais em comunidades com mortes de civis, assim como no caso desta dissertação, nas *hashtags* #WitzelAssassino e #ACulpaÉDoWitzel que foram aos *trending topics* em setembro de 2019, conforme mencionado acima (REDAÇÃO EXAME, 2019). Por essa postura, que toma para si o dever de combater o crime, o governador foi bastante requisitado nesse episódio do sequestro, sendo marcado em postagens por usuários cobrando alguma atitude ou sendo criticado por usar a força apenas nas comunidades.

Em quarto lugar está uma publicação da deputada Talíria Petrone (PSOL), que recebeu 13 mil curtidas, em que diz que “Vivemos uma crise civilizatória”. A postagem não se enquadrou em nenhuma categoria, mas a @ da deputada foi a mais mencionada em todo banco de dados, sobretudo em críticas a congressista, por não estar em Brasília e por conta de sua posição ideológica, alvo de críticas nas categorias mais punitivistas e politizadas. Outra figura pública foi o membro do judiciário e ativista nas redes sociais, o procurador Ailton Benedito, cuja postagem recebeu 6 mil curtidas (*tweet* 4) e apresenta Crítica à mídia, direcionado a Globo News, em um tom punitivo, segundo o qual a emissora não conseguia pronunciar “sequestrador”, “bandido” ou “quadrilha”, mas apenas “homem armado”.

O restante das postagens foi feita por usuários comuns, sendo três de Humor, incluída a postagem líder em curtidas, além dos *tweets* 5 e 7, acompanhados pelas mesmas duas imagens e em sentido similar do *tweet* em destaque, no primeiro chamando a ação de empreendedorismo, enquanto o segundo nomeia de piquenique e foi classificado também em Trabalho. Outro destaque foi da categoria Crítica à mídia, também em três publicações, incluída a postagem do procurador, além dos *tweets* 2 e 6, mas nestes casos criticando a superexposição midiática que revelava a posição do atirador, e não demandando uma postura punitiva como outras postagens dessa categoria. O primeiro ainda menciona o caso Eloá, que junto com o caso do sequestro do ônibus 174 foram bastante lembrados em toda repercussão, sobretudo criticando a exposição da mídia, que na época foi debatida sua culpa nos dois finais trágicos. O caso Eloá, ocorrido em 2009, durou alguns dias de intensa

mediatização, sendo que foi realizada uma entrevista ao vivo com o sequestrador no programa televisivo “A tarde é sua”, da jornalista Sônia Abraão, com o número que era exclusivo para a negociação policial, e acabando com a morte da vítima, ex-namorada do sequestrador (VIANNA, 2010). Os *tweets* 8 e 9 não se enquadraram em nenhuma das categorias, o primeiro em um tom de pessimismo e o segundo apresentando sarcasmo quanto a ineficiência das leis e ao estatuto do desarmamento, que não impediu o sequestrador de se armar.

Quadro 16 - *Tweets* mais curtidos da parte I

Tweet 1: “Estou acompanhando desde cedo, com atenção, o sequestro do ônibus na ponte Rio Niterói. Estou em contato direto com o comando da Polícia Militar, que trabalha para encerrar o caso da melhor maneira possível. A prioridade absoluta é a proteção dos reféns.” @wilsonwitzel, 31970 curtidas.

Tweet 2: “O atirador de elite camuflado com um lençol vermelho em cima do carro de corpo de bombeiros, e a repórter fala: "aqui vemos o atirador posicionado, coberto." A mídia não aprendeu NADA desde o caso Eloá, né? Estão colaborando com o sequestrador do ônibus, na ponte Rio Niterói.” @fanntwitta, 23312 curtidas.

Tweet 3: “Estou aqui na ponte Rio-Niterói e só consigo pensar no adoecimento do nosso povo. Um homem desesperado, que se identificou como policial, sequestra um ônibus lotado. Ameaça explodir, atirar. A cidade para. Vivemos uma crise civilizatória. É preciso interromper esse ciclo!” @taliriapetrone, 13846 curtidas.

Tweet 4: “Ônibus sequestrado na Ponte Rio-Niteroi. A apresentadora e a repórter da Globonews não conseguem pronunciar as palavras “sequestrador”, “bandido”, “quadrilha”. Só dizem “o homem armado”, “não se sabe ainda se é uma pessoa armada ou um grupo de pessoas”...” @AiltonBenedito, 6385 curtidas.

Tweet 5: “emprender em todos os momentos inclusive na ponte rio niteroi”⁴³ @claunareal, 5032 curtidas.

Tweet 6: “A mídia brasileira é completamente despreparada para cobrir tragédias ao vivo e parece que não importa quantas aconteçam, ela vai seguir errando
Esse caso agora da ponte rio niterói tá sendo só mais uma cobertura bizarra, como que a mídia mostra de boa a posição do sniper??” @afzyara, 4709 curtidas.

Tweet 7: “Sequestro de ônibus com reféns na Ponte. Trânsito parado. Ninguém chega ao trabalho. O que o carioca faz?

...

Isso mesmo, piquenique em plena Ponte Rio-Niterói.” @Marcello_Lobo, 3314 curtidas.

Tweet 8: “Tá rolando um sequestro num ônibus em meio a ponte Rio Niterói. Todo dia o brasileiro, já cansado e abatido, acordando com uma desgraça na cara. Ta foda ser nós.” @chanadlertmz, 2907 curtidas.

Tweet 9: “Como esse indivíduo que sequestrou o ônibus na ponte Rio Niterói pode estar armado se desde 2003 vigora o Estatuto do Desarmamento que garante a segurança de todos nós?” @professorigor, 2782 curtidas.

Fonte: Elaboração própria.

Se a categoria mais popular em quantidade foi Trabalho, as dez publicações mais curtidas revelam outras posições e categorias, como Humor e Críticas à mídia, com três incidências cada. É apenas curtindo e não publicando que a maior parte dos usuários participou do acontecimento no Twitter, pois o total de *tweets* coletados foi cerca de 57 mil,

⁴³ Essa publicação e o Tweet 7 são acompanhados pelas mesmas imagens do *tweet* em destaque (Figura 13).

ainda que um volume significativo possa ter ficado de fora, e a postagem mais popular obteve 151 mil curtidas, que só pode receber uma de cada usuário da plataforma. Segundo a tipologia de participação política on-line de Jungblut (2015), uma simples curtida seria uma agência *soft*, menos consciente estruturada e feita em apenas um clique. Porém, independente de quanto a ação demanda, ela pode ser também um tipo de agência *hard*, se elaborada a partir de um projeto político estruturado. A quantidade de curtidas também deve ser vista com ressalvas, pois pode ser facilmente feita por perfis falsos e *bots*, demandando muito mais do que produzir uma postagem, assim como seguidores e curtidas podem ser encontrados à venda com facilidade. Assim, tomar as publicações mais curtidas como amostra representativa das opiniões é problemático, ainda mais quando expressam opiniões políticas muito definidas, devendo ser considerado o que é dito por usuários comuns.

A categoria com maior frequência na primeira parte foi Trabalho, em manifestações de cidadãos comuns falando sobre o impedimento de ir ao trabalho ou a faculdade por conta do trânsito parado, fugindo da polarização e politização de outras categorias. A presença de figuras públicas com muitos seguidores dentre as postagens com mais curtidas não surpreende, dada a desigualdade de distribuição da influência. O que chama a atenção, porém, é que essas figuras são dois políticos e um membro do judiciário, frisando uma politização, que atinge até pessoas da justiça, fazendo uma forma de ativismo judicial. Quanto às categorias dessas postagens, o destaque foi de Humor, três vezes, incluindo a publicação mais popular, e o mesmo número de Crítica à mídia. A presença de usuário comuns e não apenas figuras públicas dentre os autores dos *tweets* mais populares se fez a partir de postagem de Humor, destacando o uso da plataforma para este tipo de conteúdo, mesmo em eventos de violência, constituindo uma forma de conseguir “viralizar” na plataforma, ou melhor, se propagar, segundo a tipologia de Jenkins, Ford e Green (2014), uma vez que a referência a um vírus do termo remete a uma contaminação que ocorre por conta própria e não que foi agencia ativa da audiência. Como será visto adiante, no segundo momento essas publicações tem um salto, basicamente em cópias desta etapa, que pode se supor a tentativa dos usuários em ter uma postagem bastante propagada.

5.2 PARTE II: POLARIZAÇÃO, PUNITIVISMO E POLITIZAÇÃO

5.2.1 Frequência e dicionário das categorias

Às 9:02 um usuário anuncia: “*Tiro na ponte Rio Niterói. Meu Deus*”, mesmo instante em que um atirador de elite mata o sequestrador com seis tiros em frente às câmeras. Esta publicação inaugura a segunda parte de repercussão que se estende até a última postagem nas 10:59, englobando a faixa das 9 e 10 horas que detém o pico de publicações e das mais curtidas. Nesse intervalo foram 4433 *tweets*, ante 3907 na primeira parte. O tiro faz com que a repercussão do sequestro que já durava três horas e meia aumente quantitativamente, sendo o também um disparador para as pessoas comentarem o evento no Twitter. Entre o primeiro intervalo, das 5:47 até as 9:02, foram 3907 postagens em 3 horas e quinze minutos, gerando uma média de 20 *tweets* por minuto, ao passo que no segundo intervalo, das 9:02 até as 10:59, uma hora e 57 minutos deram média de 37,8, ou seja, quase o dobro. Qualitativamente a repercussão também muda, tornando-se mais polarizada e politizada, que se evidencia nas categorias e pela maior presença de figuras políticas no debate. Neste momento as publicações foram codificadas em Nós sobretudo pela frequência de palavras, que já indicaram opiniões, e o restante foi classificado de modo manual.

Quadro 17 - Frequência das categorias de Opinião na parte II

Categoria	Frequência (%)
Emoções	1828 (56,8%)
Comemoração	671 (20,8%)
Humor	241 (7,5%)
Crítica à mídia	238 (7,4%)
Crítica ao previdenciário	147 (4,5%)
Crítica à comemoração	131 (4%)
Repetições	82 (2,5%)
Crítica à crítica da comemoração	63 (1,9%)
Especialistas	43 (1,3%)
Total	3217

Fonte: Elaboração própria.

Nesta etapa as postagens de Opinião foram 3217 (72,5%) *tweets*, mais do que as 2621 (67%) do início. O Quadro 17 apresenta a frequência de cada categoria, em que se pode ver que Emoções se destacando novamente, em 1828 postagens, 56,8% de Opinião, em volume

semelhante a primeira parte. As novidades na segunda etapa foram Comemoração, categoria em destaque ao longo de toda a repercussão, em 671 (20,8%) publicações comemorando a principalmente a morte do sequestrador, mas também a liberação dos reféns, e outras duas a ela relacionadas, destacando a polarização política em torno do punitivismo. Em oposição direta, mas em menor número, esteve Crítica à comemoração, com 131 (4%), em postagens criticando quem estava comemorando a morte de uma pessoa ou a apoiando a ação. Em contraposição à esta, surgiu a tréplica Crítica à crítica da comemoração, com 63 (1,9%), em resposta direta a quem criticava a comemoração da ação do atirador de elite, reiterando que tal ação era para ser aplaudida. Outra novidade e próxima a estas foi Crítica ao previdenciarismo, com incidência em 147 (4,5%) que reiteraram que a situação deveria ser resolvida na força, ironizando sobretudo que não seria com livros e flores que os reféns seriam liberados. Estas categorias frisam a mudança de tonalidade após a morte do sequestrador, deixando a repercussão mais politizada, punitiva, polarizada e extrema.

Quadro 18 - Termos associados a cada categoria na parte II

Categoria	Termos associados
Comemoração	parabéns, cpf cancelado, acabou, sucesso, graças a deus, grande dia, feliz, salvou, herói, salvos, parabenizo
Crítica à mídia	mídia, imprensa, mostra, cobertura, mostrando, suspeito, extrema
Crítica à comemoração	comemorando, gol, comemoração
Crítica à crítica da comemoração	criticando, criticar, chorasse, lamentando
Crítica ao previdenciarismo	esquerda, vítima da sociedade, psol, flores, imagine, livros, freixo, pt, lula, esquerdista
Especialistas	jornalismo, jornalista, espetáculo, filósofo, especialista, espetacularização, sociólogo, oab
Humor	pipa, carioca, vendendo, altinha, brasileiro, salgado coxinha, bola

Fonte: Elaboração própria.

As demais foram categorias já estavam presentes na primeira parte, como Humor em segundo lugar em frequência, 241 (7,5%), que na parte anterior obteve apenas 37, mas que figuraram dentre as mais curtidas. Esses *tweets* seguiram o tom da primeira parte, repetindo algumas delas, mencionando as pessoas vendendo lanches, empinando pipa e jogando bola na ponte em meio ao sequestro. Em terceiro lugar foi Crítica à mídia, já presente na etapa anterior, com frequência de 238 (7,4%). Na primeira parte essas críticas se direcionaram principalmente quanto o emprego do termo “suspeito” e a revelação da posição do *sniper*,

enquanto na segunda se sobressaiu a alegação de que a imprensa iria criticar a ação do atirador, por conta de seu viés ideológico. Repetições foram 82 (2,5%) publicações neste momento da repercussão, quase dez vezes mais do que na parte anterior, sugerindo maior incidência de *bots* acompanhando a maior polarização política e extremismo desta etapa. Especialistas teve incidência ligeiramente maior, 43 (1,3%) postagens. Nesta parte não foram encontradas publicação em quantidade em sentido similar a Trabalho, mais frequente na etapa anterior. O Quadro 18 dispõe os termos associados e empregados para filtrar cada uma das categorias.

5.2.2 Comemoração e Crítica à comemoração: polarização e punitivismo

Como já foi mencionado no capítulo anterior, enquanto na primeira parte os termos mais frequentes foram mais descritivos, na segunda eles já indicaram opiniões quanto ao evento. A categoria mais frequente, e as outras inéditas que orbitam ao seu redor, indica a mudança qualitativa desta etapa, em direção sobretudo à polarização da discussão em torno do punitivismo. Esse conjunto teve como gatilho o governador Wilson Witzel descendo na ponte após a morte do sequestrador, comemorando euforicamente e sendo aplaudido por populares, tudo sendo transmitido ao vivo. Comemoração teve a maior frequência dentre os dois momentos analisados, 671 (20,8%), quase três vezes mais do que Trabalho, em destaque anteriormente, e esteve associada aos termos *parabéns, cpf cancelado, acabou, sucesso, graças a deus, grande dia, feliz, salvou, herói, salvos e parabenizo* englobando manifestações contentes com o fim do sequestro, com a liberação dos reféns sem vítimas, parabenizações a atuação da polícia, mas sobretudo comemorações da própria morte do sequestrador com satisfação, recorrentemente sem mencionar as vítimas

O Quadro 19 apresenta algumas destas publicações, no qual pode-se observar que os *tweets* 1, 2, 4 e 7 sequer mencionam as vítimas, sendo que os dois primeiros apenas comoram a morte do sequestrador, enquanto o *tweet* 4 fala apenas sobre a satisfação em ver o atirador comemorando e o último somente parabeniza a polícia e o governador, demonstrando adesão mais clara a um punitivismo explícito. Os *tweets* 3 e 5 mencionam os reféns, mas a ênfase no primeiro é na morte do sequestrador e parabenização a polícia, dizendo que esse é “o Brasil que nós queremos”, enquanto o segundo diz que “só morreu quem merecia”, mas agradece que os reféns não se feriram. Esse tipo de ideal punitivo se caracteriza pela punição pela punição, como fim em si mesmo, em uma moral cuja única pretensão é o extermínio do

criminoso. Sua justificativa, portanto, não é a punição para proteger as vítimas, de modo instrumental.

Quadro 19 - *Tweets* de Comemoração

Tweet 1: “FOOOOIII!!! esse maluco da ponte rio Niterói foi atingido”

Tweet 2: “Parece que o CPF foi cancelado com sucesso lá na ponte Rio Niterói”

Tweet 3: “Atirador de elite abate criminoso que sequestrava um ônibus com diversos reféns aqui na Ponte Rio-Niterói. Esse é o Rio de Janeiro, o Brasil que nós queremos! Criminosos indo ao chão. Parabéns aos policiais envolvidos na operação!”

Tweet 4: “essa imagem é muito satisfatória do sniper comemorando o tiro certo no sequestrador na ponte Rio Niterói”

Tweet 5: “Graças a Deus os reféns não se feriram, só morreu quem merecia mesmo. A @PMERJ fez um ótimo trabalho na Ponte Rio-Niterói hoje.”

Tweet 6: “Graças a Deus esse sequestro na ponte Rio niteroi acabou, e todos os reféns estão bem”

Tweet 7: “Parabéns, governador @wilsonwitzel e parabéns aos policiais envolvidos no episódio de hoje na ponte Rio-Niterói.”

Tweet 8: “Acabei de dar entrevista, parabenizando a atuação exemplar da PM. O ideal era que todos saíssem vivos da operação, mas preferimos salvar os reféns. Determinei que a Secretária de Vitimização cuide dos reféns e também da família do sequestrador.”

Tweet 9: “Parabéns aos policiais do Rio de Janeiro pela ação bem sucedida que pôs fim ao sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói nesta manhã. Criminoso neutralizado e nenhum refém ferido. Hoje não chora a família de um inocente.”

Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, o *tweet* 6 apenas agradece que o sequestro acabou e os reféns estavam bem, sem mencionar ou comemorar a ação da polícia ou a morte do sequestrador, mas tal posição foi minoritária nesta categoria. Deste modo, Comemoração esteve associada fortemente ao punitivismo, ainda que um volume pequeno dessas postagens apenas falou sobre a liberação das vítimas de modo solidário. Nesse sentido, essa categoria se aproxima da categoria Pedido de morte da parte anterior da repercussão, na qual o punitivismo esteve completamente isolado. Tal posição, portanto, perpassa toda a repercussão, inicialmente desejando e depois comemorando a morte do sequestrador.

Além de mais frequente, também estiveram duas das onze publicações com mais curtidas da segunda parte, uma delas a maior de todo o banco de dados, feita pelo presidente da república Jair Bolsonaro, que chegou a 150 mil curtidas, expresso na íntegra na última postagem do Quadro 19, parabenizando a atuação da polícia e concluindo com “Hoje não

chora a família de um inocente”. Outra publicação das mais curtidas foi feita pelo governador Wilson Witzel, que obteve cerca de 45 mil é o penúltimo *tweet* do quadro. Nela, Witzel também parabeniza a polícia, alegando que o ideal seria que todos tivessem saído vivos, além de demandar cuidado aos reféns e também a família do sequestrador. Ambos são uma defesa da vida das vítimas em detrimento da vida do sequestrador e não comemoram diretamente a morte do criminoso. A moderação da publicação de Witzel, entretanto, contrasta com o momento em que desce de helicóptero na ponte comemorando e sendo aplaudido por populares após a operação, conforme a Figura 13. O governador teve outro *tweet* dentre os mais populares, basicamente reiterando o outro, mas sem parabenizar a ação e não enquadrado em Comemoração, sendo uma espécie de rebate a críticas que sofreu. A comemoração do governador gerou debates nas postagens do Twitter contribuindo para polarização das posições, em respostas contrárias à comemoração.

Figura 13 – Momento em que o governador desce de helicóptero na ponte Rio-Niterói



Fonte: Redação Gazeta Brasil (2019).

Em torno da categoria mais popular se constituíram outras duas em diálogo direto com ela, revelando o tom de polarização que se sobressai nesta etapa: Crítica à comemoração, com frequência de 131 (4%), e Crítica a crítica da comemoração em 63 (1,9%) postagens. A primeira se constitui como oposição direta à predominante, e os termos *comemorando*, *gol* e

comemoração estiveram associadas a ela, indicando posições criticando quem estava comemorando ação da polícia ou a morte do sequestrador, algumas vezes mesmo concordando com a ação da polícia. Crítica à comemoração, portanto, mostra que discursos sobre violência apresentam nuances importantes que em meio a polarização muitas vezes podem ficar invisíveis, sendo possível apoiar a ação da polícia, mas condenar sua comemoração. Das postagens mais curtidas, nenhuma se enquadrou nesta categoria, destacando que tal posição foi minoritária em volume de postagens e dentre as mais endossadas com curtidas. O punitivismo manifesto na comemoração da morte do sequestrador se destacou, mas a oposição também se fez presente, ainda que em menor medida, defendendo maior moderação.

Quadro 20 - *Tweets* de Crítica à comemoração

Tweet 1: “nojo do dia: ver o pessoal q tá na ponte Rio-Niterói comemorando os tiros q deram, q, provavelmente, atingiram o sequestrador”

Tweet 2: “Tudo indica que a polícia matou ou pelo menos feriu o sequestrador do ônibus na ponte Rio-Niterói (NÃO CONFIRMADO AINDA). Som de tiros e pessoas comemorando, como um gol. Bom dia para quem conseguir, nesse país distópico.”

Tweet 3: “O q me choca hoje nesse caso da Ponte Rio Niterói é a normalização da morte de alguém, estamos doentes a ponto de comemorar a morte de alguém ! Mano, q dia merda para o cidadão Fluminense ! #PonteRioNiteroi”

Tweet 4: “Caralho que porra foi essa que eu vi agora na tv????? Transmissão ao vivo do onibus sequestrado na ponte rio-niterói durante horas, barulho de tiro e COMEMORAÇÃO DOS ESPECTADORES?? Vai se fuder. A sociedade brasileira é punitivista demais e fomenta o caos.”

Tweet 5: “Só parabenizaria a polícia pelo desfecho do sequestro na ponte Rio-Niterói se ninguém saísse morto. O bandido tb é um ser humano e tem uma história. Lembro ainda do caso do ônibus 174.”

Tweet 6: “Feliz por todos os reféns da Ponte Rio Niterói saírem ilesos. Triste por ver uma sociedade doente, que comemora como se fosse um gol na copa o abate de um sequestrador que já tinha se entregado. Só mais um dia nesse país surreal que estamos vivendo :/”

Tweet 7: “Patética a imagem do governador @wilsonwitzel correndo e comemorando na ponte rio-niterói.”

Tweet 8: “O que aconteceu na ponte Rio Niterói poderia ter sido uma grande tragédia, a PM cumpriu com sua obrigação, mas rir e comemorar a morte de outra pessoa faz de vc um péssimo ser humano.”

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 20 expõe algumas publicações de Crítica à comemoração, que em comum são marcadas por um tom negativo. As críticas se dirigem basicamente as pessoas que

comemoraram euforicamente a morte do sequestrador, como se fosse um gol, e as manifestações emocionais foram marcadas por tristeza (*tweets* 4, 6 e 8), indignação (*tweet* 4) e nojo (*tweets* 1, 5). Muitas respostas não estão em polos extremos, mas apresentam nuances, como o *tweet* 5 que manifesta nojo quanto ao sequestrador pelo emprego do termo “bandido”, mas mesmo assim não apoia sua morte, e o *tweet* 6 que se diz feliz por todos reféns saírem ilesos, mas triste pela sociedade comemorar a morte do sequestrador, posição semelhante ao *tweet* 8. Os *tweets* 2 e 3 se referem a sociedade que comemora a morte de alguém como distópica e doente, respectivamente, enquanto o *tweet* 7 critica diretamente a comemoração do governador Witzel, a qual foi apresentada na Figura 14.

Como tréplica em resposta direta à Crítica à comemoração, delineou-se Crítica à crítica da comemoração, em 63 (1,9%) *tweets* sobretudo projetando críticas que a ação pudesse vir a ter, supostamente da esquerda, da mídia e dos defensores de direitos humanos, associadas aos termos *criticando*, *criticar*, *chorasse* e *lamentando*. O Quadro 21 apresenta algumas destas publicações, em que todas elas esperam e projetam críticas que a ação poderia vir a ter, exceto o *tweet* 7, feito mais para o final dizendo que o governador estava sendo criticado. Nessa publicação, do jornalista Milton Neves, uma das dez mais curtidas da segunda parte, com quase 44 mil, frente às críticas a comemoração morte do sequestrador feita por Witzel, ele diz “Queriam o quê? Que ele chorasse?”. Tal discurso vai no sentido da expressão popular punitivista “*ta com pena? leva pra casa*”, polarizando o debate em um nível maniqueísta em que só é possível ser totalmente contra ou totalmente a favor, borrando nuances do mundo real, que não é tão preto no branco. Essa postagem sintetiza essa categoria e além disso ela foi replicada diversas vezes, as quais foram classificadas em Repetições, sugerindo a presença de *bots*, que costumam propagar os conteúdos mais extremos.

Algumas publicações dizem que já esperam as críticas que a ação viria a ter, antes mesmo delas serem feitas, como o *tweet* 1 em que diz que “Tenho certeza que a esquerda irá criticar o policial que comemorou ao abater o sequestrador”, assim como o *Tweet* 4 que diz que “virão as narrativas contra a ação da polícia”. O *tweet* 2 indaga se já haviam críticas, enquanto os *tweets* 3, 5 e 6 projetam que essas críticas viriam. Constata-se, assim, uma previsibilidade e quanto estão estabelecidas pautas tanto à direita quanto à esquerda, a primeira abraçando pautas punitivistas e a segunda com dificuldades de disputar a hegemonia penal punitiva, recorrentemente ficando marcada pela caricatura da “bandidolatria”. Quanto aos alvos dessas críticas, as postagens de Críticas à crítica à comemoração se direcionam explicitamente a figuras corporificadas na esquerda (*tweet* 1), nos defensores de direitos humanos (*tweet* 2), na Globo (*tweet* 3), na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) (*tweet* 5) e

em “protetor de bandidagem” (*tweet* 6). Deste modo, há uma aproximação entre essas figuras, em uma visão segundo a qual alguns setores da mídia e do sistema legal são defensores de bandidos, equivalente aos direitos humanos e à esquerda. Essa é a narrativa que grupos de extrema-direita tem defendido justificando a sua guerra cultural, segundo a qual o mundo é dominado por ideologias de esquerda, progressistas, de direitos humanos, que estariam em favor de bandidos e minorias, em detrimento do cidadão de bem.

Quadro 21 - *Tweets* de Crítica à crítica da comemoração

Tweet 1: “Tenho certeza que a esquerda irá criticar o policial que comemorou ao abater o sequestrador que fazia reféns dentro de um ônibus na ponte Rio-Niterói. Podem esperar.”

Tweet 2: “Já temos defensores de direitos humanos criticando a ação da polícia na ponte Rio-Niterói?”

Tweet 3: “Daqui a pouco o Chico Pinheiro entra ao vivo na globosta criticando a polícia na ação na Ponte Rio Niterói”

Tweet 4: “Com o fim feliz do caso do marginal e sequestrador do ônibus da Ponte Rio Niterói, aguardem, virão as narrativas contra a ação da polícia, dizendo que foi tratado assim por ser negro e ser pobre. Vai ter gente defendendo esse lixo humano e criticando o atirador de elite.”

Tweet 5: “Coisa linda mandaram o bandido pro inferno, porem agora vem : OAB, E uma serie de filhos da puta criticar ! atm”

Tweet 6: “Entrei no twitter hoje só pra dar risada dos protetor da bandidagem lamentando a ação da policia na Ponte Rio Niterói”

Tweet 7: “Governador do Rio sendo criticado porque desceu do helicóptero comemorando a libertação dos reféns e a morte do burro do bandido sequestrador da Ponte Rio-Niterói. Queriam o quê? Que ele chorasse?”

Fonte: Elaboração própria.

Esse conjunto de categorias, em torno da mais popular Comemoração, com um quinto dos *tweets* do tipo Opinião, frisa a polarização política em relação a morte do sequestrador na ponte Rio-Niterói, que na primeira parte fora mais descritiva, com mais publicações do tipo Informação, e o destaque da categoria Trabalho, que englobou postagens de cidadãos indignados reclamando que não poderiam trabalhar ou estudar, por conta de alguém que resolveu parar uma das principais vias da região metropolitana do Rio de Janeiro. A maior parte das publicações da categoria mais popular comemorou e demonstrou satisfação com a morte do sequestrador, muitas vezes sem mencionar as vítimas, que foram resgatadas ilesas. Como contraposição direta, se constituiu Crítica à comemoração, no lado da polarização oposto ao punitivismo, apresentando maior moderação, às vezes mesmo contentes com a ação

da polícia, mas contra a comemoração da morte de uma pessoa. Como tréplica, Crítica à crítica da comemoração, com incidência menor ainda, mostrou os comentários mais extremos buscando polarizar o debate com uma visão maniqueísta, tendo como alvo a projeção de que instituições como a justiça e a mídia criticariam a ação e defenderiam o sequestrador por conta de uma ideologia de esquerda.

5.2.3 Crítica à mídia e Especialistas: os defensores de bandido

Além deste conjunto de categorias empíricas que destaca a polarização, outras manifestam embates com os especialistas, marcadas em alguma medida também pelo punitivismo e politização. Em terceira posição em frequência e já presente na primeira parte, Crítica à mídia incidiu em 238 (7,4%) *tweets*. Nesta etapa esteve associada aos termos *imprensa, mídia, extrema, mostra e cobertura* em dois conjuntos de críticas, inicialmente em relação à superexposição, por revelar as posições dos policiais, além de projetar que a imprensa criticaria a ação da polícia em defesa do sequestrador. O Quadro 22 apresenta algumas publicações de Crítica à mídia, no qual os *tweets* 1 e 2 se referem justamente a divulgação da posição do atirador de elite, que teve que trocar de lugar, além de fotos dos próprios reféns, mesmo sabendo que a ação era acompanhada de dentro do ônibus, colocando em risco a vida dos passageiros. O primeiro deles foi um dos mais curtidos, com mais de 38 mil, e além disso menciona o caso Eloá, dizendo que a cobertura da mídia mataria mais gente novamente.

Quadro 22 - *Tweets* de Crítica à mídia

Tweet 1: “o sequestrador do ônibus na ponte rio Niterói ta vendo tv de dentro do ônibus e oq a midia faz? mostra as fotos do interior do veículo tirada pelos reféns, mostra onde ta o atirador de elite e todo o preparo dele a mídia vai matar mais gnt igual matou a Eloá e ninguém faz nada”

Tweet 2: “sério isso que a globo mostrou a posição do atirador de elite no sequestro do ônibus da ponte Rio Niterói? E o sequestrador vendo a transmissão ao vivo dentro do ônibus. Meu Deus do céu”

Tweet 3: “Estou pronto para ver PT, PSOL é toda esquerdalha juntos com mídia podre lamentar o CPF de bandido cancelado hoje na ponte Rio Niterói.”

Tweet 4: “Sniper sendo ovacionado na Ponte Rio Niterói, enquanto a apresentadora da Globo News chora por terem atirado no sequestrado. Bem vindos a nova era.”

Tweet 5: “Sequestrador do onibus na Ponte Rio Niterói, foi abatido por um Sniper. Nenhum refém saiu foi ferido. Grande dia!

Em 3, 2, 1... Esquerda histórica e extrema imprensa criando alguma narrativa em favor do bandido e demonizando os policiais. Aguardem!”

Fonte: Elaboração própria.

Já o outro conjunto de opiniões toma um caráter politizado, atribuindo à imprensa um viés ideológico esquerdista que criticaria a ação da polícia e defenderia o sequestrador, ou manifestam satisfação com o final da ação que ela deveria noticiar. O *tweet* 3 sintetiza uma dessas posições, que se dirige além da mídia, aos partidos de esquerda como PT e PSOL, associando esses atores, demonstrando satisfação supondo que eles iriam lamentar o ocorrido, atribuindo um viés ideológico “esquerdalha” aos meios de comunicação. Novamente o principal alvo, quando especificado, é a Globo News, como *tweet* 4, segundo o qual “a apresentadora da Globo News chora por terem atirado no sequestrado”, ao passo que o *tweet* 5 projeta que a “Esquerda histórica e extrema imprensa” criariam “alguma narrativa em favor do bandido e demonizando os policiais”. Esse caso revela a projeção da ação que atores da esquerda e mídia viriam a ter, além de novamente associá-los. Essa posição se aproxima de narrativas da extrema direita do “marxismo cultural”, segundo a qual o mundo é dominado por ideologias de esquerda, que estariam em defesa dos bandidos. Destaca-se também o emprego do termo “extrema-imprensa” em 37 postagens, mas 34 delas na principal publicação de Repetições, empregado por grupos de extrema-direita para atacar a mídia, tida como radical ideologicamente à esquerda, que serão discutidas em seguida.

Com incidência bastante inferior, Especialistas englobou manifestações a respeito dos técnicos e cientistas, assim como aparições de conceitos das ciências sociais e menções a sociólogos e filósofos. Em última posição em frequência, neste momento Especialistas incidiu em 43 (1,3%) *tweets*, quase o dobro do que anteriormente, e se associou aos termos *jornalismo, jornalista, espetáculo, filósofo, especialista, espetacularização, sociólogo* e *oab*. A maior parte essas publicações falam sobre jornalistas ou jornalismo, no sentido de Crítica à mídia, e o Quadro 23 dispõe algumas delas. O *tweet* 1 cita o filósofo John Dewey, enquanto outros, como o *tweet* 2, criticam o “circo midiático” montado para o “espetáculo da notícia-mercadoria”. Foram algumas referências ao conceito elaborado por Debord de espetáculo ou espetacularização, presentes também na primeira parte, em alusão a cobertura da imprensa.

Foram duas menções a sociólogo, uma delas no *tweet* 4, ironizando que livros e este profissional não resolvem os problemas, em defesa do uso da força e em outro caso, faz a mesma crítica e chama de “sociólogo do PSOL”, em alusão ao Partido Socialismo e Liberdade de esquerda. Essa posição também se dirigiu à OAB (*tweet* 3) e a algum dos “especialistas em segurança pública” (*tweet* 5), escrito entre aspas, frisando o sarcasmo. Ainda que bastante minoritária, os *tweets* da categoria Especialistas revelam que esses profissionais e técnicos tem sido alvos de críticas pelo público, em meio a uma onda de anti-

intelectualismo que tem ganhado maior visibilidade no país a partir de 2018. Sociólogos, advogados e especialistas tem sua *expertise* questionada e são tidos como sem relevância, vistos como incapazes de propor soluções para problemas sociais urgentes como a violência. Ao contrário, são alvos de sarcasmo e acabam se tornando um estereótipo de defensores de bandidos, de esquerdistas, revelando a urgência com que esses profissionais devem se colocar no debate público, reivindicando sua *expertise* na explicação do mundo social e propor soluções eficazes. Tal desafio não é fácil em meio a um ambiente hiper politizado e polarizado, que já não contamina apenas temas das ciências humanas, mas também ciências ditas duras e profissionais da saúde. O destaque desses ataques aos intelectuais é a sua associação e a crítica central as pautas de esquerda, na forma de defesa dos bandidos.

Quadro 23 - Tweets de Especialistas

Tweet 1: “O filósofo americano John Dewey falava que "a mais profunda das solicitações na natureza humana é o desejo de ser importante". Hoje em dia, pra se sentir importante, muitos recorrem a exposição midiática dos crimes. O sequestro do ônibus na Ponte Rio-Niterói é um dos exemplos.”

Tweet 2: “Ônibus sequestrado em São Gonçalo interditando a ponte Rio-Niterói. O circo midiático todo montado para o espetáculo da noticia-mercadoria. Todas as últimas vezes que isso aconteceu, não terminou bem. Linha 174, Eloá.. não aprendem nunca.”

Tweet 3: “Coisa linda mandaram o bandido pro inferno, porem agora vem : OAB, E uma serie de filhos da puta criticar! atm”

Tweet 4: “Não deu pra resolver o sequestro do ônibus com livros de história. Não pudemos contar com nenhum sociólogo no local para ajudar. O Estado teve que disponibilizar um sniper para neutralizar o agressor. Peço encarecidamente que a turma da resistência queimada não encha o saco hoje.”

Tweet 5: “Hoje, o @benebarbosa_mvb terá muita paciência, aqui neste site, com o tanto de "especialista em segurança pública" e "direitos dos manos" que irá aparecer do nada. Devido a esse episódio na ponte Rio-Niterói do RJ.”

Fonte: Elaboração própria.

Movimentos de anti-intelectualismo e anti-jornalismo já vem sendo notados recentemente no país por estudos como Pinheiro-Machado (2019), Schwarcz (2019) e Feltran (2020), que já não é mais restrito as classes baixas, mas adentrou em setores das classes médias, que se aproxima mais do público que utiliza o Twitter. A partir de etnografias no cotidiano, as considerações de Feltran (2020, p. 13) se aproximam mais destes resultados, no que diz respeito a uma forte reação a intelectuais de esquerda, que se estendem ao discurso científico de modo geral: “anti-intelectualismo produziu uma reação radical aos intelectuais

marxistas de esquerda e ampliou o escopo de suas críticas ao estado secular e ao discurso científico⁴⁴”.

As categorias Especialistas e Crítica à mídia revelam que neste momento o principal alvo de ataque é o jornalismo. Isto não é uma novidade se for considerada a presença de notícias falsas que tem contaminado o debate público e disputado leitores, cuja perda de credibilidade da imprensa tradicional, por conta de seus valores de direitos humanos, pode ser elencada como um gatilho importante para se informar por outros meios. Moretto e Ortellado (2018, p. 78), por sua vez, atribuem a proliferação de *fake news* ao ambiente de polarização política, que transforma o debate público em um embate entre duas narrativas. Analisando a interação dos brasileiros com as 500 principais páginas políticas no Facebook, os autores veem dois blocos mutuamente excludentes com narrativas próprias desde 2014 até pelo menos 2016:

De um lado, todas as páginas dos partidos e políticos de esquerda, amalgamadas com as do feminismo, do movimento negro e do movimento LGBT, além das páginas das ONGs de direitos humanos; do outro lado, as páginas dos partidos e dos políticos de direita, amalgamadas com as do liberalismo econômico e do conservadorismo moral (MORETTO; ORTELLADO, 2018, p. 74).

Nesse sentido, sites de imprensa alternativa ou os sites de notícias falsas tem produzido “informação de combate” para atender esse público em busca narrativas que subsidiam sua visão de mundo, que quando contrariada pela parte da imprensa tradicional que ainda se pauta por valores da democracia liberal e direitos humanos, se torna alvo de ataque, justamente com outros especialistas, que são tidos como esquerdistas e defensores de bandidos. Assim, os dois movimentos ocorrem e se retroalimentam, isto é, a divergência entre os valores de um dos lados do público com a mídia tradicional, ou pelo menos da Rede Globo, faz com que sejam buscados sites de *fake news* que reafirmem sua própria visão de mundo.

5.2.4 Crítica ao previdenciarismo e Repetições: punitivismo e extremismo

A politização que toma corpo neste momento também é marcada pelo punitivismo, manifesta em duas categorias. A inédita Crítica ao previdenciarismo, que surge apenas na segunda parte com 147 (4,5%) postagens, se associou aos termos *esquerda, vítima da sociedade, psol, flores, imagine, livros, freixo, pt, lula e esquerdistas*, reivindicando o uso da

⁴⁴ “*anti-intellectualism produced a radical reaction to leftist Marxist intellectuals, and extended the scope of its criticism toward the secular state and the scientific discourse*”.

força e a morte do sequestrador para resolver o caso, atacando diretamente uma caricatura de intelectuais e do campo progressista de defensores de bandidos que criticariam a atuação policial. Esse conjunto de ataques foram amarradas em referência a noção de previdenciarismo penal de Garland (2008), caracterizado pelos ideais de correção e ressocialização de quem comete crimes no contexto do Estado de bem-estar social pós segunda guerra, que se opõem as políticas penais mais punitivas que as substituíram nos Estados Unidos e Grã-Bretanha no contexto do neoliberalismo. O Quadro 24 apresenta algumas dessas postagens, em que pode-se notar a quem esses ataques se dirigem: a imprensa (*tweets* 3 e 7), a esquerda (*tweets* 3 e 4) ou a políticos ou partidos políticos do campo progressista como o PSOL (*tweets* 1, 5 e 7), ao PT (*tweets* 2 e 5) e Partido Comunista do Brasil (PCdoB) (*tweet* 5). Os alvos são basicamente os mesmo da categoria Crítica à crítica da comemoração, associando a esquerda e a mídia a defesa de bandidos.

Quadro 24 - *Tweets* de Crítica ao previdenciarismo

Tweet 1: “Cadê o povo do psol pra levar alguns livros e flores para a vítima da sociedade que está encurralado no ponte Rio Niterói?”

Tweet 2: “@mariadorosario, cadê os direitos humanos? Uma vítima da sociedade no exercício de suas funções, está sendo impedido pela PM de realizar seu trabalho dignamente. Estão até dizendo que o coitado do rapaz é criminoso. Vai lá e tenta levá-lo para sua casa.”

Tweet 3: “URGENTE!!!! LUTO NA MIDIA E NA ESQUERDA JA Q UM ATIRADOR DE ELITE DO BOPE ACABA DE MATAR UM BANDIDO Q FAZIA 31 REFENS E NENHUM SAIU FERIDO NA PONTE RIO NITEROI PARABENS BOPE DO RIO DE JANEIRO VAMOS SEMPRE ESTAR DO SEU LADO @bopeoficialrj #SomostodosBOPE #Caveira”

Tweet 4: “Segundo a esquerda: Homem vítima da sociedade é brutalmente morto por um sniper, enquanto conversava pacificamente com as pessoas que estavam concordando em trancar o trânsito da ponte Rio-Niterói.”

Tweet 5: “Sequestro da Ponte Rio Niterói encerrado com sucesso. Sequestrador abatido. Agora vamos aguardar os ratos do PT, psol, pcdB se manifestarem vítimizando o bandido e defenestrando a polícia, o governador e, principalmente, BOLSONARO”

Tweet 6: “Ação certa e correta, por mais governadores assim no nosso Brasil, bandido bom é bandido morto, esse não incomoda mais a sociedade”

Tweet 7: “@leandroruschel O que resolveu o sequestro na Ponte Rio Niterói:

- () Pombas brancas
- () Cantar Imagine
- () Papa
- () Sociólogo do PSOL
- () Extrema imprensa
- (x) 6 Tiros”

Fonte: Elaboração própria.

O sarcasmo é uma característica fundamental nessas postagens, como o uso do bordão “vítima da sociedade” empregado nos *tweets* 1, 2 e 4, cuja crítica se direciona a esquerda, tomada como alguém que relativiza a culpa de criminosos ao elencar fatores sociais como a desigualdade e falta de oportunidades para a ação delituosa, manifestando uma ideologia de extrema individualização da culpa, característica do neoliberalismo. Destaca-se no *tweet* 7 que indaga o que resolveu o sequestro, deixando opções para marcar, dentre as quais pombas brancas, os seis tiros ou o “sociólogo do PSOL”. Clark (1997, p. 109) aborda o percurso dos empreendedores morais da compaixão a partir do início do século passado nos Estados Unidos, dentre os quais algumas ciências, como a medicina, a psicologia, a sociologia e a economia, têm relativizado culpa individual. A atribuição de culpa ao sujeito reduz a chance com que outros se solidarizem pelo seu problema e a sua relativização nas ciências médicas tem operado tratando questões como doença e não um desvio de caráter, como o alcoolismo, enquanto nas ciências sociais por elencarem que fatores estruturais limitam as escolhas individuais, como classe e racismo, por exemplo. Assim, a figura do sociólogo é tida como um dos especialistas, em meio a uma onda anti-intelectualista, que relativizaria a culpa do criminoso pelo seu delito, invertendo sua posição para a de vítima. Indo além, este profissional é associado a esquerda, cujo discurso tem destacado dimensões individuais que operam na desigualdade social, ao passo que a direita frisa a individualização extrema e os ideais de meritocracia.

Nestas postagens, o sarcasmo é tamanho que dizem que setores da esquerda deveriam levar livros e flores para a vítima da sociedade encurralada na ponte Rio-Niterói (*tweet* 1), bem como cantar a música *Imagine* de John Lennon (*tweet* 7). A deputada do PT, Maria do Rosário é marcada cobrando que ela leve o bandido para sua casa (*tweet* 2), em sentido do bordão punitivo “tá com dó? leva pra casa”. No *tweet* 3 é dito que a mídia e a esquerda estaria de luto por conta da morte do criminoso, o *tweet* 4 diz que a versão da esquerda sobre acontecimento seria que: “Homem vítima da sociedade é brutalmente morto por um *sniper*, enquanto conversava pacificamente com as pessoas que estavam concordando em trancar o trânsito”. O *tweet* 6, por fim, endossa a ação da polícia, repetindo o bordão “bandido bom é bandido morto”, justificando que assim ele não incomodaria mais.

Essa narrativa se observa com frequência nas redes sociais, explicitando uma visão ideológica que concebe as medidas repressivas a única resposta possível capaz de resolver de modo urgente as altas taxas de criminalidade do país, que chegou a este ponto justamente pela frouxidão das instituições de controle e impunidade das políticas esquerda. Mais importante é

que permanência dessa caricatura feita pela direita punitiva a respeito do campo progressista e dos técnicos, alertando para a urgência de se repensar formas de se colocar no debate público e propor soluções eficientes e possíveis para problemas dramáticos como a violência, ainda mais em meio a um contexto de anti-intelectualismo. Crítica ao previdenciarismo foi a categoria é a mais extrema, se destacando pela explícita polarização que incita, e também como a mais politizada nas duas partes da repercussão.

Outra categoria marcada sobretudo pela politização, mas também punitivismo, foi Repetições, sugerindo a presença de *bots* tentando interferir no debate público a partir de postagens repetidas buscando polarizar a discussão. Nesse momento foram 82 publicações, quase dez vezes mais do as 9 da primeira parte, repetindo sete *tweets*, idênticos ou com pequenas alterações. O principal ocorreu 47 vezes e está disposto no *tweet* 1 do Quadro 25, se caracterizando como um ataque explícito à imprensa, tida como “extrema-imprensa”, dizendo que a divulgação de que o sequestrador tinha uma arma de brinquedo minimizaria a situação. Mesmo que algumas versões foram compartilhadas sem o trecho que menciona a mídia, a maior parte dessas postagens foram classificadas também como Crítica à mídia e se aproximam do tom punitivos de outras categorias, ao implicitamente sugerir que estão relativizando a culpa do sequestrador.

Quadro 25 - *Tweets* de Repetições

Tweet 1: “O Sequestrador da Ponte Rio Niterói tinha:

- Gasolina
- Coquetel Molotov
- Isqueiro
- 30 Reféns
- Arma de Brinquedo

Sequestrador é morto pelo Sniper do BOPE

Extrema-Imprensa:

"Sequestrador só tinha uma arma de brinquedo"

Inacreditável essa imprensa..”

Tweet 2: “SE VC FICA TRISTE VENDENDO O SNIPER COMEMORANDO TER SALDO A VIDA DOS PASSAGEIROS VÍTIMAS DO SEQUESTRO NO ÔNIBUS NA PONTE RIO NITERÓI, SINTO MUITO, INFELIZMENTE VC ESTÁ DO LADO DO CRIME O SNIPER CUMPRIU SEU PAPEL: GARANTIR A INTEGRIDADE DOS CIDADÃOS. AO MARGINAL SÓ CABIA A RENDIÇÃO”

Tweet 3: “Governador do Rio sendo criticado porque desceu do helicóptero comemorando a libertação dos reféns e a morte do burro do bandido sequestrador da Ponte Rio-Niterói. Queriam o quê? Que ele chorasse?”

Tweet 4: “Sequestro de ônibus na Ponte Rio Niterói. Segundo a lei de abuso de autoridade, aprovada pelo CN, se o sequestrador se render, ele não poderá ser algemado, para não ser constrangido. Já os reféns estão sendo humilhados a horas pelo bandido. Mostra que tem mt bandido no CN.”

Tweet 5: “O que salvou os reféns do ônibus na Ponte Rio-Niterói?

- () Soltaram pombinhas brancas
 - () Cantaram "IMAGINE"
 - () Fumaram um baseado
 - () Ruas e praças iluminadas
 - (x) O CPF cancelado por seis tiros do sniper
- Parabéns à Polícia e ao governador @wilsonwitzel
Grande dia!”

Tweet 6: “Há quem comemore a ação do sniper na Ponte Rio Niterói

Eu preferiria comemorar a erradicação da fome (como Dilma Rousseff conseguiu) no Brasil e a manutenção do bem-estar social”

Fonte: Elaboração própria.

O *tweet 2* foi uma publicação repetida 10 vezes, a qual, em caixa alta, elenca quem está triste com a comemoração do *sniper* está do lado do crime, em clara forma de polarizar o debate, cujas únicas respostas seriam comemorar a morte do sequestrador ou apoiar o crime. Essa posição extrema foi classificada também em Crítica à crítica da comemoração e endossa a ação do atirador. O *tweet 3* é uma publicação já mencionado feita pelo jornalista Milton Neves e foi replicada sete vezes, incluída a postagem original. Nela, se reafirma a polarização, cujas repostas seriam apenas comemorar ou chorar diante da situação,

incluída também em Crítica à crítica da comemoração. O restante desses *tweets* foram replicados apenas cinco vezes cada, sendo que o *tweet* 4 menciona fala da suposta Lei de abuso de autoridade, já aprovada pelo Congresso, que impediria o sequestrador se ser algemado para não ser humilhado, enquanto ele humilhava os reféns, concluindo sugerindo que “tem mt bandido no CN”. Curioso que essa lei foi mencionada treze vezes na primeira parte da repercussão e nesta parte foram sete vezes, sendo que cinco delas foram repetidas. Tal posição reitera também que as instituições seriam complacentes com criminosos e conclui com críticas ao legislativo.

O *tweet* 5 ironiza que o que salvou os reféns não foi soltar pombas brancas, cartar Imagine do John Lennon, fumar um baseado ou iluminação das ruas, mas sim o “CPF cancelado por seis tiros do sniper”, manifestando também Crítica ao previdenciarismo e Comemoração, reiterando o uso da forma como forma de resolver a criminalidade. O *tweet* 6 é o único em sentido contrário ao punitivismo, classificado também como Crítica à comemoração, reafirmando que “preferiria comemorar a erradicação da fome (como Dilma Rousseff conseguiu)” e o bem estar social. Ainda houve um *tweet* repetido três vezes fazendo referência ao jogo de tiro em primeira pessoa *Counter-Strike*, não apresentada no quadro por fugir do conteúdo político polarizado dos demais.

Esses *tweets* repetidos sugerem a presença de *bots* replicando mensagens na repercussão do sequestro na ponte Rio-Niterói. Essas contas automatizadas que buscam se passar por humanos tem o objetivo de ampliar opiniões, manipulando debates públicos importantes. O tipo mais simples desse tipo de perfil pode apenas replicar mensagens, mas há também contas mais sofisticadas produzem postagem e respondem humanos de modo automático. A presença de *bots* tem sido identificada em debates em torno de eventos importantes no Twitter como desde a eleição estadunidense e o Brexit em 2016, bem como na eleição presidencial brasileira de 2014, no processo de impeachment, debates sobre a reforma trabalhista, entre outros (RUEDIGER *et al.*, 2017; HOWARD; WOOLLEY; CALO, 2018). Há metodologias sofisticadas para identificar a presença de *bots*, como o uso de metadados, que a partir de várias características permitem identificá-los, como indicam Ruediger *et al.* (2017), mas que foge do escopo e das possibilidades desta dissertação. Mas o que estudos sobre esse tipo de contas afirmam é que elas buscam ampliar opiniões e estão ligados às posições mais extremas e polarizadas do debate público (RUEDIGER *et al.*, 2017; HOWARD; WOOLLEY; CALO, 2018; CALDARELLI *et al.*, 2019). No caso das publicações de Repetições, a maioria estava ligada a opiniões mais extremas, se destacando a polarização e maniqueísmo que busca incitar, como forma de ganhar adesão ao discurso

punitivista, tendo como alvo o campo ideológico da esquerda. O principal alvo das publicações destas categorias potencialmente feitas por *bots* tem como alvo a imprensa, tida como ideológica radicalmente à esquerda, em sentido parecido com as postagens de Especialistas.

5.2.5 Humor e as publicações mais populares: politização e polarização

A segunda categoria mais frequente foi Humor, em 241 (7,5%) *tweets*, já presente na primeira parte, mas cuja incidência foi apenas 37, apesar de figurarem dentre as mais curtidas. Essas postagens estiveram associadas aos termos *pipa, carioca, vendendo, altinha, brasileiro, salgado, coxinha e bola*, em publicações muito semelhantes às da parte anterior, em torno das imagens de pessoas vendendo lanches, empinando pipa, jogando bola e cartas na ponte durante o sequestro. Humor se distancia de todas as outras categorias por indicar um distanciamento afetivo com o sequestro, ou pelo menos não levar tão a sério a gravidade a ponto de fazerem piadas, tanto que receberam algumas críticas de usuários alegando falta de empatia pelas vítimas ou por não levar a sério o sequestro que estava ocorrendo. Também, não revelam um posicionamento político sobre o evento, ou pelo menos advogam em torno da zoeira pela zoeira.

O Quadro 26 apresenta algumas dessas postagens, sendo recorrentemente abordado um caráter peculiar de zoeira da identidade do brasileiro ou do carioca, como o *tweet* 1 diz que não tem limites e que “Mais um pouco saía um bloco”, reiterando a noção do povo como festivo em referência ao carnaval. Também, são frequentes o emprego de bordões como “o Brasil definitivamente não é para amadores” (*tweet* 6), assim como o “o brasileiro precisa ser estudado”, como o *tweet* 2, que também marca o perfil da NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) na publicação. O *tweet* 3 ironiza que a crise está tanta que estão vendendo coxinha na ponte, em sentido similar ao *tweet* 5, segundo o qual “carioca tá tão acostumado em ver o perigo de perto que nem liga pra mais nada”. Nestes casos, são o que mais se aproxima de alguma crítica ou uma tomada de posição, como as outras categorias, mas o que prevalece é uma espécie de “zoeira pela zoeira”, de quem só quer se divertir e não está fortemente envolvido emocionalmente com a situação do sequestro. O *tweet* 4 conclui com “eu amo o Rio de Janeiro”, em caixa alta, que foi recorrente também os elogios a quem estava jogando bola e vendendo salgado na ponte.

Quadro 26 - *Tweets* de Humor

Tweet 1: “O sequestro na ponte Rio Niterói só me fez ver que o Brasileiro não tem limite, era gente jogando bola, soltando pipa, vendendo salgado... Mais um pouco saía um bloco haha”

Tweet 2: “Hello, @NASA! Vocês planejam estudar o povo brasileiro? enquanto um sequestrador fazia reféns com uma arma de brinquedo, alguns jogavam altinha para passar o tempo na ponte Rio - Niterói
#ThisIsBrazil”

Tweet 3: “A Crise ta tanta que fui vende coxinha na hora do sequestro na ponte Rio Niterói”

Tweet 4: “na moral tem gente jogando altinho na ponte rio niteroi, vendendo salgado e jogando truco, EU AMO O RIO DE JANEIRO GENTE”

Tweet 5: “Pode acontecer um apocalipse que o carioca vai seguir intacto, um sequestro na ponte Rio Niterói e os cariocas vendendo coxinha, jogando bola, soltando pipa... carioca tá tão acostumado em ver o perigo de perto que nem liga pra mais nada.”

Tweet 6: “Pau torando na Rio-Niteroi e os cara na altinha hahahahaha o Brasil definitivamente não é pra amadores”

Fonte: Elaboração própria.

Nesta etapa, das dez publicações mais curtidas, duas foram de Humor, e a Figura 14 apresenta uma delas, ironizando que em meio a “tensão, aflição e desespero”, acompanhada por um vídeo bastante replicado em que aparecem pessoas empinando pipa na ponte, conclui com “Quando o mundo acabar só vai sobrar barata e carioca”, metaforizando-o com as baratas, inseto indesejável que tem fama de não morrer. Na primeira parte, as três postagens de Humor dentre as mais curtidas versavam sobre as pessoas vendendo lanches, em um dos casos chamando de pique-nique, enquanto na segunda, as duas postagens abordaram as pessoas jogando bola e empinando pipa, em um formato similar. Nas duas partes as postagens *de Humor* foram muito parecidas, sugerindo tentativas de replicar as postagens que receberam muita atenção na primeira parte, apesar do baixo volume, para ganhar curtidas, impactando no grande volume delas na segunda etapa. Assim como na parte I, por meio do Humor é possível dizer em forma de brincadeira o que não poderia ser dito de forma séria, sendo uma forma de abordar questões ambíguas ou tabu, além reforçar e criar a identidade do brasileiro ou carioca de zoeira, mantendo o bom humor independentemente das adversidades.

A publicação que lidera em curtidas, de autoria de Bolsonaro, parabeniza os policiais pela ação na ponte, por neutralizar o sequestrador e não haver vítimas, concluindo com: “Hoje não chora a família de um inocente” (Figura 15). O *tweet* enquadrou-se na categoria Comemoração, e como poder-se-ia esperar, estimula a polarização, de um modo a se escolher entre a vida do sequestrador ou a vida das vítimas. A segunda postagem mais curtida, de

autoria da deputada Janaína Paschoal (*tweet 1*, Quadro 27), argumenta que a ação da polícia seguiu a lei, apoiando a intervenção para resgate dos reféns. Assim, foi a única das postagens mais curtidas a não se enquadrar em nenhuma das categorias.

Figura 14 – Captura de tela de uma das postagens mais curtidas (Humor)

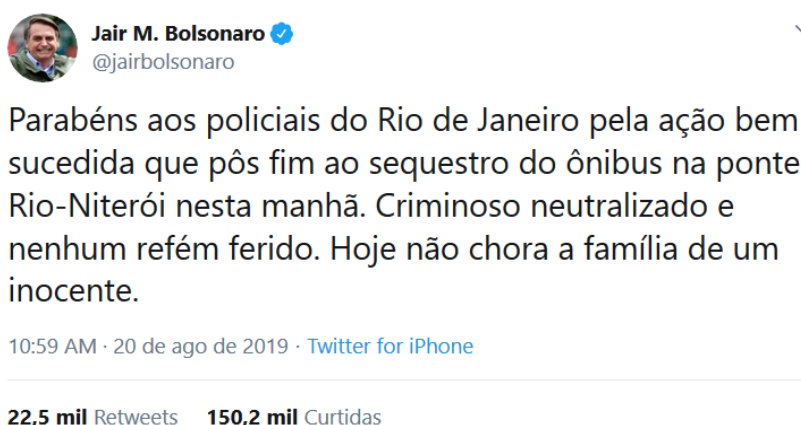


Fonte: Captura de tela no Twitter.com.

Wilson Witzel aparece na lista com duas postagens, em que responde críticas, ainda que não explicitamente, que sofreu por ter comemorado euforicamente ao descer do helicóptero. A própria postagem de Milton Neves (*tweet 3*) menciona essas críticas sofridas pelo governador, o qual diz que o ideal seria que todos sássem vivos e informa que a Secretaria de Vitimização irá cuidar tanto das vítimas e quanto da família do sequestrador. O segundo *tweet* é basicamente uma paráfrase, reiterando que preferiu salvar os reféns. Os

governadores são quem estão no topo da hierarquia quando se trata das decisões de segurança pública estaduais, pois é quem nomeia os cargos mais altos da polícia militar, que é estadual. Witzel, ex-juiz, eleito em 2018, esteve na esteira dos novos movimentos de direita com discursos antissistema e punitivos e tem implantado uma política de segurança de grande visibilidade, postando vídeos dentro de helicópteros com policiais atirando em favelas, por exemplo. Desde o início da repercussão usuários mencionavam o governador esperando uma resolução no sequestro, uma vez que ocupa esta figura que toma para si a tarefa de combater o crime. Em outros casos de violência ocorridos no Rio de Janeiro e com repercussão no Twitter, recorrentemente seu nome vai parar também nos *trending topics*, assim como neste caso.

Figura 15 – Captura de tela do *tweet* mais curtido da parte II e de todo banco de dados



Fonte: Captura de tela no Twitter.com.

Além do predomínio de políticos dentre as postagens mais curtidas, que fizeram quatro delas, há uma postagem de um jornalista e de uma página de notícias independente. A postagem do Milton Neves (*tweet* 3), mencionada acima, é uma resposta as críticas à comemoração de Witzel, em sua defesa, em que reitera uma polarização maniqueísta, segundo a qual as duas respostas possíveis para tal acontecimento seriam duas respostas extremas e antagônicas: comemorar ou chorar. Tal discurso, classificado com Crítica à crítica da comemoração, funciona como um mecanismo de adesão, que frente às duas possibilidades, as pessoas escolheriam a primeira opção. Como os *tweets* indicam, grande parte das respostas apresentam importantes nuances, indicando por exemplo posições apoiando ação da polícia, mas criticando a comemoração. Ainda que feita por um jornalista, a manifestação não é de informação, mas ao contrário uma tomada de posição.

Quadro 27 - Tweets mais curtidos da parte II⁴⁵

Tweet 1: “O sequestrador de Niterói não foi abatido pela Polícia. A Polícia, com base na lei, lançou mão da LEGÍTIMA DEFESA DE TERCEIROS e agiu no ESTRITO CUMPRIMENTO DO DEVER LEGAL! Ou alguém entende que o certo seria deixar explodir os reféns?” @JanainaDoBrasil, 61600 curtidas.

Tweet 2: “Acabei de dar entrevista, parabenizando a atuação exemplar da PM. O ideal era que todos sássem vivos da operação, mas preferimos salvar os reféns. Determinei que a Secretária de Vitimização cuide dos reféns e também da família do sequestrador.” @wilsonwitzel, 45766 curtidas.

Tweet 3: “Governador do Rio sendo criticado porque desceu do helicóptero comemorando a libertação dos reféns e a morte do burro do bandido sequestrador da Ponte Rio-Niterói. Queriam o quê? Que ele chorasse?” @Miltonneves, 43898 curtidas.

Tweet 4: “o sequestrador do ônibus na ponte rio Niterói ta vendo tv de dentro do ônibus e oq a mídia faz? mostra as fotos do interior do veículo tirada pelos reféns, mostra onde ta o atirador de elite e todo o preparo dele a mídia vai matar mais gnt igual matou a Eloá e ninguém faz nada” @itscarolnavarro, 38955 curtidas.

Tweet 5: “O ideal era que todos sássem vivos, mas preferimos salvar os reféns. Determinei que a Secretaria de Vitimização cuide dos reféns e também da família do sequestrador. Meu papel como governador é fazer com que tudo funcione, evitando transtornos para a sociedade.” @wilsonwitzel, 27049 curtidas.

Tweet 6: “Sequestro rolando na ponte Rio-Niterói e os caras jogando bola.”⁴⁶ @liberta__depre, 20357 curtidas.

Tweet 7: “As chances de tomar um tiro de sniper diminuem radicalmente se você não sequestrar um ônibus e ameaçar tacar fogo nos passageiros.” @RogerioVilela, 19078 curtidas.

Fonte: Elaboração própria.

Fora as publicações feitas por políticos, jornalistas ou páginas de informação, uma delas foi feita por um humorista e outras duas por usuários comuns, cujas publicações foram amplamente disseminadas. Uma destas foi o *tweet* 4, o qual apresenta Crítica à mídia, que sabendo que o sequestrador acompanhava a mídia de dentro do ônibus, divulgava fotos tiradas pelos reféns e onde estava o atirador, concluindo que a imprensa mataria os sequestradores, assim como havia feito no caso Eloá. Tal categoria teve apenas uma incidência dentre os mais curtidos nesta parte, frente a três na etapa anterior, quando o sequestra ainda estava ocorrendo. As outras duas são postagens de Humor, uma delas na Figura 14, discutida acima, e a ironiza

⁴⁵ As três postagens que faltam foram postadas separadamente nas Figuras 14, 15 e 16.

⁴⁶ A conta autora desse *tweet* foi suspensa, não sendo possível mais acessar a publicação, mas ela era acompanhada por uma imagem ou vídeo.

as pessoas jogando bola na ponte. A postagem do humorista Rogério Vilela (*tweet 7*), curiosamente não é de Humor, e nem outra categoria, reiterando que o sequestrador morreu pois mereceu.

Figura 16 - Postagem com vídeo do momento em que o sequestrador é atingido



Fonte: Captura de tela no Twitter.com.

Uma postagem de Informação, por outro lado, figura entre as mais curtidas, acompanhada pelo vídeo do momento em que o sequestrador sai do ônibus e é atingido pelo atirador de elite, feita por @NoticiasdoRJ1 (Figura 16). Perfis de notícia independentes se destacaram na repercussão, desde o início, antes mesmo de ser noticiado por outros veículos de comunicação. Dentre os *tweets* mais curtidos da primeira parte, foram dois de *Informação*, um deles feito pelo G1, portal do grupo Globo, e outra pelo Witzel informando que acompanhava a situação. Críticas as mídias tradicionais se destacaram durante toda a repercussão e a presença desses perfis independentes vai muito nesse sentido, incorporando também essas críticas e noticiando de um modo mais posicionado, na direção das demandas da audiência, que cobra que chamem de “bandido” ou “criminoso” e não de “suspeito”. A presença desse tipo de mídia, ante um perfil do grupo Globo na primeira parte, expressa

também a maior politização e polarização desta etapa, em especial no predomínio de discursos mais morais do lado direito do espectro político.

5.2.6 Síntese das opiniões: punitivismo, polarização, politização e humor

Na primeira parte da repercussão do sequestro na ponte Rio-Niterói no Twitter, enquanto ainda ocorria o acontecimento, a categoria em destaque foi Trabalho, que engloba manifestações de usuários comuns demonstrando indignação por não poderem ir ao serviço ou a aula, reivindicando legitimidade por conta de sua condição de trabalhador. O desejo de punição já surge desde o início na categoria Pedido de morte, que por outro lado, diz respeito a figura do bandido, ao qual se dirigem respostas de nojo, mas também pedidos sem envolvimento, portanto, não emocionais, simplesmente solicitando um *sniper*. As críticas aos meios de comunicação também se fazem presentes desde o início, dividindo-se em críticas à sua superexposição, atrapalhando a operação policial, lembrando os casos de sequestro no ônibus 174 e o caso Eloá, bem como uma cobrança pelo poder punitivo para que chamem o sequestrador de bandido, e não de suposto sequestrador ou suspeito. Humor surge na parte final desta etapa em poucas publicações, mas que tiveram destaque dentre as mais populares, inclusive a mais curtida, em que se destacou também crítica à mídia. Dois políticos e um membro do poder judiciário dentre esses *tweets* já demonstram uma politização do evento.

Após mais de três horas de sequestro, com cobertura midiática ao vivo de emissoras televisivas desde o início, o sequestrador é alvejado por um policial, todos os reféns liberados ilesos e o governador Wilson Witzel desce comemorando e sendo aplaudido em plena ponte Rio-Niterói. A partir daí as publicações atingem pico e são feitas as mais populares de toda a repercussão, mudando também a dinâmica das postagens, que tomam um caráter mais polarizado, politizado, punitivo e radicalizado. A categoria mais frequente em toda a repercussão, Comemoração, em relação à morte do sequestrador ou à liberação das vítimas, demonstra adesão com a postura do governador e com o punitivismo, ao entorno da qual esteve a contraposição Crítica à comemoração, em medida bastante inferior, mais próxima do contra-punitivismo, dando a tônica da polarização. Críticas aos meios de comunicação permanecem, mas tomam também um caráter mais punitivo, atribuindo uma ideologia de esquerda que estaria defendendo o sequestrador, em direção semelhante a mais radical Crítica ao previdenciarismo, alegando que o caso “não seria resolvido com flores”. A categoria Especialistas revela anti-intelectualismo, direcionados sobretudo a jornalistas, mas também a advogados e sociólogos, que são associados à esquerda, e estariam em defesa do sequestrador.

As postagens repetidas aumentam consideravelmente, com posições mais extremas, característico desse tipo de conta. Humor tem um salto de publicações, mantendo o sentido da primeira parte, da identidade zoeira do carioca de vender lanches, jogar bola e soltar pipa em meio à tragédia, em *tweets* quase que inteiramente copiados, até da parte anterior, apontando o uso para esse tipo de conteúdo no Twitter, além de ser uma forma de usuários comuns terem uma postagem que atinja alta propagação na rede. A politização expressada nas categorias se manifesta também pela maior presença de políticos dentre as publicações mais populares, dominadas por figuras do campo direita.

6 AS EMOÇÕES DOS *TWEETS* DO SEQUESTRO NA PONTE RIO-NITERÓI

Neste capítulo é apresentada a análise relativa às emoções contidas nos *tweets* sobre o sequestro na ponte Rio-Niterói, bem como seu cruzamento com as categorias. Como foi visto no capítulo anterior, o destaque na primeira parte foram reclamações de trabalhadores quanto ao trânsito, críticas à mídia e punitivismo em pedidos de morte do sequestrador, enquanto na segunda parte, após a morte do sequestrador, se sobressaíram comemoração, muito acima das demais, humor e críticas à mídia, além de críticas ao previdenciarismo penal, apontando para a polarização, punitivismo, politização e extremismo.

Estruturado em quatro partes, o primeiro subcapítulo endereça algumas considerações a respeito das emoções, suas frequências em cada parte e o dicionário de termos associados a cada uma delas em cada momento. O segundo subcapítulo aborda as emoções reflexo e afetivas nas duas partes da repercussão, que revelam a principal mudança, do predomínio de tristeza para alegria e admiração, e são analisadas também medo, raiva e desconfiança na segunda seção. No terceiro subcapítulo analisa-se em cada seção uma das emoções morais, o foco desta dissertação, discutindo a indignação, associada ao senso de justiça, a compaixão, direcionadas às vítimas, lhes conferindo valor, e o nojo para o sequestrador e quem dele se aproximou, demarcando sua inferioridade moral. Estas emoções destacam relações de poder, hierarquias e moralidades mais amplas e este subcapítulo encerra com um cruzamento das emoções morais com as outras, bem como algumas sintetizações sobre a dimensão emocional. O último subcapítulo dispõe um cruzamento entre as duas dimensões de análise, as categorias e as emoções, na primeira seção, e finaliza sintetizando os resultados desta dissertação e discutindo com outros estudos.

6.1 DISPOSIÇÕES INICIAS QUANTO ÀS EMOÇÕES

6.1.1 Frequência e dicionário das emoções em cada parte da repercussão

Conforme já foi discutido na parte final do segundo capítulo, de modo genérico uma emoção se refere a certos estados de excitação (TURNER, 2007) e é tomada como uma experiência de *envolvimento* em relação a um evento, pessoa ou condição, que importa para a pessoa necessária e proporcionalmente, e pode ser tanto positiva ou negativa (BARBALET, 2000). Já foi apresentado também o mapa de codificação, cujo banco de dados dividido em duas partes foi classificado em três tipos de *tweets* – Informação, Spam e Opinião, neste

último se destacando visivelmente Emoções em ambos os momentos. Dentre as 2621 publicações do tipo Opinião no início, 1858 (70,8%) foram de Emoções, enquanto na segunda etapa, as postagens desse tipo foram inferiores, 3217, das quais Emoções teve frequência de 1828 (56,8%). À título de comparação, as categorias de análise mais frequentes foram Trabalho e Comemoração, incidindo em cada parte 226 (8,6%) e 672 (20,9%), respectivamente. O destaque ao longo de toda a repercussão no Twitter do sequestro na ponte Rio-Niterói, foi, portanto, de manifestações emocionais, revelando um envolvimento significativo com o evento, ou com as pessoas envolvidas nele, elencando as emoções como principais mobilizadoras para os usuários comentarem o caso.

Se houve maior incidência de Opinião na segunda parte em detrimento de Informação, a presença de Emoções foi muito equilibrada. Ainda assim, cabe destacar diferenças nos procedimentos de classificação entre as partes, sendo na primeira todo material lido, classificado em Emoções e posteriormente atribuída em determinada emoção, muitas vezes levantando o questionamento “este *tweet* é emocional, mas apresenta *qual* emoção?”. Como já foi dito, na primeira etapa buscava-se estabelecer uma linha do tempo da repercussão e sondar o banco de dados para descobrir categorias e emoções e os termos a elas associados, por isso, foi lido todo material. Já na segunda parte, os termos mais frequentes passam a indicar posições e emoções, diferente da primeira parte, na qual eram mais descritivos, possibilitando já codificar as postagens de Opinião diretamente por palavras-chave em emoções específicas. Assim, uma parte significativa já foi classificada, e o restante foi lido e codificado manualmente, mesmo sem apresentar os termos associados, mas mantendo o sentido. Destaca-se ainda que *Emoticons* ficaram de fora da análise pois não apareceram nos arquivos de texto, uma vez que consistem em imagens, um empecilho para a classificação, já que são recursos justamente para a expressão de emoções em textos.

As emoções consideradas foram as discutidas no final segundo capítulo, sintetizadas no Quadro 1, que considera 24 destas manifestações. Na classificação dos *tweets* foram encontradas apenas nove, devido a alguns motivos principais, dentre eles os objetivos desta dissertação. Primeiro, os bancos de dados de cada parte foram sondados buscando identificar termos mais frequentes que manifestavam categorias e emoções, seguindo o critério de homogeneidade entre si e diferença com as outras, além de sua quantidade. Desconfiança, por exemplo, manifestou-se no total em 30 publicações, mas apesar de quase insignificante, elas eram bastante consistentes entre si, além de serem relevantes para os objetivos do trabalho. Buscou-se também simplificar e reduzir o número de emoções e agrupar as manifestações o máximo possível, respeitando seu significado. Nesse sentido, no caso da raiva e do ódio,

recorrentemente não foi possível distingui-las e por conta da baixa incidência de cada uma, elas se tornaram apenas Raiva, seguindo o entendimento de Ekman e Cordaro (2011) que definem a segunda como um tipo mais duradouro da primeira. Algumas manifestações não poderiam ficar de fora, como as emoções morais, foco desta pesquisa, que tiveram grande incidência de modo geral, assim como o Medo, emoção em destaque nos estudos sobre violência.

Destaca-se que classificar o mundo real a partir de teorias, abstratas por definição, incumbe ao pesquisador o papel de entender os significados das manifestações e agrupá-las segundo o critério mais objetivo possível. No caso das emoções, especialmente, na prática elas raramente ocorrem isoladamente ou de modo puro (EKMAN; CORDARO, 2011). O dicionário das emoções, como no caso das categorias, buscou proceder a classificação com um critério comum e objetivo, que possibilitará compreender o agrupamento em cada emoção, que ficará mais claro também no desenrolar da análise de cada uma delas. Em alguns casos, como o Nojo, basicamente as palavras chave deram conta, mas em outros, como a Indignação, parte significativa não apresentou qualquer um dos termos, mas que indicativos como caixa alta e muitas pontuações ajudaram a identificar, além do sentido da manifestação.

A presença de Emoções foi expressiva durante toda a repercussão, muito acima das categorias e mais do que o dobro da mais frequente (Comemoração), que incidiu em 671 postagens na segunda parte. Do total de 8340 *tweets* analisados, 3686 (44,2%) foram de Emoções, quase a metade. A soma da frequência de cada emoção nos dois momentos, apresentada no Quadro 28, revela que isolada em primeiro lugar esteve Tristeza, com 1183, 32,1% do montante de 3686 de Emoções. Em segundo lugar, esteve Alegria, com 807 (21,9%), seguida de perto pela Indignação, com 752 (20,4%). Em quarto lugar foi o Nojo, com 658 (17,8%), seguida pela oposta Compaixão, com 502 (13,6%), Admiração, com 436 (11,8%), e Medo, com 383 (10,4%). Por fim, Raiva incidiu em 174 (4,7%) postagens, e, em última colocação, esteve a Desconfiança, em apenas 30 (0,8%). Ao longo das duas partes, portanto, a emoção mais presente nos *tweets* foi Tristeza, seguida pela oposta Alegria, que, em tese, não se esperaria. O estudo de Harb (2019) desconsidera e não procura esta emoção nos *tweets* que analisa sobre eventos de tiroteios em massa e atentados terroristas, pela suposição de que emoções positivas não apareceriam nestes casos. Isto reitera a necessidade de considerar a totalidade das emoções, mesmo quando o pesquisador supõe que elas não ocorreriam. Outro destaque é a presença significativa de emoções morais, em primeiro lugar a Indignação, seguida pelo Nojo e a Compaixão.

Porém, a frequência de cada emoção em cada uma das partes da repercussão é ainda mais reveladora, possibilitando visualizar uma mudança explícita nas respostas emocionais do início para a segunda parte, conforme o Quadro 28. Enquanto na parte inicial, quando ainda acontecia o sequestro, o predomínio fora de Tristeza, em 856 (46%) *tweets*, que após a ação da polícia que matou o sequestrador e liberou todas as vítimas ilesas, o destaque foi Alegria, em 765 (41,8%) das respostas, bem como Admiração com terceira maior frequência, em 434 (23,7%). Na parte inicial, em contraposição, Alegria e Admiração, obtiveram frequência irrisória, de 42 (2,2%) e 2 (0,1%), respectivamente, mas se mantendo em menor medida Tristeza na parte subsequente, em 326 (17,8%) publicações. Portanto, o destaque de Tristeza inicialmente em contraste com o predomínio de Alegria em seguida revela a mudança mais visível e significativa de uma parte para a outra, manifestando Tristeza com o sequestro e Alegria com o seu fim.

Quadro 28 - Frequência das emoções em cada parte

Emoção	Frequência parte I	Frequência parte II	Frequência total
Admiração	2 (0,1%)	434 (23,7%)	436 (11,8%)
Alegria	42 (2,2%)	765 (41,8%)	807 (21,9%)
Compaixão	428 (23%)	74 (4%)	502(13,6%)
Desconfiança	20 (1%)	10 (0,5%)	30 (0,8%)
Indignação	471 (25,3%)	281 (15,3%)	752 (20,4%)
Medo	246 (13,2%)	137 (7,5%)	383 (10,4%)
Nojo	199 (10,7%)	459 (25,1%)	658 (17,8%)
Raiva	107 (5,7%)	67 (3,6%)	174 (4,7%)
Tristeza	856 (46%)	326 (17,8%)	1183 (32,1%)
Total	1858	1828	3686

Fonte: Elaboração própria.

As emoções morais também apresentaram mudanças, como Indignação, que incidiu em 471 (25,3%) publicações, a segunda mais frequente na primeira parte, ante 281 (15,3%) depois. No início, Compaixão foi a terceira mais frequente, em 428 (23%) postagens, ao passo que no segundo momento foram em míseros 74 (4%) *tweets*. Outra manifestação, em grande medida oposta a esta última, foi o Nojo, segunda maior frequência na parte dois, em 459 (25,1%) postagens, que anteriormente incidiu em apenas 199 (10,7%). Pode-se concluir, portanto, que o Nojo e Compaixão se repelem, além de maior incidência de Tristeza, Indignação e Compaixão enquanto ocorria o sequestro, e Alegria, Admiração e Nojo após o seu fim, com o sequestrador morto pela polícia e todos reféns liberados ilesos. Já o Medo, foi

menos desequilibrado nos dois momentos, se manifestando em 246 (13,2%) publicações na primeira parte, contra 137 (7,5%) depois. A incidência de Raiva foi mais ou menos equânime nas duas etapas, com frequência inicial de 107 (5,7%) e 47 (3,6%) posterior, assim como Desconfiança, aparecendo apenas 20 vezes no início e 10 no final.

Quadro 29 - Dicionário de emoções

Emoção	Termos comuns	Termos parte I	Termos parte II
Admiração	parabéns		herói, parabenizo, salvou
Alegria	felizmente, graças, risos*		feliz, parabéns, sucesso, acabou, salvos, salvo, parabenizo, cpf, grande dia
Compaixão	proteja	bem, espero, termine, aconteça, abençoe, acabe, oremos, ruim, tomara, tenha, desespero, torcendo, desfecho	graças, deus, solidariedade
Desconfiança	estranho	distrair	
Indignação	absurdo, pqp, puta, parar, fdp, revoltante, ridículo, inacreditável	trabalho, vergonha, parabéns	vergonhoso, patética
Medo	medo, pavor, paranoia, assustado, horror, agonia, aflição, desespero, nervoso, ansiedade, angustia, chocado, apavorado, susto, loucura		
Nojo	nojo nojento, nojenta, bandido, criminoso, vagabundo, terrorista, marginal, fdp, desgraçado, arrombado, ladrão	morto	
Raiva	fdp, arrombado, desgraçado, filho da puta, filha da puta, ódio, raiva	morto	
Tristeza	triste, infelizmente, tristeza, doidera, doido, caralho, caos, mds, loucura, desgraça, difícil, lamentável, crise, péssimo	desanimada, parar, brasileiro, lamentável, perdido, paz	meu deus

Fonte: Elaboração própria.

Assim como nas categorias de análise, um dicionário dos termos empregados para filtrar e associados a cada emoção foi elaborado, exposto no Quadro 29. Em alguns casos houve termos comuns em ambas as partes da repercussão, enquanto outros estavam presentes ou indicava certa emoção em apenas uma das partes. Também, alguns termos indicavam mais de uma emoção. No caso do Medo, os termos foram iguais em ambas as partes, e Nojo, Raiva e Desconfiança variou muito pouco. Compaixão, por outro lado, foi a que mais variou, com

apenas uma expressão comum. Outras emoções que se destacam em apenas uma das partes tiveram por conta disso mais termos associados a ela, como Alegria, Admiração e Tristeza. Em alguns casos, o mesmo termo indicou manifestações bastante distintas, como parabéns, um dos mais frequentes na parte dois, que indicou Admiração nos dois momentos, mas no início teve também um sentido sarcástico manifestando Indignação. Isto sublinha a atenção que se deve ter ao contexto para classificar as emoções e os diversos sentidos e significados que uma palavra pode ter.

6.2 AS EMOÇÕES REFLEXO E AFETIVAS: MUDANÇA EMOCIONAL

Dentre as várias perspectivas centradas no estudo das emoções, varia o que é considerado emoção, se são manifestações biológicas e universais ou culturalmente elaboradas. Uma saída, como foi discutido no capítulo 2, é a distinção de tipos de emoções feita por alguns autores, desde as manifestações universais, presentes em todas as culturas, tipificadas como emoções primárias (TURNER, 2007) ou reflexo (JASPER, 2011) por serem respostas automáticas muito rápidas a eventos, até emoções mais complexas que envolvem cultura e moral. Apesar de algumas variações, geralmente as emoções reflexo são tristeza, alegria/felicidade, medo, raiva, nojo e surpresa (TURNER, 2007; JASPER, 2011), ainda que o influente modelo de Paul Ekman mais recentemente incorpore também o desgosto (EKMAN; CORDARO, 2011). A perspectiva adotada nesta dissertação considera o nojo, e o desgosto, como espécie de equivalente da primeira, como emoções morais, seguindo Miller (1997), considerando como emoções reflexo, então, a tristeza, a alegria, o medo, a raiva e a surpresa, inserindo nesta etapa da análise também a admiração e a desconfiança, tidas como emoções afetivas por Jasper (2011).

6.2.1 Mudança emocional: da Tristeza à Alegria e Admiração

Apesar da abordagem psicológica e biológica, Ekman apresenta definições pontuais de cada uma das emoções básicas de seu modelo, fornecendo pelo menos um ponto de partida e suprimindo tal carência nos estudos das ciências sociais sobre emoções. Ekman toma a Tristeza como resposta à perda de algo que se tem muito apego:

a resposta à perda de um objeto ou pessoa à qual você está muito apegado. A experiência prototípica é a morte de um filho, pai ou cônjuge amado. Na tristeza, há resignação, mas pode se transformar em angústia, na qual há agitação e protesto pela

perda e depois voltar à tristeza novamente⁴⁷ (EKMAN; CORDARO, 2011, p. 365, tradução nossa).

A Tristeza foi a emoção isoladamente mais frequente nas duas etapas da repercussão, perpassando todo o evento, sendo, portanto, a principal resposta emocional ao sequestro na ponte Rio-Niterói. Sua presença, porém, se destacou na primeira parte, diminuindo e sendo substituída por Alegria no segundo momento, mas ainda permanecendo em percentual significativo. Tristeza foi filtrada e esteve associada aos termos *triste, infelizmente, tristeza, doideira, doido, caralho, mds, loucura, desgraça, difícil, caos, lamentável, crise e péssimo* em ambos momentos da repercussão, além de *desanimada, parar, brasileiro, lamentável, perdido* e *paz* apenas no início, indicando manifestações que em comum são marcadas pelo tom negativo, em alusão ao acontecimento, à situação de violência ou a uma percepção de mundo desordenado. Conforme o Quadro 30, que dispõe algumas dessas publicações, em alguns poucos casos nomeiam a emoção que estão sentindo por tristeza, como o *tweet 1*, que fala ainda que “Esse é o Rio que não queremos”, mas na maior parte utilizam outras expressões que a indicam.

Quadro 30 - Tweets de Tristeza na parte I

Tweet 1: “6:10 e a ponte Rio-Niterói fechada no sentido Rio. Ônibus cercado de policiais. Esse é o Rio que não queremos. Triste.”

Tweet 2: “Caralho, sequestraram um ônibus na ponte rio Niterói. Que merda”

Tweet 3: “Mano que bagulho doido na ponte rio niteroi”

Tweet 4: “Brasileiro não tem paz msm né 6 h dá manhã preso na ponte rio niteroi”

Tweet 5: “Pára a ponte Rio Niterói, pára Niterói inteira. Caos no trânsito.”

Tweet 6: “Mano o ônibus sequestrado na ponte rio niterói, ônibus que vai pra sg ainda, o carioca não tem um minuto de paz”

Tweet 7: “Já acordamos com um sequestro na ponte Rio Niterói. Está difícil, Rio de Janeiro”

Tweet 8: “Rio de Janeiro já acorda na desgraça né, ontem tiroteio no Turano, agora sequestro na ponte Rio - Niterói, que Deus proteja os reféns e nada de ruim aconteça”

Tweet 9: “na moral, fazer reféns na ponte rio-niteroi esse horário? Só tem trabalhador e estudante ali! A galera não pode mais nem ir trabalhar e estudar com dignidade, e ainda acaba com o trânsito em Niterói que já é péssimo”

⁴⁷ “the response to the loss of an object or person to which you are very attached. The prototypical experience is the death of a loved child, parent, or spouse. In sadness there is resignation, but it can turn into anguish in which there is agitation and protest over the loss and then return to sadness again.”

Fonte: Elaboração própria.

Algumas postagens manifestam também outros sentimentos, como o *tweet* 2, que apresenta surpresa, ou compaixão, no *tweet* 8, que expressa também pessimismo pelo uso do termo “péssimo”. Vários são marcados por um tom de pessimismo, mais explícito nos *tweets* 4 e 6, mencionando o brasileiro ou o carioca não tem paz. Em alguns casos se destaca apenas a visão negativa do acontecimento, como os *tweets* 3 e 7, este último dizendo que está “difícil”, em alusão à cidade. Tristeza também fez referência a um mundo desordenado, como o *tweet* 5 que fala sobre o “caos” do trânsito, bem como a outros episódios de violência, como o *tweet* 8, sugerindo que esses episódios são frequentes.

Na parte seguinte teve presença inferior, mas ainda significativa, em 326 (17,8%) *tweets*, e além dos termos comuns associados ela, esteve também *meu deus* nesta etapa. O Quadro 31 apresenta algumas dessas postagens, se mantendo o tom de negativo que caracteriza a Tristeza e referências a outros episódios de violência, como o *tweet* 4, mencionando o caso do ônibus 174, bem como a percepção de um mundo desordenado, como os *tweets* 2, 3 e 6, os dois primeiros usando o termo “caos”, e o último a um mundo anestesiado, em tom pessimista. Além disso, a Tristeza nesta etapa também se dirigiu a outras questões, como o *tweet* 5 se direcionando as pessoas que jogavam bola e brincavam na ponte, dizendo que “o carioca não tem limites”. O *tweet* 6 faz referência também a um mundo desordenado, mas não por conta da violência, se dizendo triste que todo mundo está anestesiado a ponto de que uma pessoa abatida “é motivo de comemoração e vira só mais um número nas estatísticas”, reivindicando a humanidade do sequestrador cuja morte foi motivo de comemoração, se tornando apenas um número. O *tweet* 3 revela que há posições que não se enquadrariam simplesmente em um dos lados da polarização, chamando de “perfeita” a ação da polícia em resguardar o “cidadão de bem”, mas contrapondo com: “Porém, infelizmente mais vida perdida no caos que vivemos”.

Quadro 31 - *Tweets* de Tristeza na parte II

Tweet 1: “Tiro na ponte Rio Niterói. Meu Deus”

Tweet 2: “O caso do ônibus sequestrado na ponte Rio-Niterói aponta para o caos social que estamos vivendo. É daí pra pior...”

Tweet 3: “Atuação perfeita da polícia agora no sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói, resguardando a segurança do cidadão de bem. Porém, infelizmente mais vida perdida no caos que vivemos.”

Tweet 4: “Outro episódio estilo parada 174 na ponte Rio Niterói mds do céu”

Tweet 5: “caralho. rolou um sequestro na ponte rio niteroi e tinha nego jogando bola, brincando. o carioca não tem limites”

Tweet 6: “É triste como já tá todo mundo anestesiado pra realidade que uma pessoa sendo abatida em plena ponte rio Niterói é motivo de comemoração e vira só mais um número nas estatísticas”

Fonte: Elaboração própria.

Em contraposição, Alegria teve incidência de apenas 42 (2,2%) enquanto o sequestro ainda ocorria, mas que após o seu fim com a morte do sequestrador e os reféns liberados ela se torna preponderante, em 765 (41,8%) publicações. Os modelos de emoções básicas, reflexo ou primárias, consideram ora alegria, ora felicidade, que são tomadas como equivalentes nesta pesquisa, optando-se por chamá-las de Alegria. Ekman e Cordaro (2011, p. 365, tradução nossa) definem felicidade como “sentimentos que são agradáveis, que são procurados pela pessoa. Há uma série de emoções agradáveis bem diferentes, cada uma provocada por um evento diferente, envolvendo um sinal diferente e um comportamento provável⁴⁸”. Esses sentimentos positivos foram manifestados raramente enquanto os reféns eram ameaçados e o trânsito parado, mas que se tornaram a principal expressão nos *tweets* após a morte do sequestrador com seis tiros por um *sniper* e todas as vítimas liberadas sem ferimentos. Inicialmente, a Alegria esteve associada aos termos *felizmente*, *graças* e expressões que indicam risos, como “kkk” ou “hahaha”. Alguns desses *tweets* estão no Quadro 32, revelando que parte deles se referem a uma sensação de alívio, por de algum modo escapar da situação, como os *tweets* 1 e 3, outros ainda com risos parecem mais “rir de nervoso” (*tweet* 2). Em outros casos, são publicações rindo das pessoas vendendo salgado na ponte (*tweet* 4), que foram o principal eixo das publicações de Humor.

⁴⁸ “feelings that are enjoyed, that are sought by the person. There are a number of quite different enjoyable emotions, each triggered by a different event, involving a different signal and likely behavior.”

Quadro 32 - *Tweets* de Alegria na parte I

Tweet 1: “Se eu saio mais tarde de casa, ia perder meu voo por causa do ônibus sequestrado na Ponte Rio Niterói.

Ainda passei do lado dele.
Caraca, Mané!”

Tweet 2: “o pessoal fazendo pose pra globo enquanto tá rolando um sequestro na ponte Rio Niterói, cariocas, sinceramente???? não tem como kkkkkkkkk que ódio kk”

Tweet 3: “Mano ainda bem que essa porra da ponte Rio Niterói aconteceu hoje e não ontem”

Tweet 4: “momento de sufoco na ponte Rio Niterói e o cara vendendo salgado, eu amo o brasileiro kkkkkk”

Fonte: Elaboração própria.

Na segunda parte da repercussão, por outro lado, foi juntamente Alegria que se sobressaiu, em 765 (41,8%) publicações. Além dos mesmos termos associados a Alegria da primeira parte, neste momento novas palavras ganharam destaque indicando esta emoção, como *feliz*, *parabéns*, *sucesso*, *acabou*, *salvos*, *salvo*, *parabenizo*, *cpf*, e *grande dia*, em manifestações vindo de modo positivo o fim do sequestro, a morte do sequestrador, a liberação das vítimas ou a ação da polícia, por isso mesmo se aproximam do sentido da categoria de Comemoração e da emoção Admiração nesta mesma etapa. No Quadro 33, que dispõe algumas dessas postagens, pode-se notar o *tweet 1* se referindo apenas a morte do sequestrador com a expressão “cpf cancelado”, recorrentemente empregada pela direita punitiva, e o *tweet 7* demonstrando satisfação de ver as pessoas na ponte comemorando na ponte o “sucesso do sniper” e ainda mais “ao vivo na Globo News”, principal alvo dos ataques contra a mídia por ser tida como defensora dos bandidos. O punitivismo apenas em alusão a morte do sequestrador permanece no *tweet 8*, que somente diz “gol” em alusão à comemoração, mas também no *tweet 2*, segundo o qual esse é o país que ele quer, com criminosos indo ao chão, com admiração quanto a ação da polícia. Já o *tweet 4* é carregado de outras emoções como indignação, raiva e nojo, dizendo que não se deve prender, mas “exterminar”, por tirar a paz das famílias que vão trabalhar as 5:30 da manhã.

Quadro 33 - *Tweets* de Alegria na parte II

Tweet 1: “Parece que o CPF foi cancelado com sucesso lá na ponte Rio Niterói”

Tweet 2: “Atirador de elite abate criminoso que sequestrava um ônibus com diversos refens aqui na Ponte Rio-Niterói. Esse é o Rio de Janeiro, o Brasil que nós queremos! Criminosos indo ao chão. Parabéns aos policiais envolvidos na operação!”

Tweet 3: “Acabou o pesadelo da ponte rio niteroi, graças a Deus”

Tweet 4: “O único final feliz nesse caso da ponte Rio-Niterói é o único alvo ter sido o sequestrador, não tem que prender não, é exterminar logo. Foda-se. Famílias indo trabalhar, 5:30 da manhã e filho da puta tirando a paz e o psicológico dessas pessoas. Vai sentar no colo do capeta.”

Tweet 5: “Ufa acabou o sequestro na Ponte Rio Niterói, mataram o sequestrador e nenhum refem foi ferido!”

Tweet 6: “Triste a morte do sequestrador do ônibus na Ponte Rio Niterói. Uma vida desperdiçada. Bom que acabou tudo bem com as vítimas.”

Tweet 7: “Ver o povo comemorando o sucesso do sniper no Rio de Janeiro ao vivo na Globo News, é impagável!”

Tweet 8: “Gol!!!!”

Fonte: Elaboração própria.

Apesar desses discursos se destacarem pelo punitivismo, as outras postagens falam também sobre outras coisas, como o *tweet* 3 aliviado com o fim do “pesadelo”. Já o *tweet* 6 é interessante por se dizer triste com a morte do sequestrador, mas alegre que acabou tudo bem com as vítimas, manifestando emoções opostas em relação a dimensões distintas, explicitando que na prática as emoções raramente ocorrem de modo puro (EKMAN; CORDARO, 2011), com o caso-limite em que ocorre em conjunto respostas opostas. De modo geral, a presença de Alegria foi muito pequena na primeira parte, cuja principal emoção foi Tristeza, ao passo que no segundo momento o destaque foi de Alegria, com incidência menor de Tristeza, mas ainda significativa, podendo-se concluir que em alguma medida ambas são mutualmente excludentes, e que Tristeza perpassou toda a repercussão. Diferente de Harb (2019) que não busca emoções positivas em postagens sobre eventos de terrorismo e tiroteios em massa no Twitter por supor que elas não ocorreriam em casos de violência, a presença de Alegria indica que todo tipo de manifestação deve ser considerada, mesmo no início da repercussão, ainda que após o fim do sequestro se poderia esperar esse tipo de resposta.

Quadro 34 - *Tweets* de Admiração na parte II

Tweet 1: “3hrs e meia de pessoas sendo refêns na ponte do Rio Niterói, atirador de elite vem e pá, 5 tiros, atinge o meliante, parabéns a ação da polícia do RJ.”

Tweet 2: “Fim do sequestro do ônibus na ponte Rio Niterói atirador de elite coloca ponto final no sequestro parabéns governador @wilsonwitzel e todos polícias envolvidos na ocorrência @PMERJ @CaosNoRio @alertario24hrs @Informacoes_RJ”

Tweet 3: “Quando a Polícia faz a coisa certa e dentro da lei, merece aplausos. Parabéns à @PMERJ pela resolução do sequestro do ônibus na Ponte Rio-Niterói SEM ATINGIR NENHUM REFÉM.”

Tweet 4: “Medalha no peito já do herói que interrompeu o sequestro na Ponte Rio-Niterói!”

Tweet 5: “Tinha que fazer uma homenagem ao herói atirador de elite da ponte Rio Niterói! Cara foda”

Tweet 6: “Meus parabéns ao policial que neutralizou o sequestrador do ônibus Rio-Niterói. Todos os refêns ilesos e a ameaça neutralizada. Que satisfação, aspira.”

Tweet 7: “Parabenizo a Polícia do Rio de Janeiro na resolução do caso do sequestro do ônibus na Ponte Rio-Niterói!”

Fonte: Elaboração própria.

Próxima de Alegria, Admiração se distingue desta por conta de elogios a um sujeito definido. James Jasper (2011, p. 3) considera esta emoção como lealdades ou orientações afetivas, que consistem em apegos ou aversões, envolvendo menos avaliações de curto prazo do que cognitivas, sobre outras pessoas. Na primeira parte incidiu apenas duas vezes, falando bem da cobertura do sequestro das emissoras de televisão Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e Rede Record, contrastando com as críticas à mídia, direcionadas sobretudo a Rede Globo. Após a morte do sequestrador, por outro lado, Admiração foi a terceira emoção mais frequente, em 434 (23,7%) publicações, filtrada pelos termos *herói*, *parabenizo* e *salvou*, além de *parabéns*, presente nos dois momentos. Na primeira parte, *parabéns* se associou também a Indignação, mas com sentido distinto, de ironia, e na segunda parte esta expressão e *parabenizo* indicaram também Alegria, algumas vezes indicando também a categoria Comemoração.

No Quadro 34, que dispõe algumas dessas publicações, é possível observar que, senão todas, a maior parte delas parabeniza atuação da polícia, vendo como positiva e elogiando tal instituição. O *tweet 1* diz que após três horas e meia vem o atirador e com poucos tiros põe fim ao sequestro, indicando a crença de que o uso da força resolve de modo simples, rápido e com eficiência a violência. O *tweet 2* parabeniza todos policiais envolvidos na ocorrência e também o governador Wilson Witzel pelo desfecho, enquanto o *tweet 3*, com ressalvas dispõe

que “Quando a Polícia faz a coisa certa e dentro da lei, merece aplausos”, e dizendo “sem atingir nenhum refém”, este trecho em caixa alta, em provável alusão ao caso 174, em que a polícia acabou vitimando uma refém. O *tweet* 7 parabeniza a instituição pela “resolução do caso”, sem mencionar a morte do sequestrador ou as vítimas. Já os *tweets* 4, 5 e 6 apresentam maior intensidade, os dois primeiros chamando o *sniper* de “herói” e solicitando uma condecoração a ele, enquanto o último nomeia a ação de “satisfação”. Nos *tweets* sobre o sequestro na ponte Rio-Niterói, portando, a instituição da Polícia Militar dispõe de boa reputação e apoio, diferente de outros eventos em que ela se torna alvo, como o caso Paraisópolis, por exemplo, em que se denunciou justamente a violência policial.

6.2.2 Medo, Raiva e Desconfiança

Outro grupo de emoções reflexo se mantiveram mais estáveis nos dois momentos da repercussão. O Medo, emoção em destaque nos estudos sobre violência, é tida por Ekman e Cordaro (2011, p. 365, tradução nossa) como “resposta à ameaça de dano físico ou psicológico⁴⁹”, ativando impulsos para congelar ou fugir. Essa emoção foi mais dispersa, incluindo manifestações de paralisia e choque, que em conjunto possuem um tom negativo, e esteve associada aos termos *medo, pavor, paranoia, assustado, horror, agonia, aflição, desespero, nervoso, ansiedade, angustia, choque e chocado*, iguais nos dois momentos. Na primeira parte, 246 (13,2%) publicações manifestaram essa emoção, e conforme o Quadro 35, vê-se que em alguns casos nomeiam o sentimento como medo (*tweet* 4), mas na maior parte nomeiam por outras palavras como “horror”, “aflição” e “desespero” (*tweets* 1, 2 e 5, respectivamente), bem como nervoso (*tweet* 6). Nesses casos, o medo não se refere a uma ameaça de quem está tuitando, mas a respeito de outra pessoa, passando pelo sentimento de empatia pela suposição do sofrimento e perigo que uma pessoa desconhecida passa. Nesse sentido, algumas postagens de Medo também manifestaram Compaixão (*tweet* 2), e Tristeza, por ser uma resposta negativa (*tweet* 7).

⁴⁹ “the response to the threat of harm, physical or psychological.”

Quadro 35 - *Tweets* de Medo na parte I

Tweet 1: “Gente, um ônibus foi sequestrado na Ponte Rio Niterói... está bloqueando as faixas e está tendo ação policial! Que horror!!!”

Tweet 2: “Que aflição esse bus parado na ponte Rio-Niterói! Parece que se trata de um sequestro! Que Deus proteja os passageiros e o motorista!”

Tweet 3: “Mano e esse sequestro na ponte rio-niteroi???? To nervosa pqp”

Tweet 4: “Medo com transmissão ao vivo.”

Tweet 5: “Meu D'us, um ônibus sequestrado na Ponte Rio- Niterói. Que desespero”

Tweet 6: “Como tem gente sem noção cara, eu to aqui dentro do ônibus toda arrepiada, tremendo de nervoso e uns doentes rindo e brincando com o sequestro na ponte rio/niterói!!!! Olha que ódioooooo”

Tweet 7: “Um homem armado sequestrou um ônibus na ponte Rio-Niterói e está ameaçando os passageiros nesse momento, minha amiga carioca estava indo para o trabalho em outro ônibus(graças a Deus)e está parada nessa mesma ponte sem previsão nenhuma de qdo irá sair de lá. Pânico e caos no local”

Fonte: Elaboração própria.

Na segunda parte, por sua vez, Medo teve a menor frequência, em 137 (7,5%) postagens, filtrada pelos mesmos termos. Novamente, em poucos casos a emoção é nomeado por medo, como o *tweet* 6 do Quadro 36, mas na maior parte nomeiam o que sentem por outras expressões, como “assustada” (*tweet* 1), “agonia” (*tweet* 2), “horror” (*tweets* 3 e 5), “desespero (*tweet* 3), “angustia” (*tweet* 4), “pânico” e “pavor” (*tweet* 7), neste último lembrando casos de violência em que foi vítima e lhe voltou tais sentimentos. Nesse momento, apesar do final feliz do sequestro, pelo menos para as vítimas, o Medo persistiu nessas manifestações. O *tweet* 6 se diz “toda arrepiada, tremendo de nervosa”, ao passo que tinha gente rindo e brincando na ponte, manifestando quanto a eles também “ódio”.

Em estudos da área, o isolamento e a redução da sociabilidade são tomados como principal efeito do medo da violência (ADORNO, 1996; SILVA; BEATO-FILHO, 2013; TRINDADE; DURANTE, 2019; BORGES, 2013; CARVALHO; ALMEIDA, 2019; ZALUAR, 2006; PASTANA, 2003; BAIERL, 2004; CALDEIRA, 2000; GLASSNER, 2003). Sérgio Adorno (1996, p. 159, grifos nossos) argumenta que o problema da criminalidade no país, que se tornava a principal preocupação do cidadão comum, gerou como consequência que “a cotidianidade do crime constitui o pano de fundo de um cidadão acuado, voltado para si próprio, carente de proteção, encerrado em seus próprios limites, incapaz de ver algo para além dos horizontes mais imediatos. Enfim, um cidadão com *medo*”. Notou-se mais palavras

de gênero feminino nas postagens de Medo do que de outras emoções, como nos *tweets* 3 e 6 do Quadro 35 e *tweet* 7 do Quadro 36, este último também mencionando que já fora vitimada, indo na direção dos estudos de medo do crime que recorrentemente encontram uma associação positiva entre esta manifestação em mulheres, idosos e quem já vítima (BORGES, 2013; SILVA; BEATO-FILHO, 2013; TRINDADE; DURANTE, 2019).

Quadro 36 - *Tweets* de Medo na parte II

Tweet 1: “caralho sequestro na ponte Rio-Niterói, assustada”

Tweet 2: “Meu Deus que agonia esse sequestro na ponte Rio Niterói”

Tweet 3: “Acordar e já ver esse desespero na Ponte Rio Niterói, que horror!! Temos que agradecer muito por sair e voltar pra casa”

Tweet 4: “Ver esses reféns no ônibus parado na ponte Rio Niterói me dá uma angústia...Não consigo nem imaginar o desespero delas e dos familiares”

Tweet 5: “Que horror esse sequestro na ponte Rio Niterói”

Tweet 6: “esse negocio da ponte rio niteroi eu nao devia nem ter visto pq eu morro de medo dessas coisas em transporte público”

Tweet 7: “Eu já tenho pavor de passar na Ponte Rio-Niterói, imagina ser sequestrada nela e ficar presa em um ônibus diante de alguém armado! Certeza que entraria em pânico, assim como já fiquei em assaltos em ônibus. Um até reagiu espontaneamente e graças a Deus n aconteceu nada cmg”

Fonte: Elaboração própria.

As publicações de Medo estão manifestando mais choque e paralização, porém Lima *et al.* (2020) tem defendido que essa emoção é a principal explicação para a onda recente de adesão a ideias autoritárias no país. Neste caso, por sua vez, o punitivismo, uma das dimensões do autoritarismo, teve destaque, mas em algumas categorias, como Pedido de morte e Comemoração, e outras emoções, como Raiva e Nojo. Outra questão é o papel dos meios de comunicação no sentimento de medo do crime, manifesto de modo claro no *tweet* 4 Quadro 35, falando sobre o medo ao assistir o evento ao vivo, no sentido Carvalho e Almeida (2019), que encontram temores em quem nunca sofreu violência, atribuindo, então, à mídia. Por outro lado, também houve Medo em referência a casos sofridos de violência, já observados em outros estudos, ou seja, o impacta da vitimização na ocorrência dessa emoção.

Passando à Raiva, Ekman e Cordaro elencam que ela pode ser desencadeada quando tentam prejudicar alguém que o indivíduo gosta e geralmente envolve o desejo de ferir o alvo. A Raiva, portanto, consiste em uma:

resposta à interferência em nossa busca de uma meta com a qual nos preocupamos. A raiva também pode ser desencadeada por alguém tentando nos prejudicar (física ou psicologicamente) ou por alguém de quem gostamos. Além de remover o obstáculo ou interromper o dano, a raiva geralmente envolve o desejo de ferir o alvo⁵⁰ (EKMAN; CORDARO, 2011, p. 365, tradução nossa).

Conforme já mencionado, por conta da baixa incidência e da dificuldade em distinguir manifestações de raiva e ódio, optou-se por juntá-las apenas em Raiva. Até mesmo Ekman e Cordaro (2011, p. 366, tradução nossa) compreendem o ódio como estado de raiva mais duradouro: “é um estado duradouro marcado pela raiva contra uma pessoa, mas não pelos atos dessa pessoa⁵¹”, que justamente por conta de sua persistência, não entra nas emoções básicas, enquanto Jasper (2011, 2018) toma o ódio como emoção afetiva, consistindo em uma aversão de longa duração. No início da repercussão, Raiva incidiu em 107 (5,7%) publicações na primeira parte, filtrado por termos como *fdp*, *arrombado*, *desgraçado*, *filho (a) da puta*, *raiva* e *ódio* nos dois momentos, além de *morto* apenas no início. Algumas dessas expressões indicavam também o Nojo, revelando uma aproximação entre essas emoções, caracterizando a Raiva por conta dos adjetivos destinados a um sujeito definido, sobretudo ao sequestrador.

O Quadro 37 mostra algumas dessas postagens, em que poucas vezes os usuários nomeiam o que sentem pelo nome da emoção, como nos *tweets* 4 e 5, no primeiro caso dirigindo-se a mídia por mostrar a situação e no segundo sobre a ponte atrapalhar a ponte aérea com São Paulo. Mas na maior dos casos se dirigiu ao sequestrador, utilizando alguns termos como “arrombado”, “ladrãozinho de merda”, “fdp” e “pau no cu” (*tweets* 1, 3, 6 e 7, respectivamente) para se referir a ele, que também indicam Nojo. A Raiva, portanto, indica uma aversão a alguém que prejudica algo que importa para a pessoa, recorrentemente desencadeando o desejo de ferir o alvo, explícito no *tweet* 7. Algumas das postagens de Raiva manifestaram também Indignação, como os *tweets* 2, 3 e 7, do mesmo modo que Nojo, nos *tweets* 1, 2, 3 e 6, passando a ter assim uma dimensão moral, na primeira diretamente ligada ao senso de injustiça e na segunda frisando que o sequestrador violou regramentos morais.

⁵⁰ “the response to interference with our pursuit of a goal we care about. Anger can also be triggered by someone attempting to harm us (physically or psychologically) or someone we care about. In addition to removing the obstacle or stopping the harm, anger often involves the wish to hurt the target.”

⁵¹ “is an enduring state marked by anger towards a person, but not the acts of that person.”

Quadro 37 - *Tweets* de Raiva na parte I

Tweet 1: “Fala com quem tá preso na ponte pq um arrombado sem mãe resolveu sequestrar um ônibus na ponte rio Niterói”

Tweet 2: “tem uma porra de um cara que assaltou e sequestrou uma porra de um ônibus 6:30 da manhã no MEIO DA PONTE RIO NITERÓI”

Tweet 3: “O bagulho tá doido na ponte Rio Niterói....ladrãozinho de merda!!!”

Tweet 4: “Que raiva da mídia mostrando toda essa situação na ponte Rio Niterói”

Tweet 5: “ponte rio niterói atrapalhando ponte aérea são paulo rio aah q raiva”

Tweet 6: “Bala nesse sequestrador da ponte Rio-Niterói!!!
Esses fdps não merecem estar respirando!!!”

Tweet 7: “Sequestro na ponte rio Niterói uma hora dessa da manhã,o Brasileiro tá cansado desses bando de pau no cu ja”

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 38 - *Tweets* de Raiva na parte II

Tweet 1: “O desgraçado da ponte rio niterói morreu gente? Espero que sim”

Tweet 2: “Caralho que porra foi essa que eu vi agora na tv????? Transmissão ao vivo do onibus sequestrado na ponte rio-niterói durante horas, barulho de tiro e COMEMORAÇÃO DOS ESPECTADORES??
Vai se fuder. A sociedade brasileira é punitivista demais e fomenta o caos.”

Tweet 3: “um fdp causando caos numa cidade inteira, tomara q tenha sido atingido . ponte rio niterói”

Tweet 4: “O único final feliz nesse caso da ponte Rio-Niterói é o único alvo ter sido o sequestrador, não tem que prender não, é exterminar logo. Foda-se. Famílias indo trabalhar, 5:30 da manhã e filho da puta tirando a paz e o psicológico dessas pessoas. Vai sentar no colo do capeta.”

Tweet 5: “o cara para a ponte rio-niterói, da um nó completo em niterói e causa um transito enorme no rio..... pqp e o fdp com uma arma de brinquedo”

Tweet 6: “Acordar e ver que um psicopata sequestrou um ônibus na ponte rio Niterói e o fim, parabéns @PMERJ bala nesses filha da puta!!! Bom dia”

Tweet 7: “eu não acredito que eu to vendo que as pessoas e o desgraçado do governador COMEMORARAM a morte do garoto que sequestrou o ônibus na ponte rio-niterói repito: não comemoraram que os reféns foram salvos sem ferimentos, comemoraram a MORTE do garoto”

Fonte: Elaboração própria.

Na segunda parte, Raiva esteve presente em número menor, em 67 (3,6%) postagens, persistindo o alvo anterior, o sequestrador, nos *tweets* 1, 3, 4, 5 e 6 do Quadro 38, muitos

deles comemorando ou desejando sua morte. Apesar desse principal eixo, em menor medida outro grupo de posições direcionou a Raiva à comemoração da morte do sequestrador, como o *tweet 2*, que apresenta também indignação, criticando que a “sociedade brasileira é punitivista demais”, de modo semelhante ao *tweet 7*, que critica justamente que a comemoração não se destina aos reféns salvos, mas sim a morte do “garoto”. Nota-se assim que nesses casos de violência, os comentários se tornam não apenas sobre o evento em si, mas sobre outras opiniões, consistindo em verdadeiros debates ou disputas discursivas. Além disso, uma mesma emoção pode indicar posições diferentes e até opostas quando a um assunto, endossando as conclusões Aldayel e Magdy (2019), quanto a recorrente equivalência equivocada entre emoção e posição em estudos que empregam metodologias como análise de sentimento e mineração de opinião. Ainda assim, a Raiva por definição se aproxima do punitivismo, por recorrentemente manifestar o desejo de ferir o objeto que prejudica algo que o indivíduo gosta.

Quadro 39 - *Tweets* de Desconfiança na parte I

Tweet 1: “O Rio de Janeiro está todo voltado para o que está acontecendo na RIO-NITERÓI!!! Teve tiroteio no Turano a noite toda. A pergunta é:
DO QUE ESTÃO QUERENDO DESVIAR A ATENÇÃO DO CARIOCA?
Se o bandido desejasse fazer alguma coisa, já teria feito!!! CETICISMO?!?”

Tweet 2: “O cara mandou o motorista parar o #ônibussequestrado no meio da ponte Rio-Niterói. Diz que vai botar fogo no ônibus. E manda afastar a imprensa porque não quer mostrar a cara?!? Meio estranho.”

Tweet 3: “Quais são as verdadeiras intenções desse sequestrador na ponte Rio-Niteroi?”

Tweet 4: “Esse sequestro do ônibus na ponte Rio Niterói é só uma manobra”

Tweet 5: “Esse sequestro na ponte Rio-Niteroi está estranho. Tá com cara de cortina de fumaça para outros crimes sendo cometidos em outro lugar.”

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, uma emoção com incidência baixa, mas bastante homogêneas entre si e relevante para os objetivos deste trabalho, foi Desconfiança em 20 *tweets*, associada apenas ao termo *estranho*, além de *distrain* somente na primeira parte. Jasper (2011, 2018) concebe esta manifestação como emoção afetiva, se configurando como aversão negativa, indicando avaliações cognitivas quanto a outras pessoas ou objetos. As 20 publicações foi Desconfiança no início da repercussão se dirigem em todos os casos a situação ou ao sequestrador, sendo recorrentemente empregado o termo “estranho” (*tweets 2 e 5*) para qualificar tal indagação.

Essas manifestações desconfiaram da ação, alegando que queriam desviar a atenção de outra coisa mais importante que supostamente estaria acontecendo, justificando que já era para o sequestrador ter feito algo (*tweets* 1 e 2). Também indagam quais seriam as verdadeiras intenções dele (*tweet* 3), que o caso seria uma “manobra” (*tweet* 4), ou uma cortina de fumaça para outros crimes ocorrendo em outro lugar (*tweet* 5).

No segundo momento, foram apenas dez ocorrências de Desconfiança, em sentido bastante similar as do início, empregando recorrentemente estranho para se referir a situação. Destaca-se apenas um *tweet* que sintetiza estas manifestações: “Minha conta não bate, como que o cara pensa em sequestrar um ônibus, e para na ponte rio Niterói ? Ele queria o que? Qual era o plano de fuga?”. Apesar da baixa incidência nesse contexto, a Desconfiança que se articula com movimentos contemporâneos, se dirigindo a várias instituições, como imprensa, a ciência e seus *experts*. Nesse caso, em um contexto de grandes índices criminais, destaca-se a presença de Desconfiança dirigida aos criminosos, que estariam cada vez mais “espertos”, mas sobretudo por conta de não haver possibilidade senão a prisão ou morte do sequestrador, que no meio da ponte não teria como fugir, por isso tantas suspeições. Por conta disso, após o sequestro alguns jornais como o Estadão (JANSEN, 2019) levantaram a hipótese do caso se tratar de um suicídio por policial, quando alguém cria uma situação para ser morta pela polícia, comum nos Estados Unidos, pois o sequestrador já havia dito querer morrer pela mão de outra pessoa. Além disso, testemunhas relataram que o sequestrador não queria agredir ninguém e só entrar para a história (REDAÇÃO G1 RIO, 2019).

6.3 AS EMOÇÕES MORAIS: INDIGNAÇÃO, COMPAIXÃO E NOJO

Como já foi pontuado, nos dois momentos da repercussão a emoção em destaque foi do tipo reflexo, que são tomadas como respostas automáticas e de curta geração. Porém, são as emoções do tipo moral, que “envolvem sentimentos de aprovação e desaprovação baseados em intuições e princípios morais⁵²” (JASPER, 2011, p. 3, tradução nossa) que consistem no interesse sociológico por excelência e, portanto, no foco desta dissertação. Essas manifestações não são reações automáticas, rápidas e universais, mas, por outro lado, são elaborações cognitivas mais complexas articuladas com a cultura e moral. Diferente das emoções afetivas, que se dirigem a um objeto particular definido, esse outro tipo se direciona

⁵² “involve feelings of approval and disapproval based on moral intuitions and principles”

a *ideais* de bem e mal, certo e errado, por isso mesmo com a *moral* (JASPER, 2018; WEISS, 2015; HARKNESS; HITLIN, 2014).

Segundo o modelo de James Jasper (2018), algumas das emoções morais são a indignação, a compaixão, a culpa, a vergonha, o orgulho e o desprezo, ainda que considere outras manifestações relacionadas a estas. Cadence Clark (1997) também considera a compaixão como emoção desse tipo em um trabalho dedicado só a ela, e William Miller (1997), também em um livro tratando apenas do nojo, o concebe como emoção moral. No Quadro 1, disposto no final do segundo capítulo, foi exposto a classificação de cada uma das emoções segundo cada perspectiva. Conforme já apresentado acima, as emoções morais encontradas nos *tweets* do sequestro na ponte Rio-Niterói foram a Compaixão, o Nojo e a Indignação, conforme os critérios também já discutidos. Emoções como orgulho, culpa e vergonha, que se referem a própria pessoa não foram encontradas.

6.3.1 A Indignação e o senso de mundo injusto

A Indignação, que segundo Jasper (2018) e Turner (2007) está relacionada ao senso de justiça, da concepção de mundo justo, foi a segunda emoção mais frequente na primeira parte da repercussão, em 471 (25,3%) *tweets*. Indignação foi filtrada e esteve associada aos termos *absurdo*, *ppp*, *puta*, *parar*, *fdp*, *revoltante*, *ridículo* e *inacreditável* em ambas as partes, além de *trabalhar*, *trabalho*, *trabalhador*, *cabeça*, *estudar*, *vergonha* e *parabéns* apenas no início. Porém, no caso dessa emoção em particular, as expressões foram muito diversas e a maior parte não apresentou os termos acima, mas foram classificadas pelo pesquisador quando o sentido de injustiça estava presente, revelando também as limitações de metodologias automatizadas. Além disso, recorrentemente o uso exagerado de pontuações, como os *tweets* 1 e 7 do Quadro 40, bem como uso de caixa alta (*tweet* 1), ajudaram a indicar essa emoção. As publicações de Indignação veem como negativo o acontecimento, se distinguindo de Tristeza manifesta em termos como *caos* e *desgraça* às vezes apenas pela alta intensidade, estando também próxima da Raiva nesses casos. Postagens incrédulas com um sequestro na ponte Rio-Niterói naquele horário, como os *tweets* 1, 4 e 8, foram um dos eixos de Indignação, pela petulância do sequestrador em parar uma das principais vias da região metropolitana do Rio de Janeiro, sem qualquer possibilidade de fuga. Outro conjunto definido de Indignação se dirigiu a cobertura midiática, convergindo com a categoria Crítica à mídia, que segundo o *tweet* 6 “insiste em alimentar tragédias”.

Quadro 40 - *Tweets* de Indignação na parte I

Tweet 1: “Mano q merda é essa q tá acontecendo na ponte Rio-Niterói 6 HORAS DA MANHÃ????”

Tweet 2: “Você acorda agora, 6:00 da manhã, liga a televisão e vê o que? Ônibus sequestrado na Ponte Rio Niterói. As pessoas dormem tranquilas e acordam com um assalto a caminho do trabalho. Bem vindo ao Rio de Janeiro!!!”

Tweet 3: “Ponte rio Niterói fechada, não vou pra aula hj mané pqp”

Tweet 4: “Putaquepariuirmão, o que o cara tem na cabeça p sequestrar um ônibus na ponte Rio-Niterói”

Tweet 5: “Que absurdo e que triste acordar com esse sequestro de ônibus em plena Ponte Rio Niterói com reféns”

Tweet 6: “Pq a tv aberta insiste em alimentar tragédias ao vivo? Distopia em tempo real na ponte rio-niterói, o contrário do que reza qualquer orientação de segurança pública. Ah, as otoridades de segurança pública entram ao vivo entrevistas. Todo mundo de parabéns.”

Tweet 7: “Como o cara fez refém no Rio-Niteroi sendo que as armas são proibidas????? Mais um vez podemos ver que esse sistema só atrapalha o cidadão de bem.”

Tweet 8: “Pessoa tem que ter muito peito pra sequestrar um ônibus na ponte "Rio Niterói", Pessoa desocupada dessa, pessoa Má, pessoal querendo trabalhar, estudar e o infeliz faz uma coisa dessa DEPOIS QUE MATA UMA PORRA DESSA O POLICIAL É ERRADO.”

Fonte: Elaboração própria.

Já o principal conjunto de Indignação fez referência aos trabalhadores e estudantes, confluyente com a categoria Trabalho, da qual teve alguns termos comuns. Isso explica também a maior incidência dessa emoção na parte inicial, na qual essa categoria, que apareceu apenas nesse momento, foi a mais frequente. É assim nos *tweets* 2, 3 e 8, reivindicando a voz de autoridade de quem trabalha, se opondo aos “vagabundos”, que são atrapalhadas injustamente por estes últimos. O *tweet* 8 se refere nesse sentido a “pessoa desocupada” que sequestrou o ônibus, encerrando em caixa alta alegando que se a polícia matasse ele, iriam dizer que estaria errada, misturando também Raiva e Pedido de morte. Como traço comum de Indignação, está a manifestação de um mundo justo, claro em termos como “absurdo” (*tweet* 5), que se explicita no *tweet* 7, segundo o qual o “sistema” prejudica o “cidadão de bem”, por conta da proibição ao porte de armas. Uma narrativa a partir desses *tweets* é que a Indignação canaliza a percepção de que o mundo é injusto com quem se esforça, que acorda cedo para trabalhar e levar uma vida digna, corporificado no cidadão de bem, enquanto um desocupado atrapalha, o qual, sem poder ser impedido pela força, seria um

beneficiado pelo sistema, ou que o sistema estaria contra o cidadão de bem, em direção similar as considerações de Pinheiro-Machado (2019) sobre a adesão popular ao punitivismo.

Quadro 41 - *Tweets* de Indignação na parte II

Tweet 1: “esse cara na Ponte Rio Niterói tem oq na mente??? porra que ridículo”

Tweet 2: “mano tem gente soltando pipa e jogando baralho na ponte rio Niterói pqp”

Tweet 3: “Caralho que porra foi essa que eu vi agora na tv????? Transmissão ao vivo do onibus sequestrado na ponte rio-niterói durante horas, barulho de tiro e COMEMORAÇÃO DOS ESPECTADORES?? Vai se fuder. A sociedade brasileira é punitivista demais e fomenta o caos.”

Tweet 4: “carai se eu tivesse nesse engarrafamento da ponte rio-niteroi eu ia estar mto PUTA”

Tweet 5: “Tem um sniper acampado na ponte rio Niterói pra tentar abater o cara que tá fazendo de refém um monte de gente e o brasileiro vai lá e DIVULGA o cara e a POSIÇÃO dele. BRASIL????????”

Tweet 6: “O cara sequestra um ônibus no meio da ponte Rio Niterói com uma arma de brinquedo, é brincadeira uma coisa dessas”

Tweet 7: “Vão tomar no cu vocês que estão defendendo o sequestrador da ponte Rio Niterói, arma de brinquedo ou não, ele apresentava um RISCO e poderia ter matado ALGUEM SEUS FILHOS DA PUTA”

Tweet 8: “Sequestro na ponte/Rio Niterói e o maluco vendendo comida pros passageiros...rsrsrs cultura do espetáculo. isso é a banalização do circo q é o país. reflexo da violência que atinge todos os dias o Rio.”

Fonte: Elaboração própria.

No segundo momento, Indignação apresentou incidência levemente inferior, em 281 (15,3%) *tweets*, além dos termos comuns a parte anterior, foi filtrada também por *vergonhoso* e *patética*, presentes apenas nesse momento. Tal emoção, que na primeira parte foi a segunda mais frequente, nesta etapa ocupou a quinta colocação, mas mantendo percentual significativo. Indignação se direcionou à várias coisas, se mantendo em menor medida quanto a perplexidade em relação ao sequestrador parar a ponte Rio-Niterói, como o *tweet* 1 do Quadro 41, bem como as referências ao trânsito, como o *tweet* 4. Também, houve menções a pessoas soltando pipa, vendendo lanches, jogando bola ou baralho na ponte, como nos *tweets* 2 e 8. As referências a estas questões foram semelhantes as publicações da categoria Humor, recorrentemente também empregando caixa alta e muitas pontuações, mas ainda assim pode-se distinguir entre as duas manifestações por conta dos sentidos bastante distintos. Indignação quanto à cobertura da mídia, sobretudo pela superexposição e por supor que ela criticaria a ação da polícia se mantiveram recorrentes (*tweets* 3 e 5). Em alguma medida o *tweet* 8 se

aproxima disso, mesmo sem mencionar a mídia, criticando uma “cultura do espetáculo e banalização do circo que é o país”, como reflexo da violência que atinge todos os dias o Rio de Janeiro, manifestando também Tristeza. Pode-se notar, assim, que mesmo comentando casos de violência, as pessoas falam e emitem juízos sobre outros problemas sociais ou suas próprias concepções de mundo.

O que mostrou-se novo nos *tweets* manifestando Indignação após o fim do sequestro teve como um gatilho a informação de que a arma do sequestrador era um simulacro. Indignação canalizou a incredulidade com o sequestrador parar basicamente toda a cidade e ameaçar reféns portando uma arma de brinquedo, como o *tweet* 6. Além disso, a Indignação foi a gramática da polarização de quem criticava a comemoração da morte do sequestrador com intensidade, como o *tweet* 3, utilizando caixa alta e muitas pontuações, criticando o punitivismo da sociedade brasileira. Por outro lado, foi também a Indignação manifestada por quem criticou quem estava defendendo o sequestrador, em alguns casos por conta de sua arma de brinquedo. Foi assim o *tweet* 7, com caixa alta, manifestando intensamente também Raiva. Novamente, uma mesma emoção manifesta posições antagônicas quanto a um assunto, revelando a injustiça tanto em relação a quem comemorava quanto aos que criticavam a comemoração. Ao observar o movimento das vítimas da Boate Kiss, Monalisa Siqueira e Ceres Victora (2017, p. 24) argumentam que a empatia suscitada pela dor das perdas, por meio do sentimento de injustiça se transformou em indignação, se materializando na luta por justiça. A importância da indignação na ação coletiva é fundamental, por isso mesmo que tem tanto destaque no modelo de Jasper (2018), a qual, quando se sobrepõe a outros sentimentos, como a dor, raiva ou vergonha, tem capacidade de mobilizar as pessoas para a rua.

6.3.2 A Compaixão: infortúnio, responsabilidade e solidariedade aos reféns

Cadence Clark (1997), em um livro destinado apenas a compaixão, argumenta que o drama que a ocasiona é essencialmente moral, assim como Jasper (2011, 2018), que a classifica do mesmo modo. O *Oxford English Dictionary* de 1971 (apud CLARK, 1997, p. 27, tradução nossa) define a compaixão como a “qualidade ou estado de ser afetado pelo sofrimento ou tristeza de alguém⁵³”, indicando, portando, que alguém passa por algum *problema*, que *não merecia*, e que essa pessoa tem *relevância* para quem a sente (JASPER, 2018). Conforme Arlie Hochschild (1979), as regras de sentimento definem o que deve ser

⁵³ “quality or state of being affected by the suffering or sorrow of another”

sentido, e quando não ocorre espontaneamente, frequentemente os sentimentos são *geridos* pelos indivíduos para se adequar a estas regras. Clark (1997, p. 13) concebe essas regras mais como uma *gramática* do que instruções passo a passo e justifica a importância da compaixão pois ela faz parte de algumas emoções conectivas que unem as pessoas umas às outras, fornecendo uma ponte entre quem a dá e quem a recebe, que, por conta disso, possui valor.

No início da repercussão Compaixão foi a terceira emoção mais frequente, em 428 (23%) *tweets*, e os termos associados a ela variaram muito nos dois momentos, sendo o único comum *proteja*, além de *bem*, *espero*, *termine*, *aconteça*, *abençoe*, *acabe*, *oremos*, *ruim*, *tomara*, *tenha*, *desespero*, *torcendo* e *desfecho* apenas nesta etapa, em manifestações de solidariedade. As publicações de Compaixão foram bastante coesas e variaram pouco, podendo serem sintetizadas nos seis *tweets* do Quadro 42. Essa manifestação pode ser tida como uma espécie de meta emoção, pois diz respeito a um sentimento sobre o sentimento de outra pessoa, que necessariamente passa por um problema. Esta etapa necessária é a empatia, mas há ainda mais duas, das quais pelo menos uma precisa ocorrer: sentir e mostrar compaixão (CLARK, 1997). A referência a alguém que passa por uma situação negativa considerável está presente no *tweet* 1, se referindo como “treta”. Outras emoções, por sua vez, indicam uma situação problemática, como tristeza (*tweets* 2 e 5) e aflição (*tweet* 3) que quem postou está sentindo, ou que supõe que as pessoas envolvidas na ocorrência sentem, mas esta divisão não fica muito clara, uma vez que a compaixão justamente junta as pessoas em momentos de dificuldade.

Quadro 42 - *Tweets* de Compaixão na parte I

Tweet 1: “Vc ja acorda vendo treta na Ponte Rio Niterói
Que tudo acabem em paz e q os inocentes fiquem bem!”

Tweet 2: “Ponte Rio Niterói interditada devido a um assalto. Oh Deus, que nada de ruim aconteça com essas pessoas. :/”

Tweet 3: “Que aflição esse bus parado na ponte Rio-Niterói! Parece que se trata de um sequestro! Que Deus proteja os passageiros e o motorista!”

Tweet 4: “Ao vivo na ponte Rio-Niteroi um homem faz passageiros de reféns. Oremos para que todos saiam bem desta situação”

Tweet 5: “Que tristeza esse sequestro na ponte Rio-Niterói. Que Deus proteja os reféns.”

Tweet 6: “Sequestrador que faz reféns no ônibus no meu Rio de Janeiro, mas precisamente na Ponte Rio Niterói, está armado com uma faca, com uma taser, jogou gasolina no ônibus. Que Deus proteja os passageiros e o motorista. O sequestrador, que se lasque!”

Fonte: Elaboração própria.

A sensibilização pela situação difícil de outras pessoas é um pressuposto da compaixão, mas nos *tweets* sobre o sequestro na ponte Rio-Niterói essas manifestações vão além, desejando que ficasse tudo bem (*tweets* 1 e 4), que nada de ruim acontecesse (*tweet* 2) ou que deus protegesse os reféns (*tweets* 3, 5 e 6). Essas manifestações de solidariedade, desejando um bom final, perpassaram basicamente todas as publicações de Compaixão, indicando o desejo e a torcida para que tudo fosse resolvido e terminasse bem, indo além da mera sensibilização por um problema de outra pessoa. Mais do que isso, expressam a religiosidade de catolicismo do povo brasileiro, colocando na mão de deus a entidade responsável por atender as preces, raramente mencionando os atores que trabalhavam na ocorrência, como os policiais, revelando a crença de que quem decide e escolhe o destino não são os próprios homens.

É outro aspecto, por outro lado, que sublinha a moralidade no processo de sentir a compaixão, que é o valor moral de quem a recebe, pois não basta a sensibilização pelo problema de outra pessoa. Ainda que em postagens como os *tweets* 2 e 4 não esteja especificado a quem se direciona a solidariedade, apenas se referindo aos envolvidos na situação, em outros casos é delimitado: aos passageiros e ao motorista (*tweets* 3 e 6), aos reféns (*tweet* 5), ou melhor, aos que estão na condição de *inocentes* (*tweet* 1). Isto evidencia o critério da responsabilidade do qual fala Clark (1997), em que sujeitos que se enquadram na imagem da representação de vítima, sem culpa do ocorrido, são mais prováveis de suscitar compaixão, ao passo que quando o indivíduo tem culpa pelo infortuno, diminuem suas chances. Em alguns casos, então, excluem o sequestrador do sentimento de compaixão, por omissão, ao delimitar a compaixão para quem está na condição de vítima, mas também explicitamente, como no *tweet* 6, que após manifestar solidariedade ao motorista e passageiros deseja ao sequestrador que “se lasque”. Rezende e Coelho (2010, p. 82-83) argumentam que a compaixão cria “fronteiras morais” ao separar “aqueles representados como merecedores de compaixão - porque isentos de culpa ou responsabilidade pelo que lhes acontece - e aqueles a quem se destina uma reação de impiedade, uma vez que são percebidos como responsáveis por suas desventuras”, que é explicitado nesse caso. O critério da responsabilidade, portanto, destaca a moralidade da emoção compaixão, separando quem tem valor para recebê-la de quem não tem.

No segundo momento da repercussão, por sua vez, Compaixão incidiu em apenas 74 (4%) publicações. Tal mudança se justifica por sua proximidade com Tristeza, em destaque no início, quando manifestava também solidariedade para com as vítimas, além de que,

inicialmente grande parte de Compaixão desejava que tudo terminasse bem, e a segunda parte começa justamente com o fim do sequestro e todos reféns liberados sem ferimentos. Além do único termo comum *proteja*, nesta etapa Compaixão esteve associada a *graças*, *deus* e *solidariedade*. Novamente esses *tweets* foram bastante coesos e, se na primeira parte demonstravam solidariedade desejando que acabasse bem, nesse momento agradeceram a liberação dos reféns ilesos, após a morte do sequestrador, conforme todas as postagens do Quadro 43, exceto o *tweet* 1, que ainda não sabia como o caso havia acabado.

Quadro 43 - *Tweets* de Compaixão na parte II

Tweet 1: “To há três horas na ponte Rio Niterói cada hora mais preocupada com os refens”

Tweet 2: “Graças a Deus o sniper seu um fim na angústia das pessoas que foram mantidas refém, na Ponte Rio Niterói.”

Tweet 3: “Graças a Deus termina o sequestro do ônibus na Ponte Rio Niterói. Sniper do BOPE mata seqüestrador.
só espero não ver os mimizentos falar de direitos humanos p bandido!!!!!!”

Tweet 4: “O criminoso do sequestro do ônibus na Ponte Rio Niterói, foi abatido com sucesso, ele portava uma arma de brinquedo!
Não sabe brincar, não desce pro play!
Graças a Deus nenhum refém se machucou!
Parabéns governador @wilsonwitzel e todos os envolvidos nesse abate!”

Tweet 5: “Parabéns para a policia Tática do Rio de janeiro. Os reféns da Ponte do Rio Niterói saíram ileso. Final feliz graças a Deus.”

Tweet 6: “O fim trágico, para o bandido, em um dado como esse na ponte Rio-Niteroi, por vezes é inevitável e, graças a Deus, não houve vítimas (como no Onibus 173). O comportamento da imprensa brasileiras em casos assim, no entanto, merece reflexão.”

Fonte: Elaboração própria.

Nesse momento a convergência de Compaixão foi com outras emoções que não tristeza, mas, em contraposição, a principal foi alegria, em todos *tweets* do Quadro 43, exceto o primeiro, além de Admiração em relação ao trabalho da polícia (*tweets* 4 e 5), nojo em relação ao sequestrador (*tweets* 3 e 4) e medo (*tweet* 1). A grande incidência de Compaixão na primeira parte esteve associada em alguma medida a tristeza, emoção em destaque, e reduziu muito no segundo momento, desta vez se associando a alegria, mais incidente no segundo momento. Ainda, a Compaixão destinada às vítimas as coloca como objeto de valor e dignidade, que implícita ou explicitamente não se direcionaram ao sequestrador, que ao contrário, se dirigiram respostas de nojo. A tristeza parece ter grande relevância mobilizando as pessoas para comentarem casos de violência nas redes sociais, do mesmo modo que

Fischborn e Almeida (2020), ao constatarem que o caso que gerou maior repercussão e respostas de lamento, em sentido de tristeza e compaixão, nos comentários no Facebook, também gerou um protesto para lembrar do menino assassinado por outro adolescente em frente a uma escola.

6.3.3 O Nojo: gramática do punitivismo

Apesar do Nojo ser considerado por Ekman e Cordaro (2011, p. 360, tradução nossa) como uma emoção básica, definindo-a como “repulsa pela visão, cheiro ou sabor de algo⁵⁴”, os próprios autores prosseguem afirmando que ele também pode ser suscitado por ações revoltantes ou ofensivas: “o nojo também pode ser provocado por pessoas cujas ações são revoltantes ou por ideias ofensivas⁵⁵”. O modelo mais atualizado de Jasper (2018), cujas emoções reflexo são basicamente as emoções básicas de Ekman, concebe o nojo consequentemente do mesmo modo, porém insere o desprezo na seara das emoções morais. O desprezo, que pode ser o oposto da compaixão, frequentemente envolve desaprovação por quem viola normas morais, além de recorrentemente se aproximar do nojo, não tanto em sua forma de emoção reflexo, mas mais próxima da indignação, mantendo em comum a rejeição e exclusão de quem a suscita, que, por conta disso, é considerado menos humano (JASPER, 2018, p. 144). Segundo Miller (1997, p. 2, tradução nossa), mesmo considerando a manifestação corporal de algo ofensivo ao paladar, argumenta, por sua vez, que o nojo é um sentimento sobretudo moral, indicando “expressões que declaram coisas ou ações repulsivas, revoltantes ou que dão origem a reações descritas como repulsa e aversão⁵⁶”. Nesta dissertação, portando, toma-se o desgosto e o nojo como equivalentes, mas destacando menos sua dimensão biológica do que moral.

O nojo é esperado nesse caso direcionado ao sequestrador, pois se trata de um crime no sentido durkheimiano, de ofensa a moral coletiva, em uma situação de ameaça física contra pessoas inocentes. No início da repercussão, foram 199 (10,7%) postagens expressando Nojo, em manifestações bastante coesas e associadas aos termos *nojo*, *nojento(a)*, *bandido*, *criminoso*, *vagabundo*, *terrorista*, *marginal*, *fdp*, *desgraçado*, *arrombado* e *ladrão* nas duas partes, além de *morto* apenas no início. Tal emoção se direciona sobretudo ao sequestrador, em manifestações bastante intensas, como pode-se observar no Quadro 44, marcados por

⁵⁴ “repulsion by the sight, smell, or taste of something”

⁵⁵ “disgust may also be provoked by people whose actions are revolting or by ideas that are offensive.”

⁵⁶ “expressions declaring things or actions to be repulsive, revolting, or giving rise to reactions described as revulsion and abhorrence”

adjetivos depreciativos, passando por xingamentos raivosos como “filha da puta” e “arrombado sem mãe” (*tweets* 1 e 2), até pedidos de morte calorosos, alguns acompanhados por adjetivos como “demônio” e “estrume” (*tweets* 3 e 5), além do *tweet* 8 repetir o bordão punitivo “bandido bom é bandido morto” em caixa alta.

Quadro 44 - *Tweets* de Nojo na parte I

Tweet 1: “6:20 da manhã e um filha da puta sequestrou o ônibus, ponte rio Niterói fechada. Bom diaaaa!”

Tweet 2: “Fala com quem tá preso na ponte pq um arrombado sem mãe resolveu sequestrar um ônibus na ponte rio Niterói”

Tweet 3: “Tomara q tenhamos um CPF do demônio cancelado na ponte rio-niterói.”

Tweet 4: “Vagabundo sequestra um ônibus na Ponte Rio x Niteroi. Aí se a Polícia age e abate esse ser, vão falar em truculência. Mas se ele agir antes, e matar o motorista que está como refém, nada acontece.”

Tweet 5: “Esse sequestro no ônibus na ponte Rio Niterói só tem um fim: matar o bandido e pronto. PELO AMOR DE DEUS NÃO DEIXEM ESSE ESTRUME MACHUCAR NINGUÉM”

Tweet 6: “@JornalOGlobo Tá aí dona @RedeGlobo. Vê se ele. Não precisa de um chá também. Imprensa brasileira é nojenta. Que esse sequestro termine bem. Ponte Rio Niterói”

Tweet 7: “MARGINAL FAZENDO REFÉNS EM ÔNIBUS NA PONTE RIO NITERÓI!!!! CADE A GLOBO QUE DEFENDE BANDIDO , CADE OS DIREITOS HUMANOS , CADE OAB , ESSE DESGRAÇADO SEQUESTRADOR ERA PARA TER LEVADO UM TIRO SE TIVESSE ALGUÉM ARMADO NO ONIBUS !!!!! ACHO QUE ELE VAI GRITAR LULA LIVRE TAMBEM”

Tweet 8: “Olha o assalto na ponte rio Niterói, fora os assaltados quantos milhares estão prejudicando, aí o filhinho de papai da zona sul que vai acordar meio dia, que se diz contra o sistema defende esse tipo de gente, BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO.”

Fonte: Elaboração própria.

Se o Nojo na maior parte se dirige ao sequestrador, em medida inferior fizeram referência a outros atores, que em alguma medida também incorporam a condição repulsa pela atribuição de proximidade com o principal objeto do nojo. É o caso da imprensa, como o *tweet* 6, se dirigindo a Rede Globo, segundo o qual estaria o defendendo, em direção similar a um dos eixos da categoria Crítica à mídia, e o *tweet* 7, em caixa alta, se direcionando além da imprensa, também a atores como a OAB, os direitos humanos ou ao ex presidente Lula (PT). Em outros casos, se dirigem ao PSOL ou a seus integrantes, como o Marcelo Freixo, que, novamente, por conta da atribuição de que defendem bandidos, incorporam de algum modo

sua condição, já se ensaiando a categoria Crítica ao previdenciarismo que só toma corpo no segundo momento da repercussão. Miller (1997, p. 2, tradução nossa) caracteriza o Nojo como “forte senso de aversão a algo percebido como perigoso por causa de seu poder de contaminar, infectar ou poluir por proximidade, contato ou ingestão⁵⁷”, que se explicita nesses casos, contaminando quem se aproxima, mesmo simbolicamente, de qualquer um visto como defensor do sequestrador. Na mesma direção, Ahmed (2004) observa em textos sobre migração como diferentes figuras se juntam por meio de emoções como o ódio, que atuam juntando objetos, tornando-os, então, ameaças comuns.

Quadro 45 - *Tweets* de Nojo na parte II

Tweet 1: “nojo do dia: ver o pessoal q tá na ponte Rio-Niterói comemorando os tiros q deram, q, provavelmente, atingiram o sequestrador”

Tweet 2: “O desgraçado da ponte rio niterói morreu gente? Espero que sim”

Tweet 3: “Mais um CPF cancelado! Parabéns @wilsonwitzel pelo desfecho na ponte Rio Niterói! Bandido bom é bandido morto!”

Tweet 4: “Que delícia ver vagabundo se fodendo logo cedo”

Tweet 5: “Se vc ficou triste pelo sniper ter atirado e matado o sequestrador na ponte Rio Niterói, sinto muito mas vc está SIM do lado desse criminoso”

Tweet 6: “SEQUESTRO PONTE RIO-NITERÓI - Jornalismo da Globo, por favor não se refiram a um criminoso sequestrador como jovem, para vitimizá-lo. O Mundo Inteiro reprova sequestradores e terroristas. Não agridam a população! #GloboLixo

Tweet 7: “Tá me dando UM NOJO ver esse Witzel andando na ponte rio-niteroi igual um fodao”

Tweet 8: “Pessoal dos Direitos Humanos preocupado com o bandido morto, e nós, preocupados com a vida dos 37 reféns.”

Fonte: Elaboração própria.

Já no segundo momento, o Nojo foi a segunda emoção em destaque, em 459 (25,1%) *tweets*. Novamente, a maior parte se dirige ao sequestrador, mas nesse momento frequentemente se misturando com a categoria Comemoração, além de alegria e admiração para com a polícia. Os adjetivos depreciativos em relação ao sequestrador se mantêm e no Quadro 45 pode-se notar pessoas desejando que o sequestrador tenha morrido (*tweet* 2), Comemoração ou satisfação por conta de sua morte (*tweets* 3 e 4). Nesse momento se mantêm

⁵⁷ “strong sense of aversion to something perceived as dangerous because of its powers to contaminate, infect, or pollute by proximity, contact, or ingestion.”

também Nojo quanto à mídia, por vitimizar o sequestrador (*tweet* 6), assim como outras entidades que estariam do lado dele, no caso os direitos humanos no *tweet* 8. O que tem de novo nessa etapa é o Nojo quanto a quem estava comemorando a morte do sequestrador, como os *tweets* 1 e 7, este último se dirigindo ao governador Wilson Witzel, que comemorou e desfilou sob aplausos na ponte. Ainda, o *tweet* 5 explicita a polarização, bem como o contágio do Nojo, segundo o qual quem estava triste estaria do lado do sequestrador. Assim, pode-se notar que é a partir do Nojo que o punitivismo é canalizado, pois tipifica como monstruoso quem ofende a moral coletiva, que, por conta de sua condição menos humana, justifica o extermínio físico de criminosos.

De acordo com César Barreira (2015), as reações a crimes tipificados como cruéis, os quais fogem da lógica explicativa, recorrentemente exprimem nojo e excluem o criminoso da condição de membro de um coletivo, sendo esta emoção a principal gramática emocional do punitivismo no país. Segundo o autor:

Termos como *monstro*, *bandido*, *vagabundo*, *lixo humano*, *desgraçado*, *safado* evidenciam a retirada do autor do crime da condição de membro de um coletivo social. O desejo de punição configura uma espécie de linchamento virtual, em que se encontram subjacentes ações que passam pela busca de castigo equivalente, a ser efetivado com sofrimento corporal ou pena de morte (BARREIRA, 2015, p. 64, grifos nossos).

No mesmo sentido, Petry e Nascimento observando publicações favoráveis à redução da maioria penal, pontuam o mesmo movimento de considerar criminosos como menos humanos e, portanto, no limite, extermináveis, além de como se constitui essa figura em oposição ao cidadão de bem. De novo, não surpreendem os mesmos adjetivos direcionados ao sequestrador:

São despejadas neste meio, inúmeras referências que expressam a desqualificação, ausência ou banimento da categoria “humano” ou “cidadão” àqueles adolescentes que na hierarquia social são reduzidos a: “lixos humanos”; “parasitas”; “monstros”; “vermes”; “selvageria”; “marginais”; “vagabundos”; numa oposição muito clara à valoração que os integrantes da página atribuem a si mesmos – “cidadãos de bem”, “pais de família”, “inocentes”; “trabalhadores”; “pagadores de impostos” – sobrecarregados pelo sustento de indesejáveis: “infelizmente a gente sustenta um bando de parasitas vagabundos” (PETRY; NASCIMENTO, 2016, p. 431)

Não é à toa que muitos desses termos são os mesmos direcionados ao sequestrador. Além do mais, segundo Michel Misse (2010, p. 18), o punitivismo é habitual no país desde pelo menos os anos 1950, justificando a morte de criminosos, mesmo comuns e sem “periculosidade”: “no Brasil, pelo menos a partir de meados dos anos 1950, sempre houve certa justificação, eu não diria consensual, mas habitual, para a eliminação física de criminosos comuns, mesmo quando sua ‘periculosidade’ não poderia servir para justificá-la”.

Sua noção de sujeição criminal elenca que o criminoso carrega o crime em sua alma, impregnada em sua subjetividade irrecuperável, justificando que se trata de “alguém que se pode desejar naturalmente que morra, que pode ser morto, que seja matável. No limite da sujeição criminal, o sujeito criminoso é aquele que pode ser morto” (MISSE, 2010, p. 21). Ou seja, é por meio do Nojo, que torna o seu alvo menos humano, que se manifestam o desejo e satisfação com o extermínio físico do sequestrador frente a sua condição de monstruosidade, uma vez que ele é sempre o “outro”.

6.3.4 Cruzamento entre as emoções e síntese: mudança emocional e moralidades

A partir da ferramenta de matriz de codificação do NVivo, que permite que as mesmas passagens codificadas em diferentes Nós sejam encontradas, foi feito um cruzamento entre as emoções reflexo e afetivas com as emoções morais, permitindo visualizar com quais das primeiras a Compaixão, a Indignação e o Nojo se associaram. Como o cruzamento do NVivo expõe somente a contagem, foi adicionado a incidência total de cada categoria a direita do quadro para inserir a porcentagem a fim de tornar comparável, e deve-se pontuar que há mais chances de combinações com as emoções mais incidentes, como a Tristeza e Medo na parte I, e a Alegria e Admiração na parte II, por isso mesmo esse cruzamento deve ser visto com ressalvas, mas ainda assim se faz pertinente.

Quadro 46 - Cruzamento das emoções reflexo e afetivas com as emoções morais na parte I

	Compaixão	428	Indignação	471	Nojo	199
Admiração	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Alegria	0	0,0%	6	1,3%	3	1,5%
Desconfiança	0	0,0%	1	0,2%	1	0,5%
Medo	47	11,0%	30	6,4%	5	2,5%
Raiva	9	2,1%	60	12,7%	56	28,1%
Tristeza	93	21,7%	98	20,8%	8	4,0%

Fonte: Elaboração própria.

Na primeira parte, o Quadro 46 dispõe que emoções reflexo e afetivas estão mais associadas a cada uma das emoções morais. Nenhuma das publicações de Compaixão manifestou também Admiração, Alegria e Desconfiança, que tiveram as menores frequências, mas expressaram principalmente Tristeza em 21,7%, Medo, em 11% e Raiva, em 2,1%. A proximidade de Compaixão com Tristeza não surpreende, pois esta foi a mais frequente, mas também a primeira tem como etapa necessária a sensibilização com o problema de alguém e a

segunda é uma reação negativa, em referência ao problema das pessoas envolvidas no próprio sequestro em um dos conjuntos das postagens de Tristeza. A proximidade com o Medo, que teve respostas usando palavras como desespero, nervoso e horror, não a respeito de quem tuitava, mas sobre os envolvidos na situação, revelando empatia pelo que as vítimas estariam passando, uma etapa necessária da Compaixão. No estudo de Harb (2019) a Tristeza e o Medo estiveram associadas ao uso de palavras de solidariedade, assim como os resultados aqui apresentados, quando estas emoções convergem com a Compaixão, pois o autor considera apenas as emoções básicas de Ekman.

A Indignação também co-ocorreu principalmente com a Tristeza, em 20,8%, mas em segundo lugar com a Raiva, em 12,7%, e Medo em 6,4%. A ocorrência sobreposta a Tristeza pode ser explicada, além do fato de ser de ser mais frequente, por conta da percepção de algo negativo que a define, em confluência com a noção de injustiça que a Indignação manifesta. Mas a proximidade com a Raiva faz mais sentido, pois pode indicar alguém que o indivíduo gosta, frequentemente envolvendo o desejo de ferir esse objeto, mas que pode passar para a Indignação tomando uma dimensão moral e podendo mobilizar para a ação, que alguns movimentos sociais fazem este trabalho emocional para canalizar uma para a outra (JASPER, 2014). Já o Nojo teve a maior combinação com qualquer uma das outras emoções, chegando a 28,1% com a Raiva, e em número bastante inferior Tristeza, em 4 %, e Medo, em 2,5%. Esta proximidade é a que menos causa surpresa, pois já tiveram termos comuns associados, mas a Raiva se diferenciando sobretudo pelo desejo de ferir o seu alvo, enquanto o Nojo se configura como reação a quem viola regras morais, não necessariamente confluindo com a primeira, em algumas de suas postagens apenas chamando o sequestrador de criminoso, indicando a violação à moral coletiva. Harb (2019) em sua pesquisa sobre reações emocionais no Twitter a respeito de casos de violência notou que a Raiva se associou a palavras de ódio, intolerância e pedido de justiça, o mesmo observado aqui quando elas manifestam também Nojo e sobretudo Indignação, já que seu estudo não considerou as emoções morais.

Quadro 47 - Cruzamento das emoções reflexo e afetivas com as emoções morais na parte II

	Compaixão	74	Indignação	281	Nojo	459
Admiração	13	17,6%	0	0,0%	103	22,4%
Alegria	52	70,3%	2	0,7%	131	28,5%
Desconfiança	1	1,4%	1	0,4%	0	0,0%
Medo	6	8,1%	8	2,8%	8	1,7%
Raiva	0	0,0%	10	3,6%	30	6,5%
Tristeza	6	8,1%	14	5,0%	20	4,4%

Fonte: Elaboração própria.

Na segunda parte, após a morte do sequestrador, as emoções morais se associaram mais com o polo oposto que se destacou nesse momento, a Alegria e a Admiração. A maior aproximação se deu com a Compaixão, que chegou a 70,3% com a Alegria, e também Admiração, em 17,6%. O alto percentual foi inflado pela baixa incidência, mas também por que as mensagens de Compaixão, anteriormente apresentando Tristeza para com as vítimas, neste momento, por conta do final da ação com todas as vítimas liberadas, manifestaram também Alegria, e em menor medida elogiaram a ação policial. Indignação, por sua vez, não teve associação expressiva com nenhuma das outras emoções, no máximo com Tristeza, em 5%, Raiva, em 3,6%, e Medo, em 2,8%, na mesma ordem da parte anterior, mas em volume muito inferior. Essa aproximação se justifica porque a Indignação no segundo momento se dirigiu também a questões como a comemoração da morte do sequestrador com Tristeza, e, ao contrário, Raiva para quem o defendia. Nesta etapa, o Nojo se associa principalmente com Alegria, em 28,5%, e Admiração, em 22,4%, associadas à comemoração da morte de quem violou as normas morais, bem como admirando os responsáveis por isso. Sua proximidade com a Raiva, que na parte I foi a principal, foi apenas 6,5%, provavelmente indicando nesse caso o desejo ou satisfação em ferir o gatilho dessa emoção, e Tristeza, ao contrário, vendo negativamente a comemoração, mesmo de um criminoso. Outra pesquisa (HARB, 2019) sobre reações emocionais a eventos de violência no Twitter com recorte longitudinal, mas capturando *tweets* de antes do evento para depois, notaram uma mudança para Raiva, Medo e Tristeza, ao passo que o recorte desta dissertação, ao longo do próprio evento, observou a mudança de predomínio de Tristeza inicial, que passa a ser Alegria quando o evento acaba com as vítimas ilesas.

Esse cruzamento mostra que na realidade as emoções raramente se manifestam de modo puro, permitindo além disso notar padrões de associação entre elas. Mais do que isso, a aproximação de algumas emoções com a Alegria (positiva) e Tristeza (negativa), mostra padrões distintos de associação nos dois momentos, destacando a importância do contexto ao se analisar este tipo de manifestação. Assim, na primeira parte as emoções morais se aproximaram em geral mais da Tristeza, em destaque neste momento, enquanto em seguida se associaram a Alegria que esteve em destaque, portanto, próximas a emoções opostas. A divisão do banco de dados em duas partes bem definidas frisou os dois contextos bem distintos, mudando o objeto ou gatilho do qual as reações são uma resposta, impactando, então, nas emoções manifestadas, que não possuem um padrão geral de associação.

A alta presença de emoções em geral corrobora a hipótese de que elas mobilizam as pessoas a ingressar em discussões coletivas nas redes sociais, que se tornam um tipo de ação

coletiva virtual, com muita gente comentando ao mesmo tempo, expressando opiniões e discutindo com outros usuários. As emoções foram a principal mobilizadora neste evento, revelando por que estudiosos dos movimentos sociais tem dado grande atenção a elas, justamente por esta capacidade. Apesar do foco nas emoções morais, ao longo dos dois momentos da repercussão analisados se destacaram emoções reflexo, em primeiro lugar Tristeza, em 32,1% dos *tweets* de emoções, seguida por Alegria em 21,9%. Tristeza permaneceu constante nas duas partes, mas se comparadas separadamente, ela liderou no início, vendo como negativo acontecimento, e depois do seu final com as vítimas liberadas, Alegria esteve na frente. O Medo teve a sétima maior incidência total, em 10,4%, das postagens emocionais, em respostas de paralisia, pavor e horror, sobretudo de modo empático, supondo que era os que as pessoas que estavam no ônibus estavam passando. Esta emoção tem grande destaque nos estudos sobre violência, sendo destacado recorrentemente sua associação com a submissão ao autoritarismo, dominação e punitivismo, mas neste caso, foi uma emoção mais paralisante e menos propositiva, estando o desejo de punição associado a outras emoções, como a Raiva e o Nojo.

Apesar disso, as emoções do tipo que revelam regramentos morais tiveram também grande presença. Em terceiro lugar, esteve a Indignação, com 20,4% do total de Emoções, corroborando a importância dada a ela por quem analisa movimentos sociais, por conta de seu potencial de mobilização, se desencadeando pela percepção de injustiça, e se destacou mais na primeira parte. O Nojo, manifestado contra quem viola regras morais e mostrando forte aversão a seu objeto, teve quarta maior incidência, em 17,9%, tendo maior presença no segundo momento. A quinta posição foi ocupada pela Compaixão, tendo expressiva presença apenas na parte I, manifestando empatia por um problema grave de outra pessoa, que não mereceu, mas indo além e desejando que nada de ruim acontecesse a elas. A partir dessas emoções, a moralidade dos envolvidos comentando esse evento mostra manifestações solidárias as vítimas, sobretudo na parte inicial, assim como a sensação de injustiça, também nesta etapa.

Para o sequestrador, por outro lado, foram dirigidas mensagens de Nojo, frisando que ele violava regras sociais, acompanhado por adjetivos depreciativos e recorrentemente pelo desejo de punição e morte, uma vez que, por conta de sua ação, se torna menos humano e é excluído do coletivo. Quem expressa o Nojo está se apresentando como moralmente superior, e ele foi dirigido também a outros objetos, como quem estava criticando a comemoração de sua morte, ou, conforme a polarização maniqueísta, o defendendo, frisando a forte aversão desta emoção e o seu potencial de poluir quem está próximo. O Nojo, ao contrário da

Compaixão, se destacou na segunda parte, se dirigindo ao sequestrador e quem estava próximo a ele, destacando que violou a moral coletiva, enquanto a Compaixão se dirigiu sobretudo as vítimas, tendo, portanto, valor moral. Assim, os dois principais atores envolvidos nas tramas da violência se perpetuam, tanto nas representações dos meios de comunicação, como nos discursos dos próprios atores sociais, se configurando como dois polos opostos, a vítima santificada, e o bandido monstruoso, cada um recebendo tratamento oposto.

6.4 AS EMOÇÕES E AS CATEGORIAS

6.4.1 Cruzando as categorias com as emoções

Outro cruzamento se faz pertinente, entre as duas dimensões trabalhadas nesta dissertação, as emoções e as categorias empíricas. A partir da matriz de codificação foi contabilizado o número de *tweets* codificados conjuntamente nas categorias empíricas e em cada emoção, sendo possível visualizar as categorias que tiveram mais incidência de publicações emocionais, bem como que emoções se associaram a cada categoria. No Quadro 48 estão dispostas a contagem de publicações codificadas na mesma emoção e categoria na parte I, filtrando apenas as categorias mais incidentes. Novamente, foram adicionadas as incidências totais de cada categoria e a porcentagem a fim de tornar comparável, e deve-se pontuar que categorias mais frequentes têm probabilidade maior de ter mais combinações com emoções mais incidentes, como Tristeza, Indignação e Compaixão.

Quadro 48 - Emoções das principais categorias da parte I

Emoção/ Categoria	Crítica à Mídia	192	Pedido de Morte	125	Trabalho	226
Emoções	115	59,9%	86	68,8%	183	81,0%
Admiração	1	0,5%	0	0,0%	0	0,0%
Alegria	4	2,1%	0	0,0%	3	1,3%
Compaixão	8	4,2%	5	4,0%	31	13,7%
Desconfiança	5	2,6%	0	0,0%	0	0,0%
Indignação	54	28,1%	40	32,0%	157	69,5%
Medo	6	3,1%	2	1,6%	21	9,3%
Nojo	35	18,2%	48	38,4%	27	11,9%
Raiva	13	6,8%	32	25,6%	19	8,4%
Tristeza	20	10,4%	8	6,4%	61	27,0%

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se notar que a maior presença de emoções se deu na categoria Trabalho (81%), enquanto a menor foi Crítica à mídia (59,9%). Crítica à mídia foi a única a ter pelo menos um *tweet* com cada emoção, se destacando Indignação (28,1%), Nojo (18,2%) e Tristeza (10,4%). Trabalho só não combinou nenhuma vez com Admiração e Desconfiança, mas principalmente com Indignação (69,5%) e Tristeza (27%), seguido por Compaixão (13,7%), mas também Nojo (11,9%). A mais punitiva Pedido de morte não combinou com Alegria, Admiração e Desconfiança, mas sobretudo com Nojo (38,4%), Indignação (32%) e Raiva (25,6%). Das outras categorias não presentes no quadro, Humor combinou basicamente com Alegria (37%), Especialistas principalmente com Indignação (27,3%) e Repetições apenas com Nojo (22,2%).

Quadro 49 - Emoções das categorias da parte II

Emoção/ Categoria	Comemo- ração	671	Crítica à comemo- ração	131	Crítica à crítica da comemoração	63	Hu- mor	241
Emoções	658	98,1%	86	65,6%	36	57,1%	84	34,9%
Admiração	398	59,3%	3	2,3%	8	12,7%	6	2,5%
Alegria	615	91,7%	11	8,4%	8	12,7%	56	23,2%
Compaixão	51	7,6%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Desconfiança	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,4%
Indignação	1	0,1%	36	27,5%	13	20,6%	3	1,2%
Medo	11	1,6%	2	1,5%	0	0,0%	2	0,8%
Nojo	139	20,7%	13	9,9%	22	34,9%	10	4,1%
Raiva	13	1,9%	5	3,8%	0	0,0%	0	0,0%
Tristeza	18	2,7%	30	22,9%	1	1,6%	7	2,9%

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 49 apresenta o cruzamento das emoções com as categorias da segunda parte, e o Quadro 50 dispõe a continuação com as quatro categorias restantes. Novamente, as emoções mais frequentes - a Alegria, o Nojo e a Admiração - têm maior probabilidade de combinar com as categorias mais incidentes. Assim como na parte anterior, a categoria mais emocional foi também a mais frequente, neste momento Comemoração (98,1%), seguida por Repetições (81,7%), enquanto a menos emocional foi Humor (34,9%), que justamente apresenta um distanciamento afetivo com o acontecimento. Em Comemoração, a emoção em destaque foi Alegria (91,7%), seguida por Admiração (59,3%) e Nojo (20,7%). Em oposição, Crítica à comemoração teve menor incidência emocional, mas principalmente de Indignação (27,5%) e Tristeza (22,9%). Já na tréplica Crítica à crítica da comemoração se sobressaiu

Nojo (34,9%), mas também Indignação (20,6%). Humor não surpreende o destaque de Alegria, mas em apenas 23,2%.

Indignação (27,3%) novamente se destacou em Crítica à mídia, seguida por Nojo (14,3%). A politizada, polarizada e punitiva Crítica ao previdenciarismo foi marcada pelo Nojo (28,6%), mas também Alegria (22,4%), bem como a próxima Admiração (17%). Na categoria Especialistas, as emoções foram diversas, se sobressaindo Indignação e Nojo, ambas com 16,3%, as mesmas em destaque em Repetições, a primeira com 61%, e a segunda com 22%. Em Repetições, que sugerem a presença de *bots* em publicações politizadas, o destaque foi de Indignação em 61%, seguida por Nojo, em 22%, fazendo sentido pois a atuação de contas automatizadas está associada a conteúdos mais extremistas, e punitivistas nesse caso, manifestando sensação de injustiça e reação à violação da moral.

Quadro 50 - Emoções das categorias da parte II (continuação)

Emoção/ Categoria	Crítica à mídia	238	Crítica ao previdenci- arismo	147	Especia- listas	43	Repe- tições	82
Emoções	145	60,9%	83	56,5%	21	48,8%	67	81,7%
Admiração	22	9,2%	25	17,0%	3	7,0%	4	4,9%
Alegria	28	11,8%	33	22,4%	4	9,3%	3	3,7%
Compaixão	6	2,5%	1	0,7%	0	0,0%	0	0,0%
Desconfiança	1	0,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Indignação	65	27,3%	8	5,4%	7	16,3%	50	61,0%
Medo	6	2,5%	5	3,4%	1	2,3%	0	0,0%
Nojo	34	14,3%	42	28,6%	7	16,3%	18	22,0%
Raiva	11	4,6%	3	2,0%	2	4,7%	1	1,2%
Tristeza	14	5,9%	11	7,5%	4	9,3%	0	0,0%

Fonte: Elaboração própria.

Esse cruzamento quantitativo subsidia apontamentos que foram feitos na análise qualitativa de cada categoria e emoções, esmiuçando ao que elas se dirigiam e que outros discursos manifestavam. Por exemplo, no caso do Humor, o sentido das postagens não apresentava uma experiência de envolvimento com o caso, ou seja, não se enquadrando na própria definição de emoção de Barbalet, mas relativizando a gravidade da situação. Também, observando as publicações de Trabalho foi possível notar a indignação das falas, assim como em Crítica à mídia, nos dois momentos, e Pedido de morte. Mas no caso desta, assim como as outras categorias em que o punitivismo está mais isolado, como Crítica ao previdenciarismo e Crítica à crítica da comemoração, era visível forte aversão nas postagens, ou seja, Nojo. Em

Comemoração um sentimento positivo era visível nas publicações, isto é, Alegria, bem como elogios aos policiais, em sentido de Admiração. Por outro lado, na contraposição Crítica à comemoração se destacou Indignação e um tom negativo de Tristeza. Assim, um olhar mais detalhado nas publicações, assim como padrões gerias de associação convergiram nos resultados.

6.4.2 Síntese dos resultados e discussão

As duas dimensões analisadas se complementaram e as emoções, sobretudo as mais simples expressando sentimentos negativos e positivos, como Tristeza e Alegria, se destacaram, acima de qualquer uma das categorias encontradas. Houve também padrões de associação entre categorias e emoções em cada momento da repercussão, mas o punitivismo nos dois momentos esteve próximo do Nojo. Na primeira parte, as emoções em destaque foram Tristeza, Indignação, Compaixão, Medo e Nojo, e as categorias foram Trabalho, Crítica à mídia e Pedido de morte, em ordem de frequência. Em Crítica à mídia, menos emocional, se sobressaiu Indignação em relação a superexposição midiática, que estava criando um “espetáculo” em torno do evento e atrapalhando a condução das negociações e operação policial, rememorando eventos passados semelhantes que terminaram em tragédia, bem como Nojo, no eixo dessas críticas mais punitivo, em referência ao uso de termos como “suposto” e “suspeito”, reivindicando que fosse tratado como “bandido”.

A Tristeza na primeira parte dá o tom emocional predominante negativo em relação ao acontecimento, às vezes fazendo referência a um mundo desordenado e caótico. Esse clima negativo foi presente em Compaixão, terceira mais incidente, direcionada às vítimas de modo solidário e desejando que acabasse bem para elas, lhes conferindo valor, às vezes frisando que não desejavam o mesmo para o sequestrador. Em segundo lugar foi Indignação, apresentando sensação de injustiça com a situação, em alguns momentos convergindo um tom negativo e desejo de punição. Ficaram claras estas manifestações na categoria mais frequente Trabalho, em que Indignação esteve presente em quase 70% das postagens, nas quais trabalhadores e estudantes eram impedidos de cumprir seus compromissos, às vezes com Tristeza, reivindicando esta condição como pessoas autorizadas a serem atendidas, em contraposição ao “vagabundo” ou “bandido” que atrapalhava a vida das pessoas que batalham e acordam cedo para levar uma vida honesta.

Esta última figura foi alvo de Pedido de morte, terceira mais frequente, na qual Indignação foi significativa, mas se sobressaíram respostas de aversão em sentido de Nojo, e

em menor medida de Raiva. Nesta categoria o punitivismo esteve de modo mais isolado, na qual as manifestações emocionais indicam forte repulsa à violação da moral ao sequestrador, senso de injustiça pelo sequestro ou parar o trânsito, frente à tentativa de prejudicar algo importante e desejando ferir este gatilho para interromper o dano. O punitivismo na maior parte só mencionou o sequestrador em sentido de Nojo, sem referência às vítimas, o que indica o desejo de punição pela punição, para exterminar o criminoso, e não em sentido instrumental, como meio de proteger as pessoas honestas. Oposições entre “bandido” e “vítima”, “vagabundo” e “trabalhador” de modo geral permearam categorias como Trabalho e Pedido de morte, que por meio de emoções morais como Compaixão e Nojo delimitam quem tem valor, quem está autorizado a fazer reivindicações e quem é desprovido de moral e de humanidade, só restando o seu extermínio.

Após o disparo que alvejou o sequestrador, as publicações atingem pico, se tornam mais polarizadas, extremas e o tom emocional, que antes era Tristeza, passa a ser Alegria, em tom positivo com a direção que o acontecimento tomou. As emoções mais frequentes depois desta passaram a ser Nojo, Admiração, Tristeza e Indignação, enquanto as categorias foram Comemoração, mais incidente em toda a repercussão, Humor, Crítica à mídia, Crítica ao previdenciarismo e Crítica à comemoração, em ordem de frequência. Comemoração foi a mais emocional dos dois momentos, próximos a 100%, não sendo surpreendendo a convergência com Alegria em mais de 90%, em manifestações felizes com o final, além de Admiração, parabenizando os responsáveis pela ação, notadamente a polícia, revelando a confiança e apoio que esta instituição possui por este tipo de ação. Destaca-se que as publicações de Comemoração englobaram manifestações contentes com o fim do sequestro, liberação dos reféns, mas o principal foi em referência à morte do sequestrador, frequentemente sem mencionar as vítimas, por isso mesmo Nojo esteve em um quinto desses *tweets*, destacando proximidade com o punitivismo em boa medida nesta categoria, mas não apenas.

Em contraposição, mas com incidência cinco vezes menor, Crítica à comemoração foi desencadeada principalmente por conta da descida do helicóptero do governador Wilson Witzel na ponte após o fim do sequestro, comemorando de modo eufórico e sendo aplaudido por populares. Nesta categoria, o alvo foi a comemoração da morte de uma pessoa, às vezes mesmo concordado com a operação policial, indicando moderação e não posições extremas ou polarizadas. Quanto às emoções, respostas de Indignação com essa postura foram cerca de um quarto das postagens, seguida por um tom negativo expressando Tristeza, portanto, o oposto de Comemoração. Crítica à mídia persistiu, mantendo as referências à superexposição,

que mostrava posições de policiais e divulgava fotos internas do ônibus, mesmo sabendo que o sequestrador acompanhava a repercussão. Seu outro eixo, que já indicava um caráter punitivo na parte anterior, tomam uma dimensão mais politizada, projetando e atribuindo uma ideologia de esquerda a mídia, que iria chorar, defender o bandido ou criticar a ação da polícia. Se destacaram, sem causar surpresa, emoções como Indignação, bem como repulsa por meio do Nojo em relação à imprensa.

O Nojo, segunda emoção mais frequente neste momento, novamente convergiu com as categorias mais punitivas, como Crítica à crítica da comemoração. Esta tréplica toma um caráter mais polarizado e ataca quem supostamente viria a criticar a ação da polícia, tidos como a esquerda, a mídia e os direitos humanos. Esta categoria reafirma o apoio à morte do sequestrador, colocando a questão em torno de comemorar ou de chorar esta ação, polarizando de modo maniqueísta, de modo a chamar adesão para a primeira opção. O Nojo não se direciona ao sequestrador, mas a quem estaria do seu lado, revelando sua capacidade de contagiar quem se aproxima do alvo, estando presente também Indignação, em relação à suposta inversão de valores, de apoiarem o bandido e criticarem a polícia. Na categoria Crítica ao previdenciarismo, que reuniu respostas reforçando o uso da força para resolver esse tipo de situação, criticando o campo progressista, pois não seria resolvido com livros e flores, o Nojo novamente contamina quem estaria próximo do sequestrador, polarizando com bordões como “ta com dó leva pra casa?”, “bandido bom é bandido morto”, atacando partidos e políticos do PT e PSOL. A segunda emoção em destaque foi Alegria, demonstrando satisfação com a morte do sequestrador, e nessa categoria o punitivismo esteve presente de modo mais isolado neste momento da repercussão, atacando orientações de políticas criminais de cunho correcionista e os atores a elas associados. Além disso, sublinha a perda de espaço e de propor soluções pelo campo da esquerda, que não consegue se desvincular desse espantinho de defender criminosos, sobre um tema que vem sendo dominado pelo punitivismo da direita.

Humor, por sua vez, foi a categoria menos emocional e mais distante de qualquer posicionamento político definido, cujo distanciamento afetivo com o sequestro é visível nas postagens, relativizando a gravidade do sequestro a ponto de fazerem piadas. Alegria incidiu em quase um quarto delas, e a novidade é que na primeira parte as publicações de Humor foram muito baixas, mas se destacaram dentre as mais populares, tendo um salto na etapa seguinte. O seu padrão se manteve, de postagens basicamente copiadas, mas se na primeira parte era sobre as pessoas vendendo lanches na ponte em meio ao sequestro, agora eram sobre

pessoas empinando pipa e jogando bola, reforçando e criando a identidade do brasileiro ou do carioca de “zoeira”, que acostumados com as adversidades, conseguem rir delas.

Outras duas categorias tiveram baixa incidência nos dois momentos, mas aumentaram na parte II, como Especialistas, que reuniu menções a técnicos, cientistas ou seus conceitos, de modo geral alegando que iriam defender o sequestrador. Em relação aos jornalistas, o principal alvo, as críticas eram também por conta do “espetáculo”, e aos advogados e sociólogos por não ajudarem a resolver a situação. Essa categoria revela anti-jornalismo e anti-intelectualismo, e junto com Crítica à mídia, no seu eixo mais punitivo, lançam luz sobre a busca por mídias alternativas e notícias falsas pela afinidade ideológica. Repetições, por seu turno, que sugere a presença de *bots* também aumentou, em postagens mais políticas e polarizadas, buscando adesão ao punitivismo.

Em relação aos dez *tweets* mais populares de cada parte, houve dois políticos e um membro do judiciário no início, se intensificando na sequência, em quatro. A politização foi dominada por políticos do campo da direita, exceto uma deputada de esquerda na primeira parte. A presença de um procurador, associado à direita, revela ativismo judicial e visibilidade que o poder judiciário vem tomando. As postagens de Humor foram uma forma usuária comuns, com poucos seguidores, ganhar visibilidade no Twitter com uma publicação amplamente disseminada, como a segunda mais curtida de toda repercussão e em destaque no início. Outra categoria presente nessas postagens foi Crítica à mídia.

Quanto aos tipos de postagens, se destaca o uso do Twitter para postagens de Opinião em primeiro lugar, seguida pelo compartilhamento de Informação, nos dois momentos. Dos conjuntos de Opinião identificáveis na parte I, se sobressaíram manifestação de trabalhadores indignados por não poderem trabalhar por conta da ocorrência que atrapalhava o trânsito, punitivismo desejando a morte do sequestrador, e cobrando essa postura da mídia, além de criticar também sua superexposição. Críticas à imprensa se mantiveram significativamente ao longo das duas partes, e na segunda o destaque foi de comemoração ao fim do sequestro, mais em sentido punitivo pela morte do sequestrador do que mencionando a liberação das vítimas. Humor aumenta a sua incidência ao longo do acontecimento, configurando o uso do Twitter para esse tipo de conteúdo no Brasil, mesmo em eventos de violência, não perdendo o bom humor.

Mas foram as Emoções o principal conjunto em Opinião, que chegam a quase metade de todos os *tweets* analisados, configurando-as como principais mobilizadoras para os usuários comentarem o evento. A mudança emocional explícita foi do predomínio de Tristeza para o destaque de Alegria a partir do momento em que o sequestrador é alvejado,

aumentando também o volume de publicações, que tomam um caráter mais polarizado, com a emergência da contraposição à comemoração de sua morte. Também, as postagens se tornaram mais politizadas e punitivas, reivindicando o uso da violência como forma de resolução de conflitos e atacando setores críticos a isto, corporificados na mídia e esquerda, tendência manifesta na maior presença de contas automatizadas. A politização também se dá pela maior ocorrência de políticos dentre as postagens mais curtidas nesse momento, todas do campo da direita. O punitivismo foi predominante, de modo geral mais moral e emotivo do que instrumental, pois quando era reivindicado falava-se mais sobre o criminoso e o desejo ou satisfação em ver seu extermínio, que limparia a sociedade para o seu oposto trabalhador, pouco mencionando que seria para salvar as vítimas. Por outro lado, é por meio da Compaixão que são emitidas respostas de solidariedade e desejando que as vítimas ficassem bem, lhes conferindo dignidade, às vezes ao mesmo tempo em que dirigiam Nojo quanto ao sequestrador. Esta emoção esteve mais associada ao punitivismo, revelando forte repulsa ao criminoso, e a quem dele esteve próximo, que violou a moral coletiva, e por isso mesmo se torna menos humano e merece a punição mais dura. Em medida menor, anti-jornalismo e anti-intelectalismo são manifestos em críticas à especialistas, sobretudo jornalistas, mas também advogados e sociólogos, em sentido punitivo.

Estes resultados entram em diálogos com outras pesquisas recentes sobre esses temas, reiterando algumas tendências que tem sido observadas na sociedade brasileira em relação à violência e redes sociais, complementando aspectos ainda não analisados, mas também pontuando novidades e divergências. O interesse em torno da violência por parte dos meios de comunicação tem longa dada, cujas análises recorrentemente frisavam o tratamento emocional dado ao fenômeno. Na internet não foi muito diferente, como o caso do sequestro do ônibus 174, ocorrido em 2000, que foi o evento mais mediatizado até então, além de ser o primeiro a repercutir on-line, antes ainda da própria existência de redes sociais como se conhece atualmente (RAMOS; NOVO, 2003). Outro sequestro bastante mediatizado, o caso Eloá, em 2009 repercutiu na rede social mais popular do Brasil na época, o extinto Orkut, no qual havia um outro tipo de interação por conta de sua arquitetura em formato de fórum, gerando grande volume de postagens sobre o caso em uma comunidade (MARTINS, 2009). No Twitter, por sua vez, Ferreira Júnior (2016) notou que a mobilização em torno de eventos violentos foi emocional, assim como Fischborn e Almeida (2020) observando a presença de emoções nos comentários de notícias criminais no Facebook. Ferreira Júnior (2016) ainda observou usuários postando opiniões, informação, humor, indignação, medo e desconfiança com as informações oficiais, de modo bem parecido aos resultados desta dissertação, configurando o

uso do Twitter como espaço para postar estes tipos de conteúdo. O interesse pela violência e o seu tratamento emocional não é recente nas mídias, tradicionais ou digitais, que no Twitter se mistura ao uso da plataforma para postagem de informação, opiniões e humor, mesmo neste tipo de evento.

Pesquisas recentes nas redes sociais têm observado o destaque de discursos punitivos, como Silva Borges (2019), Petry e Nascimento (2016) e Fischborn e Almeida (2020). O primeiro nota que nas publicações do movimento social brasileiro mais popular no Facebook, o grupo de direita MBL, as questões criminais ocupam destaque e se destaca a estratégia discursiva populista, emocionalização negativa, simplicidade e antagonismo ao sistema, além do seu alvo ser o espantalho da esquerda que daria desculpas sociais ao crime. Abordando publicações de páginas favoráveis a redução da menoridade penal, Petry e Nascimento (2016) notam discursos que atribuem a violência a frouxidão de instituições de controle e meios de comunicação, que tornam a sociedade permissiva e que protege criminosos. Fischborn e Almeida (2020) observaram embates do público com a mídia, cobrando uma postura punitiva que chama criminosos de “bandido”, e não de “suspeito” ou “suposto”. Esses resultados convergem com os achados desta dissertação, no que diz respeito ao predomínio de ideais punitivos, que se articulam com antagonismo ao sistema, corporificados nos meios de comunicação e no sistema de justiça, por serem de esquerda e estarem do lado dos criminosos, revelando limitações do campo progressista, anti-punitivo e dos técnicos em disputar a legitimidade em relação às questões criminais no país. A cobrança por medidas punitivas não pode ser naturalizada como resposta a violência, pois em repostas a tiroteios em massa e ataques terroristas nos Estados Unidos e Inglaterra, os usuários demandaram, ao contrário, maior controle de armas (HARB, 2019).

O conteúdo produzido em redes sociais tem sido utilizado para compreender opiniões do público sobre eventos e assuntos, que por conta do imenso volume de informação, metodologias automatizadas como análise de sentimento e mineração de opinião são empregadas para tornar isto inteligível. Alguns desses estudos sobre eventos violentos no Twitter, feitos por áreas como computação e psicologia, tem considerado apenas emoções negativas ou se limitam ao modelo das emoções básicas de Ekman (JONES *et al.*, 2016; HARB, 2019; GARCIA; RIMÉ, 2019). Este modelo tem a vantagem de facilitar a operacionalização de pesquisas empíricas, por isso sua popularidade, mas o ponto de crítica é que considerar as emoções como universais, sem mediação da cultura (EKMAN; CORDARO, 2011), ou apenas as emoções deste tipo, impede a conexão delas com dimensões morais e de poder. Os resultados de Jones *et al.* (2016), Harb (2019) e Garcia e Rimé (2019) indicam um

aumento de emoções negativas após estes eventos, mas são o único tipo considerado e vão pouco além da mera descrição. Nesta dissertação, predominou Tristeza de modo geral, mas levar em conta um amplo leque de emoções permitiu visualizar a presença significativa de Alegria, que foi a mais frequente na segunda parte.

Nos estudos sobre violência a única emoção considerada é o Medo, nos quais principalmente o associam a submissão e dominação, além de adesão a ideais punitivos e autoritários (BAIERL, 2003; PASTANA, 2004; LIMA *et al.*, 2020). As postagens de Medo aqui indicaram paralisia, empatia e solidariedade, próximos, portanto, da Compaixão e Tristeza, semelhante aos resultados de Harb (2019), cujas publicações dessa emoção se aproximaram de palavras de solidariedade. Lima *et al.* (2020), a partir de um *survey* de projeção nacional, pontuou o Medo como principal fator explicativo para a adesão a ideais punitivos, uma das dimensões do autoritarismo, ao passo que os dados desta dissertação revelaram que o desejo de punição esteve associado a Raiva e principalmente do Nojo, tomando uma dimensão moral. Portanto, os resultados desta dissertação divergem de outros estudos feitos em outros contextos e com metodologias diferentes, aqui configurando o Medo de modo menos propositivo e mais paralisante, no sentido de indicar senso de vulnerabilidade ou falta de poder (BARBALET, 2000; TRINDADE; DURANTE, 2019). Houve postagens de Medo mencionando que acompanhavam a cobertura midiática, subsidiando o efeito dos meios de comunicação nessa emoção, hipótese sugerida pelo trabalho de Carvalho e Almeida (2019), mas também, e sobretudo, fizeram referência a casos pessoais de violência sofrida, em direção aos estudos de medo do crime que demonstram que a vitimização tem grande impacto nesse temor (BORGES, 2013; SILVA; BEATO-FILHO, 2013; TRINDADE; DURANTE, 2019).

Porém, a principal contribuição desta dissertação para o campo da sociologia da violência diz respeito a outra emoção. O Nojo, com sua forte repulsa, desempenha um papel fundamental na definição do próprio crime, enquanto ato que ofende a moral coletiva (MILLER, 1997; DURKHEIM, 2007; HARKNESS; HITLIN, 2014), mas nesses casos muitas vezes vai além e se aproximam do desejo de punição. Os adjetivos depreciativos direcionados ao sequestrador, como “vagabundo”, “mostro” e “lixo”, são observados em vários estudos, manifestando claramente Nojo, por meio do qual se retira sua humanidade, justificando que se trata de alguém matável, configurando esta emoção moral como principal gramática do punitivismo, que tem longa data no país (PETRY; NASCIMENTO, 2016; BARREIRA, 2015; MISSE, 2010; FISCHBORN; ALMEIDA, 2020). Como resposta oposta ao Nojo, a Compaixão se direciona a alguém com valor e dignidade, diante de situações problemáticas, no caso se

dirigindo explicitamente para as vítimas, indo além e desejando que tudo terminasse bem (CLARK, 1997). Estas respostas e a quem elas se dirigem revelam de modo mais claro como as emoções, principalmente do tipo moral, expressam e reforçam relações de poder e hierarquias sociais, configurando quem são as pessoas e ações valiosas, criando uma ponte de para a coesão social e o que é inferior, menos humano e deve ser repellido da comunidade (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990; AHMED, 2004; HARKNESS; HITLIN, 2014). Um evento criado por milhares de indivíduos postando ao mesmo tempo em ambiente digital pode ser entendido como equivalente contemporâneo dos momentos de efervescência, no qual a experiência emocional coletiva é condição necessária para a geração e manutenção da sociedade, ou seja, sua própria moral (FISCHER; CHON, 1889).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou compreender os discursos dos usuários nas redes sociais frente a casos de violência de grande repercussão, partindo da hipótese de que eles manifestam suas visões de mundo e que as emoções mobilizam e revelam moralidades. Foram analisados 8340 *tweets* sobre o sequestro na ponte Rio-Niterói, ocorrido em agosto de 2019, incluindo a parte inicial e o momento após a ação da polícia que matou o sequestrador e liberou todos os reféns. O banco de dados foi codificado manualmente e a partir de palavras-chave em N6s no NVivo 12 Pro, buscando emoções e conjuntos de opiniões sobre as dimensões de análise punitivismo, contra-punitivismo, humor, informação, especialistas, *bots* e outras opiniões. Publicações de informação corresponderam a um terço enquanto ocorria o sequestro e um quarto após a morte do sequestrador.

Quanto às opiniões no início da repercussão, prevaleceram respostas de cidadãos comuns indignados com o trânsito fechado, alegando que o fechamento os impedia estudar, trabalhar e de garantir o seu sustendo, em alguns casos falando sobre a situação difícil de desemprego e baixos salários, que acordaram cedo foram atrapalhados por alguém que resolveu estragar o dia das pessoas. O lugar do “trabalhador” é acionado como alguém digno e que deve ser atendido, às vezes se contraponto ao “vagabundo” ou “bandido”, revelando que suas visões de mundo estão intimamente ligadas a condições dadas de existência, ou seja, não se trata de uma simples polarização ou discursos de ódio, mas de sujeitos que são atingidas e atrapalhadas pela violência. A esta outra figura se dirigiram pedidos de morte para resolver a situação, indicando punitivismo de modo mais isolado, se destacando a emoção nojo que se caracteriza pela forte aversão contra quem viola a moral. Outro conjunto de opinião foram críticas aos meios de comunicação, em um eixo em relação a superexposição midiática que poderia atrapalhar o andamento da operação, às vezes lembrando os casos 174 e Eloá em que isto ocorreu, além de já tomarem um ponto mais punitivo e politizado criticando o uso dos termos “suspeito” e “suposto”. Em relação às emoções, elas foram muito mais frequentes do que as categorias, corroborando a hipótese de que elas mobilizam as pessoas a comentar este tipo de acontecimento nas redes sociais. Ainda na primeira parte, a tristeza foi a mais frequente, vendo a ação de modo negativo, seguida por indignação, apresentando senso de injustiça com a situação, se cruzando com as postagens em relação ao trânsito, e compaixão, direcionadas às vítimas, revelando seu valor e manifestando solidariedade desejando que tudo terminasse bem.

A segunda parte da repercussão iniciou com a primeira menção ao tiro do *sniper* que matou o sequestrador e pôs fim ao acontecimento com todas vítimas liberadas. Neste momento as publicações atingiram pico e um fato relevante foi a descida do governador Wilson Witzel de helicóptero na ponte sendo aplaudido por policiais. A partir daí a repercussão toma um caráter mais polarizado, politizado e extremo, observado na categoria mais frequente de toda a repercussão, comemoração, principalmente da morte do sequestrador, mas também da liberação das vítimas, e críticas a esta postura, mas em medida bastante inferior. Publicações de humor estiveram dentre as mais frequentes, em postagens bastante parecidas, comentando sobre as pessoas que vendiam lanches e jogavam bola na ponte, falando sobre a identidade de zoeira do brasileiro ou carioca de zoeira em meio ao perigo. Críticas à mídia permaneceram, se sobressaindo seu eixo mais punitivo, e houve críticas ao previdenciário penal, em sentido punitivo e politizado reivindicando a força para resolver a situação, que não seria por meio de livros, atacando uma caricatura da esquerda como defensores de bandido. Nesse momento aumentou a quantidade de postagens repetidas, indicando maior presença de *bots*, em publicações mais politizadas e extremas, buscando polarizar o debate. Menções a especialistas também cresceram, e se direcionaram sobretudo a jornalistas, mas também a OAB, advogados e até sociólogos, em sentido punitivo, projetando neles uma ideologia esquerdista que defenderiam o sequestrador. Em relação às emoções nesta parte, se anteriormente se sobressaiu tristeza, neste momento foi o oposto, alegria, em postagens próximas de comemoração indicando a mudança emocional mais explícita, seguido por nojo, direcionado ao sequestrador ou a quem foi associado a ele, admiração em relação a atuação da polícia, configurando como instituição bem vista pelo público. Se o medo é a única emoção considerada nos estudos sobre violência, sendo associada a adesão a valores autoritários e punitivos, nos *tweets* aqui analisado ela foi significativa, mas esteve mais próxima de paralisia, ao passo que o punitivismo se associou do nojo, tomando uma conotação moral.

O nojo, caracterizado pela forte aversão, desempenha um papel fundamental na delimitação do “criminoso”, em sentido durkheimiano, ou do “bandido” do qual fala Misse (2010), que por violar a moral coletiva, se torna menos humano, merecendo a mais dura punição, e se estendeu a quem se aproximou dele, indicando seu potencial de contaminação. Já a compaixão, ao contrário, confere valor a quem ela se dirige, isto é, às vítimas. Nesse sentido, a manifestação emoções morais revelam regramentos morais, hierarquias e relações de poder (LUTZ; ABU-LUGHOD, 1990; AHMED, 2004; HARKNESS; HITLIN, 2014; JASPER, 2018; MILLER, 1997; CLARK, 1997). O punitivismo de modo geral se apresentou

de modo mais moral do que instrumental, pois indicava maior desejo e satisfação pela morte do sequestrador, pouco mencionando as vítimas.

Os achados desta dissertação revelam que os debates nas redes sociais seguem dinâmicas da sociedade brasileira contemporânea, como a polarização política, a grande adesão a valores punitivos, o destaque do campo da direita, a politização de alguns temas e o anti-intelectualismo. As interações dos usuários com os meios de comunicação, por um lado, indicam usuários atentos críticos com a sua cobertura, reivindicando maior responsabilidade, cuja superexposição colocava em risco a operação policial, além de algumas vezes utilizarem termos acadêmicos como “espetáculo” para se referir à situação, demonstrando a circularidade do conhecimento científico e sua absorção pelo senso comum. Por outro lado, demandam uma postura punitiva e atacam os meios de comunicação, sobretudo a Rede Globo, atribuindo-lhe uma ideologia de esquerda, de direitos humanos, que estaria em defesa do sequestrador e contra a ação da polícia. Isto manifesta o clima polarizado que o país vive, impactando na busca tanto a direita quanto a esquerda por mídias alternativas, por narrativas que corroborem suas visões de mundo, que na repercussão do sequestro na ponte Rio-Niterói se deu pela grande presença e visibilidade de perfis de informação não profissionais (MORETTO; ORTELLADO, 2018; ALVES DOS SANTOS, 2019). O anti-jornalismo se insere em um movimento maior de anti-intelectualismo recente, no qual cientistas e instituições tradicionais tem sua *expertise* questionada pelo público (FELTRAN, 2020; SCHWARZ, 2019; PINHEIRO-MACHADO, 2019; NICHOLS, 2017), neste caso atingindo principalmente jornalistas, mas também advogados, a OAB, o sistema de justiça, o congresso e o sociólogos, associados à defesa de bandidos por conta de sua proximidade com a agenda de direitos humanos.

Cabem ainda mais estudos sobre eventos violentos de grande repercussão nas redes sociais, principalmente pelas ciências sociais e trabalhando com maior volume de informação, uma vez que a maior parte das pesquisas nas mídias digitais tem sido feitas por outras áreas, com metodologias automatizadas cada vez mais sofisticadas, mas que contam ainda com alguns problemas do ponto de vista sociológico. Comparar a repercussão de diferentes eventos também se faz necessário, levando em conta casos em que os atores políticos em destaque variem no espectro ideológico. Nem todos os casos de violência são dominados por ideologias punitivas ou são pautados por atores de direita, pois há casos em que se sobressaem o humor, como o sequestro na Lapa, a violência policial e criminalização de bailes Funk em Paraisópolis, ou ainda o destaque em 2020 de casos que levantaram debates sobre racismo e

violência policial, desencadeados pelo assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, repercutindo também no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. *In*: LUTZ, Catherine A.; ABU-LUGHOD, Lila. (eds.). **Language and the politics of emotion: studies in emotion and social interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.

ADORNO, Sérgio. **A gestão urbana do medo e da insegurança: violência, crime e justiça penal na sociedade brasileira contemporânea**. Tese (Livre Docência em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. 2.ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

ALDAYEL, Abeer; MAGDY, Walid. Assessing sentiment of the expressed stance on social media. *In*: WEBER, Igmarr *et al.* (eds.). **Social informatics: 11th international conference**. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 277-286.

ALEGRIA, Paula; BULGARELLI, Lucas; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia (2008–2018). **BIB**, São Paulo, n. 93, p. 1-27, 2020.

AMORIM, Francisco; ANGONESE, Marjolie. Galãs assassinos: a representação da Máfia no catálogo do Netflix. *In*: TAVARES DOS SANTOS, José Vicente *et al.* (org.). **Violência, segurança e política: processos e figurações**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2019. p. 203-221.

ALVES DOS SANTOS, Marcelo. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

BAIERL, Luzia F. **Medo social: da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

BARBALET, Jack M. **Emoção, teoria social e estrutura social**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BARBALET, Jack M. Why Emotions are Crucial. *In*: BARBALET, Jack M. (ed.) **Emotions and Sociology**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 1-9.

BARREIRA, César. Crueldade: a face inesperada da violência difusa. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 55-74, 2015.

BARREIRA, César. Muertes violentas y escenarios urbanos inseguridad, miedo y crueldade. *In*: TAVARES DOS SANTOS, José Vi.; BARREIRA, César (orgs.). **Paradoxos da segurança cidadã**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2016. p. 475-489.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, Martin e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAZELEY, Pat; JACKSON, Kristi. **Qualitative data analysis with NVivo**. Sage publications ltd: London, 2013.

BENKLER, Yochai; FARIS, Robert; ROBERTS, Robert. **Network propaganda: manipulation, disinformation, and radicalization in American politics**. New York: Oxford University Press, 2018.

BETIM, Felipe. Carta branca de Witzel a ação de ‘snipers’ eleva o temor por abusos policiais no Rio. **El País Brasil**, 6 de abr. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/03/politica/1554246098_836562.html. Acesso em: 28/05/2020.

BISPO, Marcelo de S. Para além do método na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. *In*: FAZZI, Rita de C.; LIMA, Jair A. (orgs.). **Campos das Ciências Sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 757-766.

BORGES, Doriam. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo**. Curitiba: APPRIS, 2011.

BORGES, Doriam. Vitimização e Sentimento de Insegurança no Brasil em 2010: teoria, análise e contexto. **Mediações**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 141-163, 2013.

BOUCHERON, Patrick. Historia y actualidad. *In*: BOUCHERON, Patrick; ROBIN, Corey. **El miedo: historia y usos políticos de una emoción**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016. p. 27-38.

CALDARELLI, Guido *et al.* The role of bot squads in the political propaganda on Twitter. **ArXiv**, abs/1905.12687, 2019.

CALDEIRA, Teresa P. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARVALHO, Carolina; ALMEIDA, Francis M. Estratégias de autoproteção como o medo influencia as sociabilidades de mulheres usuárias do Tinder em Santa Maria-RS. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 17, n. 34, p. 163-184, 2019.

CASTELLS, Manuel. A comunicação na era digital. *In*: **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos

domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/>. Acesso em: 29/07/2020.

CLARK, Cadence. **Misery and company**: sympathy in everyday life. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

CLAY-WARNER, Jody. Crime and emotions. *In*: TURNER, Jan; STETS, Jonathan (eds.). **Handbooks of sociology and social research**: volume II. New York: Springer, 2014. p. 473-493.

COELHO, Maria C. Gênero, emoções e vitimização: percepções sobre a violência urbana no Rio de Janeiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 10-36, 2012.

COELHO, Maria C. Narrativas de violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 265-285, 2010.

COELHO, Maria C.; REZENDE, Claudia. Introdução. O campo da antropologia das emoções. *In*: COELHO, Maria C.; REZENDE, Claudia (eds.). **Cultura e sentimentos**: ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 9-20, 2012.

COSTA, Arthur T.; DURANTE, Marcelo O. A Polícia e o Medo do Crime no Distrito Federal. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 1-31, 2019.

DIGITAL 2012: GLOBAL DIGITAL OVERVIEW. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2012-global-digital-overview>. Acesso em 07/04/2020.

DIGITAL 2020: BRAZIL. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>. Acesso em 07/04/2020.

DIGITAL 2020: GLOBAL DIGITAL OVERVIEW. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020>. Acesso em 07/04/2020.

DIGITAL 2020: JULY GLOBAL STATSHOT. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-july-global-statshot>. Acesso em 29/07/2020.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EKMAN, Paul; CORDARO, Daniel. What is meant by calling emotions basic. **Emotion Review**, v. 3, n. 4, p. 364-370, 2011.

ESTARQUE; Marina; FARIA, Flávia. Registros de intolerância triplicaram em SP na última campanha eleitoral. **Folha de São Paulo**. 13 de jan. de 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/registros-de-intolerancia-triplicaram-em-sp-na-ultima-campanha-eleitoral.shtml>. Acesso em: 22/07/2020.

ETCHICHURY, Carlos. **A violência na mídia**: um estudo de caso sobre a cobertura da criminalidade pela imprensa no RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FALCÃO; Márcio; VIVAS, Fernanda; TAVARES, Bruno. Contas de bolsonaristas em redes sociais são retiradas do ar após decisão de Moraes. **TV Globo**, 24 de jul. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/24/contas-bolsonaristas-em-redes-sociais-sao-retiradas-do-ar-apos-decisao-de-moraes.ghtml>. Acesso em: 31/07/2020.

FARRALL, Stephan; LEE, Murray. Critical voices in an age of anxiety: a reintroduction to the fear of crime. *In: Fear of crime: critical voices in the age of anxiety*. New York: Routledge, 2008. p. 1-11.

FELTRAN, Gabriel. “The revolution we are living”. **Journal of Ethnographic Theory**, v. 10, n. 1, p. 12-20, 2020.

FELTRAN, Gabriel. Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos. **Temáticas**, Campinas, v. 15, n. 30, p. 11-50, 2007.

FERREIRA JÚNIOR, Sérgio do E. A violência e as suas representações no Twitter: o caso da #ChacinaEmBelem. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 22, p. 153-172, 2016.

FERREIRA JÚNIOR, Sergio do E. Narrativas imagéticas da violência: dramatização da morte na mídia impressa da Amazônia Paraense. **Cambiassu**, São Luís, v. 15, n. 17, 2015.

FISCHBORN, Luciano; ALMEIDA, Francis M. Violência na mídia on-line e nos comentários do Facebook: entre a paixão e o nojo. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 19, n. 55, p. 173-188, 2020.

FISHER, Gene A.; CHON, Kyum K. Durkheim and the social construction of emotions. **Social Psychology Quarterly**, v. 52, n. 1, p. 1-9, 1989.

FONSECA, Claudia. Humor, honra e relações de gênero. *In: Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 133-164.

FONSÊCA, Mariana G. **A mídia e a construção social da criminalidade em Pernambuco**: um estudo sobre o programa televisivo “Bronca Pesada”. Dissertação (Mestrado em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

FRAGOSO, Suely. “HUEHUEHUE eu sou BR”: spam, trollagem e griefing nos jogos on-line. **Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 129-146, 2015.

FRATTARI, Najla. **As configurações sociais do medo do crime na cidade de Goiânia**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2013.

GARCIA, David; RIMÉ, Bernard. Collective Emotions and Social Resilience in the Digital Traces After a Terrorist Attack. **Psychological Science**, v. 30, n. 4, p. 617–628, 2019.

GARIMELLA, Venkata R.; WEBER, Ingmar. A Long-Term Analysis of Polarization on Twitter. **ArXiv** abs/1703.02769, p.1-4, 2017.

GARLAND, David. **Cultura do controle: crime e ordem na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia/Editora Revan, 2008.

GAVIRIA, Margarita R. Controle social expresso em representações sociais de violência, insegurança e medo. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 10, n. 20, p. 72-107, 2008.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos**. São Paulo: Francis, 2003.

GOMES, Sandra. Dando sentido à diversidade de escolhas metodológicas nas Ciências Sociais. *In*: FAZZI, Rita de Cássia; LIMA, Jair Araújo de (orgs.). **Campos das Ciências Sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 767-789.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca. Emotional dimensions of social movements. *In*: SNOW, David; SOULE, Sarah; KRIESI, Hanspeter (eds). **The blackwell companion to social movements**. Hoboken: Blackwell, 2004. p. 414-432.

GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca (eds.). **Passionate politics: emotions and social movements**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

GREEN, Eileen; SINGLETON, Carrie. ‘Gendering the digital’: the impact of gender and technology perspectives on the sociological imagination. *In*: ORTON-JOHNSON, Kate; PRIOR, Nick (Eds.). **Digital sociology: critical perspectives**. New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 34-50.

GREGORY, Karen; COTTOM, Tressie McMillan; DANIELS, Jessie. Introduction. *In*: DANIELS, Jessie; GREGORY, Karen; COTTOM, Tressie McMillan (eds.). **Digital sociologies**. Bristol: Policy Press, 2017. p. xvii-xxx.

HARKNESS, Sarah K; HITLIN, Steven. Morality and emotions. *In*: TURNER, Jan; STETS, Jonathan (eds.). **Handbooks of the sociology of emotions: volume II**. New York: Springer, 2014. p. 451-471.

HOCHSCHILD, Arlie R. Emotion work, feeling rules, and social structure. **The American Journal of Sociology**, v. 85, n. 3, 1979, p. 551-575.

HOWARD; Philip N.; WOOLLEY, Samuel; CALO, Ryan. Algorithms, bots, and political communication in the US 2016 election: the challenge of automated political communication for election law and administration. **Journal of Information Technology & Politics**, v. 15, n. 2, p. 81-93, 2018.

HARB, Jonathas G. **Using a convolutional neural network to compare emotional reactions on Twitter to mass violent events**. 2019. Dissertação (Mestrado em Computação) – Instituto de Informática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

JANSEN, Roberta. Delegado suspeita que sequestrador de ônibus queria 'suicídio pela polícia'. **Estadão**. 22 de ago. de 2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,policia-investiga-se-sequestrador-de-ônibus-queria-suicidio-pela-policia,70002977949>. Acesso em: 16/06/2020.

JASPER, James M. Constructing indignation: anger dynamics in protest movements. **Emotion Review**, v. 6, n. 3, p. 208-213, 2014.

JASPER, James M. Emotions and social movements: twenty years of theory and research. **Annual Review of Sociology**, v. 37:285-303, p. 1-28, 2011.

JASPER, James M. Feeling–thinking: emotions as central to culture. *In*: BAUMGARTEN, Britta; DAPHI, Priska; ULLRICH, Peter (eds.). **Conceptualizing culture in social movement research**. New York: Palgrave Macmillan, 2014. p. 23-44.

JASPER, James M. **The art of moral protest: culture, biography, and creativity in social movements**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia**. São Paulo: Aleph, 2014.

JONES, Nickolas M. *et al.* Tweeting negative emotion An investigation of Twitter data in the aftermath of violence on college campuses. **Psychological Methods**, n. 21, v. 4, p. 526-541, 2016.

JUNGBLUT, Airton. Práticas ciberativistas, agência social e ciberacontecimentos. **Vivência**, Natal, v. 1, n. 45, p. 13-22, 2015.

JUSTO, Ana M.; PINTO, Amanda L.; PIRES, Savana C. Representações de violência veiculadas pela mídia: a crise de segurança pública no Espírito Santo. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 10 n. 2, p. 71-80, 2019.

KOURY, Mauro G. A antropologia e a sociologia das emoções no Brasil: breve incursão. *In*: FAZZI, Rita de C.; LIMA, Jair A. (orgs.). **Campos das Ciências Sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 611-631.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica**, Niterói, n. 42, p. 41-65, 2017.

LIMA, Renato S. *et al.* Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017. **Opinião Pública**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 34-65, 2020.

LÓPEZ, Alexandra A. De la Biopolítica a la Fobopolítica, Gubernamentalidades contemporâneas fundadas en el miedo. *In*: TAVARES DOS SANTOS, José V. *et al.* (org.). **Violência, segurança e política: procesos e figurações**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2019. p. 133-154.

LÓPEZ, Alexandra A. El miedo en las políticas de seguridad, embates para la acción colectiva juvenil en México y Colombia. *In*: TAVARES DOS SANTOS, José V.; BARREIRA, César (orgs.). **Paradoxos da segurança cidadã**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2016. p. 349-370.

LOWENKRON, Laura. Entre o perigo da indiferença e o risco de ser afetado: a gestão das emoções em investigações policiais de pornografia infantil. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 19 n. 1, p. 171-187, 2017.

LUPTON, Deborah. **Risk**. 2.ed. New York: Routledge, 2013.

LUPTON, Deborah. **Digital sociology**. New York: Routledge, 2014.

LUTZ, Catherine A. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in american discourse. *In*: LUTZ, Catherine A.; ABU-LUGHOD, Lila. (eds.). **Language and the politics of emotion: studies in emotion and social interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 69-91.

LUTZ, Catherine A.; WHITE, Geoffrey M. The anthropology of emotions. **Annual review of anthropology**, v. 15, p. 405-436, 1986.

MACIEL, Matheus. Helicóptero com Witzel a bordo metralhou tenda de orações em Angra dos Reis. **O Globo**, 8 de mai. de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/helicoptero-com-witzel-bordo-metralhou-tenda-de-oracoes-em-angra-dos-reis-23648907>. Acesso em: 29/05/2020.

MACHADO, Elisabeth. Figurações da violência contra crianças na literatura brasileira: um olhar sociológico. *In*: TAVARES DOS SANTOS, José V. *et al.* (org.). **Violência, segurança e política: processos e figurações**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2019. p. 177-189.

MALINI, Fabio; CLARELLI, Patrick; MEDEIROS, Jean. O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tweets sobre o impeachment de Dilma Rousseff. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 323-342, 2017.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (1921). *In*: OLIVEIRA, Roberto Cardoso (org.). **Marcel Mauss**. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-153.

MARTINS, André de S. **A morte midiaticizada**: o caso Eloá, do noticiário na TV à fabricação de obituários na comunidade Profiles de Gente Morta. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MELLO, Patrícia C. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de São Paulo**, 18 de out. de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 26/06/2020.

MELO, Patricia B. **Histórias que a mídia conta: o discurso sobre o crime violento e o trauma cultural do medo.** Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

MILLER, Daniel *et al.* **How the world changed social media.** London: UCL Press, 2016.

MILLER, Daniel; HORST, Heather A. O digital e o humano: prospecto para uma antropologia digital. **Parágrafo**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 91-111, 2015.

MILLER, William I. **The anatomy of disgust.** Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de F. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 132-156, 2018.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, 2011.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 275-297, 2016.

MISSE, Michel. Chandler no cinema noir algumas reflexões sobre ‘A simples arte de matar’. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 34, p. 140-154, 2013.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, São Paulo, v. 79, p. 15-38, 2010.

MORETTO, Márcio; ORTELLADO, Pablo. O que são e como lidar com as notícias falsas. **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**, v.15, n. 27, p. 71-83, 2018.

NASCIMENTO, André. Apresentação à edição brasileira. *In:* GARLAND, David. **Cultura do controle: crime e ordem na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia/Editora Revan, 2008. p. 7-30.

NASCIMENTO, Leonardo F. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 41, p. 216-241, 2016.

NAVARRETE, Julio M. Sociedad, medios de comunicación y violencia: los jóvenes pandilleros del Perú. *In:* TAVARES DOS SANTOS, José V.; BARREIRA, César (orgs.). **Paradoxos da segurança cidadã.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2016. p. 453-473.

NICHOLS, Tom. **The death of expertise: the campaign against established knowledge and why it matters.** New York: Oxford University Press, 2017.

NOGUEIRA, Silvio. Percepções e afetos de policiais federais: interações com estudantes estrangeiros. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 150-170, 2017.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Sociologia digital apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 54, n. 3, p. 305-316, 2018.

PAIVA, Luiz F. **Os significados da morte**: os discursos dos meios de comunicação sobre crimes que abalaram o Brasil. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PASSIANI, Enio. Figurações possíveis: o romance como mímese do processo civilizador. *In*: TAVARES DOS SANTOS, José V. *et al.* (Org.). **Violências e mundialização: políticas, polícias e penas**. Porto Alegre: Editorial tomo, 2016. p. 101-117.

PASSIANI, Enio; TEIXEIRA, Alex N. “O menino do sorriso triste”: a imprensa e a comercialização da violência no Brasil. *In*: TAVARES DOS SANTOS, José V. *et al.* (org.). **Violência, segurança e política**: processos e figurações. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2019. p. 253-272.

PASTANA, Débora R. **Cultura do medo**: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil. São Paulo: IBCCRIM, 2003.

PAYRE, Renaud. Presentación. *In*: BOUCHERON, Patrick; ROBIN, Corey. **El miedo**: historia y usos políticos de una emoción. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016. p. 9-24.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAS DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: www.ibge.org.br.

PETRY, Heloísa; NASCIMENTO, Deise M. “Tá com dó Leva pra casa!”: análise dos discursos favoráveis à redução da maioria penal em rede social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 2, p. 426-438, 2016.

PIMENTA, Melissa de M. Sociologia da violência e da conflitualidade: temas, pressupostos e situação atual do campo. *In*: FAZZI, Rita de Cássia; LIMA, Jair Araújo de (orgs.). **Campos das Ciências Sociais**: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 459-480.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rota de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PORTO, Maria S. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 16, p. 250-273, 2006.

PORTO, Maria S. Mídia, segurança pública e representações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 211-233, 2009.

PORTO, Maria S. Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 152-171, 2002.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. Apontamentos sobre a relação de brincadeira. *In*: **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes 1973. p. 133-154

RAMOS, Fabiana P.; NOVO, Helerina A. Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 491-497, 2003.

RAMOS, Jair. Subjetivação e poder no ciberespaço: da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência**, Natal, v. 1, n. 45, p. 57-76, 2015.

RAMOS, Marília P. Métodos quantitativos e pesquisa em Ciências Sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais. **Mediações**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 55-65, 2013.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. Mídia e violência: o desafio brasileiro na cobertura sobre violência, criminalidade e segurança pública. **Cadernos Adenauer**, v. IX, n. 4, 2008. p. 29-41.

REAGLE, Joseph M. **Reading the comments: likers, haters, and manipulators at the bottom of the web**. Cambridge: The MIT Press, 2015.

RECUERO, Raquel; SOARES, Pricilla. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia**, São Paulo, n. 26, p. 239-254, 2013.

REDAÇÃO EXAME. Hashtag “A culpa é do Witzel” lidera no Twitter após morte de menina no RJ. **Revista Exame**, 21 de set. de 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/hashtag-a-culpa-e-do-witzel-lidera-no-twitter-apos-morte-de-menina-no-rj/>. Acesso em: 28/05/2020.

REDAÇÃO G1. CPI das Fake News convoca para depor presidente nacional do PT e assessores de Bolsonaro. **G1**, 23 de out. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/23/cpmi-das-fake-news-chama-delegado-waldir-joice-e-integrantes-do-governo-para-falar-sobre-informacoes-falsas.ghtml>. Acesso em: 26/06/2020.

REDAÇÃO G1 RIO. Sequestro na Ponte Rio-Niterói: veja relatos de reféns e parentes. **G1 Rio**, 20 de ago. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/sequestro-na-ponte-veja-relatos-de-refens-e-parentes.ghtml>. Acesso em: 16/06/2020.

REDAÇÃO O GLOBO. Redes sociais retiram postagem replicada por Trump por promover desinformação sobre o novo coronavírus. **O Globo**, 28 de jul. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/redes-sociais-retiram-postagem-replicada-por-trump-por-promover-desinformacao-sobre-novo-coronavirus-24554504>. Acesso em: 30/07/2020.

REDAÇÃO VEJA. Wilson Witzel: ‘A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo’. **Revista Veja**, 1 de nov. de 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/wilson-witzel-a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo/>. Acesso em: 29/05/2020.

REZENDE, Claudia; COELHO, Maria C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIBEIRO, Denise Ba. **Ônibus 174: a notícia espetacularizada** - uma análise da cobertura jornalística na televisão. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ROBIN, Corey. **Fear: the history of a political idea**. Oxford University Press: New York, 2004.

ROBIN, Corey. Historia y actualidad. *In*: BOUCHERON, Patrick; ROBIN, Corey. **El miedo**: historia y usos políticos de una emoción. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2016. p. 27-38.

RUEDIGER, Marco A. *et al.* **Robôs, redes sociais e política no Brasil**: estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro: FGV, DAPP, 2017.

RUPPERT, Evelyn; LAW, John; SAVAGE, Mike. Reassembling social science methods: the challenge of digital devices. **Theory, Culture & Society**, v. 30, i. 4, 2013.

RUSPINI, Elisabetta. **Introduction to longitudinal research**. New York: Routledge, 2002.

SALLES, Leonardo G. **Nova direita ou velha direita com Wi-Fi?**: uma interpretação das articulações da “direita” na internet brasileira. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SANDOVAL, Pablo X. Cresce o boicote de grandes anunciantes contra o Facebook apesar da reação de Zuckerberg, **El País Brasil**, 29 de jun. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2020-06-29/cresce-o-boicote-de-grandes-anunciantes-comtra-o-facebook-apesar-da-reacao-de-zuckerberg.html>. Acesso em 30/07/2020.

SANTOS, Rafael M. **O sentimento de insegurança e medo do crime e dois bairros do município de Valparaíso de Goiás do ponto de vista dos moradores**. Trabalho e Conclusão de Curso (Pós-Graduação do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – Polícia Militar de Goiás. 2018.

SCHABBACH, Letícia M. Mídia e violência em Santa Cruz do Sul. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 2, n.14, p. 7-22, 2001.

SILVA BORGES, Samuel. **Imagens da ideologia punitiva**: uma análise de discurso crítica do movimento Brasil Livre. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, Bráulio F.; BEATO FILHO, Claudio C. Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 155-170, 2013.

SIRIMARCO, Mariana. ‘O cume dos heróis’: a escritura emotiva de um relato policial. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 129-149, 2017.

SIQUEIRA, Monalisa D.; VICTORA, Ceres. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto da ‘Tragédia de Santa Maria’. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 166-190, 2017.

SOUZA, Caroline; ZANLOURENSSI, Gabriel. Qual o perfil de quem tem (e quem não tem) acesso à internet no Brasil. **Nexo Jornal**, 22 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2019/05/22/Qual-o-perfil-de-quem-tem-e-quem-nao-tem-acesso-a-internet-no-Brasil>.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**: como a internet afeta a mobilidade social. London: UCL Press, 2018.

SCHWARCZ, Lilia M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TAVARES DOS SANTOS, José V. As metodologias informacionais: um novo padrão de trabalho científico para as sociologias do século XXI? **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 16-19, 2001.

TAVARES DOS SANTOS, José V. La mortificación de la vida: la novela de la violencia en América Latina. In: TAVARES DOS SANTOS, José V. *et al.* (org.). **Violência, segurança e política**: processos e figurações. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2019. p. 191-202.

TAVARES DOS SANTOS, José V.; TEIXEIRA, Alex N. Figurações da violência: uma apresentação enigmática. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 34, p. 14-25, 2013.

TAVARES DOS SANTOS, José V.; TEIXEIRA, Alex N. Plata o plomo: figurações da violência no romance e na televisão na América Latina. In: TAVARES DOS SANTOS, José V. *et al.* (org.). **Violências e mundialização**: políticas, polícias e penas. Porto Alegre: Editorial Tomo, 2016. p. 83-100.

TEIXEIRA, Alessandra. **Do sujeito de direito ao estado de exceção**: o percurso contemporâneo do sistema penitenciário brasileiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Alex N. **Análise qualitativa com o programa NVIVO**: fundamentos. Produção técnica - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2020

TEIXEIRA, Alex N. **A produção televisiva do crime violento na modernidade tardia**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TEIXEIRA, Alex N.; BECKER, Fernando. Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 94-113, 2001.

TOLEDO, José R.; MORAES, Kellen. Marielle bate impeachment no Twitter. **Revista Piauí**, 17 mar. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/marielle-bate-impeachment-em-alcance-no-twitter/>. Acesso em: 28/05/2020.

TOMÁS, Maria C.; MAAS, Lucas V. Metodologia quantitativa nas ciências sociais. In: FAZZI, Rita de C.; LIMA, Jair A. (orgs.). **Campos das Ciências Sociais**: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 741-756.

TRINDADE, Arthur; DURANTE, Marcelo. Medo do crime e vitimização no Distrito Federal: analisando as vulnerabilidades de gênero, idade, raça e renda. **Dilemas**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 239-265, 2019.

TURNER, Jonathan. **Human emotions**: a sociological theory. New York: Routledge, 2007.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. **The platform society**: public values in a connective world. New York: Oxford University Press, 2018.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. New York: Oxford University Press, 2013.

VIANNA, Cynthia S. O caso Eloá: análise da abordagem do femicídio na mídia. **Anais Fazendo Gênero 9**, 2010.

WEISS, Raquel A. Apresentação do dossiê: sociologia e moral. **Sociologias**, Porto Alegre, p. 16-24, 2015.

WEISS, Raquel A. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 157-179, 2013.

WERNECK, Alexandre. “Dar uma Zoada”, “Botar a Maior Marra”: dispositivos morais de jocosidade como formas de efetivação e sua relação com a Crítica. **DADOS**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, p. 187-221, 2015.

ZALUAR, Alba. Crime, medo e política. *In*: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.). **Um século de Favela**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 209-232.

ZIRES, Margarita. Violencia, redes sociales y procesos de subjetivación política: el caso de #verfollow en Veracruz, México. **Argumentos**, Ciudad de México, v. 27, n. 75, p. 119-144, 2014.